

**JORGE LUIZ OLIVEIRA DOS SANTOS**



**MENINO QUE FAZ MENINO AINDA É MENINO? HOMENS  
JOVENS E PAIS CONSTRUINDO O SEU PROTAGONISMO**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – ANTROPOLOGIA**

**Jorge Luiz Oliveira dos Santos**

**MENINO QUE FAZ MENINO AINDA É MENINO? HOMENS JOVENS E PAIS  
CONSTRUINDO O SEU PROTAGONISMO**

**Belém – Pará  
2011**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – ANTROPOLOGIA**

**Jorge Luiz Oliveira dos Santos**

**MENINO QUE FAZ MENINO AINDA É MENINO? HOMENS JOVENS E PAIS  
CONSTRUINDO O SEU PROTAGONISMO**

**Tese apresentada como requisito parcial para a  
obtenção do título de Doutor, junto ao Programa de  
Pós-Graduação em Ciências Sociais – Antropologia –  
do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da  
Universidade Federal do Pará sob a orientação da  
Profª Drª Cristina Donza Cancela.**

**Belém – Pará  
2011**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – ANTROPOLOGIA**

**Jorge Luiz Oliveira dos Santos**

**MENINO QUE FAZ MENINO AINDA É MENINO? HOMENS JOVENS E PAIS  
CONSTRUINDO O SEU PROTAGONISMO**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor, junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Antropologia – do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Donza Cancela.

**Data da Defesa: 06 de maio de 2011**

**Banca Examinadora:**

---

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Donza Cancela (PPGCS/UFPA - Orientadora)**

---

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Laura Moutinho (PPGA/USP - Membro Externo)**

---

**Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Carlos Alberto Batista Maciel (PPGSS/UFPA - Membro Externo)**

---

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Jane Felipe Beltrão (PPGA/UFPA - Membro Externo)**

---

**Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Flávio Leonel Abreu da Silveira (PPGCS/UFPA - Membro Interno)**

---

**Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Ernani Pinheiro Chaves (PPGCS/UFPA - Membro Suplente)**

---

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Edna Ferreira Alencar (PPGCS/UFPA - Membro Suplente)**

**Belém – Pará  
2011**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
(Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA, Belém-PA)

---

Santos, Jorge Luiz Oliveira dos

Menino que faz menino ainda é menino? homens jovens e pais construindo o seu protagonismo / Jorge Luiz Oliveira dos Santos; orientadora, Cristina Donza Cancela. - 2011

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2011.

1. Pais adolescentes. 2. Gravidez na adolescência - Belém (PA). 3. Adolescentes - Conduta. 4. Jovens - Belém (PA) - Comportamento sexual. I. Título.

CDD - 22. ed. 306.8742098115

---

*Quando o sol ainda não havia cessado o brilho  
Quando a tarde engolia aos poucos  
As cores do dia e despejava sobre a terra  
Os seus primeiros retalhos de sombra  
Eu vi que Deus veio assentar-se  
Perto do fogão de lenha da minha casa  
Chegou sem alarde, retirou o chapéu da cabeça  
E buscou ali um copo de água num pote de barro  
Que ficava num lugar de sombra constante*

*Ele tinha feições de homem feliz, realizado  
Parecia imerso na alegria que é própria  
De quem cumpriu a sina do dia e que agora  
Recolhe a alegria cotidiana que lhe cabe*

*Eu o olhava e pensava:  
Como é bom ter Deus dentro de casa  
Como é bom chegar a essa hora da vida  
Em que tenho o direito de ter um Deus só pra mim*

*Cair nos seus braços, bagunçar-lhe os cabelos  
Puxar a caneta do seu bolso  
E pedir que Ele desenhasse um relógio  
Bem bonito no meu braço  
Mas aquele homem não era Deus  
Aquele homem era o meu pai*

*E foi assim que descobri  
Que o meu pai com seu jeito finito de ser Deus  
Revelava-me Deus com seu  
Jeito infinito de ser homem.*

*(Deus é Pai – Fábio de Melo)*

*Ao meu pai,  
Clarindo Carneiro dos Santos.  
(in memoriam)*

## RESUMO

A proposta da Tese foi investigar aspectos subjetivos relacionados à paternidade entre homens jovens, pertencentes às ditas camadas médias urbanas, na cidade de Belém, estado do Pará, que vivenciam e/ou vivenciaram esse evento. Dada a opacidade teórica, que também é prática, sobre o evento da paternidade juvenil, mostra-se a existência de uma centralidade de referências que identificam as questões da gravidez entre os/as jovens como domínio exclusivo do feminino. Ao mesmo tempo, discuti-se como esse fenômeno pode ser modulado, entre outras coisas, em função de classe social e gênero, revelando percursos e perfis juvenis bastante heterogêneos. Desconstruindo idéias eivadas de senso comum sobre a parentalidade juvenil, tendo como suporte o método etnográfico, dando voz, ou melhor, possibilitando a escuta a esses homens jovens e pais, faz-se exsurgir guiado por um olhar antropológico, como esses atores vêm construindo contemporaneamente seus protagonismos no que tange ao evento da paternidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** paternidade juvenil; gravidez; gênero.

## **ABSTRACT**

The proposal of this Thesis was to investigate the subjective aspects that are related to parenthood among the young parents that belong to the middle class urban population, in the city of Belém, Estate of Pará, who are living or lived through this experience. Due to the theoretical opacity, which is practical as well, the paternity event in young ages, the work shows an centrality of references that identify issues about the pregnancy amongst those Young parents as an exclusive female problem. At the same time, it was discussed in which way this phenomena can be shaped, among other things, in relation with gender and social class, which revealed very heterogeneous paths and profiles. The deconstruction of ideas coming from the common sense about young parenthood, with the support of the ethnographic method, that gives the voice, or better saying, listens to the young male parents and guided by an anthropological look, shows how those actors have been contemporarily constructing their role as protagonists in the parenthood event.

**KEY WORDS:** parenthood juvenile; pregnancy; gender.



## RESUMÉ

La proposition de la thèse était d'étudier les aspects subjectifs rapportés à la paternité chez les jeunes hommes, appartenant aux mentionnées couches moyennes urbaines, dans la ville de Belém, Etat de Pará, qui vivent et / ou ont vécu cet événement. Donnée l'opacité théorique, qui est aussi pratique sur sur l'événement de la paternité juvénile, se montre l'existence d'une centralité de références qui identifient les questions de la grossesse chez les jeunes comme le domaine exclusif du féminin. En même temps, j'ai été discuté comme ce phénomène peut être modulé, parmi d'autres choses, dans la fonction de classe sociale et le genre, révélant parcours et perfis juvéniles suffisamment hétérogènes. Déconstruire idées poivrées de bon sens sur la parentalité juvénile, en ayant comme a supporté la méthode ethnographique, donnant la voix, ou mieux, en rendant possible l'auditeur à ces hommes jeunes et parents, il est entraîné guidé un regard anthropologique, comme ces acteurs viennent en construisant contemporanément leurs défenses dans que il concerne à l'événement de la paternité.

**MOTS-CLÉS:** paternité juvénile; grossesse; genre.

*Filhos... Filhos?  
Melhor não tê-los!  
Mas se não os temos  
Como sabê-lo?  
Se não os temos  
Que de consulta  
Quanto silêncio  
Como os queremos!  
Banho de mar  
Diz que é um porrete...  
Cônjuge voa  
Transpõe o espaço  
Engole água  
Fica salgada  
Se iodifica  
Depois, que boa  
Que morenaço  
Que a esposa fica!  
Resultado: filho.  
E então começa  
A aporrinhacão:  
Cocô está branco  
Cocô está preto  
Bebe amoníaco  
Comeu botão.  
Filhos? Filhos  
Melhor não tê-los  
Noites de insônia  
Cães prematuras  
Prantos convulsos  
Meu Deus, salvai-o!  
Filhos são o demo  
Melhor não tê-los...  
Mas se não os temos  
Como sabê-los?  
Como saber  
Que macieza  
Nos seus cabelos  
Que cheiro morno  
Na sua carne  
Que gosto doce  
Na sua boca!  
Chupam gilete  
Bebem xampu  
Ateiam fogo  
No quarteirão  
Porém, que coisa  
Que coisa louca  
Que coisa linda  
Que os filhos são!*

*(Poema Enjoadinho – Vinicius de Moraes)*

## AGRADECIMENTOS

Este é, sem dúvida, um dos momentos mais importantes e, por isso mesmo, mais difícil no término da tessitura de um trabalho acadêmico deste porte.

Apesar da sensação de solidão na hora da escrita, um texto como este compõe-se de inúmeros co-autores e colaboradores. Alguns serão mais visíveis no corpo do texto, outros não estarão tão visíveis assim no texto impresso. No entanto, sem estas parcerias vitais, nada disto teria sido possível. Por isto mesmo, o medo de esquecer nomes apavora, visto que foram muitos os que contribuíram, de um ou de outro modo, para este momento.

Reconheço ser uma pessoa abençoadíssima por Deus, a quem agradeço em primeiríssimo lugar. Dando-me o dom da vida, através de meu pai Clarindo e de minha mãe Luzia (a quem sou eternamente grato, entre outras coisas, pela referência do que é ser pai e ser mãe), fez-me cercado na vida, por gente que tem “cheiro de passarinho”.

É, tem gente que tem cheiro de passarinho quando canta. De sol quando acorda. De flor quando ri. Ao lado delas, a gente se sente no balanço de uma rede que dança gostoso numa tarde grande, sem relógio e sem agenda. Ao lado delas, a gente se sente comendo pipoca na praça, lambuzando o queixo de sorvete, melando os dedos com algodão doce da cor mais doce que tem para escolher. O tempo é outro. E a vida fica com a cara que ela tem de verdade, mas que a gente desaprende de ver. Tem gente que tem cheiro de colo de Deus. De banho de mar quando a água é quente e o céu é azul. Ao lado delas, a gente sabe que os anjos existem e que alguns são invisíveis. Ao lado delas, a gente se sente chegando em casa e trocando o salto pelo chinelo. Sonhando a maior tolice do mundo com o gozo de quem não liga para isso. Ao lado delas, pode ser abril, mas parece manhã de Natal, do tempo em que a gente acordava e encontrava o presente do Papai Noel. Tem gente que tem cheiro das estrelas que Deus acendeu no céu e daquelas que conseguimos acender na terra. Ao lado delas, a gente não acha que o amor é possível, a gente tem certeza. Ao lado delas, a gente se sente visitando um lugar feito de alegria. Recebendo um buquê de carinhos. Abraçando um filhote de urso panda. Tocando com os olhos, os olhos da paz. Ao lado delas, saboreamos a delícia do toque suave que sua presença sopra no nosso coração. Tem gente que tem cheiro de cafuné sem pressa. Do brinquedo que a gente não largava quando se era menino ou menina. Do acalanto que o silêncio canta. De passeio no jardim. Ao lado delas, a gente percebe que a sensualidade é um perfume que vem de dentro e que a atração que realmente nos move, não passa só pelo corpo. Corre

em outras veias. Toca em outro tom. Pulsa em outro lugar. Ao lado delas, a gente lembra que no instante em que rimos Deus está conosco, juntinho ao nosso lado. E a gente ri grande, que nem menino arteiro. Ou, por vezes, como um menino que já faz menino.

Por perfumarem, colorirem e encantarem minha vida, sou grato a muitos passarinhos:

Aos meus familiares e aos/as inúmeros/as amigos/as que somei ao longo da vida, sou fraternalmente agradecido pelo perfume que de vocês emana.

Na pessoa da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Maria Xavier Amorim Almeida (uma professora que se transformou em grande amiga), que com sua abnegação de beija-flor fez nascer em mim o amor pelo saber antropológico, meus agradecimentos aos/as companheiros/as de docência na Universidade da Amazônia – UNAMA, pelo incentivo e encorajamento.

À Fundação para o Desenvolvimento da Amazônia – FIDESA, meu agradecimento pelo incentivo financeiro para dedicação aos estudos.

Minha gratidão aos homens jovens e pais que foram meus interlocutores nesta pesquisa. Na verdade, os protagonistas desta revoada. Se há perfume, com “cheiro de passarinho”, no que está aqui arrazoado ele emana de vocês. Meu mérito, se é que há algum: fiz ou tentei fazer, a partir de vocês, a alquimia.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Donza Cancela, minha orientadora e meu farol nesta viagem/mergulho, meu muito obrigado. Sua presença, coragem e confiança foram fundamentais para mapear, sobrevoar, singrar e mergulhar no mar da paternidade juvenil.

Aos/as professores/as do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS, da Universidade Federal do Pará – UFPA, minha gratidão pelos diálogos acadêmicos. Da mesma forma, meus agradecimentos aos/as funcionários/as do PPGCS pela presteza nas questões administrativas.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Jane Felipe Beltrão, mais do que pelo “cheiro de passarinho”, obrigado por ser para mim exemplo de águia a colorir minha existência.

À Profª Drª Maria Angelica Motta-Maués, minha orientadora quando do Mestrado em Antropologia, na Universidade Federal do Pará – UFPA, mais do que gratidão pelos ensinamentos, uma sempre presente saudade do seu refinado “cheiro de passarinho”.

Aos/as amigos/as do PPGCS, meu muito obrigado pelos vãos acadêmicos. Levo comigo seus perfumes de passarinhos. Fico sem palavras para dizer o meu muito obrigado à Keila de Souza Aguiar (mais do que passarinho perfumado, uma “amiga bumerangue”), com quem dividi muito desta caminhada. Valeu amiga!

Passaram a perfumar minha vida também, passarinhos mais distantes, e a eles sou grato pelo perfume metamorfoseado em contribuição acadêmica: Profº Drº Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca (uma de minhas primeiras leituras sobre o tema da paternidade juvenil), Profª Drª Maria Angela D’Incao (um “perfume” sempre presente, ainda que de longe, em forma de incentivo) e Profº Drº Antonio Crístian Saraiva Paiva (um referencial na arte de escrever delicadamente assuntos candentes).

Meu agradecimento ainda, ao Profº Drº Flávio Leonel Abreu da Silveira e ao Profº Drº Carlos Alberto Batista Maciel, pela leitura criteriosa e pelas contribuições valiosas feitas quando da qualificação do Projeto de Tese. Espero ter alçado o vôo que vocês me indicaram.

Nominados ou não, sintam-se todos/as incluídos entre os “passarinhos” que em suas revoadas têm dado sentido e “cheiro” à minha vida. Cada um/a de vocês, ao seu modo e com a sua amizade, também faz parte desta conquista, posto que não é, fanfarra de um só clarim ou “passarinho”. Ao contrário, ela resulta em muito, da gravidez de nossas amizades. Também ficamos grávidos da amizade. Sabiam?!

Afinal, toda amizade, como a que juntos construímos, é uma história particular. É uma história de conquista. Primeiro descobre-se o outro. Todo mundo parece igual, mas não é. E é justamente essa coisinha diferente em cada um que torna a pessoa única. E, de repente, ali está a sementinha da amizade fecunda. A gestação da amizade começa. São pedacinhos de nós que vão ficando nas conversas e pedacinhos do coração do outro que vão caminhando para dentro da gente.

Há os risos e sorrisos, a partilha de coisas importantes, as descobertas, cheias de surpresas muitas vezes. A voz calada que pensa, mas não diz nada... Adivinha! Fazemos idéia imediata de uma pessoa ao primeiro contato. Julgamos? Talvez. E só os próximos dias, horas ou instante vão nos dizer se julgamos certo. Acontece de nos termos enganado em certos pontos e quantas vezes não bendizemos isso!

Claro que ninguém gosta de estar enganado. Mas quando descobrimos um palhacinho, com “cheiro de passarinho”, por detrás de uma pessoa séria e reservada é maravilhoso saber que podemos nos enganar. Se todos os enganos fossem assim abençoados!

A sensibilidade do outro nos toca. Dá ate vontade de chorar. Não sabemos direito o porquê de nos sentirmos próximos de alguém assim tão longe, tão diferente e tão igual. Mas a amizade, assim como o amor, não se questiona. Vive-se. Dela e para ela.

É preciso dar tempo ao tempo para se saber cativar e ser cativado. Quando saímos às pressas sempre temos o risco de deixar alguma coisa esquecida. Mas se tomamos o tempo de olhar bem, refletir, conversar, conversar e conversar... e rir e brincar e ficar em silêncio! Se deixamos que essa flor nasça cuidadosamente e docemente... aos poucos ela vai vendo a luz do dia. Maravilhando-se. Contemplando o outro com novos olhos, ou nova maneira de olhar. Tudo vira encanto!

Grávido da nossa amizade, sigo na esperança que vocês e tantos outros “passarinhos” que ainda virão, riam de mim ou para mim, mas que riam! Gargalhem e em altas revoadas, façam festa! Que eu seja, nem que seja por um pouco, responsável por esses rostos iluminados, por essa vontade de viver e de ver o que virá depois.

Bendito seja esta nossa gestação amiga! Sem prazo, sem tempo, sem hora marcada! Bendita seja essa nossa amizade, prova que Deus se faz conhecer, entre outras coisas, através de pessoas que alcançam nosso coração.

A todos e todas, meu eterno, muito obrigado!

## SUMÁRIO

ANTES DE LER: UM CONVITE À GUIZA DE INTRODUÇÃO.....	15
I – ABRINDO AS ESCOTILHAS.....	20
1.1 Antes deste mar: os outros mares que singrei.....	21
1.2 Definindo os embarcados: jovens ou adolescentes? .....	25
1.3 Içando as velas para navegar à contramaré – paternidade juvenil.....	49
II – CARTOGRAFIA DE VIAGEM.....	58
2.1 De saber casar momentos com etnografia – o legado de uma profissão.....	58
2.2 Outros ares, outros mares: novas possibilidades para o escrutínio etnográfico.....	70
2.3 O que vem depois do novo: inquietações e críticas à etnografia – outra onda.....	77
2.4 Na cidade ou em praias desertas: os imponderáveis da vida real.....	81
2.5 Tripulação a bordo: homens jovens e pais.....	94
III – ÁLBUM DE VIAGEM: PATERNIDADE JUVENIL – UM MAR DE SILÊNCIO.....	107
3.1 Paternidade juvenil em <i>close-up</i> .....	107
3.2 Eu também vou aparecer na foto? Subjetividades da paternidade juvenil.....	114
3.3 Fotografias embaçadas: a figura do pai ficou fora do foco.....	121
3.4 Se eu também existo, dá pra aparecer na fotografia?.....	134
3.5 Masculinidades e feminilidades em <i>flash</i> : existem mais gêneros do que sexos.....	150
IV – COMENTANDO A VIAGEM: NEM HERÓI, NEM VÍTIMA, NEM VILÃO – APENAS PAI!.....	159
4.1 Outras imagens, outras paisagens: novas funções, novos papéis (outros enredamentos)..	160
4.2 Além das frestas: outras fotos ou outras possibilidades de ser família.....	168
4.3 Pode até parecer diferente na fotografia: mas pai, é tudo igual.....	173
4.4 Pai que só troca fralda é coisa do passado.....	180
DEITANDO ÂNCORA E PREPARANDO A PRÓXIMA VIAGEM: CONSIDERAÇÕES PARA NÃO CONCLUIR.....	188
REFERÊNCIAS.....	199

## ANTES DE LER: UM CONVITE À GUIZA DE INTRODUÇÃO

*Filho  
 Oh meu menino  
 Será esse o destino  
 Viajar em seu navio  
 Pelos mares, pelos rios  
 Andar  
 Sou filho  
 Vai  
 Abre as portas do navio  
 Beba o mar e beba o rio  
 Viva a vida e viva o tempo  
 De amar  
 Filho*

*(Filho – Milton Nascimento e Fernando Brant)*

Convido todos/as a fazerem, junto comigo, uma viagem/mergulho pela temática da paternidade juvenil e, no caminho, educar o olhar para perscrutar os passos de homens jovens e pais construindo o seu protagonismo.

No entanto, o êxito desta imersão dependerá de alguns critérios. Exige sensibilidade e atenção pela feitura do *outro* em seu processo de descoberta. Da mesma forma, exige capacidade de reconhecimento do protagonismo do *outro* e acolhida à diferença como constitutivo do ser humano.

Minha esperança é de que, ao término desta imersão, aprendamos de nós e dos *outros*, a cultivar a atenção às questões do mundo dos homens jovens e pais. Mesmo porque, no passado e no presente, o que eles têm sido, condiz, senão com um processo de invisibilidade, certamente com um fenômeno de opacidade social.

Mas, como toda viagem, o texto arrazoadado como resultado de minha pesquisa sobre a paternidade entre homens jovens quer ser uma porta que se abre. Ele não é e nem quer ser completo. Sua intenção é outra, ele pretende ter a magia de abrir janelas, de matizar/borrar discursos, de estilhaçar a vidraça da invisibilidade ou opacidade social das questões que permeiam a paternidade juvenil, de esgarçar/ressemantizar repertórios sobre tal temática, de ir além “(...) do que foi ouvido,



visto, lido, sentido, tocado, filmado, reconstituído, anotado, escrito, rasgado, perdido, reencontrado, até que o trabalho chegasse a seu término (...)”<sup>1</sup> e está aqui posto.

Assim, concordando com o sociólogo Antonio Crístian Saraiva Paiva e,

[j]unto de vários autores, pensamos que o trabalho do pesquisador social (sociólogo, antropólogo, etc.) não se resume à ‘extração’ de um sentido preexistente nos discursos e práticas sociais, mas envolve a própria criação desse sentido: Mauss destaca, nesse sentido, o trabalho do sociólogo como *romancier*; Geertz mostra o antropólogo como *autor*; Simmel destaca a importância, na reflexão filosófica e sociológica, de uma ‘sensibilidade delicada e sutil’, um ‘mergulhar afetuoso’ nos fenômenos do mundo, aproximando o trabalho de interpretação do analista social do trabalho de interpretação do ator; Bauman, por sua vez, mostra que para fazer ‘boa sociologia’ é preciso fazer ‘poesia’, etc.<sup>2</sup>

Portanto, esta é uma viagem de aventura. Sendo assim, tenho consciência que perigosa, polêmica, ampla e pretensiosa. Mesmo porque, digamos assim, é assunto acre, carregado por tintas fortes. Desta forma, sua feitura exigiu e exige embarcados muito diferentes e, mesmo assim, ainda que fique inacabada ou semeada de dúvidas, o que importa: fizemos o mergulho. Melhor, no entanto, uma imersão (às vezes não tão profunda ou completa) que um silêncio, às vezes comprometedor.

Tomar para escrutínio etnográfico questões relacionadas à paternidade juvenil é se colocar diante de um viés (digamos assim) novo na temática da sexualidade e do gênero. É como viajar/mergulhar e estar diante de coisas que, de certa forma, sabíamos ou imaginávamos, mas que ainda não tínhamos aberto a porta ou corrido a janela para contemplar – uma paisagem antiga com olhos novos.

Talvez, por este evento ser pensando como estando fora do lugar e de seu tempo, sendo comumente chamado de “precoce”, por transgredir fronteiras e expectativas socialmente construídas, seus atores são facilmente vistos como “deslocados” ou “impuros”, para me aproximar das análises da antropóloga britânica Mary Douglas em seu estudo intitulado *Pureza e perigo*

---

<sup>1</sup>Cf. PAIVA. Antonio Crístian Saraiva. **Reservados e Invisíveis: o ethos íntimo das parcerias homoeróticas**. Fortaleza/Campinas: UFCE/Pontes Editores, 2007. pp. 14/15.

<sup>2</sup>Idem.

(1966),<sup>3</sup> onde faz uma ligação entre a preocupação com a pureza e a preocupação com a comunidade, mais especificamente com a questão das fronteiras.

A análise, feita por esta autora, sugere que a sujeira é simplesmente matéria no lugar errado. Desse modo, a terra é limpa no jardim, mas suja na sala; a comida é limpa na cozinha, mas suja no quarto de dormir. Genericamente, seu argumento é de que tudo aquilo que deixa de se encaixar em categorias convencionais ou que transgride as fronteiras estabelecidas pela comunidade é percebido como poluidor, impuro, contaminador, fora de lugar, deslocado.

Portanto, pensado como “deslocado”, “precoce” ou “impuro” e configurado por um tom conservador e alarmista, o evento da gravidez juvenil tem sido percebido como problema social e de saúde pública. Esse discurso está presente em grande parte da literatura acadêmica e técnica, em âmbito internacional, nacional e local. Consubstanciando a percepção do evento no senso comum e na mídia. No entanto:

Sabe-se que a maternidade ou a paternidade adolescente tornam-se socialmente mais condenáveis porque na atualidade, em sua maioria, os jovens quando engravidam são solteiros e, em muitos casos, assim permanecem após o nascimento do bebê. Desse modo, as fronteiras morais do problema repercutem fortemente em sua avaliação pública.<sup>4</sup>

Assim, a superação desse discurso conservador e alarmista

(...) exige um esforço para captar o que se esconde nas entrelinhas desse evento e o que ele pode revelar do contexto familiar e sociocultural que o circunscreve. O fenômeno não pode ser considerado universal e acometendo indistintamente os jovens, devendo ser analisado à luz de contextos históricos e sociodemográficos específicos.<sup>5</sup>

Tendo estas idéias, servindo-me de luzeiro, para que possamos nos lançar no mar da paternidade juvenil, tomo homens jovens e pais, pertencentes às ditas camadas médias urbanas em Belém/PA, como sujeitos a serem conhecidos. Faço isso por meio de lentes teóricas que se afastam

---

<sup>3</sup>Cf. DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo: ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu**. Lisboa: Edições 70, [1966]1991.

<sup>4</sup>Cf. BRANDÃO, Elaine Reis. *Gravidez na adolescência: um balanço bibliográfico*. In HEILBORN, Maria Luiza et al (Orgs.). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e t, rajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond/Fiocruz, 2006. p.66.

<sup>5</sup>Ibidem. p.69.

de concepções essencialistas e universalistas desses atores sociais e dessa fase da vida, “(...) cujas características de transformação exigem outras lupas e instrumentos de análise”.<sup>6</sup>

Nesse sentido, busco me afinar, na tessitura desse texto, com aquilo que mais contemporaneamente tem se discutido sobre a temática da adolescência e da juventude (Capítulo I); sobre a construção etnográfica com estes sujeitos sociais (Capítulo II); sobre as questões da sexualidade e do gênero – e, nesses contextos, colocando acento nos homens jovens e pais em “exercício de paternagem” (Capítulo III); da mesma forma, sobre/como estes homens jovens e pais, de camadas médias urbanas, vem protagonizando o evento da paternidade juvenil (Capítulo IV).

Faço isso, também, sem esquecer, é claro, de debates mais pretéritos sobre esses assuntos, tendo como norte aquilo que o sociólogo britânico John Scott nos diz na Introdução de *50 Grandes sociólogos contemporâneos*, alertando que os contemporâneos partiram de contribuições dos teóricos formativos, ampliando seus argumentos ou desenvolvendo conceitos totalmente novos. Assim, a teoria contemporânea não deve ser vista como um conjunto de formulações que substitui a teoria formativa anterior ou que faz dela um conhecimento sistemático ultrapassado e moribundo. Pelo contrário, a teorização contemporânea deve ser encarada como uma extensão e elaboração de muitos temas desenvolvidos pelos autores fundamentais e que amplia o arsenal de ferramentas teóricas disponíveis aos estudiosos do social.<sup>7</sup>

Nesse sentido, alerta esse sociólogo, que entre as áreas que experimentaram mais avanços nas ciências sociais, uma das que mais se sobressai, está presente na obra de autores contemporâneos que elegeram como preocupação central questões da sexualidade e do gênero. Passando a incluir na pauta destes debates, questões relativas à sexualidade, reprodução e paternidade.

Assim sendo, no campo da sexualidade e do gênero, muito já se tem falado e discutido sobre a mulher. O que, de certa forma, obscureceu/obscurece a possibilidade de os homens e as masculinidades serem pensados como possível objeto de estudo. Nesse campo, da sexualidade e do gênero, como sugere o sociólogo norte-americano Michael Scott Kimmel, é importante estudar os homens buscando “(...) examiná-los descentrando-os de sua situação inicial de território

---

<sup>6</sup>Cf. VELHO, Gilberto. *Sujeito, subjetividade e projeto*. In VELHO, Gilberto; DUARTE, Luiz Fernando Dias (Orgs.). **Gerações, família e sexualidade**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p.13.

<sup>7</sup>Cf. SCOTT, John. **50 Grandes sociólogos contemporâneos**. São Paulo: Contexto, 2009.

genericamente inexplorável (homem como seres humanos), para fazê-los regressar a sua condição de seres especificamente genéricos”.<sup>8</sup> Com isso, estaríamos contribuindo, entre outras coisas, para o desenvolvimento de um acervo, na área da sexualidade e do gênero, que considera o homem nas formas plurais de vivenciar sua masculinidade.

No que tange ao evento da gravidez entre jovens, por exemplo, a maior incidência na literatura é com acento no feminino. Ou, não muito raro, maternidade e paternidade, juvenil inclusive, não são rubricadas com as mesmas tintas. Reiterando a idéia de que “(...) aquilo que é conhecido há mais tempo foi muito examinado, e o que é muito examinado é mais bem conhecido”.<sup>9</sup>

Dessa maneira, nessa pesquisa, não querendo ser novidade, visto que sempre estiveram lá, mas querendo ser conhecidos não como coadjuvantes e sim como protagonistas, homens jovens e pais, vieram dizer que eles existem e que talvez, por esquecimento, poucas vezes foram/são lembrados academicamente e praticamente.

Sendo assim, antes de embarcarmos, para nossa viagem, gostaria apenas de citar a epígrafe de autoria do filósofo inglês Francis Bacon, usada pelo poeta argentino Jorge Luis Borges para abrir o conto *O Aleph* – “Salomão disse: ‘Não há nada de novo sobre a terra’. Assim como Platão teve uma idéia, que ‘todo conhecimento não era senão lembrança’; assim Salomão sentenciou: ‘que toda novidade não é senão esquecimento’”.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup>Cf. KIMMEL, Michael Scott. *La producción teórica sobre La masculinidad: nuevos aportes*. **Isis Internacional** – Ediciones de las Mujeres. Nº. 17, 1992. p.131.

<sup>9</sup>Cf. MANGUEL, Alberto. **Ilíada e Odisséia de Homero: uma biografia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p.201.

<sup>10</sup>Cf. BORGES, Jorge Luis. **O Aleph**. São Paulo: Companhia das Letras, [1949]1996.

## I - ABRINDO AS ESCOTILHAS

*Você não sente nem vê  
Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo,  
Que uma nova mudança em breve vai acontecer.  
E o que há algum tempo era novo, jovem,  
Hoje é antigo, e precisamos todos, rejuvenescer.  
No presente a mente, o corpo é diferente,  
E o passado é uma roupa que não nos serve mais.*

*(Velha roupa colorida – Belchior)*

A escolha de um assunto para pesquisa não surge espontaneamente, mas decorre de interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. Isto se dá, entre outras coisas, como fruto da inserção do pesquisador na sociedade. Para tanto, não basta ao acadêmico dar importância apenas aos livros/teoria. É necessário, também, estar atento à observação da realidade.

Como sugere o antropólogo Roberto DaMatta,<sup>11</sup> discursos hiperbólicos ainda invocam a pureza do mundo acadêmico, muitas vezes tingida por uma linguagem pomposa e erudita e, desta forma, como diz o cientista social norte-americano Howard Saul Becker:

(...) alguns problemas são vistos como inerentemente sérios e merecedores de atenção, outros como triviais, pequenas manchas no papel de parede da vida, só considerados por serem chocantes, por interesse bizantino, como meras excentricidades. Dar atenção a essas idéias comuns é uma razão comum para que os cientistas sociais estudem apenas uma parte de todo o espectro da atividade social que merece sua atenção.<sup>12</sup>

Assim, concordando com estes autores, tenho navegado em minha vida acadêmica por diferentes “mares”/temas, procurando como neófito, desenvolver um “faro” para a captura de acontecimentos. E, mais ainda, como nos fala Roberto DaMatta, buscando extrair neles/deles, aquilo que “(...) oferecem de banal e de extraordinário, de rotineiro e de encantado”.<sup>13</sup>

Desta forma, academicamente, movendo-me para cá e para lá, não por acaso, como procurarei demonstrar, ousou nesta viagem/aventura singrar o mar da paternidade juvenil.

---

<sup>11</sup>Cf. DaMATTA, Roberto. **Tocquevilleanas – Notícias da América: crônicas e observações sobre os Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

<sup>12</sup>Cf. BECKER, Howard Saul. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p.125.

<sup>13</sup>Cf. DaMATTA, Roberto. **Tocquevilleanas – Notícias da América: crônicas e observações sobre os Estados Unidos**. Op. cit. p. 19.

## 1.1 Antes deste mar: os outros mares que singrei

Quando do trabalho de campo, para elaboração de minha dissertação de mestrado, defendida junto ao Departamento de Antropologia (DEAN), da Universidade Federal do Pará (UFPA), busquei desenvolver um estudo a partir das lembranças saudosas de velhos e de velhas asilados.<sup>14</sup> Nestes momentos, entre outras lembranças saudosas, era recordada, por meus interlocutores, a fase da juventude de uma certa época. Visões esmaecidas pelas páginas do tempo, mas que me sobressaíram, (re)lendo minha dissertação. Ou, encontrando coisas enquanto estava procurando outras. Afinal, quando o momento é de serendipidade,<sup>15</sup> as coisas simplesmente acontecem.

Talvez, a (re)leitura de minha dissertação, tenha-me feito entender melhor algumas coisas que foram ditas pela banca examinadora àquela altura, como por exemplo: “(...) você tem aqui, muitas possibilidades de leitura”. Essas possibilidades se assemelharam, para mim, ao que a crítica literária norte-americana Lillian Florence Hellman descreveu como *pentimento*, já que:

[à] medida que o tempo passa, a tinta velha em uma tela muitas vezes se torna transparente. Quando isso acontece, é possível ver, em alguns quadros, as linhas originais: através de um vestido de mulher surge uma árvore, uma criança dá lugar a um cachorro e um grande barco não está mais em mar aberto. ...é uma forma de ver, e ver de novo mais tarde.<sup>16</sup>

Esta imagem emprestada da apreciação de uma pintura, numa espécie de jogo entre esconder e revelar, me permitiu entrever outros traços ou outras possibilidades. Fazendo-me compreender, entre outras coisas, aquilo que no pretérito já fora dito por Sócrates, e a nós foi expresso na forma de diálogo, pelo filósofo ateniense Platão:

<sup>14</sup>Cf. SANTOS, Jorge Luiz Oliveira. *Saudade e memória social entre pessoas velhas em Belém/PA*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia da UFPA, 2004.

<sup>15</sup>A publicitária Ana Maria Gonçalves, no prólogo de seu livro *Um defeito de cor*, comenta que a palavra *serendipity* apareceu pela primeira vez em 28 de janeiro de 1784, em uma carta de Horace Walpole (filho do ministro, antiquário e escritor Robert Walpole, autor do romance gótico *The Castle of Otranto*). Na carta, Horace Walpole conta ao seu amigo Horace Mann como tinha encontrado por acaso uma valiosa pintura antiga, complementando: “esta descoberta é quase daquele tipo que chamarei serendipidade, uma palavra muito expressiva, a qual, como não tenho nada de melhor para lhe dizer, vou passar a explicar: uma vez li num romance bastante apalermado, chamado *Os três príncipes de Serenpid*, que enquanto suas altezas viajavam estavam sempre a fazer descobertas, por acaso e sagacidade, de coisas que não estavam a procurar”. Serendipidade, então, passou a ser usada para descrever aquela situação em que descobrimos ou encontramos alguma coisa enquanto estávamos procurando outra, mas para a qual já tínhamos que estar, digamos, preparados. Ou seja, precisamos ter pelo menos um pouco de conhecimento sobre o que “descobrimos” para que o feliz momento de serendipidade não passe por nós sem que se quer o notemos. Cf. GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

<sup>16</sup>Cf. HELMAN, Lillian Florence. **Pentimento. Um livro de retratos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, [1973]1981. p.1.

[N]ada me agrada tanto como praticar com pessoas de idade; pois as considero como viajantes que percorreram um longo caminho, o qual eu talvez tenha que percorrer também. Por isso acho necessário informar-me com elas se a estrada é lisa e fácil ou áspera e cheia de dificuldades.<sup>17</sup>

Assim, estou ousando fazer o percurso inverso ao da classificação da vida humana em etapas sucessivas – as idades da vida. As pessoas velhas, entre as quais trabalhei – já que (parafrazeando o antropólogo norte-americano Clifford Geertz),<sup>18</sup> antropologicamente não se estuda as aldeias, e sim nas aldeias – cederam lugar, dessa feita, a homens jovens e pais.

Como o exercício etnográfico lembra, de certa forma, a atividade de um garimpeiro atento e paciente;<sup>19</sup> a leitura de Roberto DaMatta é, sem dúvida, o que me impulsiona a procurar, mais uma vez, também como esse autor, nas coisas ditas “fúteis”, “etéreas” e “óbvias” – ou consideradas como tal – os segredos da vida social.

Ainda segundo esse autor, o entendimento das questões sociais através de temáticas até então consideradas de pouca importância para o conhecimento, como objeto para escrutínio etnográfico, é o resultado de sua fidelidade a certo estilo de Antropologia Social, com o qual comungo. São possibilidades segundo Roberto DaMatta,<sup>20</sup> de se fazer uma “sociologia do avesso”, ou uma “antropologia do óbvio”. O que exige uma performance de muita sensibilidade por parte do etnógrafo, que deverá ser guiado pela insegurança, essa prima tão mal vista da sensibilidade e da responsabilidade. Pode-se dizer, com toda a relativização necessária, que há certezas demais em nossa tradição etnográfica. É necessário duvidar do que se vê e perguntar se deve ver. Deve-se observar o campo e interagir, num permanente auto-observar-se e numa auto-avaliação permanente. Coisas para além da teoria, método e técnica. Essa é uma atitude necessária que deverá subsumir todas as outras dimensões e produzir uma identidade ambígua e oscilante: a do etnógrafo.

É por intermédio desse garimpeiro, atento e paciente – o etnógrafo – que ocorre, por vezes, o resgate, do limbo a que foram relegadas pelas ciências sociais, de temáticas até então consideradas de pouca importância, pelos mais ortodoxos. Caberá, então, a esse garimpeiro, transformar-se em um ourives preciso e discreto, quando das suas análises. Dando dignidade acadêmica às preciosidades encontradas, transformando-as em objetos sociológicos, trazendo à atenção,

<sup>17</sup>Cf. PLATAO. **A República**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993. p 8.

<sup>18</sup>Cf. GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

<sup>19</sup>Estas filigranas do trabalho antropológico serão exploradas mais a frente.

<sup>20</sup>Cf. DaMATTA, Roberto. **Conta de Mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1993.

sucessivamente, aspectos e instituições absolutamente familiares, mas aparentemente, sem importância maior.

Sendo assim, como o momento era de serendipidade, fui encontrando/garimpando coisas sobre a paternidade juvenil. Nesse sentido, da literatura, me veio a narrativa, em forma de conto, *Menino que faz menino*, do literato paraense Haroldo Maranhão.<sup>21</sup> Onde o argumento da gravidez surge e, no entanto, a preocupação fica por conta do homem e não da mulher, como se tem apregoado ao longo dos tempos.

Do jornalismo, chegou às minhas mãos, o livro *Meninos grávidos – O drama de ser pai adolescente*, do jornalista Gilberto Amendola.<sup>22</sup> Para quem, a vida de um homem jovem e pai, ganha novos contornos com a chegada do bebê. Estes homens jovens e pais, que estão apenas começando seu preparo para a vida adulta, vêm-se às voltas com o amadurecimento “precoce” e com a responsabilidade que a chegada e a criação de um filho/a exigem. E, via de regra, os homens jovens e pais nem de longe contam com a mesma atenção que, embora nem sempre, as “meninas-mães” recebem de pai e mãe, dos amigos e, principalmente das autoridades. Os “meninos grávidos”, em geral, ficam de lado. Pela família de sua parceira, são tidos como um “monstro”, que “estragou” a vida da menina, que não “se preservou” (conceito horrível e pra lá de machista). Pela sua própria família são vistos como um “idiota” que não usou preservativo e “não se cuidou”. A intenção desse trabalho jornalístico foi descobrir um caminho do meio, que estes homens jovens e pais não são “monstros” nem “idiotas”.

Academicamente, encontrei o artigo *Paternidade Adolescente: da investigação à intervenção*, do psicólogo Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca,<sup>23</sup> que em seu texto, desenvolve um estudo sobre masculinidade e paternidade, percebendo que tal fato constitui-se ainda novidade no Brasil. Dessa feita, “[à] essencialização da maternidade como destino da mulher corresponde uma essencialização da não-paternidade do homem, movimentos interdependentes, mas não complementares (...)”.<sup>24</sup> Para esse autor, instituições indicam à mulher o cuidado com os filhos e associam ao homem o papel do provedor. No entanto, homens e mulheres atualizam ou não essas

<sup>21</sup>Cf. MARANHÃO, Haroldo. **Jogos Infantis**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986. pp. 71/74.

<sup>22</sup>Cf. AMENDOLA, Gilberto. **Meninos Grávidos – O drama de ser pai adolescente**. São Paulo: Terceiro Nome, 2006.

<sup>23</sup>Cf. LYRA DA FONSECA, Jorge Luiz Cardoso. *Paternidade Adolescente: da investigação à intervenção*. In ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, Benedito (Orgs.). **Homens e Masculinidades: outras palavras**. São Paulo: ECOS/Editora 34, 1998.

<sup>24</sup>Ibidem. p.208.



prescrições. Há homens (jovens inclusive) que não rejeitam a paternidade, no entanto, encontram muitas barreiras para expressá-la.

Deste modo, instigou-me a idéia de conhecer melhor as questões que permeiam a paternidade juvenil e seus aspectos mais subjetivos, tais como: suas expectativas, preocupações, sentimentos, percepções e vivências. Embora, tenha descoberto, a partir da revisão na literatura internacional, nacional e local,<sup>25</sup> que sobre tal temática existe “um muro de silêncio”.<sup>26</sup> Essa carência teórica, que também é prática, me pareceu contraditória à primeira vista, frente ao grande número de reportagens veiculadas pela imprensa em relação ao aumento de gestações na juventude em âmbito internacional, nacional e local.

### 1.2 Definindo os embarcados: jovens ou adolescentes?

O porto de partida – não tão seguro – desta viagem de aventura faz exsurgir questões que assediam quem deseja estudar ou discutir questões no mundo do juvenil. A primeira é procurar ter claro se existe “juventude” ou “juventudes”, a segunda é tentar definir se juventude ou “juventudes” são uma categoria social e, por fim, se adolescência é o mesmo que juventude.<sup>27</sup>

Entre tais questões, o timoneiro da nau desta viagem é provocado pelo debate desafiador daqueles que se posicionam olhando a juventude como sendo nada mais que uma palavra ou daqueles que, por motivações várias, insistem em identificar juventude e adolescência. Parece-me oportuno, nesta imersão inicial, posicionar-me diante de tais questões.

Num passado recente, afloraram em diversos estudos a questão das “juventudes”, fazendo frente à concepção genérica de juventude. De aparência simples, o assunto passou a singrar um

---

<sup>25</sup>Auxiliaram-me nesta revisão da literatura, especialmente, quatro trabalhos que vale conferir: LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro. *Paternidade na adolescência: uma breve revisão na literatura internacional*. In **Estudos de Psicologia**. Natal, 2001. LYRA DA FONSECA, Jorge Luiz Cardoso. *Paternidade na adolescência: percorrendo a bibliografia*. In **Estudos de Psicologia**. Recife, 1999. SOUZA, Carmem Lúcia Carvalho de; BENETTI, Silvia Pereira da Cruz. *Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007*. In **Revista Paidéia**. V 19. Nº. 42. jan/abr 2009. pp.97/106 e BRANDÃO, Elaine Reis. *Gravidez na adolescência: um balanço bibliográfico*. In HEILBORN, Maria Luiza et al (Orgs.). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Op. Cit. pp.61/93.

<sup>26</sup>Cf. LYRA DA FONSECA, Jorge Luiz. *Paternidade Adolescente: da investigação à intervenção*. In ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, Benedito (Orgs.). **Homens e Masculinidades: outras palavras**. Op. cit. p.185.

<sup>27</sup>Uma leitura instigante (dentre tantas outras) e desafiadora sobre tais questões, que possibilita este debate, pode ser conferida em: GROOPO, Luís Antonio. **Juventude: Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

caminho escarpado, atravessado por conflitos, contradições e ausência de consenso. Como um mar bravio, este terreno é semeado de objeções em diferentes esferas, inclusive por parte da academia. Tarefa árdua e complexa, contudo, é discussão que deve ser enfrentada.

Neste sentido, a partir de critérios de classificação, na esfera acadêmica, pude pensar, sistematizando (apoiando-me, dentre outros autores, nos cientistas sociais Luís Antonio Groop,<sup>28</sup> Shmuel Noah Eisenstadt,<sup>29</sup> Sulamita Brito<sup>30</sup> e Gilberto Velho<sup>31</sup>), algumas diferentes visões de juventude:

1 – *visão biocronológica*: defini a juventude em termos de idade, sendo esta uma etapa de transição (ressalte-se que esta é a concepção defendida por institutos oficiais como ONU – Organização das Nações Unidas, UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância, ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente e OMS – Organização Mundial de Saúde);<sup>32</sup>

2 – *visão psicológica*: identifica a juventude com o período conflitivo da vida da pessoa em que ela vê a si mesma com a vida nas mãos, mas sem o devido reconhecimento ou a devida capacidade. Nessa concepção, a juventude é um segundo nascimento, caracterizando-se como uma etapa de construção de identidade, tempo de opções e de definições;<sup>33</sup>

3 – *visão sociológica*: vê na juventude um grupo social, admitindo (dentro dele) diferentes setores: jovens do campo e da cidade, jovens estudantes, jovens trabalhadores, jovens em situações conflitivas, jovens pais/mães etc.;<sup>34</sup>

<sup>28</sup>Op. cit.

<sup>29</sup>Cf. EISENSTADT, Shmuel Noah. **De geração a geração**. Coleção Estudos. Nº. 41. São Paulo: Perspectiva, 1976.

<sup>30</sup>Cf. BRITO, Sulamita (Org.). **Sociologia da Juventude**. Volume I. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

<sup>31</sup>Cf. VELHO, Gilberto. *Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea*. In ALMEIDA, Maria Izabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. pp.192/200 e VELHO, Gilberto (Org.). **Individualismo e juventude**. Comunicações do PPGAS. Nº. 18. Rio de Janeiro, 1990.

<sup>32</sup>Sobre tal visão, dentre outros autores, uma leitura referencial que vale conferir: ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

<sup>33</sup>Numa tentativa de aproximação entre antropologia/história e os chamados “estudos psi”, esta visão é matizada/borrada. Valendo conferir, dentre outros trabalhos: DUARTE, Luiz Fernando Dias. *O império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna*. In HELBORN, Maria Luiza (Org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. OZELLA, Sergio (Org.). **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2003. LESOURD, Serge. **A construção adolescente no laço social**. Petrópolis: Vozes, 2004. LYRA DA FONSECA, Jorge Luiz Cardoso. *Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção*. Dissertação de mestrado em Psicologia Social apresentada à PUC/SP, 1997. ARILHA, Margareth Martha. *Masculinidades e Gênero: discursos sobre responsabilidades na reprodução*. Dissertação de mestrado em Psicologia Social apresentada à PUC/SP, 1999.

<sup>34</sup>Uma boa contribuição para este debate, principalmente para a compreensão do que denominam de “culturas jovens contemporâneas”, dentre tantos outros trabalhos, pode ser conferida em: ALMEIDA, Maria Izabel Mendes de; TRACY,

4 – *visão cultural-simbólica*: procura ver a juventude em seu universo cultural, criando movimentos culturais que acentuam o lúdico, a dimensão estética etc.;<sup>35</sup>

5 – *visão jurídica ou legal de juventude*: esta é a concepção que de fato impera em muitas leituras e abordagens sobre o tema, procurando perscrutar e aprofundar (ou até mesmo construir) a história dos direitos da juventude.<sup>36</sup>

Estas são visões não excludentes que apontam para leituras complementares deste debate, cujo porto de chegada, todo dia com novidades, ainda não se vislumbra. No entanto, a existência de diferentes visões, inclusive na esfera acadêmica, como tento sistematizar acima, enseja a tomada de duas atitudes básicas: uma que classifica esse conjunto, chamado de juventude, simplesmente para compreender o fenômeno, e outra que olha o mesmo fenômeno com vontade de intervir. De minha parte, acredito que o próprio estudo é uma forma de compreensão e intervenção

Focados nesta questão, num balanço recente efetuado em rede nacional, por um grupo de pesquisadores coordenados pela educadora Marília Pontes Sposito, sobre a produção do conhecimento discente de Mestrado e Doutorado no tema juventude, através de levantamento de dissertações e teses no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, no período de 1999 até 2006, nas áreas de Educação, Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia) e Serviço Social;<sup>37</sup> constatou-se pela análise de um universo de 1.427 dissertações e teses produzidas no país, no referido período, que há um predomínio de pesquisas

---

Kátia Maria de Almeida. **Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. FONSECA, Maria de Fátima. *Jovens urbanos dos povos da amazônia na cidade de Belém/PA*. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Araraquara/SP, 2006.

<sup>35</sup>Os matizes que esta visão propicia podem ser conferidos, por exemplo, em: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. Rio de Janeiro/São Paulo: Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

<sup>36</sup>No Brasil, é possível dizer, que a história dos direitos da juventude é uma história de cidadania escassa. Nesse sentido, vale conferir, dentre tantas outras obras: SALES, Mione Apolinário. **(In)Visibilidade Perversa: adolescentes infratores como metáfora da violência**. São Paulo: Cortez, 2007. RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco (Orgs.). **A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2009. ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira; ALVARENGA, Augusta Thereza de; VASCONCELOS, Maria da Penha Costa (Orgs.). **Jovens, Trajetórias, Masculinidades e Direitos**. São Paulo: Fapesp/Edusp, 2005.

<sup>37</sup>Este balanço atualiza outro que cobriu o período de 1980 até 1998, tendo como foco exclusivamente o tema juventude no interior da área da Educação, objetivando detectar e discutir os temas emergentes focados pela produção acadêmica discente dos programas de nacionais de pós- graduação *strictu sensu*. Realizado por pesquisadores de várias instituições nacionais, a pesquisa esteve sob a coordenação do educador Sérgio Haddad. Podendo ser conferida em: HADDAD, Sérgio (Coord.). **Educação de jovens e adultos no Brasil (1986-1998)**. Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2002. Série Estado do Conhecimento Nº. 8. Já o atual, e aqui mencionado, pode ser conferido em: SPOSITO, Marília Pontes (Coord.). **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)**. Volume I e II. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. Coleção EDVCERE.

com acento nas questões atinentes à educação sexual dos jovens, uma predominância de pesquisas sobre a mulher jovem e/ou adolescente, aos comportamentos referentes ao exercício da sexualidade e à compreensão de aspectos que permeiam a assunção da gravidez entre as adolescentes (invariavelmente pensada como “gravidez precoce”).

Da mesma forma, foi possível constatar, neste balanço, uma quase inexistência de pesquisas abordando questões atinentes às masculinidades e às feminilidades. Entre outras ausências também constatadas neste balanço, estão às pesquisas voltadas especificamente para o universo do homem jovem. Estes, quando tomados como sujeitos de pesquisa, são aqueles pertencentes às camadas mais populares da sociedade, em especial aqueles envolvidos em atos violentos ou ilícitos. Percebe-se, no balanço aludido, que há uma opacidade, quase que total, de estudos voltados para as questões que privilegiem a escuta do homem jovem das ditas camadas médias urbanas. Isso, sem desprezar outras ausências, como: estudos voltados ao homem jovem indígena, ao homem jovem rural etc.

Um ponto que mereceu atenção, no balanço aqui apresentado, foi o aumento expressivo no número de estudos sobre o tema juventude na virada do século XX em nosso país. No entanto, permanece a carência de estudos que busquem entender os sentidos atribuídos por jovens às feminilidades e às masculinidades. Confirmando o que sugere a filósofa argentina Silvia Elizalde, para quem, o “mapa dominante” dos estudos de juventude revela uma desarticulada trajetória, no que diz respeito a análises de gênero, impossibilitando o avanço de novos olhares e de novas formas de exploração sobre práticas e experiências juvenis.<sup>38</sup> Coisa similar também é assevera pela educadora alemã Wivian Weller, ao afirmar que as experiências juvenis têm sido “(...) objeto de pouca atenção por parte dos estudos feministas no Brasil e em outros países”.<sup>39</sup>

Pelo que foi possível apreender deste balanço, apesar do volume significativo de trabalhos de pesquisa produzidos com o tema juventude, há um desconhecimento sobre a condição juvenil brasileira, marcada por recortes intensos nas desigualdades sociais, culturais e étnicas que oferecem para pesquisa a realidade plural da juventude. Nesse sentido, uma abertura para a perspectiva histórica, só enriqueceria as pesquisas que têm sua atenção voltada para o tema da juventude, visto que seus eixos teóricos estruturantes, na maioria das vezes, são os da Sociologia e da Psicologia. Embora saibamos que seja corrente o fato de que a categoria juventude é uma invenção da

---

<sup>38</sup>Cf. ELIZALDE, Silvia. *El andocentrismo en los estudios de juventud: efectos ideológicos y aperturas posibles. Última década*. V 14. Nº. 25. Santiago, 2006. pp. 91/110.

<sup>39</sup>Cf. WELLER, Wivian. *A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar igual*. In **Revista Estudos Feministas**. V 13. Nº. 1. Florianópolis, 2005. pp. 107/126.

modernidade, estudos de feitiço histórico certamente enriquecem a compreensão sobre os modos como foi sendo construída socialmente a passagem da infância para a idade adulta na sociedade brasileira e suas principais representações.<sup>40</sup>

A outra questão assediante que aparece, com frequência, no mundo da academia e da pesquisa, provocada em parte pela questão anterior, relaciona-se com a juventude ou as “juventudes” como categoria social. Desta maneira, ao lado de posturas simplórias, negando-se a entrar numa discussão mais profunda, a afirmação de um sociólogo do porte de Pierre Bourdieu,<sup>41</sup> dizendo que juventude não é mais do que uma palavra, reavivou as brasas deste debate.

É bem verdade que utilizar o termo juventude (em contexto psicológico) para falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído e dotado de interesses comuns, e relacionar esses interesses a uma idade definida biologicamente, é, de fato, uma manipulação evidente e um formidável abuso de linguagem.

A compreensão da juventude como categoria analítica remete a olhares acerca da diversidade que a circunscreve, reconhecendo não se tratar da definição de uma determinada faixa etária, mas de um processo, uma passagem à vida adulta que tem, igualmente, suas marcas de gênero e classe social.<sup>42</sup>

Procurando, portanto, não reificar conceitos aculturais da fisiologia/biologia e da psicologia, busco por acento analítico neste estudo, através da perspectiva empreendida pela visão sociológica, (leia-se também cultural) aludida anteriormente.

No entanto, ciente de não serem visões excludentes, como fora dito anteriormente, procurei me valer de alguns mecanismos quando da adoção da visão sociológica e cultural. Sendo assim, para não me ater aos marcadores biocronológicos, procurei, pela escuta, valorizar e considerar a forma como meus interlocutores se auto-identificavam ao falar do evento da paternidade. Se adolescentes ou não, se jovens ou não, mesmo quando a idade formal não correspondia aos marcadores oficiais.

---

<sup>40</sup>Essa perspectiva histórica de construção da juventude pode ser conferida em: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos Jovens**. Volume 1 – Da antiguidade à Era Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1991 e **História dos Jovens**. Volume 2 – À época contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>41</sup>Cf. BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

<sup>42</sup>Cf. DIAS, Acácia Batista; PEIXOTO, Clarice Ehlers. *Jovens Baianos: conjugalidades, separações e relações familiares*. In HEILBORN, Maria Luiza et al. (Orgs.). **Sexualidade, reprodução e saúde**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 123.

Da mesma forma, ainda que tendo optado pela visão sociológica e cultural, estive atento a alguns dos limites que a adoção desta visão enseja. Ou seja, o fato dela considerar a população jovem como fazendo parte de um grupo, com valores culturais próprios. Isto pressupõe uma unicidade que sabemos não existir. Mas, ao mesmo tempo, não podemos negar que os/as jovens (ou parte deles/as) podem ser diversos, mas eles/elas constroem uma imagem de si (corroborada socialmente também) de que são diferente das demais gerações, eles/elas constroem essas marcas do eu e dos outros (os mais velhos).

Portanto, no caso específico de meu trabalho de campo, pude perceber pelos discursos de meus interlocutores, que ora eles se identificam dentro da categoria jovem para marcar a diferença de si em relação aos demais (aqui os pais, a sociedade e por vezes o próprio sistema); ora eles se diversificam dos demais jovens (muitas vezes acionando outras categorias – como criança e adolescente, ao fazer referências aos outros) pelas suas trajetórias pessoais, marcando assim uma diferença também em relação aos seus grupos geracionais.

Foi nesse contexto, de trabalho de campo, que pude perceber a existência de um jogo de identificação que ora inclui e ora exclui conforme as circunstâncias. Onde se deve estar atento, por exemplo, sobre quem está falando, sobre com quem se está falando e sobre de que assunto se está falando. No meu caso, pude inferir que jovem é um marcador social da diferença que, como todo marcador, é uma categoria fluída de identificação por si e pelos outros, ganhando certezas na hora do discurso ideal, mas fluidez nos discursos sobre as experiências.

Sendo assim, minha proposta etnográfica se deixa embalar pela

(...) obstinação em perseguir o traçado do novo, sem a contaminação da nostalgia, da aura do horror e do trágico, da decomposição dos valores e do obscurantismo (...) procurando perseguir a positividade do que hoje se manifesta em torno dos novos desenhos e produções de sentido no campo da subjetividade e das formas de expressão da cultura jovem (...).<sup>43</sup>

Desta maneira e na esteira de outros estudos sobre a juventude, mais especificamente, sobre a juventude das, assim chamadas, camadas médias urbanas; busco contribuir na forja de um novo arsenal de idéias sobre o jovem, no meu caso, sobre o homem jovem e pai. Para tanto, considerando

---

<sup>43</sup>Cf. ALMEIDA, Maria Izabel Mendes de; TRACY, Kátia Maria de Almeida. **Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas**. Op. cit. p.23.

estes atores sociais como agentes culturais ativos, busco construir um diagrama a partir de suas subjetividades, no que tange ao evento da paternidade.

Atentando sempre, que muito embora os resultados de muitas das pesquisas com essa população jovem possam nos fornecer material fecundo de reflexão, suas análises são enviesadas e rubricadas, muitas vezes, por atavismos de diagnósticos deletérios. Até mesmo, ou principalmente, no que tange ao entendimento das questões mais subjetivas dessa população, como por exemplo, aquelas que emergem com o evento da paternidade juvenil.

Tentando afirmar os fenômenos juvenis como realidades emergentes em nossa sociedade o que se ouve, lê e percebe são expressões cépticas como que a perguntar: fenômeno/evento de quê? Perguntas conservadoras, para quem tem respostas novas, ainda insistem em buscar hegemonia.

Nesse debate, deve-se perceber também, que os/as jovens se tornam juventude quando estão organizados e lutam por objetivos comuns. Não é uma massa de jovens que faz surgir à juventude; temos juventude quando temos jovens organizados e articulados.<sup>44</sup>

Esta organização/articulação se dá mais plenamente, quando encaramos o/a jovem como agente cultural ativo, como protagonista de sua história e não platéia. Sendo protagonista, portanto, recai sobre ele/ela o ônus e o bônus de seu papel neste cenário.

Nesse sentido, quando o homem jovem é protagonista no evento da assim considerada, “gravidez na adolescência”, recai também, sobre ele, certamente, um grande impacto.

Percebi, por exemplo, pelo exercício da escuta e pela convivência próxima que o trabalho de campo antropológico exige,<sup>45</sup> um certo clamor desse homem jovem e pai, que (utilizando uma

---

<sup>44</sup>Nesse sentido, um grupo de pesquisadores vinculados ao Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, sistematiza sua busca por compreender a juventude como fenômeno, processo e experiência na América Latina. Valendo conferir: CACCIA-BAVA, Augusto; PÀMPOLS, Carles Feixa; CANGAS, Yanko Gonzáles (Orgs.). **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004. Nesta mesma linha de análise, que busca compreender a juventude como processo, neste caso na Amazônia, vale conferir tese de doutorado, citada anteriormente, orientada pelo Drº Augusto Caccia-Bava: FONSECA, Maria de Fátima. *Jovens urbanos dos povos da amazônia na cidade de Belém/PA*. Op. Cit.

<sup>45</sup>Como consequência disto, toda a análise efetuada nesta pesquisa contempla as intersubjetividades presentes no jogo da dádiva que se deu por intermédio dos encontros e das conversações entre pesquisado e pesquisador. Já que, quando se busca estabelecer vínculos e criar redes “(...) as interações verbais são, antes de mais nada, relações de dádiva e contradádiva da palavra (...). A palavra que se troca no ‘fio’ da conversação serve para tecer tais vínculos entre os conversadores. Se imaginarmos a conversação como uma teia de aranha, podemos ver a palavra desempenhar, neste caso, o papel da aranha, gerar os fios que ligam os participantes. Fabricamos um tecido de relações do mesmo modo e

categoriaêmica) “assume”, ou que consegue “assumir” sua paternidade, no sentido da escolarização e do peso da responsabilidade financeira (ainda que ela seja neste contexto, muitas das vezes, parcial). No entanto, naquilo que diz respeito ao atendimento de suas necessidades, percebi também, que este homem jovem e pai parece se encontrar em estado de “desvantagem”, digamos assim, quando comparado à mulher jovem e mãe. Se o homem jovem e pai existe, preocupações programáticas de direitos sexuais e reprodutivos precisam ser ampliadas envolvendo-o. No entanto, o que se percebe (inclusive na literatura acadêmica), é toda uma ação programática voltada para a mulher jovem e mãe, embora nem sempre.<sup>46</sup> Pouco se pensando, falando e criando quanto às dificuldades/necessidades enfrentadas pelo homem jovem e pai.<sup>47</sup>

Entre os jovens (homens e mulheres), o evento da gravidez, na maioria das vezes, é resultado de um encontro sexual não organizado. O impulso, portanto, é igual a ambos, mas a aceitabilidade, o acolhimento e as atenções – embora nem sempre –, estão direcionados para a mulher.

Desta forma, muito em decorrência da IV Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento realizada em 1994, no Cairo; bem como, da IV Conferência Mundial sobre a Mulher realizada em 1995, em Beijing, ambas promovidas pela ONU, um estilhaçamento nesta opacidade social dos homens (incluindo aqui os jovens) no contexto da sexualidade e da reprodução se fez ouvir.<sup>48</sup>

---

ao mesmo tempo que conversamos”. Uma semântica sobre a dádiva das palavras vele ser conferida em: CAILLÉ, Alain. *A dádiva das palavras: o que o dizer pretende dar*. In MARTINS, Paulo Henrique. **A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e regras do social**. Petrópolis: Vozes, 2002. pp.113/114.

<sup>46</sup>A aceitabilidade e o reconhecimento de uma gravidez e, conseqüentemente, a decisão de mantê-la até o nascimento de um(a) filho(a), nesta fase da vida, resultam de um processo complexo de negociação envolvendo principalmente o casal, mas também as respectivas famílias; sobre maneira, a família da jovem. Sobre tal questão, vale conferir: LEAL Ondina Fachel; LEWGOY, B. *Aborto: uma contribuição antropológica à discussão*. In **Revista de Filosofia Política**. Nova Série Nº. 2. 1998. pp.173/195.. Mesmo porque, “[e]sse processo estabelece os marcos sociais em que se dará a concretização da maternidade/paternidade, o que implica desde o estabelecimento de uma união conjugal até a mobilização de recursos econômicos e materiais que viabilizem o sustento e o cuidado da criança”. Cf. AQUINO, Estela Maria Leão de. et al. *Gravidez na adolescência: a heterogeneidade revelada*. In HEILBORN, Maria Luiza et al (Orgs.). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond/Fiocruz, 2006. p.342.

<sup>47</sup>Sobre esta questão, vale conferir entre outros textos: LYRA DA FONSECA, Jorge Luiz C. *Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção*. Op. Cit.

<sup>48</sup>O que se pode conferir, entre tantas outras obras, em: PORTELLA, Ana Paula et al. (Orgs.). **Homens: Sexualidade, Direitos e Construção da Pessoa**. Recife: SOS CORPO/Gênero e Cidadania/Instituto PAPAI, 2004. LYRA DA FONSECA, Jorge Luiz C. *Homens, feminismo e direitos reprodutivos no Brasil: uma análise de gênero no campo das políticas públicas (2003-2006)*. Tese de Doutorado em Saúde Pública, apresentada à Fundação Oswaldo Cruz/Recife 2008. ARILHA, Margareth Martha. *Masculinidades e Gênero: discursos sobre responsabilidades na reprodução*. Op. cit. MEINCKE, Sonia Maria Könzgen. *A construção da paternidade na família do pai adolescente: a contribuição para o cuidado de enfermagem*. Tese de Doutorado em Enfermagem, apresentada à UFSC, 2007. CARPES. Nívea Silveira. *Filho cedo não é a pior coisa que pode acontecer na vida*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, apresentada à



Como consequência destes eventos, conforme nos fala a psicóloga, pesquisadora em sexualidade e saúde reprodutiva, Margareth Martha Arilha, “(...) no Brasil e no mundo, foi possível começar a criar evidências de que os homens adultos, adolescentes e jovens necessitavam ser escutados a partir de suas próprias necessidades, em todas as áreas de suas vidas, incluídas a saúde sexual e reprodutiva”.<sup>49</sup> Muito embora ainda estejamos míopes com relação a essa demanda, ela existe.

No que tange ao homem jovem e pai, pude perceber no desenrolar desta pesquisa, que se inicia entre os próprios atores envolvidos no evento, um movimento, uma certa articulação na tentativa do estabelecimento de uma rede de solidariedade, digamos assim. Não raro, são hoje, nos espaços de sociabilidade virtual<sup>50</sup> como, por exemplo, as comunidades do *Orkut*,<sup>51</sup> a troca de experiências, a busca de apoio, o desabafo etc., numa perspectiva que enseja a passagem destes jovens a uma juventude (conforme aludido anteriormente) que se organiza e se articula, da sua forma e do seu jeito, sobre seus direitos e seus deveres como homens, como jovens e como pais.<sup>52</sup>

---

UFRGS, 2003. CORRÊA, Áurea Christina de Paula. *Paternidade na adolescência: vivências e significados no olhar de homens que a experimentaram*. Tese de Doutorado em Enfermagem, apresentada à USP/Ribeirão Preto, 2005. PANTOJA, Ana Lúcia Nauar. *Sendo mãe, sendo pai: sexualidade, reprodução e afetividade entre adolescentes de grupos populares em Belém* Tese de Doutorado em Antropologia, apresentada à UFPA, 2007. UNBEHAUM, Sandra G. *Experiência Masculina de Paternidade nos Anos 1990: Estudo de relações de gênero com homens de camadas médias*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, apresentada à USP, 2000. ROGERS, Paulo. *Os Afectos Mal-Ditos: o indizível das sexualidades camponesas*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, apresentada à UnB, 2006. MARCONDES, Gláucia dos Santos. *Refazendo famílias: trajetórias familiares de homens recasados*. Tese de Doutorado em Demografia, apresentada à UNICAMP, 2008.

<sup>49</sup>Cf. MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge; FRANCH, Mônica; BRITO, Maíra (Orgs.). **Homens: tempos, práticas e vozes**. Recife: Instituto PAPAÍ /FAGES/NEPO/PEGAPRACAPA, 2004. p. 6.

<sup>50</sup>Situações relacionais de gênero, em contextos contemporâneos, por exemplo, ocorrem em redes complexas de relações convencionais, ou seja, no ambiente real; bem como em redes digitais, ou seja, no ambiente virtual. Nas redes digitais, ainda que de maneira breve, há momentos de encontro de sociabilidade, que se revestem plenos de significados. Sobre tal questão, vale conferir: ROCHA, Cristina Tavares da Costa. *Relações de gênero nas redes sociotécnicas: desafios atuais no cotidiano*. In LAGO, Mara Coelho de Souza et al (Orgs). **Interdisciplinaridade em diálogos de gênero**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004. Para ampliar o debate sobre sociabilidade virtual, vale conferir também: LÉVY, Pierre. **O que é virtual**. São Paulo: Editara 34, 1999.

<sup>51</sup>*Orkut* é uma plataforma de sociabilidade que surgiu em 2004, propondo-se um espaço de sociabilidade entre os sujeitos. Nela, a sociabilidade se dá através dos perfis pessoais e das comunidades (construídas em relação a diversos assuntos e grupos de afinidades) nos quais através de mensagens públicas as pessoas experienciam essa nova forma de troca social. No que tange a essa nova forma de sociabilidade, vale conferir: DORNELLES, Jonatas. *Antropologia e Internet: quando o “campo” é a cidade e o computador é a “rede”*. In **Horizontes Antropológicos**. V 10. Nº. 21. Porto Alegre, 2004.

<sup>52</sup>No Brasil, a rede de relacionamento *Orkut* tem mais de 200 resultados para os descritores pai e paternidade. Nelas, homens – jovens ou não – e pais, externam suas experiências, dúvidas, direitos, deveres, prazeres, angustias e expectativas. Entre estas redes, algumas têm um número bem significativo de membros, como por exemplo: *Pais Solteiros* (mais de 4.000 membros), *Eu sonho em ser pai* (mais de 6.000 membros), *Vou ser um pai coruja!* (mais de 2000 membros), *Vou ser pai pela primeira vez!* (mais de 1000 membros), *Vou ser o melhor pai do mundo* (mais de 1000 membros). Ressalte-se que além do *Orkut*, existem também as salas virtuais de Fóruns, onde acontecem, entre esses atores sociais, debates e trocas de opiniões, sobre temas como: pensão alimentícia, guarda compartilhada, sexo, sexualidade etc. Valendo conferir, entre outros Fóruns: *Pailegal.net*, *Paternidade responsável e Associação de Pais e Mães Separados*. Há, também, no mundo da web, o diário online – *blog* – que, muitas vezes, serve como espaço para

Retornando às questões assediadas para o pesquisador do mundo juvenil, a terceira se refere aos conceitos (que de certa forma já viemos tratando) de jovem e de adolescente. Vejamos: ao mesmo tempo em que todo/a adolescente deseja ser jovem e ao mesmo tempo em que muitos adultos se orgulham quando lhes dizem que são “jovens”, tem-se dificuldade em partir do pressuposto de que as “juventudes” ou a juventude são uma categoria social e que o adolescente e o jovem são a mesma coisa.

A adolescência é caracterizada por inúmeros elementos, dos quais podemos referir alguns: a perda do corpo infantil e da identidade infantil; a passagem do mundo endogâmico ao universo exogâmico; a construção de novas identificações, assim como de desidentificações; a apropriação do novo corpo; a construção de novos vínculos com os pais, caracterizados por menor dependência e idealização; a primazia da zona erótica genital; a busca de um objeto amoroso etc. Enfim, há muitos outros aspectos, mas, em síntese, poder-se-ia dizer que a adolescência é a organização da identidade em seus aspectos sociais, temporais e espaciais.

Assim, da mesma forma que o conceito de criança como indivíduo em desenvolvimento e necessidades especiais surge em torno do século XVIII, o conceito de adolescência se organiza no século XX, entre duas grandes guerras mundiais. Portanto, adolescência é um fenômeno bastante recente e complexo que requer, ainda, muitas teorizações, já que o mundo dito ocidental continua através da história mostrando-se frágil e imaturo em relação às diferenças individuais que ele mesmo criou, dentro do próprio grupo social (como exemplo, a adolescência).<sup>53</sup>

---

desabafos e compartilhamento de questões tênues. Valendo conferir, entre outros: paisporjustica.blogspot.com, alienacaoparental.blogspot.com.br, alienacao-parental.blogspot.com e diariogravido.blogspot.com.

<sup>53</sup>Nesse sentido é possível observar discrepâncias em institutos oficiais que nos servem de baliza para marcar esta fase da vida. Por exemplo: de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu Artigo 2º, considera-se adolescente a pessoa entre doze e dezoito anos de idade; no entanto, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), considera-se adolescente a pessoa entre dez e dezenove anos de idade. Desta forma, no Brasil, investigações centradas na temática da sexualidade e da reprodução entre aqueles definidos “adolescentes” (como por exemplo, *Gravidez na adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil – Pesquisa GRAVAD*), têm procurado como recurso metodológico e analítico certo descentramento relativo à faixa de idade. Isto porque, “[n]a medida em que o estudo toma por objeto um processo social, não é necessário escolher a população-alvo do problema como o sujeito da pesquisa”. No caso desta pesquisa, os entrevistados são jovens de 18 a 24 anos de idade. Isso, segundo os autores da pesquisa, possibilitou um redesenho daquilo que é nominado por eles como “adolescência social”. Portanto, da forma como foram construídos os limites etários para o desenvolvimento da pesquisa, o uso dos dois termos (adolescência e juventude) aparecem no texto de forma indiferenciada, não obstante seus autores percebam se tratar de realidades distintas. Cf. HEILBORN, Maria Luiza et al (Orgs.). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond/Fiocruz, 2006. pp.43/44.

Essa preocupação em classificar a vida humana em etapas sucessivas<sup>54</sup> – as idades da vida<sup>55</sup> – não existiria em nossa sociedade até a Idade Média, segundo o historiador Philippe Ariès na sua *História Social da Criança e da Família*.<sup>56</sup> Somente a partir do advento da industrialização, no século XVIII, poder-se-ia visualizar essa periodização, distanciando as crianças dos adultos e esses dos velhos. Para esse autor, a utilização da idade como critério classificatório apareceu na França, século XVI, no momento de generalização da inscrição do nascimento nos registros paroquiais; portanto, não podemos interpretar a idade dos indivíduos fora do contexto no qual ela foi criada.

Nesse sentido, a antropóloga Guita Grin Debert, admoesta que na perspectiva do curso de vida, suas fases devem ser entendidas como processos biológicos, elaborados de forma simbólica, através de rituais que definem as fronteiras entre as idades pelas quais os indivíduos passam, e em cada sociedade recebem critérios específicos do seu contexto.<sup>57</sup>

Desta forma, Philippe Ariès nos aponta, por exemplo, como a infância, mais do que isso, o “sentimento da infância”, praticamente inexistente como categoria socialmente considerada em si mesma, durante a Idade Média, foi sendo “inventada” gradualmente. Na França medieval, por exemplo, as crianças não eram separadas do mundo adulto; o trabalho as inseria nesse mundo, tão logo tivessem condição física para tal.

Na sociedade medieval (...) o sentimento da infância não existia – o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes.<sup>58</sup>

---

<sup>54</sup>É importante observar que “[a]s etapas da vida – infância, adolescência, fase adulta e velhice – recebem um sentido peculiar em diferentes contextos históricos, sociais e culturais, específico para cada sociedade. A literatura sociológica e, principalmente, antropológica, tem um número muito grande de exemplos de como as diferentes sociedades tratam as etapas da vida, demonstrando que o referencial cronológico, a idade, não é um fator natural, universal, nem único fator explicativo dos comportamentos humanos”. Cf. NOGUEIRA, Eliete Jussara; CAPITANINI, Marilim Elizabeth Silva. *Construção social das etapas da vida: reflexões sobre a velhice*. In **Revista de estudos universitários**. V 25. Nº. 1. Sorocaba, 1999. pp. 75/83.

<sup>55</sup>Uma síntese e uma análise teórico- metodológica da utilização das teorias sobre o que se convencionou chamar curso de vida, pode-se conferir em: BRASIL, Ana Zahira. *O curso de vida como perspectiva de análise do envelhecimento na pós-modernidade*. In DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN, Donna M.(Orgs.). **Políticas do corpo e o curso da vida**. São Paulo: Sumaré, 2000.

<sup>56</sup>Cf. ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Op. cit.

<sup>57</sup>Cf. DEBERT, Guita Grin. *A aposentadoria e a invenção da “Terceira Idade”*. In **Textos Didáticos – Antropologia e Velhice**. Nº. 13. Campinas: Unicamp, 1994.

<sup>58</sup>Cf. ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Op. cit. p.156.

A sensibilidade em relação à infância e o modo como hoje é tratada essa etapa da vida, são fruto de um longo processo que só adquire a configuração contemporânea no século XIX. A modernidade, como mostrou este autor, assistiu à emergência de etapas intermediárias entre a infância e a idade adulta: a adolescência. Como discutem também outros autores:

Com a modernidade, os estágios da vida foram definidos e separados, utilizando-se como critério principal a idade cronológica. O período de cronologização da vida foi institucionalizado em todos os níveis e setores da existência do indivíduo: no sistema educacional, produtivo, familiar, organizações sociais, políticas, regulamentando as etapas do nascimento até a morte, alargando a distância entre adultos e crianças e caracterizando mais uma etapa da vida. A modernidade caracteriza-se então pela importância exagerada ao critério cronológico, principalmente em sociedades técnicas.<sup>59</sup>

Nessa mesma direção de pensamento, podemos dizer, caminha o sociólogo Norbert Elias,<sup>60</sup> mostrando que a modernidade teria alargado a distância (que neste sentido já existia) entre adultos e crianças, não só pela construção da infância como uma fase de dependência, mas também por meio da construção do adulto como ser independente, com maturidade psicológica, direitos e deveres de cidadania.

Os princípios de classificação do mundo social, mesmo os que podem parecer mais naturais, remetem sempre aos fundamentos sociais, quando trabalhamos com a perspectiva antropológica; leia-se também, sociológica. Isto é, propriedades biológicas como gênero e idade, são socialmente, constantemente construídas e re-significadas, e servem sempre de critérios de classificação dos indivíduos no espaço social.

Desta forma, o filósofo Michel Foucault<sup>61</sup> mostra que tais princípios de classificação não têm origem na “natureza”, mas em um trabalho social de produção de populações em que operam diferentes instituições, segundo critérios juridicamente constituídos. Este autor, discutindo sobre os critérios taxonômicos e priorizando a linguagem, discorre sobre a nomeação do visível, falando-nos da criação das palavras carregadas de significados. Deslizando seus argumentos para a discussão das nomeações das idades da vida – ou como ele sugere, em um nível arqueológico – é possível entender que a supressão de algumas idades da vida – e as representações que elas trazem em seu

---

<sup>59</sup>Cf. NOGUEIRA, Eliete Jussara; CAPITANINI, Marilim Elizabeth Silva. *Construção social das etapas da vida: reflexões sobre a velhice*. Op. Cit. p. 79.

<sup>60</sup>Cf. ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

<sup>61</sup>Cf. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, [1976]1995.

bojo – ao longo da história “(...) não foi uma desatenção milenar que subitamente se dissipou, mas um campo novo de visibilidade que se constituiu em toda a sua espessura”.<sup>62</sup>

Desta feita, a noção de idade que se exprime em números e anos da pessoa, é produto de uma prática social determinada: medida abstrata, cujo grau de precisão em algumas sociedades é explicado por necessidades de prática administrativa de identificar os indivíduos pra controle da população, arrecadação de impostos, inserção na escola, no trabalho, etc. Como já foi comentado, não se pode considerar a idade dos indivíduos uma propriedade independente do contexto no qual ela ganha sentido, tanto que a fixação de uma idade é produto de uma luta que coloca em conflito as diferentes gerações.<sup>63</sup>

A emergência da adolescência como categoria etária, por exemplo, está relacionada fortemente com o nascimento dos Estados Modernos, tal qual é discutido por Michel Foucault,<sup>64</sup> num esforço de ordenar, classificar e separar as populações, o que identifica o surgimento do Estado Moderno. Na Modernidade, a relevância do próprio curso da vida como instituição social cresceu consideravelmente. O atributo de idade cronológica teria aumentado tanto de importância em relação a outros atributos considerados tradicionais, como o parentesco, posição social ou lugar de origem.

A adolescência, hoje, em nossa sociedade, pode ser considerada como uma etapa que se diferenciou e ganhou contornos próprios em um dado momento histórico – no processo de construção do curso de vida moderno.<sup>65</sup>

A literatura antropológica sobre os grupos e as categorias de idade mostra que a periodização da vida implica um investimento simbólico específico em um processo biológico universal, revelando que as grades etárias variam de uma sociedade para outra, assim como as funções e papéis sociais dos indivíduos, e que essa variação pode ser encontrada também em grupos sociais dentro de uma mesma sociedade.<sup>66</sup>

---

<sup>62</sup>Cf. FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8 ed. São Paulo : Martins Fontes, [1966] 1999. p. 181.

<sup>63</sup>Cf. EISENSTADT, Shmuel Noah. **De geração a geração**. Op. cit.

<sup>64</sup>Cf. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Op. cit.

<sup>65</sup>Cf. LESOURD, Serge. **A construção adolescente no laço social**. Op. cit.

<sup>66</sup>Um estudo comparativo, de caráter sócio-antropológico, entre várias sociedades primitivas, históricas e modernas sobre fenômenos que se relacionam de modo específico com a juventude, como: grupos etários, movimentos juvenis, culturas juvenis etc. pode ser conferido em: EISENSTADT, Shmuel Noah. **De geração a geração**. Op. cit. Nesse mesmo sentido, a antropóloga Guita Grin Debert alerta, revisando a literatura antropológica, para a proposta feita por

Sendo assim, a adolescência, como outras categorias etárias, é uma construção social e retrata a forma como cada sociedade concebe as etapas da vida, de acordo com o momento histórico e as necessidades organizacionais do grupo.

Em momentos de modernidade tardia, por exemplo, como sugere o sociólogo jamaicano Stuart Hall, em diálogo com seus coetâneos, observamos deslocamentos/descentramentos variados e contraditórios do sujeito.<sup>67</sup> Neste momento, em nossa sociedade, o curso da vida tem como característica a relativização das normas de cada estágio da vida, próprio das mudanças na contemporaneidade, e indica a necessidade de uma sociedade onde a idade passa a ser irrelevante, ou seja, as fronteiras que demarcam os estágios da vida, estereótipos e padrões de comportamento baseados em idades são derrubados em favor de valores e estilos de vida, independentemente de um grupo etário específico. Sendo característica da modernidade tardia (de que nos fala este autor), a descronologização; ou seja, o repensar dos padrões rígidos relacionados à idade. Mesmo porque, é possível observar que o enfoque da construção social da categoria idade revela particularidades culturais, que nos obriga a relativizar conceitos antes considerados universais.

Todas as imagens das idades da vida estão intimamente ligadas à cultura e ao processo de educação diferenciado em cada sociedade, bem como aos papéis que as pessoas executam nas diferentes fases da vida. A trajetória pessoal e o contexto histórico-social, ao longo do curso de vida, são fundamentais para a construção das categorias etárias, e para a categoria adolescente estudos apontam mudanças de comportamento e atitudes, principalmente, no que se refere à cronologização da adolescência. Porém, não podemos nos iludir pensando que essas mudanças são acompanhadas de atitudes mais tolerantes com relação aos períodos da vida; devemos entender que o curso da vida, como construção social e cultural implica observar os limites que a sociedade impõe à nossa capacidade de inscrever a cultura na natureza.

---

Meyer Fortes de que “(...) diferenças possam ser estabelecidas entre noções como estágio de maturidade, ordem de nascimento, idade geracional e idade cronológica”. Valendo conferir: DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: FAPESP/EDUSP, 1999. p. 45. Destaque-se, também, que na literatura antropológica, Margaret Mead é a primeira a levantar o tema da adolescência como construção cultural, valendo conferir: MEAD, Margaret. **Coming of age in Samoa: a psychological study of primitive youth for western civilization**. Nova York: Perennial Classics, 1928. No que tange as variações de funções e papéis sociais dos indivíduos, inclusive quanto às questões sexuais, vale conferir: MALINOWSKI, Bronislaw. **A vida sexual dos selvagens**. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, [1929]1983. MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, [1935]1999. DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Muita vergonha, pouca vergonha: sexo e moralidade entre as classes trabalhadoras urbanas**. Águas de São Pedro: ABEP, 1984.

<sup>67</sup>Cf. HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

As mudanças de valores e costumes observadas na sociedade contemporânea, que se refletiram na e pela dinâmica das relações familiares, levaram a uma reestruturação das regras de comportamento, abriram possibilidades para uma iniciação sexual mais cedo, desatrelada à instituição do casamento, principalmente para as meninas, e ampliaram as possibilidades reprodutivas neste período da vida. Assim, estudos sobre o comportamento reprodutivo de jovens e adolescentes vêm considerando, segundo a antropóloga Maria Luiza Heilborn,<sup>68</sup> o tema da parentalidade<sup>69</sup> dentro do amplo contexto social do prolongamento da transição da juventude e da adolescência para a independência da fase adulta na sociedade atual.

A adolescência é uma maneira de viver historicamente construída, condicionada pela especificidade dos distintos meios sociais e culturais que são conformados, em uma realidade múltipla e complexa, pelas interações entre condições de vida, religião, gênero, etnia, geração, entre outros. Há que levar em conta que os/as, assim considerados, adolescentes atribuem sentidos à forma de se identificar como masculino e feminino e à sexualidade, bem como têm aspirações diferentes acerca da procriação. Assim, esse processo de transição da infância para a vida adulta é concebido e vivido de forma distinta por cada pessoa e também pela mesma pessoa em momentos diversos.<sup>70</sup>

Neste sentido, pode-se supor que qualquer tentativa de estudo, com este segmento, deva partir de uma perspectiva que reconheça a pluralidade de adolescências e de percursos para a parentalidade, dando atenção às concepções culturalmente oferecidas sobre o evento, aos determinantes sociais, culturais e econômicos, dentre eles o sistema de gênero que engendra as relações.

Sem querer chegar a conclusões fechadas, ou esgotar o tema, busco alencar, de alguma forma, posicionamentos diversos sobre tais questões e, a partir delas, colocar acento em meu foco de pesquisa: a paternidade em homens jovens. Nesse sentido, como consequência de minhas *flâneries*<sup>71</sup> e do contato próximo para o trabalho de campo, é possível dizer, a partir do discurso

---

<sup>68</sup>Cf. HEILBORN, Maria Luiza. *Gênero e hierarquia: a costela de Adão revisitada*. In **Estudos Feministas**, V 1. N° 1. Florianópolis, 1993.

<sup>69</sup>Termo que engloba a idéia de maternidade e paternidade. Neologismo que visa suprir a falta de uma palavra em português, correspondente a *parenthood* na língua inglesa.

<sup>70</sup>Cf. GROppo, Luís Antonio. **Juventude: Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas**. Op. cit.

<sup>71</sup>Antes de sermos humanos somos parte do reino animal e, como tal, precisamos atender às necessidades que os animais enfrentam, entre elas a do deslocamento. Neste sentido, já como bípede, o ser humano continuou caminhando. No entanto, o ato de caminhar foi ganhando outros fins que não o de chegar a algum lugar específico: o de buscar determinada coisa. Assim, muito cedo o ato de caminhar adquiriu significados outros, como por exemplo: psicológicos,

êmico, que existe certo deslizamento semântico nas falas de meus interlocutores sobre a maneira de se vê e se pensar sendo jovem e/ou adolescente. Dessa forma:

[c]abe explicar que o conceito de juventude com o qual se dialoga neste estudo. Diferentemente das correntes que o concebem como categoria etária, adota-se a concepção de adolescência e juventude como processo, o que permite argumentar em favor de distintos modos de transição para a vida adulta. Portanto, juventude, entendida como uma categoria socialmente construída, é passível de abrigar não apenas similaridades como também diferenças sociais entre os jovens. Nesta perspectiva, supõe-se uma divisão arbitrária entre as idades, que acaba por classificar e imprimir uma ordenação no mundo social, mediante a construção de categorias como infância, juventude, vida adulta e velhice – que não correspondem a grupos sociais homogêneos. Assim o caráter adotado é congruente com a ênfase no caráter heterogêneo e diversificado da juventude, uma vez que esta guarda especificidades em termos de gênero, classe e etnia.<sup>72</sup>

Estaríamos embarcados em barco furado? Pretensamente, espero que as considerações que estou apresentando estejam ajudando a esclarecer e a aprofundar essa questão, que não é só teórica.<sup>73</sup> Ela importa, e muito, por exemplo, para práticas de intervenção no lidar com esse público.

O respeitado dicionário do lexicógrafo brasileiro Aurélio Buarque de Holanda,<sup>74</sup> por exemplo, diz que adolescente é a “pessoa que está na adolescência”, isto é, no período da vida humana entre a puberdade e a virilidade. “Que está no começo, no início; que ainda não atingiu todo o vigor”. Seria a adolescência um período estendido aproximadamente dos 12 aos 20 anos. Indiretamente, afirma que antes da adolescência vem a puberdade e que, depois dos 20 anos, termina a adolescência. Para a palavra jovem o mesmo dicionário dá como sinônimo, simplesmente, “moço”. O mesmo valendo para juventude – “idade moça, mocidade”. Juvenil é referido para juventude. Dando para concluir, segundo o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, que nem a

---

políticos e simbólicos. Desta forma, não raro são os escritores que têm abordado o tema da caminhada. Um deles, por exemplo, foi o filósofo Jean-Jacques Rousseau, que em texto revelou só conseguir meditar caminhando; dito por ele, sua mente só trabalhava junto com suas pernas. Cf. ROUSSEAU, Jean-Jacques. **As confissões**. São Paulo: Edipro, 2006. Essa idéia do caminhar como processo de inspiração é analisada pelo poeta francês Charles Baudelaire e pelo filósofo, crítico literário e ensaísta alemão Walter Benjamin. Trata-se de *flâneur*, que vem do verbo *flâner*, vagar (em português temos o galicismo flandar). O *flâneur*, do qual falam os autores, diz respeito ao vagar observando o que se passa ao redor. Valendo conferir em: BAUDELAIRE, Charles. **Paraísos Artificiais**. São Paulo: L&PM Editores, 2004 e BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre Literatura, História e Cultura**. Volume 1. São Paulo: Brasiliense, 1985.

<sup>72</sup>Cf. CABRAL, Cristiane da Silva. *Paternidade na trajetória juvenil: uma contribuição ao debate sobre “gravidez na adolescência”*. In HEILBORN, Maria Luiza et al. (Orgs.). **Sexualidade, reprodução e saúde**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p.146.

<sup>73</sup>Colaboram para este debate, entre outros estudos que vale conferir: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Op. cit. ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Op. cit. PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.

<sup>74</sup>Cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio/Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.



juventude nem o jovem correspondem a uma categoria social. Apesar de se falar de jovem e de juventude, eles não existem como realidade específica.

O uso da palavra jovem vai aparecendo, primeiramente, como título de muitas publicações do século XIX e XX: O Jovem (1881), Jovem Missionário, Jovem Naturalista (1840), O Jovem Comunista (Lisboa, 1922), O Jovem Luzo, Jovem Sindicalista etc. Mais adiante aparecem as primeiras organizações com o nome “Jovem”. Isso acontece, por exemplo, com a Organização Jovem Alemanha, um movimento político e literário, de caráter liberal, de 1817, que combatia a Igreja e defendia a democracia, a igualdade dos sexos etc.; com a organização Jovem Itália, organização revolucionária fundada por Giuseppe Mazzini, em Marselha (1872); com a organização Jovem Turquia (1876) etc.<sup>75</sup>

Uma boa aproximação neste debate que envolve o dois termos (adolescente x jovem) pode ser observada, por exemplo, na obra *Liberar la adolescencia: la psicologia de los jóvenes de hoy*, de Gerard Lutte.<sup>76</sup> Por se tratar de um psicólogo, o uso dos dois termos já no título da obra é bem significativo. Sua opção analítica é a utilização dos dois termos como sinônimos, para designar todo o período que se estende da infância à idade adulta, aproximadamente dos 14 aos 25 anos.

No entanto, trata os temas em separado e, nesse sentido objetiva fazer uma introdução crítica à psicologia dos adolescentes e dos jovens. Da mesma forma, busca precisar o que sejam os conceitos adolescência e juventude. Bem como, tentando responder se eles são uma ou duas fases do desenvolvimento humano, um ou dois períodos, mostra que há autores que os diferenciam e outros não. No entanto, afirma que os autores por ele consultados, reconhecem as diferenças que há do começo ao final de determinado período da vida.

Este mesmo autor, falando do momento da transição da adolescência para a juventude (o que denota que para ele são coisas distintas, embora as trate como sinônimas), afirma que são as mudanças psíquicas que permitem dar-se conta de que se entra numa nova época de vida. Para ele, portanto, são diferentes, as características dos adolescentes e dos jovens. Nesse sentido, comenta que na consciência dos jovens, a adolescência começa com algumas transformações psíquicas, e a idade adulta com algumas mudanças na situação social.

---

<sup>75</sup>Este itinerário histórico da “onda juvenil” pode ser conferido em: DICK, Hilário. **Gritos silenciados, mas evidentes: jovens construindo juventude na História**. São Paulo: Vozes, 2003.

<sup>76</sup>Cf. LUTTE, Gerard. **Liberar la adolescencia: la psicologia de los jóvenes de hoy**. Barcelona: Editorial Herder, 1991.

Destaca, também, a controversa visão histórica sobre a adolescência e a juventude, mostrando que elas aparecem como uma fase de subordinação, de marginalização, de limitação dos direitos e dos recursos, como incapacidade de agir como adultos, como fase de semi-dependência entre a infância e a idade adulta. Desta forma, mostra que ao lado de intervenções localizadas em épocas específicas de lideranças e de decretos governamentais, também as ciências médicas e psicológicas iniciaram a exercer, nesse fenômeno, seu papel “controlador”.

Ou como sugere Philippe Ariès,<sup>77</sup> ajudaram a ser aceitável, pelo todo da sociedade, a degradação da condição dos jovens. Citando *Siegfried*, personagem central da ópera de mesmo nome, do compositor alemão Richard Wagner – pensado por ele como o primeiro adolescente moderno – mostra-o como o herói do século XX, século da adolescência, segundo este autor. Para ele, a juventude que então era a adolescência, iria tornar-se um tema literário, e uma preocupação dos moralistas e dos políticos. Asseverando que a juventude é a idade privilegiada do século XVII, a infância a do século XIX e a adolescência a do século XX.<sup>78</sup>

Assim, a juventude apareceu como depositária de valores novos, capazes de reavivar uma sociedade velha e esclerosada. Passamos de uma época sem adolescência a uma época em que a adolescência é a idade favorita. Como sugere: deseja-se chegar a ela e nela permanecer por muito tempo.

No entanto, a ausência de uma síntese histórico-cultural da juventude já é referida na introdução do trabalho dos historiadores Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt.<sup>79</sup> Nela, chamam atenção para o fato de a juventude ser um tema que percorre as décadas de 1970 e 1980, mas que não tem merecido uma síntese histórico-cultural. Segundo esses autores, têm-se a ambição de pôr em evidência a especificidade da juventude, sem contentar-nos em concebê-la como uma idade igual às outras. Para estes autores, a juventude é uma época similar as demais épocas da vida, ela é uma construção social e cultural. Situa-se entre a dependência da idade infantil e a autonomia da idade adulta, naquela idade de pura mudança e de inquietude em que se realizam as promessas da adolescência, entre a imaturidade sexual e a maturidade, entre a falta e a aquisição de autoridade de poder. Como dizem, é uma época da vida que não pode ser delimitada com clareza, visto que:

---

<sup>77</sup>Cf. ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Op. cit.

<sup>78</sup>Ibidem. p.48.

<sup>79</sup>Cf. LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude. **História dos Jovens**. Volume 1 – *Da Antiguidade à Era Moderna*. Op. cit.

(...) é precisamente sua natureza fugidia que carrega de significados simbólicos, de promessas e de ameaças, de potencialidade e de fragilidade essa construção cultural, a qual, em todas as sociedades, é objeto de uma atenção ambígua, ao mesmo tempo cautelosa e plena de expectativas... as sociedades sempre construíram a juventude como um fato social intrinsecamente instável.<sup>80</sup>

Segundo esses historiadores uma sociedade “fria” tende ser mais insensível a determinados fenômenos, já uma sociedade “quente” percebe o caráter conflitante da transição de uma idade.<sup>81</sup> Desta forma, enquanto apresentam uma história dos jovens, arriscam-se afirmando “(...) que a história da juventude se configura como um terreno privilegiado de experimentação historiográfica”.<sup>82</sup> Isto é, apresentam histórias que concernem a jovens adotando múltiplas perspectivas.

Na esteira destes autores, é possível entrever que a juventude é então ritmada pela sucessão de uma série de ritos de saída e de entrada que dão a imagem de um processo de consolidação por etapas, como por exemplo, a investidura do jovem cavaleiro, a noviça que toma o véu, o alistamento do futuro soldado, os ritos goliardescos da universidade e, porque não, o evento da paternidade. São momentos cruciais, efêmeros, carregados de fragilidade.

Desta forma, a sociedade encontra novas imagens e quer impor outras. Assim como os jovens podem ser profetas, podem sucumbir por valores “velhos”. Essa ambivalência originou tentativas de institucionalizá-los pela idade e pelo direito.<sup>83</sup>

Estes mesmo autores, ainda, chamam atenção para alguns elementos:

1 – *a juventude como construção social*: ou seja, a juventude vai além do biológico ou jurídico, já que sempre e em todos os lugares ela é investida de outros símbolos e de outros valores, de outras funções;

---

<sup>80</sup>Ibidem. pp. 8/9.

<sup>81</sup>Nesse mesmo sentido, o sociólogo Karl Mannheim fala de “sociedades tradicionais” que depositam o prestígio e o poder nos mais velhos e de “sociedades dinâmicas” que contam com a cooperação da juventude. Valendo conferir: FORACCHI, Marialice F. (Org.). **Mannheim**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1982.

<sup>82</sup>Cf. LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude. **História dos Jovens**. Volume 1 – *Da Antiguidade à Era Moderna*. Op. cit. p.10.

<sup>83</sup>Embora, como vimos anteriormente, existam discordâncias entre os marcadores oficiais. Este debate pode ser aprofundado em: RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco (Orgs.). **A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil**. Op. cit.

2 – *a diferença dos sexos*: a diferença cultural entre rapazes e moças já acentuada na socialização infantil, é institucionalizada na juventude;

3 – *as classificações explícitas ou formais*: elas não enquadram as coordenadas de uma história social e cultural da juventude;

4 – *os modelos eficazes*: os modelos propostos são ambivalentes. Assim como exploram os valores da juventude, o medo dos jovens perturba os bem-pensantes e os defensores das convenções ou da ordem. Assim como todos querem ser jovens, as atitudes dos jovens são vistas como um fim;

5 – *os jovens, atores na cidade*: os jovens são o primeiro sujeito ativo na história. Sendo citados como exemplo, a ligação natural entre juventude e nação, afirmada pelo Romantismo; a adesão dos jovens burgueses europeus do século XIX às idéias da revolução; as associações juvenis das igrejas; os enquadramentos juvenis nas organizações fascistas e nazistas; as revoltas estudantis etc.

Sendo assim, a idade tem uma característica específica e evidente: por definição, é uma condição transitória; pertencer à determinada faixa etária representa, para cada indivíduo, uma condição provisória. Mais propriamente, os indivíduos não pertencem a grupos etários, eles os atravessam. Este caminho, como não poderia deixar de ser, é marcado por atitudes e práticas, entres estas, há o exercício da sexualidade. No nosso caso particular, sobre o exercício da sexualidade dos, assim considerados adolescentes é possível dizer que se trata de:

(...) uma atividade socialmente construída e, como tal, referida a um determinado contexto social, no qual os distintos atores lhe atribuem diferentes significados e representações. Como a sexualidade, o conceito de adolescente torna-se também questionável quando utilizado abstratamente, para nomear de forma indiscriminada pessoas que compartilham uma determinada faixa etária e certas características, tomadas como gerais. Isso porque tal utilização deixa de considerar distinções de classes, grupo social e experiências de vida.<sup>84</sup>

---

<sup>84</sup>Cf. TORRES, Marieze Rosa. *Sexo, prazer e dor: vivências sexuais na fala de adolescentes pobres de Salvador*. In BARBOSA, Regina Maria et al. (Orgs.). **Interfaces – Gênero, sexualidade e saúde reprodutiva**. Campinas: UNICAMP, 2002. p. 52.

Nesse sentido, como sugere o antropólogo Luiz Fernando Dias Duarte, no que tange aos estudos da sexualidade pelas ciências sociais, a rubrica mais adequada para falar do evento na moderna produção acadêmica da sexualidade, seria “desentranhamento”.<sup>85</sup>

[O] termo ‘desentranhamento’ aponta o que uma certa tradição sociológica denomina ‘a grande transformação’: a produção de domínios da vida social, que passam a adquirir significado próprio, alcançando designações específicas, ao mesmo tempo que permanecem, como não poderia deixar de ser, entrelaçados com outras dimensões da vida social.<sup>86</sup>

Desta feita, o desentranhamento da sexualidade propiciaria ao pesquisador a “(...) não univocidade dos sentidos atribuídos ao sexual”<sup>87</sup> e, da mesma forma, “(...) a necessidade de delimitá-los de modo a tornar possível sua investigação”.<sup>88</sup> Atentando “[a] partir de um olhar construcionista acerca do sexual e da perspectiva de que atitudes e práticas sexuais são fatos sociais e, portanto, passíveis de serem investigados e analisados como tais”.<sup>89</sup>

Tendo em vista as peculiaridades e particularidades do universo juvenil e nele o exercício da sexualidade e, no nosso caso, da paternidade juvenil, tomando-se estes descritores (adolescente e jovem) como objeto de investigação socioantropológica, o que nos sugerem estas leituras e seus referenciais, é buscar discutir estas questões, a partir do caso empírico das entrevistas produzidas.

Mesmo porque, como nos ensina Pierre Bourdieu, é necessário atentar quando da feitura do trabalho de campo, para o fato de que os acontecimentos biográficos são fluídos, passíveis de deslocamentos, ambigüidades, ressemantizações, etc. Isto sendo possível por “(...) diferentes espécies de capitais em jogo no campo”.<sup>90</sup> Tendo como referência também este mesmo autor, nos

<sup>85</sup>Cf. DUARTE, Luiz Fernando Dias. *A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções*. In PISCITELLI, Adriana; Gregori, M. F.; CARRARA, Sergio L. **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

<sup>86</sup>Cf. HEILBORN, Maria Luiza; CORDEIRO, Fabíola; MENEZES, Rachel Aisengart. *Desafios e vicissitudes da pesquisa social em sexualidade*. In HEILBORN, Maria Luiza et al. (Orgs.). **Sexualidade, reprodução e saúde**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. pp. 35/36.

<sup>87</sup>Cf. HEILBORN, Maria Luiza; BRANDÃO, Elaine. *Introdução: Ciências sociais e sexualidade*. In HEILBORN, Maria Luiza (Org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p.8.

<sup>88</sup>Cf. HEILBORN, Maria Luiza; CORDEIRO, Fabíola; MENEZES, Rachel Aisengart. *Desafios e vicissitudes da pesquisa social em sexualidade*. Op. Cit. p. 40.

<sup>89</sup>Idem.

<sup>90</sup>Cf. BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In FERREIRA, Marieta de Moraes.; AMADO, Janaina (Orgs.). **Os usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p.90.

alerta a antropóloga Laura Moutinho (2004), que “(...) os pesquisadores precisam estar atentos para o fato de que as leis que organizam as biografias oficiais se impõem além das situações oficiais”.<sup>91</sup>

De minha parte, pude perceber tanto pela revisão bibliográfica, quanto pelo próprio trabalho de campo, que os descritores adolescentes e jovens remetem ao marcador da diferença relativa à geração. Portanto, devem ser vistos, antes de qualquer coisa, como referências simbólicas de idade, expectativas, comportamentos e valores que se cruzam com outros marcadores sociais do sujeito, como raça/etnia, classe e gênero.

Digo isto, apoiado na idéia de alguns autores que desenvolvem pesquisas com esta população, tendo como acento as questões da sexualidade, como por exemplo, os trabalhos de pesquisa disponibilizados na plataforma do Centro Latino-americano em Sexualidade e Direitos Humanos – CLAM.<sup>92</sup> Entre estes, por exemplo, os da psicóloga e sanitarista Cristiane da Silva Cabral,<sup>93</sup> já citada neste texto. Para quem, ambos descritores são apenas formas de classificação do curso de vida que foram criados em séculos diferenciados, com propósitos políticos, científicos e populacionais diferenciados, Daí, poderem ser usadas ora como sinônimos, ora não.

Tomo este aporte teórico, buscando me afinar com o que de mais recente se tem produzido nas ciências sociais sobre a questão. Mas, ciente de que ele está longe de ser unísono, visto que, trata-se de terreno árido.

Por este lume, penso estes descritores como construções culturais, históricas e sociais; e como tal, não são bem demarcados, sendo fluídos e variando conforme épocas e sujeitos. Daí porque também, ora essa população de identifica como jovem ora como adolescente, coisa que pude perceber quando da feitura do trabalho de campo.

Como resultado desta soma teórico-empírica, adotei a idéia de conceber esses descritores como processo e não como faixas etárias homogêneas que podem ser “lidas” de maneira uniforme. Há similitudes entre essa população, mas há também características bastante díspares entre esses

<sup>91</sup>Cf. MOUTINHO, Laura. **Razão, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul.** São Paulo: UNESP, 2004. p. 28.

<sup>92</sup>Cf. [www.clam.org.br](http://www.clam.org.br)

<sup>93</sup>Cf. CABRAL, Cristiane da Silva. *Paternidade na trajetória juvenil: uma contribuição ao debate sobre “gravidez na adolescência”.* Op. cit. *Vicissitudes da gravidez na adolescência entre jovens das camadas populares do Rio de Janeiro.* Dissertação de mestrado em Saúde Coletiva, apresentada ao Instituto de Medicina Social da UERJ, 2002. *Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro.* In **Cadernos de Saúde Pública.** V 19. Suplemento II. 2003. pp. 283/292.

sujeitos sociais, na forja de suas biografias. Isso marcado por outras variáveis, como já fora dito. Daí a opção por grafar meu universo de pesquisa com o descritor juvenil, buscando entre outras coisas, exorcizar uma possível unicidade, por vezes patologizante e irresponsável, que o descritor adolescente, via de regra, carrega. E, da mesma forma, livre das amarras dos dois descritores, busco na análise como processo e não como faixa etária homogênea, apoiado na idéia do desentranhamento aludida acima, marcar o caráter heterogêneo e bem diversificado que jovens e/ou adolescentes (ou seja, o juvenil) têm para inscrever traços específicos em suas subjetividades.

### **1.3 Içando as velas para navegar à contramaré – paternidade juvenil**

Desta forma, de escotilhas abertas e procurando içar as velas, assumo aqui algumas coordenadas para esta viagem/mergulho:

1 – Podemos definir a juventude como uma categoria social. Esta categoria faz desta população mais do que uma faixa etária, mas não faz dela um grupo coeso ou uma classe de fato. A juventude torna-se: uma representação sociocultural (a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos) e uma situação social (a juventude é uma situação social vivida em comum por certos indivíduos).

2 – Já a adolescência, dada à concepção hegemônica vigente, muito em decorrência, dos assim chamados, “discursos psi”, reiterados pela mídia e incorporados no imaginário popular, apresenta-se como uma etapa natural inerente e própria do desenvolvimento humano, presa a uma faixa etária específica. Etapa marcada, invariavelmente, por conflitos e crises, ou seja, adjetivada negativamente. Ressalte-se que esta visão sobre a questão do adolescente/adolescência, é uma marca mais ou menos hegemônica que a tradicional Psicologia vem apresentando desde o início do século XX. No entanto, sem negar a importância desse conceito para a Psicologia, prefiro tratar a adolescência como sugerem os psicólogos seguidores de uma abordagem que vem sendo construída com inspiração nos estudos desenvolvidos pela Psicologia Sócio-Histórica;<sup>94</sup> ou seja, desatrelada de

---

<sup>94</sup>A Psicologia Sócio-Histórica tem sua fundamentação básica em Lev Semenovitch Vigotski, Alexander Romanovich Luria e Alexei Leontiev, psicólogos russos de fins do século XIX e início do XX. Também referida como Teoria Histórico-Cultural, de uma forma geral, segue os princípios filosóficos do materialismo histórico e dialético que trazem embutidos uma teoria e um método científico que se contrapõem à leitura de ciência proposta pelo positivismo lógico. Neste sentido, a partir da visão sócio-histórica, a idéia de natureza humana cede lugar à concepção de condição humana. O ser humano passa, portanto, a ser concebido como um ser histórico com características forjadas de acordo com as relações sociais contextualizadas no tempo e no espaço histórico em que ele vive. Estas relações, por sua vez, são

uma visão estereotipada, marcada por uma leitura naturalizante, universalizante e patologizante. Pelo viés da Psicologia Sócio-Histórica, é possível pensar a adolescência não como uma fase natural do desenvolvimento, mas sim como uma criação histórica da humanidade, ou seja, “[u]m fato que passou a fazer parte da cultura enquanto significado, isto é, um momento interpretado e construído pelos homens, um período construído historicamente”.<sup>95</sup>

3 – Portanto, juventude e adolescência, pode-se dizer, embora não sendo sinônimos são termos que se borram, como se percebe nas aproximações aludidas acima; contudo, dada esta visão naturalizante, patologizante e estereotipada que o descritor adolescente enseja, não raro é o/a jovem dele querer se afastar.

4 – Juventude e adolescência são formas de classificação do curso da vida, podendo ou não ser acionadas como sinônimas. Mesmo porque, como já foi dito, posso estar (pelos marcadores oficiais que se balizam pelo descritor adolescente), na assim chamada adolescência, percebendo-me como jovem e não como adolescente.

5 – A juventude, apesar de se caracterizar também pela idade, é, acima de tudo, uma construção social. Um conceito que nos move fortemente, nesse sentido, é o da “moratória vital” (falarei dele a seguir e o substituirei por lastro vital).

6 – O pressuposto fundamental da discussão é que a idade é um fenômeno social e não apenas biológico. O que existe em cada período histórico é um conjunto multifacetado de jovens, condicionados e interagindo com o meio social em que vivem.

7 – O termo juventude é polissêmico, revestindo uma série de significados, mas três adjetivações principais estão associadas a ele: um período etário situado entre a infância e a idade adulta, certo estado de espírito e um estilo de vida. É, antes de tudo, uma forma de identificação que pressupõe comportamentos e valores ideais, a construção de uma identidade, um marcador social de identificação dos sujeitos, de atribuição de significado para si e para os outros; assim, à medida que constrói fronteiras, demarca os aliados, cria e dialoga com expectativas e práticas construídas para si e por si.

---

concebidas dialeticamente na medida em que este ser humano se constrói ao construir sua realidade. Esta discussão pode ser ampliada, valendo conferir: OZELLA, Sergio (Org.) **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. Op. cit.

<sup>95</sup>Cf. OZELLA, Sergio (Org.) **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. Op. cit. p. 9.



8 – As definições de juventude e adolescência passeiam entre dois critérios principais, que nunca se conciliam realmente: o critério etário e o critério sócio-cultural.

9 – A categoria social juventude tem uma importância crucial para o entendimento de diversas características das sociedades modernas, o funcionamento delas e suas transformações.

Assim, de velas içadas, e ainda antes de singrarmos o mar eclipsado (digamos assim) da paternidade juvenil, uma reflexão que me parece fundamental ter em conta nesse debate sobre juventude, “juventudes” ou juventude e adolescência é a questão da “moratória vital”, aludida anteriormente.

Trata-se de pensar a juventude como um período da vida em que alguém está de posse de um excedente temporal e de um crédito, como se se tratasse de algo que se teria poupado, de algo que se tem a mais e do qual se pode dispor, de algo que, nos não-jovens, é mais reduzido, se vai gastando e vai terminando, irreversivelmente, por mais esforços que se faça para evitá-lo.

Ser jovem é ter um capital temporal, carregando consigo, de forma muito particular, a promessa, a esperança e um espectro de opções. É o que alguns autores têm chamado de “moratória vital”.<sup>96</sup> Prefiro, no entanto, nominar este capital temporal de lastro vital, que é, sem dúvida, um fato inegável. Por esse viés, além de tudo, tem sentido a valorização do etário. Atrás do conceito idade, mora uma realidade que é comum a todos os que têm determinada idade. Esse lastro vital pode ser agredido, pode ser diminuído, pode não ser considerado, mas ele é real.

Graças a essa realidade pode-se distinguir (sem confundir) os jovens e os não-jovens. Por meio de outro lastro, o social, podemos distinguir somente o juvenil e o não-juvenil, não os jovens e os não-jovens. Assim como pode haver jovens juvenis, pode haver não-jovens juvenis. Já, tomando-se a noção de lastro vital (capital ou potencial energético) como característica da juventude, pode-se falar de algo que não muda por classe, por exemplo, por que esse algo depende de outro segmento, isto é, de suas forças disponíveis, de sua capacidade produtiva, de suas possibilidades de deslocamento, de sua resistência ao esforço etc. A juventude como um *plus* de energia (lastro vital e

---

<sup>96</sup>Esta discussão pode ser ampliada conferindo: MARGULIS, Mário; URRESTI, Marcelo. **La juventud es más que una palabra**. 2 ed. Buenos Aires: Biblos, 2000.

não somente social) ou como crédito temporal é algo que depende da idade. Isto é um fato evidente sob todos os pontos de vista.

Desta forma, buscando não entrar no debate do evento da paternidade entre homens jovens, pelo viés naturalizante e universalizante da concepção vigente e hegemônica dos, assim chamados, “estudos psi” – visto que para estes, esta etapa da vida é natural, inerente e própria do desenvolvimento humano. Portanto, etapa marcada por conflitos e crises “naturais” da idade, por tormentos e conturbações vinculadas, entre outras coisas, à emergência da sexualidade. Enfim, uma etapa marcada por características negativas, sofridas, patologizadas, que ocorreria necessariamente em qualquer condição histórica e cultural, isto é universalizada. Tomo como rota de viagem a perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, aludida anteriormente, visto que ela me permite trabalhar com o evento da paternidade juvenil desatrelando-o de um entendimento sempre problemático e sofrido para seus atores. Por intermédio dela, também, é possível entender esta fase da vida como constituída socialmente a partir de necessidades sociais e econômicas nos mais variados grupos e camadas sociais, olhando e compreendendo suas características como características que vão se constituindo no processo. Dentro desta perspectiva, penso ser possível escrutinar o evento da paternidade juvenil numa visão diversificada; já que, são experiências vividas e significadas de forma pessoal e construídas concretamente dentro de condições biográficas específicas.

Assim, também apoiado nas sugestões de Howard Saul Becker, penso que um bom caminho para desenvolver conceitos, seja fazê-lo num diálogo contínuo com os dados empíricos,<sup>97</sup> uma vez que, “[c]omo conceitos são maneiras de sumarizar dados, é importante que eles sejam adaptados aos dados que vamos sumarizar”. Desta maneira, deve-se usar os dados empíricos “(...) para criar idéias mais complexas, que nos ajudarão a encontrar outros problemas que merecem ser estudados e novos aspectos sobre o que estudamos, idéias que merecem ser pensadas e incorporadas à nossa análise”.<sup>98</sup>

Desta feita, na contramare de abordagens, digamos assim, mais tradicionais sobre o tema em questão, ou seja, a gravidez na dita adolescência entre os homens; busco esgarçar minha análise exorcizando o critério etário habitualmente usado, isto é, aqueles informados pelos ditos institutos oficiais (conforme já mencionado). Nesse sentido, tomo como interlocutores, homens que vivenciam/vivenciaram o evento da paternidade entre os 17 e 20 anos de idade.

---

<sup>97</sup>O que também é sugerido (e que aqui já foi comentado) por HEILBORN, Maria Luiza; CORDEIRO, Fabíola; MENEZES, Rachel Aisengart. *Desafios e vicissitudes da pesquisa social em sexualidade*. In HEILBORN, Maria Luiza et al. (Orgs.). **Sexualidade, reprodução e saúde**. Op. cit.

<sup>98</sup>Cf. BECKER, Howard Saul. **Segredos e truques da pesquisa**. Op. cit. p.146.

Da mesma forma, busco não utilizar, como sinônimos os termos adolescência e juventude (pelas implicações aludidas anteriormente). Desta feita, reitero a idéia de uma análise que toma acento no entendimento de juventude como “processo social”, o que aduz à possibilidade da análise do evento da paternidade na perspectiva do juvenil. Recurso teórico metodológico, adotado, por exemplo, pela pesquisa *Gravidez na adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil* – GRAVAD,<sup>99</sup> anteriormente mencionada.

No entanto, vale ressaltar que, embora busque fugir, conceitualmente e metodologicamente, assim como estou fazendo, destas amarras institucionalizadas/oficializadas, o fato de oscilar entre os dois termos como já sugere desde a própria titulação da pesquisa *Gravidez na adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil* – GRAVAD parece-me paradoxal. Visto que, por vezes, deixa em aberto à leitura de/se estes atores, alvo da pesquisa, consideram a si mesmo jovens ou adolescentes quando da vivência do evento da gravidez. Sendo este, por sinal, um dos pontos de análise da pesquisa que estou aqui apresentando.

Mesmo porque, como veremos no discurso êmico, os protagonistas deste evento, com os quais dialoguei para a tessitura deste trabalho, fizeram-me entrever urdiduras da liminaridade<sup>100</sup> entre o ser/estar adolescente e o ser/estar jovem.

Mas, antes de apresentar os primeiros excertos de suas falas, gostaria de mencionar que utilizei como recurso metodológico a substituição de nomes, na tentativa de salvaguardar o anonimato de meus interlocutores. Assim, passo a nominá-los tendo como inspiração as personagens dos poemas épicos *Ilíada* e *Odisséia*, atribuídos ao dramaturgo grego Homero, que teria vivido entre os séculos 9 a.C. e 7 a. C.<sup>101</sup> Ambos estão relacionados à lendária Guerra de Troia: no entanto, o primeiro descreve a tragédia deste lugar, revelando à ira de um homem (Aquiles); enquanto o segundo, conta o drama da tentativa de retorno de outro homem ao seu lar, revelando sua astúcia (Ulisses).

---

<sup>99</sup>Cf. HEILBORN, Maria Luiza et al (Orgs.). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Op. cit. e HEILBORN, Maria Luiza et al (Orgs.). **Sexualidade, Reprodução e Saúde**. Op. Cit.

<sup>100</sup>Este estar aqui estando lá ou o seu contrário, esta ambigüidade classificatória ou esta transição, pude perceber nos discursos de meus interlocutores, compreendendo que “[a]s entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial. (...) Assim, a liminaridade frequentemente é comparada à morte, ao estar no útero, à invisibilidade, à escuridão, à bissexualidade, às regiões selvagens e a um eclipse do sol ou da lua”. Cf. TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 117.

<sup>101</sup>Cf. HOMERO. **Ilíada**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008 e HOMERO, **Odisséia**. 18 ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

Entre os motivos para esta escolha está, em primeiro lugar, o entendimento de que a saga das personagens dos poemas homéricos tem inspirado e tem se metamorfoseado em várias obras literárias ao longo dos séculos, porque capazes de dizer da vida de todos nós. Por isso mesmo, em certo sentido, os poemas em referência nos são familiares antes mesmo de abrirmos suas páginas. Antes de conhecermos as mudanças de humor de Aquiles ou nos fascinarmos pela coragem de Ulisses

(...) aprendemos a presumir que, em algum lugar nessas histórias de guerra no tempo e de viagem no espaço, nos será contada a experiência de toda a luta e toda a travessia humana. Duas de nossas metáforas mais antigas nos dizem que toda vida é uma batalha e que toda vida é uma jornada.<sup>102</sup>

É possível dizer que os heróis de Homero possuem uma complexidade prazenteira, uma aleatoriedade de caráter que perturba o leitor com ricas e infundáveis interpretações. O que posso dizer, da mesma forma, dos meus interlocutores nesta jornada.

Outro motivo da escolha está na lição ou tradição que

(...) Homero iniciara, a tradição pela qual o poeta estabelece sua autoridade não como o inventor, mas como o interprete de histórias que uma voz divina ditou. A *Ilíada* e a *Odisséia* começam ambas pedindo à Musa que cante os temas escolhidos: a ira de um homem, a astúcia de outro. Porém, há uma diferença entre os dois inícios. Na *Ilíada*, poema anterior, Homero deixa humildemente o palco somente para a Musa. ‘Deusa, canta a cólera (...)’. Mas, na *Odisséia*, o poeta se permite aparecer como o receptor da canção: ‘Musa, canta para mim os feitos do herói astucioso (...)’.<sup>103</sup>

Neste sentido, ousou perceber na tradição que Homero iniciara o muito que subjaz do fazer antropológico. Inspirado neste estilo, falam – de si e por si (no texto que ora apresento) meus interlocutores – ou como a Musa de Homero, cantam. E, da mesma forma, como Homero, ousou traduzir ou interpretar os feitos que cantou para mim a Musa, no meu caso, aquilo que falaram por si e de si homens jovens e pais.

Quando a gente ainda é adolescente só pensa em zoar: é muita balada, muita ‘mina’... essas coisas! Mas, quando minha filha nasceu, eu já trabalhava e estudava. Ainda era jovem, mas já estava pensando em outras coisas. Então acho que eu não era mais adolescente quando eu fui pai (...).<sup>104</sup>

<sup>102</sup>Cf. MANGUEL, Alberto. *Ilíada e Odisséia de Homero: uma biografia*. Op. cit. p.8.

<sup>103</sup>Ibidem. pp.94/95.

<sup>104</sup>Ressalte-se que este interlocutor, com 20 anos, refere-se ao nascimento de sua filha quando tinha 19 anos (**Adonis** – Registro de campo).

Acho que eu não fui pai na adolescência não. Quando a Vanessa nasceu eu já estava no quartel. Não era mais moleque. Tanto que fiz uma filha!<sup>105</sup>

Quando a minha mais velha nasceu, nós já estávamos casados. Casamos assim que ela ficou grávida. Nós tínhamos 18 anos. Fui logo trabalhar e saímos da casa dos pais dela (esposa) assim que deu pra pagar o aluguel. E eu não tinha nem 20 anos, ainda. Sabe como é? Eu não era mais nenhum adolescente, já tinha mulher e filho pra criar.<sup>106</sup>

Estes excertos, apoiados na literatura percorrida, numa perspectiva de desnaturalização, ou numa leitura a contramare (se desejar – a contrapelo),<sup>107</sup> possibilitam ressemantizar taxinomias herméticas, conceitos, idéias, momentos e eventos; como este da paternidade juvenil.

Deste modo, a educadora Raquel Souza,<sup>108</sup> sugere que olhar o universo juvenil e os modos de vida daqueles que se encontram nessa condição tem se constituído em uma forma profícua para compreender as mutações que se operam no mundo contemporâneo. Sem negar que elas atingem todos os grupos sociais independentemente da etapa da vida em que se encontram, há certo consenso de que as mudanças socioculturais influenciam, sobretudo, as subjetividades daqueles que se defrontam com o desafio de se posicionar em um contexto de incertezas, novidades e intensas transformações sociais, culturais, econômicas e políticas. Assim, velhos e novos aprendem juntos a viver em uma sociedade cada vez mais atualizada e indeterminada.

A socióloga Angelina Peralva complementa este raciocínio, comentando que enquanto o adulto vive ainda sob o impacto de um modelo de sociedade que se decompõe, o universo juvenil já vive em um mundo radicalmente novo, cujas categorias de inteligibilidade ele ajuda a construir. “Interrogar essas categorias permite não somente uma melhor compreensão do universo de referências de um grupo etário particular, mas também da nova sociedade transformada pela mutação”.<sup>109</sup>

Neste sentido, conforme nos ensina Howard Saul Becker, “[i]gnorando os casos convencionais que definem o conceito, ampliamos seu alcance”. Sugerindo ainda, que “[u]ma

<sup>105</sup>Com 19 anos, este interlocutor se refere ao advento da paternidade aos 18 anos (**Apolo** – Registro de campo).

<sup>106</sup>Aos 36 anos este interlocutor aduz, na pessoa da filha e da esposa, o fato de não se considerar mais adolescente aos 18 anos (**Jasão** – Registro de campo).

<sup>107</sup>Aqui só para não esquecer a exigência do filósofo Walter Benjamin de que se escreva a história a contrapelo, valendo conferir: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre Literatura, História e Cultura**. Op. cit.

<sup>108</sup>Cf. SOUZA, Raquel. *Rapazes negros e socialização de gênero: sentidos e significados de “ser homem”*. **Cadernos Pagu**. Nº. 34. jan/jun 2010. pp. 107/142.

<sup>109</sup>Cf. PERALVA, Angelina. *O jovem como modelo cultural. Juventude e contemporaneidade*. **Revista Brasileira de Educação**. Nº. 5/6 São Paulo: 1997. p.23.

maneira excelente, talvez a melhor, de aumentar o alcance de um conceito é esquecer por completo o nome e concentrar-se no tipo de atividade coletiva que está tendo lugar”. Já que “[t]rocar os conteúdos convencionais de um conceito por um sentido de seu significado como forma de ação coletiva amplia seu alcance e nosso conhecimento”.<sup>110</sup>

Referindo-se a esta trama das palavras, o educador e pesquisador em sexualidade masculina e saúde do homem, Romeu Gomes, leciona que quando se busca entender uma palavra, logo se esbarra em outras. Desta maneira, metaforicamente indica que se busque situar as idéias e os sentidos subjacentes às palavras como fios que se entrelaçam formando uma trama,<sup>111</sup> ou seja:

[p]odemos ver cada fio em si, mas só compreendemos a trama na totalidade dos fios. Ao tecer minhas considerações, recorro, como matéria-prima, tanto às idéias de autores notáveis quanto à minha experiência construída em relações interpessoais e institucionais. Para que o tramado não se configure como algo fixo ou ardiloso, é preciso tecer permanentemente a trama, buscando outros fios condutores ou refazendo os já existentes.<sup>112</sup>

A ilação aduzida por esse pesquisador me serve de luzeiro para, agora de escotilhas abertas, cartografar esta viagem/mergulho pelos mares da paternidade juvenil.

---

<sup>110</sup>Cf. BECKER, Howard Saul. **Segredos e truques da pesquisa**. Op. cit. pp.186/187.

<sup>111</sup>As implicações da trama das palavras são discutidas por este autor em: GOMES, Romeu. **O Corpo da Rua e o Corpo na Rua: a prostituição infantil feminina em questão**. São Paulo: Unimarco, 1996.

<sup>112</sup>Cf. GOMES, Romeu. **Sexualidade masculina, gênero e saúde**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008. p.59.

## II - CARTOGRAFIA DE VIAGEM

*Há canções e há momentos  
 Eu não sei como explicar  
 Em que a voz é um instrumento  
 Que eu não posso controlar  
 Ela vai ao infinito  
 Ela amarra todos nós  
 E é um só sentimento  
 Na platéia e na voz  
 Há canções e há momentos  
 Em que a voz vem da raiz  
 Eu não sei se quando triste  
 Ou se quando sou feliz  
 Eu só sei que há momentos  
 Que se casa com canção  
 De fazer tal casamento  
 Vive a minha profissão*

*(Canções e Momentos – Milton Nascimento e Fernando Brant)*

Assim como a sensibilidade para saber casar momentos com canção alimenta a profissão destes e de tantos outros poetas da música popular brasileira. Creio, que da mesma forma, esta agudez é mister para quem se propõe tomar certos momentos da vida social como objeto para escrutínio etnográfico.

### 2.1 De saber casar momentos com etnografia – o legado de uma profissão

Aliás, este alerta, já nos foi dado pelo sociólogo francês Roger Bastide,<sup>113</sup> com sua arguta percepção, asseverando que o sociólogo no Brasil teria que se transformar em poeta.

Mesmo porque, as fronteiras dos discursos literário e etnográfico – ou “sociográfico”, como sugere o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira<sup>114</sup> – é possível dizer, são muito tênues.<sup>115</sup>

O literato suíço Martin Lienhard<sup>116</sup> discute com certa profundidade esta questão, mostrando que até 1930 literatura e etnografia caminharam juntas. Ao se separarem constituíram

<sup>113</sup>Cf. BASTIDE, Roger. **Brasil – terra de contrastes**. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, [1959] 1971.

<sup>114</sup>Cf. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. 2 ed. São Paulo: UNESP, 2006.

<sup>115</sup>As afinidades existentes entre o ofício do antropólogo e do crítico literário são examinadas, por exemplo, no ensaio “*Descoberto na tradução*”: *a História da Imaginação Moral*. In GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1998. Valendo conferir, também, para aprofundar este debate, entre outros textos: CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

especificidades para, em seguida, dialogarem em outros termos. A partir de então, “(...) o momento é de ‘antropologizar’ a literatura e /ou dramatizar a etnografia; trata-se de romper as fronteiras que, de fato, nunca foram fixas nem impermeáveis entre as duas disciplinas”.<sup>117</sup>

Desta forma, há obras literárias, que podem ser tomadas como rica fonte para se entender de que forma se dão as relações sociais, por expressarem ricos olhares possíveis e viáveis sobre a realidade social; dada à sensibilidade de seus autores em captar e exprimir, traduzindo em palavras a natureza básica da existência coletiva.

Nesse sentido, o pensador martinicano, etnógrafo e teórico dos estudos culturais Édouard Glissant, assevera que

[a] literatura é a possibilidade de exprimir o que é difícil, ambíguo, impossível. A literatura é sempre, aliás, uma procura de impossíveis. A situação do mundo cria novos campos para o exercício literário. Não se trata de fazer uma literatura aplicada, mas de ser sensível ao que se passa no mundo, detectar, no que chamo de *caos-mundo*, as variações e as invariantes.<sup>118</sup>

É esta sensibilidade para perceber o que se passa no mundo, captando o que nele há de variações e invariantes que nos possibilita a alteridade ou a consciência da diferença respeitosa. Coisas dessa natureza nos são ensinadas, também ou por que não, via literatura

Um bom exemplo, disto, está no belo romance da escritora mexicana Laura Esquivel *Como água para chocolate*.<sup>119</sup> Este *best-seller* nos leva até as profundezas de um México rural dos princípios do século XX. Nele, nos é retratada a história do amor proibido de Pedro e Tita. Esta, durante seu infortúnio, conta com a amizade da velha índia Nacha, a criada da família, que lhe vai soprando aos ouvidos receitas e conselhos de vida. Valendo-se deste aprendizado ancestral, Tita comunica-se com seu amor proibido, através da feitura dos alimentos. Em tom extremamente erótico, embora subtil, por tratar-se de um amor proibido, a paixão de Tita por Pedro deixa-nos mesmo "como água para chocolate" (bebida mexicana preparada com água e cacau), expressão

---

<sup>116</sup>Cf. LIENHARD, Martin. *Etnografia e Ficção na América Latina – o horizonte de 1930*. In **Revista de Literatura e Sociedade**. São Paulo: USP, 1999.

<sup>117</sup>Ibidem. p.107.

<sup>118</sup>O conceito de literatura deste teórico está expresso numa coletânea de entrevistas com intelectuais estrangeiros, realizadas pela psicanalista Betty Milan e publicadas na grande imprensa brasileira. Elas estão reunidas em obra que vale conferir: MILAN, Betty. **A força da palavra**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

<sup>119</sup>Cf. ESQUIVEL, Laura. **Como água para chocolate**. 5 ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1994.



idiomática típica do México que significa: em ponto de ebulição.<sup>120</sup> Mas esta bebida só se forma quando os dois ingredientes se misturam. Como é descrito no texto, o amor também, ou seja, quando duas almas se fundem à temperatura da água ao formar o chocolate quente. Contudo, ao fazê-lo, as duas substâncias deixam de existir para formar o novo composto.

Entre os inúmeros conselhos repassados à Tita, pela sabedoria ancestral da velha índia, uma bela narrativa vira oratura (útil a todos nós), na pena de Laura Esquivel. Como no romance, tudo gira em torno da cozinha, cada capítulo é aberto com uma receita (que pode ser culinária ou não), em torno da qual não só se aglutinam os comensais como também se “cozinham”, se “coalham” amores e desamores, risos e prantos. Assim, em um dos capítulos se ensina, por exemplo, a preparar fósforos. Nele, através de John, cativante personagem do enredo, fica-se sabendo que em 1669, na Alemanha, o alquimista Henning Brandt, acidentalmente numa de suas tentativas de transformar metais em ouro, descobre o elemento básico para se fabricar fósforos. A avó de John (a velha índia Nacha, serviçal da família), que aprendera a esfregar gravetos para conceber fogueiras, comemorou o invento e, a partir dele, explicou a John, seu neto formado em Medicina, a relação de contenção e expressão de sentimentos humanos. Disse a velha índia que cada pessoa nasce com uma caixa de fósforos dentro de si, a singular trajetória de cada um ensinaria o momento certo de acender palito a palito. Além de resguardar-se da umidade, não devemos, diz a velha índia, acender os fósforos sozinhos. Para que aconteça a queima mágica, faz-se necessário, além da natural parcimônia, o namoro do ar com o fogo que habita o interior das pessoas. Esta mistura de fogo e ar, a combustão, está no toque, no olhar ou na voz do outro.

Esta alegoria, sábia e poética da ancestralidade, descrita pela personagem criada por Laura Esquivel, evidencia que necessitamos do *outro* para viver, (o que é diferente de subviver ou sobreviver). Necessitar do *outro* numa empreitada máxima contra a umidade excessiva; onde desconsiderar o excesso de umidade é contaminar a integridade da pólvora concentrada no palito de fósforos. Esta atitude, que é transitiva, reclama o complemento que aludimos acima: a alteridade ou a consciência respeitosa pelo *outro*. Fazendo aqui uma ilação: Eu sou eu, tu és tu, somos diferentes, mas nos respeitamos em nossas diferenças. Mesmo porque, conforme fora aludido pela sabedoria ancestral, não se pode viver sem o sopro do *outro*, o *outro* que nos viabiliza, entre outras coisas,

---

<sup>120</sup>Conforme é mencionado no livro, no México se prepara o chocolate quente dissolvendo-se a barra caseira de chocolate em água, em vez de leite. Para que o chocolate derreta é preciso que a água esteja fervendo. Então, se a pessoa está “como água para [fazer] chocolate” significa que está fervendo – de raiva ou de outra emoção.

com os sinais de seu afeto. Trata-se da dialética do sentir, uma espécie de rua de mão dupla no existir humano.<sup>121</sup>

Antropologizando a literatura ou dramatizando a etnografia, como nos é ensinado por Martin Lienhard, acima mencionado, é possível dizer que na obra em questão, o estilo da autora incide, sobretudo, num discurso onde predomina o uso da hipérbole, do exagero e até do absurdo para melhor enfatizar o ridículo da contradição ente a moral associada aos costumes e tradições e a ética fundamental e universal, que reside no livre arbítrio, no direito inalienável de cada indivíduo efetuar as suas escolhas e, com base nelas, construir a própria vida; como no evento da paternidade juvenil, por exemplo. Assim, por vezes, via literatura, somos confrontados com a alteridade e, a partir dela, enxergamos os sinais que se desfraldam ante nossos olhos míopes e infectados de tantas “verdades” e “certezas”, não raro superficiais.

Desta forma, é possível entrever que alguns destes discursos literários, às vezes, estão entranhados do ser que fala das sutilezas da vida, numa perspectiva que possibilita a abdução dos sentimentos mais humanos. E, como nos ensina Clifford Geertz, “(...) as respostas as nossas indagações mais gerais – por que, como, o que, onde – devem ser buscadas, se é que existem, nos pequenos detalhes da vida vivida”.<sup>122</sup>

Assim, a contribuição da literatura para a etnografia é facilmente compreendida quando se percebe a descrição etnográfica, por exemplo, conforme sugere o autor acima citado, como ato interpretativo.<sup>123</sup> Desta forma, “(...) o que ela interpreta é fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o ‘dito’ num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis”.<sup>124</sup>

---

<sup>121</sup>Devo a inspiração para este diálogo literário com Édouard Glissant e Laura Esquivel, à fala do Profº Drº Paulo Jorge Martins Nunes, em seu discurso como paraninfo das turmas de concluintes de graduação do Centro de Ciências Humanas e Educação, da Universidade da Amazônia – UNAMA, proferido em 20 de janeiro de 2011. Da mesma forma, sou-lhe grato pelo empréstimo do livro do literato paraense Haroldo Maranhão, *Jogos Infantis*. É desta obra, mais especificamente da trama narrada no conto *Menino que faz menino*, que veio a escolha para o título desse trabalho.

<sup>122</sup>Cf. GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 9.

<sup>123</sup>Questões pertinentes à tomada da descrição etnográfica como ato interpretativo, serão desenvolvidas mais adiante.

<sup>124</sup>Cf. GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Op. cit. p. 31.

Sobre tal questão, Roberto DaMatta<sup>125</sup> sugere que textos literários podem ser interpretados como textos “deslocados”. E, como tal, tendo o poder de minimizar constrangimentos. Nesse sentido,

[se] uma sociedade normalmente não permite falar de sexo, a literatura fala e comenta, ‘escandalosamente’, de valores, situações e relações sociais, vivenciadas nos interstícios sociais, mas que estão envoltas em tabus e mistérios que os indivíduos não ousam discutir ou executar, a não ser junto com seus pares ou em espaços considerados socialmente como privados.<sup>126</sup>

Essas coisas podem ser facilmente compreendidas, por exemplo, por quem já leu *Amar, verbo intransitivo* (1927), do romancista Mário de Andrade,<sup>127</sup> onde a temática da sexualidade – mais especificamente, a questão da preocupação do pai (no caso, do jovem Carlos) com a iniciação na vida sexual de seu filho – é tratada de forma ampla, mostrando que no pretérito, que não está tão distante assim, a iniciação na vida sexual de um filho, era uma preocupação e deveria ser dirigida pelo pai. Tanto que, as escusas da mãe de Carlos, Fraülein Elza é contratada para “iniciá-lo no amor”, afim de não permitir que Carlos se tornasse um “perdido”. Nos dizeres de seu pai.

Ainda para ficar com a questão da iniciação masculina na vida sexual, entre nós, *Jogos Infantis* (1986), do escritor paraense (já citado anteriormente) Haroldo Maranhão,<sup>128</sup> também permite essa interpretação do texto literário como texto “deslocado”.

O livro apresenta 15 narrativas na forma de contos, cuja temática mais recorrente é a iniciação na vida sexual de homens. Há nos contos, uma espécie de descrição etnográfica que encanta pela maneira como é criado o narrador de cada história. Estes presentificam um passado mantendo com o leitor uma relação de cumplicidade, já que as narrativas são contadas em primeira pessoa do singular, de acordo com o ponto de vista do narrador e os fatos ocorridos no pretérito.

Desta forma, ao contar, no presente, os fatos, o narrador de cada conto vai mostrando espaços antigos, desenhando ruas, rostos, pernas e nádegas. Com sutileza, vai experimentando emoções buscadas na memória. Instala-se, com a leitura do livro, um encontro com coisas prenes

<sup>125</sup>Cf. DaMATTÁ, Roberto. **Carnavais Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

<sup>126</sup>Cf. CORRÊA, Ivone Maria Xavier de Amorim. *A obra literária como etnografia: notas reflexivas sobre o livro jogos infantis de Haroldo Maranhão*. In **Revista Asas da Palavra**. Belém: UNAMA, 1999. p.113

<sup>127</sup>Cf. ANDRADE, Mário. **Amar, verbo intransitivo**. 8 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, [1927]1980.

<sup>128</sup>Cf. MARANHÃO, Haroldo. **Jogos Infantis**. Op. cit.

de significados. Percorrendo suas páginas é possível, também, algumas vezes, enveredar por aquilo que está expresso sem precisar estar escrito; no entanto, um olhar mais apurado consegue enxergar.

Da mesma forma, diferentes facetas da masculinidade também são apresentadas na obra de um dos mais importantes literatos brasileiros do século XIX, Bernardo Guimarães. Focados nesta questão, os educadores Luciano Mendes de Faria Filho e Mateus da Cruz e Zica, como resultado de pesquisas que vêm desenvolvendo na área da História da Educação,<sup>129</sup> entre outras coisas, têm procurado perceber, em diversas obras do literato Bernardo Guimarães, como este autor constrói as relações de gênero e produz representações sobre homens e mulheres, dando especial atenção às experiências de masculinidade entre os seus jovens personagens.<sup>130</sup>

No que tange a educação, seus jovens personagens masculinos ora têm uma formação desregrada, ora são educados em seminários. Ambas, no entanto, quer arquitetadas pela família ou pela igreja, objetivavam forjá-los na posição que lhes era cobrada desde a infância: autonomia e coragem.

À guisa de exemplos: Elias – de *O Garimpeiro* (1872)<sup>131</sup> – é, entre seus personagens, o que melhor sorte tem na vida, embora sobre sua formação regular nada seja dito no texto; Maurício – de obra do mesmo nome (1877)<sup>132</sup> – embora tenha sido educado em seminário para ser um jesuíta, mostra-se um rebelde indomável contra todo e qualquer jugo; Leôncio – o vilão de *A escrava Isaura* (1875)<sup>133</sup> – é jovem rico, que embora tenha sido encaminhado para estudos na Europa, por lá viveu situações pouco recomendáveis, o que o faz retornar ao Brasil pelo aceno de um bom casamento arranjado por seu pai; Gonçalo – de *O Ermitão de Muquém* (1869)<sup>134</sup> – é marcado pela ausência da direção familiar, filho de família abastada não se adéqua a educação regular tornando-se homem rude e perigoso; Eugênio – de *O Seminarista* (1872)<sup>135</sup> – encarna os efeitos da mudança

<sup>129</sup>Pesquisas, sobretudo em História da Educação, têm utilizado a literatura para chamar a atenção à construção e estruturação das relações de gênero, acentuando, sobretudo a experiência feminina. Valendo conferir, por exemplo: ALVES, Virginia Alves. *Práticas de leitura, escrita e educação no século XIX a partir da obra de Machado de Assis (1870-1880)*. Dissertação de Mestrado em Educação, apresentada à UNINCOR, 2007 e MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *Mulheres no mundo da casa: imagens femininas nos romances de Machado de Assis e Aluizio Azevedo*. In BRUSCHINI, Cristina; COSTA, Albertina de Oliveira. **Entre a virtude e o pecado**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. pp. 57/88.

<sup>130</sup>Cf. FARIA FILHO, Luciano Mendes de; ZICA, Mateus da Cruz e. *Masculinidades e experiências masculinas em Bernardo Guimarães*. In *Cadernos Pagu*. Nº. 34. jan/jun 2010. pp. 179/208.

<sup>131</sup>Cf. GUIMARÃES, Bernardo. **O Garimpeiro**. São Paulo: Ática, [1872]1980.

<sup>132</sup>Cf. GUIMARÃES, Bernardo. **Maurício**. São Paulo: Ática, [1877]1980.

<sup>133</sup>Cf. GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura**. São Paulo: Ática, [1875]1980.

<sup>134</sup>Cf. GUIMARÃES, Bernardo. **O Ermitão de Muquém**. São Paulo: Ática, [1869]1980.

<sup>135</sup>Cf. GUIMARÃES, Bernardo. **O Seminarista**. São Paulo: Ática, [1872]1980.

abrupta do ambiente familiar e dos prados de Congonhas do Campo, para o regime educativo enclausurado, monótono e compassado de um seminário jesuíta.

De uma forma ou de outra, perseguindo as trajetórias de crescimento destes jovens personagens masculinos de Bernardo Guimarães, percebemos indícios das hierarquizações características da masculinidade hegemônica, também no século XIX. Para esta análise, pareceu-me útil o conceito de “masculinidade hegemônica”, tal como vem sendo desenvolvido pelo cientista social australiano Robert William Connell e pelo antropólogo português Miguel Vale de Almeida.

No entender da primeira autora,<sup>136</sup> a masculinidade hegemônica é uma configuração de gênero que incorpora a resposta atualmente aceita para o problema da legitimação do patriarcado, garantindo a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres. Para esta autora, o modelo não aceitaria a existência de masculinidades, mas de uma masculinidade devidamente viril (com as mulheres), dominante, provedora e, de preferência, branca.<sup>137</sup>

Já para o segundo pesquisador, a masculinidade hegemônica é percebida não como sendo o “papel” masculino, mas sim uma variedade particular de masculinidade que subordina outras variedades. “Se a fissura entre as categorias ‘homem’ e ‘mulher’ é um dos fatos centrais do poder patriarcal e da sua dinâmica, no caso dos homens, a divisão crucial é entre masculinidade hegemônica e várias masculinidades subordinadas”. Para tanto, várias masculinidades são construídas, não só pelas relações de poder, mas também pela sua inter-relação com a divisão do trabalho e com os padrões de ligação emocional. Daí, “(...) na empiria, se verificar que a forma culturalmente exaltada de masculinidade só corresponde às características de um pequeno número de homens”.<sup>138</sup>

Esta moral hegemônica, entre outras coisas erigiu, como sugerem os sociólogos especialistas em estudos de gênero Michael Scott Kimmel e Michael Alan Messner,<sup>139</sup> um muro de silêncio e

---

<sup>136</sup>Robert Connell submeteu-se à cirurgia para “mudança de sexo” e, bem recentemente, vem publicando ou reeditando suas produções com a assinatura de Rayween Connell, seu nome atual.

<sup>137</sup>Um melhor entendimento sobre o conceito de masculinidade hegemônica desta autora pode ser conferido, entre outros textos, em: CONNELL, Robert. *La organización social de la masculinidad*. In VALDES, Teresa; OLAVARRIA, José (Orgs.). **Masculinidad/es: Poder y Crisis**. Santiago: ISIS/FLACSO/Ediciones de las Mujeres, 1997. pp. 31/48 e CONNELL, Robert *Políticas da Masculinidade*. In **Educação & Realidade**. V 2. Nº. 20. pp. 185/206.

<sup>138</sup>Cf. ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa, Fim do Século, 2000. pp. 149/150.

<sup>139</sup>Cf. KIMMEL, Michael Scott; MESSNER, Michael Alan. **Men's Lives**. Nova Iorque: MacMillan Publishing, 1989.

invisibilidade impedindo que se enxergassem as conseqüências desta masculinidade tradicional e se notasse a existência de mal-estar e sofrimentos nos homens, inclusive os que implicam na sua saúde, visto que seu contexto é aquele em que

[o] desejo e a capacidade de cuidar desaparecem durante a socialização do homem em um mundo em que esse modelo hegemônico faz questão dele ter poder, autonomia, força, racionalidade e repressão das emoções; contexto em que está posta a necessidade dos homens de ‘provar e provar-se’ sexualmente, privada e publicamente, para confirmar sua própria identidade masculina, e definir-se como ‘não maricas’.<sup>140</sup>

Esse discurso da sexualidade na formação do masculino percorre a literatura de Bernardo Guimarães, que embora pouco conhecida dos leitores brasileiros, também possui uma literatura erótica e satírica. Entre suas obras mais importantes, neste segmento, está o poema *O Elixir do Pagé* (1875).<sup>141</sup> Nele, o *eu-lírico* faz infinitas referências e lamentações a situação de seu pênis, demonstra obsessão pelas virgens, deseja o benefício do elixir conta a impotência sexual, alude ao órgão genital com metáforas bélicas, mostra preocupação exacerbada pela quantidade de relações sexuais, etc. No entanto, ao fim do poema, percebe-se através da voz masculina que faz tantas alusões às mulheres, certo deslocamento de foco para os homens. Fazendo entrever, mesmo que de soslaio, que aquilo “(...) que parece estar por detrás dessa perseguição ao sexo oposto, buscado de maneira incansável, é a admiração dos outros homens”.<sup>142</sup>

Tal comportamento é típico de homens que participam de uma dinâmica identitária que se sustenta, em última instância, na busca pela admiração dos pares que, por sua vez, participam também desta mesma lógica. Ou, porque não, dos que aprenderam as regras do jogo e que foram estimulados desde cedo a jogá-lo.<sup>143</sup>

As trajetórias dos personagens construídos e dados a ler na obra literária de Bernardo Guimarães, mais especificamente, personagens jovens do sexo masculino na estruturação de suas identidades de gênero, não deixam continuamente de nos remeter às angústias pessoais que os acompanham num mundo em que a lógica dos adultos tenta continuamente impor escolhas que, em

<sup>140</sup>Cf. KORIN, Daniel. *Novas perspectivas de gênero em saúde. Adolescência Latinoamericana*. V 2. Nº. 2. Porto Alegre: ASBRA/SASIA/CENESPA, Março de 2001. p. 70.

<sup>141</sup>Cf. GUIMARÃES, Bernardo. *Poesia Erótica e Satírica*. Rio de Janeiro: Imago, [1875]1992.

<sup>142</sup>Cf. FÁRIA FILHO, Luciano Mendes de; ZICA, Matheus da Cruz e. *Masculinidades e experiências masculinas em Bernardo Guimarães*. Op.cit. p.188.

<sup>143</sup>A importância dos jogos na dimensão da socialização masculina nos é referida por Pierre Bourdieu, designando-os como “jogos de dominação”, valendo conferir: BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

última instância, refletem também suas próprias angústias, medos e incertezas. No entanto, mesmo diante desse cerceamento, percebe-se que esses personagens fazem escolhas, defendem suas convicções e investem em projetos de futuro. Portanto, como na vida real, às vezes as escolhas são trágicas, os meios são violentos, os projetos malogrados. Outras vezes não.

Nesse mesmo diapasão, de identidades de gênero, urdiduras da homossexualidade masculina, é possível dizer, estão presentes na literatura<sup>144</sup> do romancista Guimarães Rosa, que de maneira singela e real demonstra as características humanas diante das ações e das sensações que se é induzido a realizar e conviver dentro de relações com indivíduos semelhantes. Neste sentido, é possível dizer, também, que *Grande Sertão Veredas* (1956) é um reflexo do que somos.<sup>145</sup>

Dentro do contexto do sertão, por exemplo, Riobaldo um jagunço que ama a sua terra e anseia por justiça, possui temores e dúvidas referentes às suas convicções políticas, religiosas e sexuais. Diadorim é uma mulher que para vingar a morte de seu pai, passa a se vestir e agir como um homem, caso contrário não conseguiria entrar na guerra. Sua identidade permanece oculta até a hora de sua morte, e é exatamente esta faceta que irá revelar a magnitude humana.

Diadorim será uma metáfora para a mulher dos tempos modernos: corajosa, decidida, forte, que luta por seus ideais e quer conquistar sua independência como mulher naquela sociedade machista. O fato de a personagem se caracterizar de homem não permite que ela deixe sua feminilidade, nesse momento em que mundos masculinos e femininos, através de interação forçada pela imposição do meio, passam a coexistir. Ideais masculinos e femininos passam a se complementar, o que faz com que os jagunços muitas vezes não entendam aquele “homem” por completo e deixam Riobaldo conturbado pelo que ele passa a sentir por seu “amigo”.

Ao desenrolar da guerra, Riobaldo e Diadorim desenvolvem uma bela amizade, o tempo vai passando, esse sentimento cresce, diferencia-se e cria dúvidas e confusões, pois Riobaldo não entende o que sente. Como nunca tinha tido grandes amizades com homens, o jagunço acaba pensando que ama aquele “amigo”, porém vivendo numa sociedade machista e pré-conceituosa, um homem não poderia amar outro homem.

---

<sup>144</sup>Entendo que o grande objetivo da literatura seja buscar através de uma auto-reflexão e estudo, respostas para as inquietações humanas.

<sup>145</sup>Cf. ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão – Veredas**. 20 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1956] 2005.

A sociedade impõe ao homem conceitos que ele desconhece até o momento de conhecê-los e enfrentá-los de fato. Desta forma, a homossexualidade é uma relação muito rejeitada em nossa sociedade, justamente pelo fato de as pessoas não interpretarem esse sentir. Na obra em análise, Riobaldo ama o que de fato Diadorim é, e esta é, sem dúvida, uma das maiores dádivas humanas. Riobaldo admira a bondade, a honestidade de seu “amigo”, surpreende-se com a força que mostrava perante os obstáculos daquela guerra. As conversas com Diadorim o acalmam, dão força, o fazem querer ser um homem melhor, tantos dizeres, tantas ações que ele nunca havia percebido em um homem, o surpreendem, ele aprende. Em momento algum as personagens desenvolvem sentimentos que nós, homens e mulheres, não desenvolvamos por pessoas do mesmo sexo. Afinal, o que nos faz querer e respeitar uma pessoa, são os sentimentos que ela possui, são características que almejamos e não possuímos ou não conseguimos compreender.

Não existe uma única verdade, um único conceito, uma única beleza, nada é igual, o processo de mudança é constante e essencial para que se cresça e aprenda. Em nossa sociedade, na consciência de cada indivíduo deve estar a certeza de que somos diferentes por sermos humanos, por estarmos sujeitos à realidades e situações diversas. O contexto em que nos encontramos nos faz agir e pensar de uma certa forma. Estamos susceptíveis a várias provações sendo que a maior delas é compreender o imenso e complexo mundo humano. Em nossa sociedade, pode-se dizer que falta um pouco mais de compreensão. É só a partir dela, que diferenças serão fatores de aprendizagem e crescimento.

A escolha destas obras literárias, como exemplo de textos “deslocados”, não se deu ao acaso. Por entender que o grande objetivo da literatura seja buscar através de uma auto-reflexão e estudo, respostas para as inquietações humanas (como já referi), vi nas obras em referência proximidade com questões centrais abordadas por mim neste escrutínio etnográfico: sexualidade juvenil, paternidade juvenil e homossexualidade masculina.

Assim, penso ser possível dizer que este olhar aguçado é fundante para quem tem como profissão unir momentos da vida social com etnografia. Metaforicamente, ousou dizer que quem pretende fazer tal casamento, há que ter olhos treinados para transcender os limites do aparente. Ou, como sugere o polímata italiano Leonardo da Vinci, entender que o olhar existe para alcançar lugares distantes aonde o corpo, às vezes não chega. Questionando, mais ainda, diz ele: “Não vês



que o olho abraça a beleza do mundo inteiro? É janela do corpo humano, por onde a alma especula e frui a beleza do mundo, aceitando a prisão do corpo que, sem esse poder, seria um tormento”.<sup>146</sup>

No entanto, este esgarçamento no olhar requer se deixar possuir pelo “pasma essencial” de que nos fala o poeta português Fernando Pessoa:

O meu olhar é nítido como um girassol. Tenho o costume de andar pelas estradas olhando para a direita e para a esquerda, e de vez em quando olhando para trás... E o que vejo, a cada momento, é aquilo que nunca antes eu tinha visto. E eu sei dar por isso muito bem... Sei ter o pasmo essencial que tem uma criança se, ao nascer, reparasse que nascera de veras... Sinto-me nascido a cada momento para a eterna novidade do mundo.<sup>147</sup>

Desta maneira, tal qual literato, o etnógrafo há que ter perspicácia para capturar esses momentos. Eles são, às vezes, pequenos detalhes, filigranas que podem ser capturadas – e passíveis de ser interpretadas (como mencionamos anteriormente) – na sutileza de alguns momentos da vida social, que possibilitam casá-los com etnografia.

O domínio desta alquimia, ou parafraseando o antropólogo Vagner Gonçalves da Silva,<sup>148</sup> desta magia (dita por ele), que marca o fazer antropológico, faz com que o ofício do etnógrafo seja similar ao ofício do garimpeiro, que com destreza e paciência, busca suas preciosidades, por vezes, em territórios inóspitos.

Mas não basta apenas ter o olhar aguçado, a destreza e a paciência para saber garimpar momentos e casá-los com etnografia. Da mesma forma, e agora tal qual um ourives, também é necessário ao etnógrafo habilidade e precisão na tessitura do que foi garimpado,<sup>149</sup> uma vez que a lapidação do texto etnográfico envolve delicadezas epistemológicas.<sup>150</sup>

<sup>146</sup>Cf. RIBAS, João Baptista Cintra. *O olhar*. In GUERREIRO, Silas. **Antropos e Psique: o outro e sua subjetividade**. São Paulo: Olho d'Água, 2001. p. 87.

<sup>147</sup>Idem.

<sup>148</sup>Cf. SILVA, Vagner Gonçalves da. **O Antropólogo e sua Magia: trabalho de campo e textos etnográficos nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras**. São Paulo: USP, 2000.

<sup>149</sup>“Etnografia tem aqui dois sentidos, de um lado a chamada observação de campo, o ‘trabalho de campo’ ou o ‘encontro etnográfico’, isto é, a relação pessoal entre o pesquisador e aqueles que estuda. De outro, a construção de um texto consistente no qual o pesquisador fala sobre alguém – aqueles que procurou entender – para alguém outro – a comunidade antropológica e/ou um público mais amplo. No trabalho de campo se realiza o encontro com a alteridade; no texto se realiza o esforço de dar sentido ao outro para nós, de traduzir uma cultura para outra”. Cf. WOORTMANN, Klaas. *Breve contribuição pessoal á discussão sobre a formação de antropólogos*. In **Série Antropologia**. Nº. 182. Brasília: UnB, 1995. p.5.

<sup>150</sup>Sobre tal questão, vale conferir, além do texto acima mencionado: GEERTZ, Clifford. **El antropólogo como autor**. Barcelona Paidós, 1989; CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. *A presença do autor e a pós-modernidade em Antropologia*. In **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo: CEBRAP. Nº. 21. julho de 1988. pp 133/157; CARDOSO DE OLIVEIRA,

Sendo assim, este olhar deve sempre estar em construção, já que o pressuposto fundamental da etnografia é a busca do ponto de vista do *outro* – no jargão antropológico, o ponto de vista do nativo – sobre seu sistema de valores, sua experiência de vida, seus pensamentos, emoções, sentimentos e práticas, coisas que constituem sua própria realidade existencial.

## 2. 2 Outros ares, outros mares: novas possibilidades para o escrutínio etnográfico

Nesse contexto, a antropologia interpretativista surge como aporte teórico. Inspirado na distinção *diltheiana*<sup>151</sup> entre ciências da natureza e ciências do espírito, Clifford Geertz, valendo-se do paradigma hermenêutico, anuncia o rompimento com as taxinomias e terminologias caras às *hard sciences* e insere a Antropologia na órbita das humanidades,<sup>152</sup> com a sua “teoria interpretativa da cultura”.

Para ele, a interpretação antropológica, concentra-se no significado que instituições, ações, imagens, elocuições, eventos, costumes, etc. têm para os seus “proprietários”. Debruçado, portanto, sobre os sistemas simbólicos construídos pelo homem, o interprete da cultura não apenas descreve o mundo social, mas penetra no complexo universo das significações que tornam a vida social inteligível.<sup>153</sup> E o faz não com o auxílio das regras do método, mas, sobretudo, pela interpretação do “fluxo do discurso social”, pela “leitura” dos “textos culturais”. É nessa perspectiva, por exemplo, que o autor toma e interpreta a briga de galos balinesa<sup>154</sup> - como um “texto”. “Texto” que diz algo do ponto de vista dos balineses, por intermédio da ação simbólica, vivida como drama.

“Texto” é na verdade, a palavra-chave na antropologia de Clifford Geertz. Em seu trabalho de campo, feito na Indonésia (Java e Bali) e no Marrocos procurou mostrar que o parentesco, o

---

Roberto, **O trabalho do antropólogo**. Op. cit.; PEIRANO, Mariza. **Uma Antropologia no Plural: Três Experiências Contemporâneas**. Brasília: UnB, 1992; PEIRANO, Mariza. **A Favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995; MARCUS, George. *O que Vem (Logo) Depois do Pós: O Caso da Etnografia*. In **Revista de Antropologia**. São Paulo: FFLCH/USP, V 37, 1994. pp. 7/31.

<sup>151</sup>No final do século XIX, Wilhelm Dilthey, foi um dos primeiros a fazer críticas sobre a continuidade das pesquisas numa perspectiva positivista de conhecimento dos fenômenos humanos e sociais. O seu argumento e o de tantos outros pesquisadores era o de que se deveria buscar uma metodologia diferente para as ciências sociais. A sugestão era que a investigação dos problemas sociais utiliza-se como abordagem metodológica a hermenêutica, que se preocupa com a interpretação dos significados, levando em conta cada mensagem e suas inter-relações. Cf. DILTHEY, Wilhelm. **Essência da Filosofia**. 3 ed. Lisboa: Presença, 1984.

<sup>152</sup>As linhas mestras de sua proposta interpretativa, apresentada ao público originalmente em 1973, podem ser conferidas em: GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Op. cit.

<sup>153</sup>Citando Ward Goodenough, *Ibidem*. p. 21 diz que “(...) a cultura está na mente e no coração dos homens”, mais ainda, a cultura de uma sociedade “(...) consiste no que quer que seja que alguém tem que saber ou acreditar a fim de agir de uma forma aceita pelos seus membros” .

<sup>154</sup>*Ibidem*. pp. 278/321.

formato da aldeia, o Estado tradicional, os calendários, a lei e a própria briga de galos podiam ser “lidos” como “texto”, ou para não soar estrídulo e acalmar os adeptos da literalidade, como “análogos de textos”; analogia explícita inspirada nas formulações do filósofo Paul Ricoeur<sup>155</sup> que, ao lado das imagens do jogo (Erving Goffman)<sup>156</sup> e do drama (Victor Turner),<sup>157</sup> contribui, na opinião do autor, para a reconfiguração da teoria social.

Advinda desse nascedouro, a antropologia de Clifford Geertz, está baseada num modelo filosófico que se caracteriza por uma tomada intersubjetiva, desmistificando muito daquilo que anteriormente passara sem questionamento na construção de narrativas, observações e descrições etnográficas. Contribuindo para uma crescente visibilidade dos processos criativos, poder-se-ia até dizer poéticos, pelos quais objetos culturais são inventados e tratados como significativos.

É desta maneira, que Clifford Geertz procurou “ler” a cultura como um “texto”. “Texto” este, enredado numa tessitura de significados, elaborados socialmente pelos homens, sendo a sua exegese, o ofício da Antropologia. Assim, adaptou a teoria de Paul Ricoeur ao trabalho de campo antropológico, onde aparece uma relação necessária entre o “texto” e o mundo. A interpretação antropológica configuraria, portanto, uma “leitura” “por sobre os ombros do nativo” que faz a leitura de primeira mão da cultura<sup>158</sup>.

Com esse aporte teórico, inicia-se um movimento, ao mesmo tempo teórico e metodológico, denominado de “antropologia simbólica”, que para Clifford Geertz, tendo como referência às idéias do sociólogo Max Weber, é um empreendimento essencialmente hermenêutico, preferindo o autor, dessa forma, chamá-lo de Antropologia Interpretativa.

Uma antropologia na busca do significado, onde a cultura seria pensada como um padrão historicamente transmitido, de significados incorporados em símbolos; um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seus conhecimentos e suas atitudes acerca da vida. Portanto, como

---

<sup>155</sup>Paul Ricoeur faz a análise hermenêutica via a lingüística. É considerado, por alguns, como o filósofo do sentido, por fazer investigações dos diversos usos da linguagem enquanto discurso significativo, fazendo incidir a análise fenomenológica-hermeneutica sobre a análise lingüística, fornecendo bases para que se “olhe” a cultura como um conjunto de “textos” a serem interpretados. Para esse autor, a interpretação é um processo de desvelamento de novos modos de ser, proporcionando ao sujeito uma nova capacidade de conhecer a si mesmo. O autor/interprete vê-se como participante de uma cultura e de uma realidade histórica. Cf. RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Lisboa: Edição 70, 1976.

<sup>156</sup>Cf. GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975.

<sup>157</sup>Cf. TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Op. cit.

<sup>158</sup>Cf. GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Op. cit.

“texto” socialmente elaborado e como contexto, no interior do qual as ações sociais podem ser descritas de forma inteligível, ou seja, “com densidade”.

A etnografia seria definida então, como “descrição densa”, e concebida como tarefa eminentemente interpretativa e – é bom lembrar – microscópica, o que levaria a teoria a manter-se mais próxima ao terreno.

Olhar as dimensões simbólicas da ação social – arte, religião, ideologia, ciência, lei, moralidade, senso comum – não é afastar-se dos dilemas existenciais da vida em favor de algum domínio empírico de formas não-emocionalizadas; é mergulhar no meio delas. A vocação essencial da antropologia interpretativa não é responder às nossas questões mais profundas, mas colocar à nossa disposição as respostas que outros deram – apascentando outros carneiros em outros vales – e assim incluí-las no registro de consultas sobre o que o homem falou.<sup>159</sup>

Esses “tateios desajeitados” das interpretações culturais são mostrados por este autor,<sup>160</sup> talvez de forma mais adequada, na coletânea de ensaios (fruto da participação do autor em simpósios, conferências e debates, em lugares e épocas diversos), reunidos sob o título *O Saber Local: novos ensaios de antropologia interpretativa*, publicado originalmente em 1983.<sup>161</sup>

Sendo assim, todo o esforço do autor, não só na obra em questão, mas em toda sua produção acadêmica, visa demonstrar que “(...) o estudo interpretativo da cultura representa um esforço para aceitar a diversidade entre as várias maneiras que seres humanos têm de construir suas vidas no processo de vivê-las”.<sup>162</sup>

Esse esgarçamento de fronteiras que este autor sugere, convida ao exercício da busca de possibilidades. A partir da “crença” de que o *outro* existe como legítimo, pensá-lo como interlocutor com possibilidade de diálogo. Pode-se dizer que para este autor, o conceito de cultura é essencialmente semiótico, na medida em que a cultura é abordada como teias de significados tecidas pelo próprio homem e por sua análise.

---

<sup>159</sup>Ibidem. pp. 40/41.

<sup>160</sup>Autor que esgarçou e ultrapassou as fronteiras disciplinares, influenciando e dialogando com outras áreas, abrindo espaços para discussões, polêmicas e redefinições. Valendo conferir sobre isso, os vários ensaios que compõem a obra GERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Op. cit. Bem como: **Obras e Vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007 e **Observando o Islã: o desenvolvimento religioso no Marrocos e Indonésia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

<sup>161</sup>Cf. GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Op. cit.

<sup>162</sup>Ibidem. p. 29.

Quando vista como um conjunto de mecanismos simbólicos para controle do comportamento, fontes de informação extra-somáticas, a cultura fornece o vínculo entre o que os homens são intrinsecamente capazes de se tornar e o que eles realmente se tornam, um por um. Tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas.<sup>163</sup>

Partindo desse ponto de vista, a antropologia cultural não seria uma ciência experimental à procura de leis, mas uma ciência interpretativa, em busca de significados. Nessa perspectiva, se quisermos refletir, ou ainda, se quisermos fazer uma etnografia de determinado grupo, devemos olhar o que seus participantes fazem e analisar os significados que atribuem a suas práticas. Portanto:

(...) a etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato, (...) é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico... escrever seu diário. Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.<sup>164</sup>

Desta maneira, o autor está contrapondo-se a toda a antropologia até então fundamentada nos preceitos positivistas, que buscavam de maneira geral, um procedimento “objetivista” de explicação de um dado fenômeno cultural.

Denominada pelo próprio autor, como Antropologia Interpretativa, sua teoria, como já fora dito anteriormente, busca “ler” a cultura como um “texto”, ou seja, não mais irá buscar códigos e sim possibilidades para a interpretação dos “nativos” ou do *outro*. O que faria então, o antropólogo, com base nesse novo aporte teórico, seria escrever uma interpretação. Uma leitura sobre o que o *outro* está dizendo.

Sendo assim, a Antropologia Interpretativa, podemos dizer, representa uma reação ao “objetivismo” imposto à análise da vida cultural; que, para seu autor, esbarra na promessa de uma suposta previsibilidade dos fenômenos sociais que nunca foram alcançadas, o que para este autor é o grande equívoco de seus predecessores. Dito por ele mesmo:

<sup>163</sup>Cf. GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Op. cit. p. 64.

<sup>164</sup>Ibidem. p. 20.

[d]ez anos atrás, a sugestão de que fenômenos culturais pudessem ser tratados como sistemas significativos, capazes de propor questões expositivas, era muito mais alarmante para os cientistas sociais do que é agora, visto sua tendência a serem alérgicos a qualquer coisa literária ou inexata. Em parte, no entanto, é resultado de um reconhecimento crescente de que a física social de leis e causas – a abordagem tradicional com que esses fenômenos sempre foram tratados – não estava alcançando resultados muito positivos em termos de predições, do controle e da verificabilidade que há muito vinham sendo prometidos em seu nome.<sup>165</sup>

Sua posição caracteriza-se (em contraposição a esse “objetivismo”) por uma tomada intersubjetiva, mas lançando-se sobre uma base objetiva, isto é, essa orientação permite ao pesquisador uma descrição etnográfica “densa” e, desta maneira, penetrar no universo simbólico do *outro*, sem cair no risco do objetivismo que tenciona buscar leis, códigos e estruturas. É assim que, apoiando-se na semiótica, como já fora mencionado, o autor acredita como Max Weber “(...) que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”.<sup>166</sup> Onde a cultura, portanto, seriam essas teias.

O que este autor nos ajuda a perceber, é que entre as ações realizadas e os diversos e possíveis significados a elas atribuídas por seus participantes, existe “(...) uma hierarquia estratificada de estruturas significantes”,<sup>167</sup> em torno das quais as ações são percebidas e interpretadas pelos atores. O objetivo da etnografia seria, portanto, desvendar essa hierarquia, a fim de compreender o significado das práticas que têm como objeto de observação. E sobre a tarefa do etnógrafo, afirma o autor:

(...) no estudo da cultura a análise penetra no próprio corpo do objeto – isto é, começamos com as nossas próprias interpretações do que pretendem nossos informantes, ou o que achamos que eles pretendem, e depois passamos a sistematizá-las – (...) os textos antropológicos são eles mesmo interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão (...) somente um nativo faz a interpretação em primeira mão: é a sua cultura.<sup>168</sup>

---

<sup>165</sup>Cf. GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Op. cit. pp. 9/10.

<sup>166</sup>Cf. GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Op. cit. p. 15.

<sup>167</sup>Ibidem. p. 17.

<sup>168</sup>Ibidem. p. 25.

Portanto, o que o antropólogo deve buscar no universo do *outro* é dominar instrumentos de comunicação (mesmo uma expressão corporal), imprescindíveis ao “entrosamento” do pesquisador no grupo pesquisado. Esses instrumentos (signos, símbolos) serão a via de acesso à maneira como esses vêem e sentem o mundo.

Para Clifford Geertz, compreender um universo simbólico significa compartilhá-lo. Essa apreensão só se efetiva com uma prolongada incursão a campo. Apenas dessa maneira, esses dados serão compreendidos. Dessa maneira, o maior objetivo do antropólogo em campo consiste – dentro de um agrupamento aparentemente incontrolável de frases, gestos, palavras – em trazer a tona códigos-chaves, responsáveis pela produção e reprodução da cultura do grupo. Esses códigos abrirão o portal de entrada para o universo simbólico do pesquisado, e ao mesmo tempo, como se o antropólogo estivesse na frente de um espelho, denotarão como esse contato intersubjetivo pode proporcionar ao pesquisador a compreensão da grande questão da Antropologia, ou, parafraseando o próprio autor: por que os homens fazem o que fazem?

Para utilizar a análise antropológica proposta por este autor, como forma de conhecimento, precisamos antes de qualquer coisa, compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática etnográfica. Selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos e manter um diário são as técnicas e os procedimentos que definem o empreendimento central, que é elaborar uma “descrição densa”. Dessa forma, uma descrição, ainda que densa, é uma das possíveis leituras de um discurso ou de uma situação em análise, uma vez que:

[a] análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa. É uma ciência estranha, cujas afirmativas mais marcantes são as que têm a base mais trêmula, na qual chegar a qualquer lugar com um assunto focado é intensificar a suspeita, a sua própria, e a dos outros, de que você não o está encarando de maneira correta. Mas essa é que é a vida do etnógrafo, além de perseguir pessoas sutis com questões obtusas.<sup>169</sup>

Como quer este autor, muitas vezes na tentativa de estabelecer um diálogo com seus interlocutores, entrevistá-los, observar seu cotidiano, imiscuir-se em suas vidas, enfim realizar seu trabalho de campo, o etnógrafo enfrenta as mais variadas situações. Posto que seus informantes/interlocutores estão ocupados em tecer esses intangíveis enredos de vida feitos de

---

<sup>169</sup>Ibidem. p. 39.

sentidos, sentimentos, emoções e contradições, nem sempre traduzíveis ou instantaneamente resumíveis.

Um exemplo disto, se expressa na minha relação com **Adonis**, que por trabalhar pela manhã e parte da tarde, nossos encontros, na maioria das vezes, aconteceram em sua residência, pelo período da noite. Por morar na casa dos familiares de sua parceira, nem sempre nossas conversas fluíram como eu gostaria. A presença de outras pessoas dava para perceber, filtravam suas falas. Da mesma forma, por vezes, também me faziam ser menos incisivo nos questionamentos. No entanto, esses nossos constrangimentos, serviram-me de objeto para análise. O fato de não morar em sua própria casa, com sua filha e parceira, gera um incômodo facilmente perceptível. Da mesma forma, o fato de não ter oficializado, pelo casamento, sua união com sua parceira, gera da parte dela uma insegurança e/ou desconfiança. Digo isso, pela insistência de sua presença em quase todos os momentos de meus encontros com seu parceiro. Nesses momentos pude perceber, por sua articulação corporal, expressões de discordâncias e dúvidas. Não com relação aos compromissos de seu parceiro para com sua filha, mas com relação a ela mesma. Muito embora saibamos que nesses casos, “(...) a emoção ou o sentimento jamais se compõem de uma única tintura, frequentemente eles são mesclados e oscilam de uma tonalidade à outra, marcados pela ambivalência”.<sup>170</sup>

Mas, ciente de que nada se perde numa empreitada dessa natureza, é preciso por parte do etnógrafo, uma dose muito grande de habilidade para poder desenvolver a contento seu trabalho de campo. Afinal, como interprete, há que se aprender a dedilhar uma composição sobre um teclado de emoções.

### **2.3 O que vem depois do novo: inquietações e críticas à etnografia – outra onda**

Vale ressaltar que às etnografias clássicas e ao modelo *geertziano*, a partir dos meados dos anos 80 do último século, uma crítica tem sido feita; crítica esta chamada de pós-moderna.

Segundo a antropóloga, Teresa Pires do Rio Caldeira,<sup>171</sup> autores críticos pós-modernos como James Clifford, George E. Marcus, Dick Cushman, Talad Asad, James Boon, Kevin Dwyer entre outros, admitem que a Antropologia Interpretativa, ao conceber as culturas como “textos” e a análise antropológica como interpretação sempre provisória, rompeu com o modelo clássico de

<sup>170</sup>Cf. LE BRETON, David. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 208.

<sup>171</sup>Cf. CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. *A presença do autor e a pós-modernidade em Antropologia*. Op. cit.



etnografia. No entanto, a autora lembra que para esses autores críticos pós-modernos, esse rompimento foi apenas parcial, uma vez que, “[a] interpretação seria ainda sobre uma outra cultura entendida como entidade autônoma e separada do antropólogo, e uma atividade que re-elabora a experiência e recria a totalidade”.<sup>172</sup>

Dessa forma, para os autores críticos pós-modernos, “(...) a etnografia não deve ser uma interpretação sobre, mas uma negociação com, um diálogo, expressão das trocas entre uma multiplicidade de vozes”.<sup>173</sup>

No entanto, segundo o antropólogo George Marcus,<sup>174</sup> estas críticas não se constituem em um modelo e, muito menos em um paradigma. Mas, ainda que fossem, é bom lembrar que, conforme sugere Roberto Cardoso de Oliveira,<sup>175</sup> na Antropologia como nas ciências sociais em geral, os paradigmas coexistem no tempo, mantendo-se todos e cada um ativos e relativamente eficientes. Sendo assim, muitos dos mais celebrados antropólogos de ontem e de hoje não se filiam de maneira nítida a nenhum dos paradigmas, “(...) transitam, consciente e criticamente, entre os paradigmas, entre as Escolas”.<sup>176</sup>

Em outro momento, esse mesmo autor diz:

(...) a marca do exercício moderno da interpretação e que não posso deixar de destacar, uma vez que, a rigor, não apenas a boa etnografia capta versões que os próprios atores sociais ou sujeitos da pesquisa produzem sobre suas experiências vitais, os *discursos nativos*, mas também o pesquisador produz sua versão ou seu ponto de vista ainda que abrigado em um paradigma, ou corpo teórico ou tradição intelectual, isto é, inapelavelmente comprometido com o seu discurso científico.<sup>177</sup>

As questões pertinentes às bases de como pensar o *outro* e da autoria etnográfica, são antigas na Antropologia.

Qualquer um que já tenha vivido com tribos primitivas partilhando de suas alegrias e tristezas, suas privações, que vê neles não apenas objetos de estudos para serem examinados como uma célula sob um microscópio, mas seres humanos que sentem

<sup>172</sup>Ibidem. p. 141.

<sup>173</sup>Idem.

<sup>174</sup>Cf. MARCUS, George E. *O que vem (logo) depois do pós: o caso da etnografia*. Op.cit.

<sup>175</sup>Cf. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O pensamento antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1980.

<sup>176</sup>Ibidem. p.23.

<sup>177</sup>Cf. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Da comparação: a propósito de Carnavais, malandros e heróis*. In GOMES, Laura Graziela et al. **O Brasil não é para principiantes: Carnavais, malandros e heróis, 20 anos depois**. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 38.

e pensam, concordará que não existe uma coisa tal qual uma mente primitiva, uma maneira mágica ou pré-lógica de pensar, mas sim que cada indivíduo numa sociedade primitiva é um homem, uma mulher, uma criança da mesma espécie, com o mesmo modo de pensar, sentir e agir como homem, mulher ou criança da nossa própria sociedade.<sup>178</sup>

Dessa forma, percebe-se que a crítica feita por alguns autores pós-modernos, por vezes sugere radicalizações, sobre alguns aspectos que já foram colocados pela Antropologia Cultural em momentos passados. Mostrar isso parece ser a principal preocupação de Tereza Pires do Rio Caldeira, em seu artigo *A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia*, citado anteriormente. Nele, encontram-se muitas das inquietações, das críticas e das propostas de etnografias feitas por alguns antropólogos, ditos, “pós-modernos”.

Na mesma direção caminha a antropóloga Mariza Peirano,<sup>179</sup> que busca compreender os motivos para críticas tão fortes e para a desconstrução dos “mitos” de antropólogos clássicos. Bem como, colocando-se *A favor da etnografia*, comenta que passado pouco mais de um século, ainda questiona-se a cientificidade da etnografia. Pode-se dizer, pela orientação desta autora, que esta mudança é mais aditiva que substantiva, em palavras, “(...) quando novas idéias, novos objetos ou novas práticas aparecem, coexistem com outros mais velhos, em vez de os expulsar”.<sup>180</sup>

Sendo assim, desde a refutação feita pelo referencial antropólogo Bronislaw Malinowisk à “antropologia de gabinete”,<sup>181</sup> advogando a “observação participante”, definida por ele como a convivência íntima e prolongada do pesquisador com seus “informantes nativos”, que um determinado tipo de relação vem se estabelecendo.<sup>182</sup> Relação essa, na qual o antropólogo se coloca como um instrumento de pesquisa e, de acordo com Vagner Gonçalves da Silva, ela vem “(...) proporcionando à antropologia a perspectiva intersticial (o olhar desde dentro) que é sua ferramenta básica, sua marca registrada, desde então”.<sup>183</sup>

<sup>178</sup>Cf. BERNARDO, Teresinha. **Memória em branco e negro: olhares sobre São Paulo**. São Paulo: EDUC/UNESP, 1998. p.36.

<sup>179</sup>Cf. PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Op. cit.

<sup>180</sup>Cf. BURKE, Peter. **O historiador como colunista: ensaios da Folha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 230.

<sup>181</sup>Cf. MAILINOWISK, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril, [1922]1984.

<sup>182</sup>Vale ressaltar, só para citar alguns exemplos, que Bronislaw Malinowski não foi certamente, o único a defender a necessidade do trabalho de campo. Lewis Henry Morgan, no que pese ter sido um teórico evolucionista, manteve contatos com grupos por ele descritos. Franz Boas, da mesma forma, também desenvolveu trabalho de campo entre os esquimós e os indígenas norte-americanos.

<sup>183</sup>Cf. SILVA, Vagner Gonçalves da. **O Antropólogo e sua Magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras**. Op. cit. p.13.

Nas últimas décadas, o tema do trabalho de campo, seus limites e os objetivos do texto etnográfico têm sido discutidos com mais virulência pelos críticos pós-modernos. “(...) as preocupações desses etnógrafos (ou meta-etnógrafos) recaíram sobre questões relativas ao próprio processo de produção das representações antropológicas”.<sup>184</sup>

De uma forma ainda que resumida, entre outras, são preocupações dos críticos pós-modernos:

(... ) de que modo as condições de coleta dos dados de campo, ao envolver dimensões como a intersubjetividade e as relações de poder estabelecidas entre antropólogo e grupo estudado, afetam as interpretações produzidas e são referidas no próprio texto etnográfico – descrição? Ou seja, de que modo as relações ‘sujeito-objeto’ (como rotinas de pesquisas já consagradas) são transpostas de sua historicidade e influem na representação do outro que aparece nos trabalhos finais escritos? E mais, como pensar a pesquisa etnográfica quando o antropólogo (o ‘pesquisador-autor’ ou ‘tradutor’) escreve sobre e para a cultura da qual ambos, pesquisador e pesquisado, fazem parte e, muitas vezes, esse último, passando do papel de ‘personagem’ para o de leitor, pode discutir as representações que os pesquisadores fazem dele? Nesse caso, o que os grupos estudados têm a dizer sobre as imagens transmitidas pela etnografia? Como avaliam o processo de inserção dos antropólogos e quais as conseqüências que o discurso científico tem, efetivamente, sobre suas práticas sociais?<sup>185</sup>

O que não se deve, no entanto, perder de vista, é a máxima de que o antropólogo se faz no campo. E essa construção, advém das diferentes dimensões de relacionamentos do antropólogo no campo com os grupos estudados, do modo pelo quais esses relacionamentos se refletem na pesquisa e como se dá a passagem do campo ao texto etnográfico<sup>186</sup>. Tendo em mente, a lição já bem antiga e sempre atual, de que na pesquisa etnográfica há que se considerar os “(...) aspectos imponderáveis da vida real”.<sup>187</sup>

## 2.4 Na cidade ou em praias desertas: os imponderáveis da vida real

Como ciência, a Antropologia estabeleceu sua identidade por meio de uma abordagem metodológica, na qual a observação participante tornou-se o elemento central. Entre outras coisas, a ênfase está na coleta *in loco* dos dados. No entanto, há mais de um século, pesquisadores procuram

<sup>184</sup>Ibidem. p. 14.

<sup>185</sup>Idem.

<sup>186</sup>Sobre tal questão, vale conferir referencial trabalho: *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever*. In CARDDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. Op. cit.

<sup>187</sup>Cf. MAILINOWISK, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Op. cit. p.35.

distinguir a natureza “profissional” do trabalho realizado sob estas condições, das opiniões “leigas” dos missionários, viajantes, dos agentes coloniais e até mesmo de alguns especialistas que, embora tenham escrito longamente sob certos grupos, jamais estiveram pessoalmente entre eles.

Dada à natureza desse método de pesquisa, muitas referências a ele têm sido feitas ao longo dos vários períodos de desenvolvimento da Antropologia. No entanto, a partir da descolonização dos povos tradicionalmente estudados pela Antropologia, provocando uma mudança nas relações entre a sociedade dos antropólogos e a dos grupos pesquisados, o tema do trabalho de campo parece ter ressurgido, bem como, os limites e objetivos do texto etnográfico colocados em escrutínio.<sup>188</sup>

A etnografia é a forma pela qual os antropólogos procuram compreender as mais diferentes culturas. Seu pressuposto fundamental, não custa repetir, é a busca de descrever o ponto de vista nativo sobre seu sistema de valores, sua experiência de vida, pensamentos, emoções, sentimentos e práticas que constituem sua própria realidade existencial, sua cultura.

Portanto, o método etnográfico implica conhecer o *outro*, sendo que quando o *outro* faz parte da própria sociedade do pesquisador é preciso estranhar o familiar e assim descobrir o exótico no que está petrificado dentro de nós.<sup>189</sup>

Nesse sentido, a feitura desta pesquisa exigiu de mim este exercício em um duplo movimento. Por fazer parte da mesma sociedade de meus interlocutores e, de certa forma, por circularmos nos mesmos espaços de sociabilidade, tive que exorcizar algumas idéias já cristalizadas em mim, sobre os atores sociais com os quais objetivava a realização de minha investigação; bem como, sobre o próprio evento da paternidade juvenil. Da mesma forma, tive que exercitar o estranhamento – no sentido inverso – de me familiarizar com o exótico, visto que não vivenciei, como meus interlocutores, a experiência da paternidade.

Sendo assim, o desafio que se nos impõe no afã da construção do conhecimento antropológico, é o treino do olhar e a busca da sofisticação desse olhar, que também pode ser

---

<sup>188</sup> Além das referências já mencionadas sobre este debate, vale também conferir PEIRANO, Mariza. **A teoria vivida: e outros ensaios de antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

<sup>189</sup> Sobre esta questão vale conferir: DaMATTA, Roberto. *O Ofício do Etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”*. In NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980. pp 23/35. Podendo consultar também: DaMATTA, Roberto **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994

conseguida pelo seu deslocamento. Desta forma, quando se está envolvido/comprometido com a tessitura de uma pesquisa, a cada novo encontro com pessoas e fatos, a cada novo momento, fixa-se o impulso mesclado com o incentivo de ser encarado como um “campo” – embora momentâneo – de pesquisa. Assim, ainda que preso a afazeres do cotidiano se é desafiado a encarar esses momentos como se estivesse sempre a fazer pesquisa de campo. Esses momentos ainda que breves e plenos de improvisações, são repletos de significações; sendo denominados pela jornalista Cristina Tavares da Costa Rocha, como “momenta”. Ou seja, momentos de encontro de sociabilidade, os quais, embora breves, se revestem prenes de significado para o/a pesquisador/a.<sup>190</sup>

Esse jogo intrigante que o exercício etnográfico possibilita, faz com que o pesquisador ora se impregne totalmente do ponto de vista dos seus pesquisados, se desconstruindo, ora se afaste, de sorte a tornar possível a análise daquilo que foi levantado no campo.

Ao contrário do que acontece em outras ciências e mesmo nas outras ciências sociais, em que o analista e o pesquisador procuram o mais possível estar ausente da análise e da exposição dos dados, como meio de garantir uma posição neutra e objetiva legitimadora da cientificidade, o antropólogo nunca esteve ausente de seu texto e da exposição de seus dados. Ao contrário: produtor ele mesmo de seus dados, instrumento privilegiado de pesquisa, a presença do antropólogo profissional tanto no trabalho de campo quanto no texto etnográfico foi essencial para a construção do conhecimento antropológico (...) O outro só existe pela voz do antropólogo que esteve lá, viu e reconstruiu a cultura nativa enquanto totalidade em seu texto.<sup>191</sup>

Entendida como técnica legítima para a obtenção de dados com a profundidade necessária para a elaboração do texto etnográfico, a observação participante requer que o pesquisador realize uma imersão profunda no cotidiano de uma determinada cultura, por vezes, como já sugeria Bronislaw Malinowski: “(...) sozinho, rodeado apenas de seu equipamento, numa praia tropical próxima a uma aldeia nativa, vendo a lancha ou o barco que o trouxe afastar-se no mar até desaparecer de vista”.<sup>192</sup>

Desta forma, o ofício do etnógrafo, através desta sensação de abandono e da ansiedade que caracterizam o trabalho de campo, mostra o quanto que nele existe de imponderável e elíptico; daí a

<sup>190</sup>Cf. ROCHA, Cristina Tavares da Costa. *Gênero em ação: Rompendo o Teto de Vidro? Novos contextos da Tecnociência*. Tese de doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas apresentada à UFSC, 2006.

<sup>191</sup>Cf. CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. *A presença do autor e a pós-modernidade em Antropologia*. Op. cit. pp. 134/135.

<sup>192</sup>Cf. MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Op. cit. p.23.

enorme importância dada à observação participante e ao trabalho de campo, o que sugere uma maior reflexão sobre esse tema. Uma vez que, somente através desse processo é que o etnógrafo conseguirá compreender para interpretar o universo sociocultural, objeto de sua pesquisa.

Deve, portanto, o pesquisador, permitir-se “mergulhar” em campo para obter – ou “garimpar” – seus dados; e deles, aprender e apreender tudo o que puder, a partir do maior número possível de perspectivas, e obter informações muito gerais em lugar de dados limitados a uma visão estreita.<sup>193</sup>

O requisito básico de toda observação participante, contudo, reside na necessidade de que o cientista social ganhe a confiança das pessoas que estão sendo estudadas – de maneira que a sua presença não rompa o curso natural dos acontecimentos, ou nele interfira de algum modo – de forma que proporcionem respostas sinceras às suas perguntas, e não escondam, de sua vista, atividades importantes.<sup>194</sup>

Há, no entanto, que se estar atento para as armadilhas impostas por esta técnica, em determinados contextos, e buscar adaptá-la às necessidades da pesquisa que está sendo realizada. Bem como, existem fenômenos de grande importância que não podem ser captados em sua essência, pelo pesquisador, através de suas perguntas ou técnicas, a única maneira de apreendê-los é através da observação em sua plena realidade. Esses fenômenos ficaram rubricados na Antropologia como sendo “os imponderáveis da vida real”.<sup>195</sup>

Os registros desses imponderáveis da vida real devem ser efetuados em um diário de campo, onde o pesquisador irá narrar com acuidade todos os acontecimentos ocorridos dia após dia. As expressões próprias daquele grupo também serão anotadas, bem como os sentimentos do pesquisador.

Na feitura deste trabalho, não raro foram esses momentos. Alguns, aqui são compartilhados, outros ainda que não ditos/escritos, facilmente serão subtendidos na/pela tessitura do texto. Esses

---

<sup>193</sup>Esta densidade, caracterizada aqui como “mergulho”, remete a idéia de “tina” desenvolvida por LAPLANCHE, Jean. **A tina: a transcendência da transferência**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. Para quem, “tina” diz respeito à ambiência criada pelo pesquisador, em campo, para o contato e para a escuta. Clima intensivo, que remeteria, metodologicamente falando, muito mais para uma situação de encontro dialógico do que de entrevista. Esta pulsionalidade dos encontros, caracterizada como “tina”, também pode ser conferida em PAIVA. Antonio Cristian Saraiva. **Reservados e Invisíveis: o ethos íntimo das parcerias homoeróticas**. Op. cit. pp.100/104.

<sup>194</sup>Cf. BLALOCK JUNIOR. H. M. **Introdução à pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. pp. 50/51.

<sup>195</sup>Cf. MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Op. cit. p.75.

aspectos mais, digamos assim, “românticos” de nossa disciplina e suas implicações, são de nós conhecidos por referencial trabalho de Roberto DaMatta.<sup>196</sup>

E por que anotar os sentimentos do pesquisador? Podem perguntar os mais ortodoxos. Ora, o diário de campo servirá de base para a construção do texto etnográfico, de modo que as impressões muito particulares do pesquisador poderão ser mais bem compreendidas e eliminadas por ocasião da descrição do êmico, ou seja, das categorias dos pesquisados. Ressalte-se que, embora se procure eliminar a presença das categorias e dos sentimentos do pesquisador, quando se está descrevendo a visão dos pesquisados, isso não quer dizer que o pesquisador não tenha voz no texto etnográfico, muito pelo contrário, o que se procura é não misturar as duas falas, de modo que o êmico e o ético, ou seja, as categorias do pesquisador, não se confundam. No entanto, essa antinomia da natureza do entendimento antropológico, como sugere Clifford Geertz,<sup>197</sup> resulta sempre em um olhar imbricado, já que o pesquisador olha através dos ombros do nativo e o nativo é construído e constrói o pesquisador e demais nativos de sua cultura. Sendo, portanto, os textos etnográficos: construções das construções dos outros.

O que aqui é colocado em questão é justamente o fato de como o antropólogo pode assumir o ponto de vista do nativo sem necessitar de um “algo mais”, algo que signifique uma identificação transcultural entre pesquisador e nativo. É possível dizer que, nesse sentido, que várias formulações foram criadas baseadas em variadas oposições: descrições vistas de fora/vistas de dentro, descrições na primeira pessoa/na terceira pessoa, descrições fenomenológicas/objetivistas, descrições cognitivas/comportamentais, análises éticas/êmicas.

O que Clifford Geertz considera “a forma mais simples e direta de colocar a questão” foi, segundo ele, formulada pelo psicanalista austríaco Heinz Kohut, com os seus conceitos de “experiência-próxima” e “experiência-distante”. Isto porque Clifford Geertz quer enfatizar que se trata de uma questão de grau, não de oposição, ou seja, na Antropologia não temos conceitos melhores que outros. Nem deve o antropólogo se limitar aos conceitos de experiência-próxima, os da antropologia, nem aos de experiência-distante, os dos nativos. O que importa é a relação que estes conceitos devem manter entre si para que a visão do antropólogo não subsuma a do nativo, e vice-versa.

---

<sup>196</sup>Cf. DaMATTA, Roberto. *O Ofício do Etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”*. Op. cit.

<sup>197</sup>Cf. GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Op. cit.

Como exemplo da visão que este autor tem sobre o que é “ver as coisas do ponto de vista dos nativos”, tomemos o estudo que ele fez a respeito da definição de pessoa em três sociedades distintas: a javanesa, a balinesa e a marroquina. Para ele, este é um conceito que está presente, de forma distinta, em todos os grupos sociais. O que ele sugere para que possamos captar o ponto de vista do nativo, portanto, é que seja realizado um movimento dialético entre uma visão da totalidade através das partes que a compõem e uma visão das partes através da totalidade e vice-versa. Isto é, segundo ele, o que propõe o método intitulado pelo filósofo alemão Wilhelm Dilthey de “círculo hermenêutico”.

E é justamente esse modo de conhecer que é ensinado ao estudante de antropologia quando este toma contato com a noção de etnografia. Aprender a “fazer etnografia” é aprender, antes de tudo, a impregnar corpo e alma, inteligência e sensibilidade da imprescindibilidade da busca pelo “diálogo para valer”. E isso, mesmo sabendo que o conhecimento antropológico é sempre menos do que aquilo que o *outro* diz e sempre mais do que aquilo que se poderia dizer sem o *outro*. Ora, precisamente esse fundamento epistemológico da etnografia abre espaço para que se reconheça a pesquisa antropológica. A consciência da necessidade do “diálogo para valer” é o ponto para o qual convergem as impressões coletadas mais ou menos aleatoriamente em campo. É por serem submetidos a essa consciência que os dados coletados pelo antropólogo via contato direto ou indireto com os sujeitos estudados se transformam em dados propriamente etnográficos.

A presença inevitável de certo etnocentrismo no trabalho de campo deve ser ressaltada, em face da impossibilidade do pesquisador observar tudo o que ocorre em uma dada comunidade, fazendo com que recortes sejam efetuados. Nesse sentido, “(...) na Antropologia não existe fato social, mas ‘fatos etnográficos’, salientando que houve seleção no que foi observado e interpretado no relato”.<sup>198</sup>

Vale destacar, também, que participar das experiências dos informantes não significa tornar-se um deles. É necessário, sim, ser reconhecido como merecedor de confiança. No fazer etnográfico, as diferenças culturais não podem e não devem ser alteradas. É quase sempre possível trabalhar-se naturalmente, de forma que, depois de um período inicial de suspeita e curiosidade, o

---

<sup>198</sup>Cf. PEIRANO, Mariza. **A Favor da Etnografia**. Op. cit. p. 17.



cientista social passe a ser de confiança, útil inclusive, algumas vezes.<sup>199</sup> O estabelecimento dessa relação de confiança, favorável para a realização da pesquisa, é, muitas vezes, um processo complicado, exaustivo e que exige um conhecimento mínimo de certos códigos do grupo a ser pesquisado.

As primeiras impressões transmitidas pelo contato do pesquisador com o campo devem ser minuciosamente registradas, pois com o decorrer do tempo haverá uma tendência em considerar normais determinados fenômenos que a princípio causaram estranheza, isto porque, na medida em que o pesquisador for se “aculturando”, aqueles elementos passarão a fazer parte do seu cotidiano. Por exemplo, quando o pesquisador aprende as maneiras “corretas” de se comportar dentro de um determinado grupo que está pesquisando, tende a supô-las como perfeitamente naturais. Por consequência, tende a não perceber estes pormenores. Passam a ser tão corriqueiros que não merecem qualquer atenção.

Penso que, conforme mencionei anteriormente, pelo fato de não ter vivenciado a paternidade e, da mesma forma, por não vivenciar nenhuma forma de conjugalidade, muitas questões/situações no campo me chamaram atenção, tornando-se “coisas boas para se pensar”.

A maneira como o pesquisador insere-se no trabalho de campo também é muito importante. Se o pesquisador for inserido no campo por pessoas que ocupam posições hierarquicamente superiores, caso os estratos inferiores não venham a ser alertados sobre o real significado do estudo, isto poderá afetar a pesquisa, dificultando inclusive a aceitação do pesquisador pelo grupo ou comunidade. A entrada em campo pelas mãos de um informante-chave também pode ser problemática, uma vez que esse indivíduo pode contaminar (na verdade sempre contamina), com a sua percepção acerca daquela cultura, a visão do pesquisador. Visto que a contaminação e a subjetividade são inerentes ao processo de pesquisa, deve o pesquisador deixar claro as suas escolhas, o porquê as fez e quais os limites e possibilidades que ela abriu para ele.

No meu caso, a opção pela construção de redes sociais ou de amizade foi fundamental para a constituição de uma *network* (como veremos a seguir), o que parece ter minimizado estas

---

<sup>199</sup>Lembro aqui de ter saído preocupado certa noite, da casa de um dos meus interlocutores (**Hermes**), dada sua preocupação e transparente inexperiência no lidar com um problema de saúde de sua filha de três anos. Assim, coloquei-me disponível para qualquer emergência, visto que residimos próximo e não tão perto de um Posto de Saúde. Agradecido pela delicadeza, não hesitou em ligar no meio da madrugada.

questões.<sup>200</sup> Como meus interlocutores foram aos poucos me direcionando a outros, a maioria respondeu favoravelmente e, de certa forma, revelaram-me uma necessidade de escuta, de acolhimento e de entendimento, em seus próprios termos, sobre o seu papel como um dos protagonistas do/no evento da parentalidade.

Cara! Sabe uma coisa que me deixa encucado nessa história de ser sido pai com 17 anos? Todo mundo pensa que a gente é sacana. Eu sei que tem uns caras que saltam fora. Ai! Pensam que é tudo igual. Eu casei! Foi ralado pacas....mas até hoje pouca gente senta comigo é quer saber como minha vida mudou com o nascimento da minha filha. Meu! Mudou tanta coisa... (**Heitor** – Registro de campo).

Outro ponto chave que não pode ser ignorado pelo etnógrafo é a sensibilidade, a empatia que deve ser estabelecida entre pesquisador e informantes/interlocutores. A riqueza ou pobreza dos dados coletados sofre uma influência muito grande desses aspectos tipicamente humanos. É preciso saber como chegar até as pessoas que se ocupam em tecer esses inatingíveis enredos de vida feitos de sentidos, sentimentos e contradições nem sempre traduzíveis ou instantaneamente resumíveis e lhes dizer, gravador na mão, curiosidade incômoda: mãos ao alto, isto é uma entrevista!

De certa forma, e apoiado no que me sinalizaram, já nos primeiros contatos, meus interlocutores, conforme se pode perceber na citação acima, busquei seguir a orientação que nos é dada por Antonio Crístian Saraiva de Paiva,<sup>201</sup> sugerindo um deslocamento entre a situação da entrevista e a situação do encontro; uma vez que, se o buscado é a densidade, como sugere o antropólogo William Foote Whyte<sup>202</sup> “(...) é preciso aprender quando perguntar e quando não perguntar, e também que perguntas fazer”. Mesmo porque, “[s]e te aceitam, basta que você fique por perto, e saberá as respostas a longo prazo, sem nem menos ter que fazer as perguntas”. Tal quais estes autores e a partir de seus ensinamentos, que de certa forma sinalizam uma “(...) ‘desburocratização’ de nossos instrumentos de trabalho para o campo”,<sup>203</sup> foi sentando e ouvindo meus interlocutores em nossos encontros que, como aprendizado, “(...) soube as respostas às minhas

<sup>200</sup>Cf. PAIS, J. M. (Org.). **Traços e riscos de vida: uma abordagem qualitativa dos modos de vida juvenis**. Porto: Ambar, 1999.

<sup>201</sup>Cf. PAIVA. Antonio Crístian Saraiva. **Reservados e Invisíveis: o ethos íntimo das parcerias homoeróticas**. Op. cit.

<sup>202</sup>Cf. WHYTE, William Foote. **Sociedade de Esquina: A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. pp. 303/304.

<sup>203</sup>Cf. PAIVA. Antonio Crístian Saraiva. **Reservados e Invisíveis: o ethos íntimo das parcerias homoeróticas**. Op. cit. p. 102.

perguntas que nem mesmo teria tido idéia de fazer se colhesse minhas informações apenas por entrevistas”.<sup>204</sup>

Nesse mesmo sentido, como nos lembra Clifford Geertz, a Antropologia realmente é o difícil ofício de importunar “(...) pessoas sutis com questões obtusas (...)”.<sup>205</sup> Mais que isto, a qualidade dos dados está profundamente relacionada com a capacidade do etnógrafo de ouvir e compreender o *outro* com base na emoção. Assim, ao contrário de se constituir em um entrave à busca do conhecimento científico, a emoção revela-se como indispensável para quem se propõe a conhecer uma certa cultura.

(...) o trabalho etnográfico tem como uma de suas exigências um atributo compatível com essa condição de arte: a sensibilidade. Enquanto atributo, a sensibilidade torna-se um elemento difícil de ser operacionalizado em qualquer metodologia, porém sua presença é indispensável para esse tipo de trabalho. Esta é uma das condições que faz do trabalho de campo como um todo uma experiência intransferível.<sup>206</sup>

É extremamente delicado e complexo tentar explicar, principalmente para quem nunca se iniciou no ofício de etnógrafo, como se dá o envolvimento do pesquisador com os seus pesquisados.<sup>207</sup> Bronislaw Malinowski<sup>208</sup> sintomaticamente associou a relação entre etnógrafo e “nativo” a “magia”.<sup>209</sup> Mas, assim como os mágicos, que geralmente não ensinam todas as dimensões que envolvem a magia que praticam, ele se dispôs a ensinar apenas alguns “truques”: o antropólogo deveria passar longos períodos de convivência com os grupos estudados – se possível morar nas proximidades de suas casas, acompanhar de perto suas atividades diárias, desde as mais triviais até as mais solenes, aprender a língua nativa evitando intérpretes tendenciosos, enfim,

<sup>204</sup>Cf. WHYTE, William Foote. **Sociedade de Esquina: A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Op. cit. p. 304.

<sup>205</sup>Cf. GEERTZ, Clifford. **Interpretação das Culturas**. Op. cit p.39

<sup>206</sup>Cf. NEVES, Leczy Consuelo. **A casa do mágico**. Rio de Janeiro: Agir, 1986. p.93

<sup>207</sup>Como lembra Mariza Peirano: “Desde o início deste século (referindo-se ao século XX) estava claro que transmitir como se faz pesquisa de campo em Antropologia era uma tarefa impossível. Hoje sabemos que a pesquisa depende, entre outras coisas, da biografia do pesquisador, das opções teóricas presentes na disciplina, do contexto sócio-histórico mais amplo e, não menos, das imprevisíveis situações que se configuram entre pesquisador e pesquisado no dia-a-dia da pesquisa. Mas houve época em que se pensou que bastava aprender a fazer censos, mapas, genealogias, coletar histórias de vida, anotar os ‘imponderáveis’ em um diário, escrever os mitos e seguir à risca os manuais que pretendiam (...) ajudar o etnógrafo a entender o mundo em que vivia o nativo. A ilusão de que era possível transmitir como fazer pesquisa de campo se esvaziou com a crítica à busca do nativo-exótico. Esse estado de coisas, hoje, não é mais causa de desesperança, mas uma realidade que se explora nos seus aspectos positivos e, não raro, torna-se o fio condutor da etnografia que resulta da pesquisa”. Cf. PEIRANO, Mariza. **A Favor da Etnografia**. Op. cit. p.137.

<sup>208</sup>Cf. MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Op. cit

<sup>209</sup>Sobre este sentido “mágico” do fazer antropológico, vale conferir, como já foi sugerido: SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras**. Op. cit.

absorver os valores e sentimentos do grupo, observando cuidadosamente o que as pessoas fazem e dizem. Entretanto, o autor não revela a forma como conseguiu os efeitos desejados a partir desses “truques”. Talvez por isso mesmo, os antropólogos de várias gerações venham usando esse “manual de feiticeiro”<sup>210</sup> para evocar baixar em si mesmos o “espírito” do pesquisador de campo.

É também o próprio Bronislaw Malinowski,<sup>211</sup> como já foi dito anteriormente, quem irá falar dos imponderáveis da vida real, dos momentos difíceis em que a emoção toma conta do estudioso impedindo-lhe de continuar a coleta de dados, ou quando um gesto de carinho acaba em lágrimas.

Seria possível dizer que o elemento que se insinua no trabalho de campo é o sentimento e a emoção. Estes seriam para parafrasear Lévi-Strauss, os hóspedes não convidados da situação etnográfica. E tudo indica que tal intrusão da subjetividade e da carga afetiva que vem com ela, dentro da rotina intelectualizada da pesquisa antropológica é um elemento sistemático da situação.<sup>212</sup>

É fundamental que o etnógrafo tenha consciência deste aspecto, de sorte que ele consiga tirar partido da situação, sempre tendo em mente que está realizando uma pesquisa que exige um movimento constante de aproximação e afastamento do objeto. É importante, como já fora dito a partir de William Foote Whyte, o pesquisador saber o momento que deve perguntar e quando necessita calar, aguardando a ocasião mais adequada para sanar as suas dúvidas. Num gesto de ousadia, poder-se-ia dizer que a Antropologia é uma ciência da escuta. O antropólogo não determina verdades, não aponta equívocos, não pergunta por que as coisas não são diferentes. Ele ouve e procura entender quais são as verdades para aqueles “nativos”.

Desta forma, o antropólogo britânico Edward Evans-Pritchard<sup>213</sup> argumenta que a formação de um bom antropólogo não depende exclusivamente da capacidade intelectual e da preparação técnica, mas igualmente da personalidade e do temperamento, na medida em que o pesquisador com imaginação, sensibilidade e habilidade literária deverá traduzir as suas descobertas sobre uma cultura.

---

<sup>210</sup>Referência comumente feita, no jargão antropológico, ao texto considerado clássico: **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Obra já citada.

<sup>211</sup>Cf. MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Op. cit

<sup>212</sup>Cf. DaMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**. Op.cit. p.169.

<sup>213</sup>Cf. EVANS-PRITCHARD, Edward. **Os Nuer**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

No mesmo sentido, o também antropólogo francês Marcel Mauss<sup>214</sup> alerta para as dificuldades subjetivas presentes na situação etnográfica. Para o perigo da observação artificial. Para os sentimentos humanos que sempre interferem, caso não se atente para os mesmos, na coleta e posterior análise dos dados.

Assim, o trabalho etnográfico alterna situações de angústia com momentos de euforia. Se a princípio a cultura configura-se como enigmática, há um período em que ela se revela diante do pesquisador, fazendo com que o mesmo se sinta mergulhado em uma avalanche de informações, tornando-se necessária uma organização sistemática dos dados de modo a evitar um caos futuro, na hora da construção do texto.

Como limitações de trabalhos dessa natureza têm-se a falta de padronização, cada pesquisador escreve a sua própria história (trata-se da autoridade do pesquisador), de sorte que dificilmente outro pesquisador conseguirá relatar à mesma história.

Para a antropóloga Mariza Peirano,<sup>215</sup> as qualidades individuais do pesquisador aliadas ao contexto do grupo pesquisado e a bagagem teórica do antropólogo fazem com que, ao estudar um mesmo problema, etnógrafos produzam distintos textos. Porém, isto não acarreta falta de credibilidade nas descobertas, posto que o efeito das idiosincrasias tende a enriquecer o acervo da Antropologia e a se corrigir no contexto maior da disciplina.

Indo mais além, esta mesma autora considera que uma boa etnografia é aquela cuja riqueza permita uma re-análise dos dados iniciais. Esta re-análise não significa que o primeiro autor foi “incompetente”, ao contrário, revela a qualidade do trabalho do mesmo, a ponto de ser passível de uma análise sob outro ângulo.

Vale ainda comentar aqui que o contexto onde são elaborados os atuais textos etnográficos difere muito daqueles em que foram elaboradas as etnografias clássicas. As etnografias atuais, por exemplo, não são mais produzidas por homens brancos que desembarcam com seus equipamentos em praias tropicais ou descobrem aldeias isoladas. Cada vez mais a etnografia vem se consolidando

---

<sup>214</sup>Cf. MAUSS, Marcel. **Manual de etnografia**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

<sup>215</sup>Cf. PEIRANO, Mariza. **A Favor da Etnografia**. Op. cit.

como uma atividade acadêmico-profissional realizado inclusive por povos antes considerados apenas como “objetos” desse conhecimento.

Sujeitos e objetos da Antropologia têm mudado de perfil em decorrência das mudanças nas relações políticas, econômicas e culturais entre os países que tradicionalmente “produziram” os primeiros e os continentes que tradicionalmente “forneceram” os segundos. Ao lado das “praias, aldeias e povoados” da antiga Antropologia, estuda-se também a cidade, seus grupos, seus bairros, seus habitantes e seus estilos de vida, entre outros temas, como este da paternidade juvenil, que tomo aqui para escrutínio etnográfico.

Quer na cidade ou em praias desertas o fazer etnográfico, conforme o antropólogo Manuel Rodríguez et al, “(...) consiste em desentranhar estruturas de significação, a partir das quais produzimos, percebemos e interpretamos o mundo. Em decorrência, o trabalho etnográfico é dirigido a compreender as interpretações das pessoas sobre o que fazem, pensam e sentem”.<sup>216</sup>

Nesse sentido, pode-se dizer que os dados de pesquisa que estou aqui apresentando, por tratarem de questões que perpassam a sexualidade juvenil, inscrevem-se em uma antropologia da sexualidade que, conforme Maria Luiza Heilborn e Elaine Reis Brandão<sup>217</sup> preocupa-se com a “(...) descrição detalhada de valores e práticas de grupos sociais delimitados”, e assim, aproxima-se das redes de significado que perpassam as práticas sexuais individuais destes homens jovens e pais, com os quais dialoguei. Não se trata de examinar, portanto, o comportamento sexual de toda uma população, que seria o “(...) objeto de interesse da sociologia da sexualidade”, ainda de acordo com estas autoras. Ao contrário, a proposta aqui apresentada objetiva compreender pela poética da representação, a forma como o significado é construído, como sugere Stuart Hall.<sup>218</sup> É pela política desta construção que se pode examinar, as conseqüências na vida das pessoas desses valores e práticas, através das redes de sentido.<sup>219</sup>

Destaque-se ainda, que nas etnografias clássicas e modernas sempre ocorre um distanciamento físico e temporal entre a coleta de dados no campo e a elaboração do texto final. Isto

<sup>216</sup>Cf. RODRÍGUEZ, Manuel et al. *Da dádiva ao direito de decidir: a emergência de uma norma contraceptiva na Colômbia*. In HEILBORN, Maria Luiza et al. (Orgs.). **Sexualidade, reprodução e saúde**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 98.

<sup>217</sup>Cf. HEILBORN, Maria Luiza; BRANDÃO, Elaine. *Introdução: Ciências sociais e sexualidade*. In HEILBORN, Maria Luiza (Org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Op. cit. p.7.

<sup>218</sup>Cf. HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Op.cit.

<sup>219</sup>Cf. RODRIGUEZ, Manuel et al. *Da dádiva ao direito de decidir: a emergência de uma norma contraceptiva na Colômbia*. Op. cit. p. 98.

pode fazer e faz com que se perca muito da experiência tal como a mesma foi vivenciada pelo pesquisador.

Deve-se atentar, também, que a etnografia atualmente é mais dialógica e polifônica, isto é, os informantes possuem voz no texto.<sup>220</sup> Como sugere o antropólogo Klaas Woortmann, “[não] se espera mais que a etnografia de hoje seja igual àquela de Bronislaw Malinowisk. O realismo etnográfico monofônico talvez deva ceder lugar a uma postura mais dialógica e polifônica (...)”.<sup>221</sup> Na verdade, o texto etnográfico, hoje produzido, coloca em evidência um diálogo que se estabelece entre o pesquisador, os pesquisados e a teoria, ou melhor: os outros pesquisadores que se ocuparam do mesmo tema.

Assim, o texto etnográfico, a princípio, é construído como a expressão de um conhecimento obtido no campo, é um pretendido espelho de vidas e culturas. Tarefa difícil, para textos, muitas vezes de dimensões reduzidas e prazos estabelecidos institucionalmente.

Como representação do campo e das relações que nele se dão, pode-se dizer, portanto, que o texto etnográfico é menos o resultado “final” de uma pesquisa, e mais um meio para melhor compreensão dos valores do *outro*, considerando o fato de que estes valores são interpretados por alguém que também não se despe de seus próprios valores e subjetividades, e fala para terceiros, desconhecidos, de modo generalizante, ainda que “cuidadosamente”.

Desta forma já assumo, aqui, o caráter provisório, parcial e inventivo desta pesquisa. Afinal, como lembra o antropólogo George Marcus, os

(...) textos confusos (como este)<sup>222</sup> são confusos porque insistem em se manterem abertos, incompletos e inseguros quanto ao modo de finalizar um texto ou uma análise. Tal abertura sempre marca uma preocupação com a ética do diálogo e do conhecimento parcial; um trabalho é incompleto sem as reações críticas e diferentemente posicionadas de seus vários leitores.<sup>223</sup>

---

<sup>220</sup>Um excelente debate sobre a importância da fala nativa no texto etnográfico, ou sobre aquilo que a linguagem indica e cria, ou seja, o caráter performativo da linguagem pode ser conferido em: GUBER, Rosana. **La etnografia: método, campo y reflexividad**. Bogotá: Grupo Norma, 2001.

<sup>221</sup>Cf. WOORTMANN, Klaas. *Breve contribuição pessoal á discussão sobre a formação de antropólogos*. Op. cit. p. 4.

<sup>222</sup>Grifo meu.

<sup>223</sup>Cf. MARCUS, George E. *O que vem (logo) depois do pós: o caso da etnografia*. Op.cit. p.17.

## 2.5 Tripulação a bordo: homens jovens e pais

De posse deste aporte teórico-metodológico e na tentativa da percepção do ponto de vista nativo, no que tange a paternidade juvenil, pode supor, entre outras coisas, que a observação participante, seria aqui um bom caminho para obtenção de dados com a profundidade necessária que a temática requer. Seria uma oportunidade de, através dela e das técnicas sugeridas, dar visibilidade às questões inerentes à paternidade juvenil.

Falar de paternidade juvenil, invariavelmente, é também falar daquilo que ficou rubricado entre nós como “gravidez precoce” ou “gravidez na adolescência”, e esta temática, não se constitui novidade. Como busco mostrar ao longo deste trabalho. Na revisão da literatura sobre o tema, pude catalogar uma grande produção quer seja acadêmica, jornalista ou, até mesmo literária. No entanto, tais discursos, por vezes, tendem encapsular a questão, entre outras coisas, como um “problema” das, também assim chamadas, adolescentes. Da mesma forma, encapsulam a discussão do evento no universo das ditas camadas populares. Como se, no seio das camadas médias e até mesmo da elite, esse evento se edulcorasse eclipsando-se.<sup>224</sup> Não só este, mas outros temas caros às ciências sociais, aqui e ali, acabam sendo focados com acento nos “grupos populares”.

Nesse sentido, a antropóloga Maria Angelica Motta – Maués sugere que:

(...) tal como a Igreja Católica no discurso de uma certa ala, também temos feito, de certo modo, na antropologia (para ficar só com ela) uma ‘opção preferencial pelos pobres’. Se isso não acontece em todas as áreas, na dos estudos sobre família e gênero parece, muitas vezes, se dar.<sup>225</sup>

Esta mesma autora, no entanto, relativizando sua colocação mostra que no âmbito de nossa disciplina, principalmente a partir dos anos 80, estudos das ditas camadas médias têm sido realizados. Ouso dizer, no entanto, que sobre o evento da paternidade juvenil, mais especificamente, entre os pertencentes das ditas camadas médias, pouco ou quase nada se têm falado.

Estudar esse segmento é lidar diretamente com as diversidades que o compõem, pois, sob essa denominação, encontram-se os mais variados perfis. Na literatura antropológica, é possível perceber, por exemplo, por quem aborda o universo das assim chamadas camadas médias, que

<sup>224</sup>Este é um dos motes desta pesquisa: vê, em outros contextos, como esse evento é modulado.

<sup>225</sup>Cf. MOTTA-MAUES, Maria Angelica. Na “casa da mãe” / na “casa do pai”: Anotações (de uma antropóloga e avó) em torno da “circulação” de criança. In **Revista de Antropologia**. São Paulo: USP, 2004. V 47. N°. 2. p. 431.



alguns traços são marcados como diferenciadores desses conjuntos de estratos médios em relação aos estratos populares e superiores. Seriam eles: o tema do individualismo moderno, da ascensão social e da mobilidade e mudança, como é ensinado pelo antropólogo Gilberto Velho.<sup>226</sup>

No entanto, para além de marcadores estritamente ocupacionais e de renda, o que confere contornos menos imprecisos às camadas médias é o que poderíamos chamar de um certo *ethos*, ou seja, uma forma ou um estilo de vida comprometido com valores mais individualistas, modernizantes, voltados para a ascensão social dos grupos e dos indivíduos, muito embora esses valores nem sempre sejam julgados positivos.

Pode-se entender por estilo de vida, um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade. Um estilo de vida implicaria, portanto, num feixe de hábitos e orientações e, por isso, tem certa unidade de opções em um padrão mais ou menos ordenado, como sugere o sociólogo britânico Anthony Giddens.<sup>227</sup> Refere-se às vivências das pessoas, à sua maneira de viver, de se comportar, agir e pensar. Refere-se à sua postura, sua maneira perante a vida. Procura-se romper, assim, com a idéia de que as classes sociais mais privilegiadas teriam “estilo de vida” e as demais “estratégias de sobrevivência”, como sugerem as antropólogas Maria Eunice Maciel e Débora Krischke Leitão.<sup>228</sup> Temos, portanto, estilo(s) de vida (que podem ser traduzidos por modos de vida, ou maneira de viver), que não estão atrelados necessariamente, a bens de consumo, referem-se às características específicas que unificam e distinguem, relacionando-se às escolhas que pessoas e grupos fazem. Nesse sentido, Pierre Bourdieu, com seus estudos sobre gostos e distinção, é uma referencial leitura<sup>229</sup>.

Da mesma forma, é possível afirmar a partir também de Pierre Bourdieu,<sup>230</sup> que tem uma concepção relacional e sistêmica do social, que a estrutura social pode ser vista como um sistema hierarquizado de poder e privilégio, determinado tanto pelas relações materiais e/ou econômicas (salário, renda) como pelas relações simbólicas (status) e/ou culturais (escolarização) entre os indivíduos. Segundo esse ponto de vista, a diferente localização dos estratos nessa estrutura social

<sup>226</sup>Cf. VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

<sup>227</sup>Cf. GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002..

<sup>228</sup>Cf. MACIEL, Maria Eunice; LEITÃO, Débora Krischke. *Apresentação*. In **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre: Ano 16. Nº. 33. jan/jun de 2010.

<sup>229</sup>Cf. BOURDIEU, Pierre. *Gosto de classe e estilo de vida*. In ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983. pp. 82/121 e BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP, 2007.

<sup>230</sup>Cf. BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

deriva da desigual distribuição de recursos e poderes de cada um de seus membros. Por recursos ou poderes, este autor entende mais especificamente o capital econômico (renda, salários, imóveis), o capital cultural (saberes e conhecimentos reconhecidos por diplomas e títulos), o capital social (relações sociais que podem ser revertidas em capital, relações que podem ser capitalizadas) e por fim, mas não por ordem de importância, o capital simbólico (o que vulgarmente chamamos prestígio e/ou honra). Assim, a posição de privilégio ou não-privilégio ocupada por um estrato/camada ou indivíduo é definida de acordo com o volume e a composição de um ou mais capitais adquiridos e ou incorporados ao longo de suas trajetórias sociais. O conjunto desses capitais seria compreendido a partir de um sistema de disposições de cultura (nas suas dimensões material, simbólica e cultural, entre outras), denominado por ele *habitus*.<sup>231</sup>

O *habitus* garante a coerência entre a concepção da sociedade e a do agente social individual, é a mediação entre o individual e o coletivo. Graças aos hábitos de classe, produz-se a filiação de classe dos indivíduos, assegura-se a socialização do indivíduo. A homogeneidade destes hábitos está na base das diferenças de estilos de vida, quer nos estratos superiores, médios ou populares.

Nesse sentido, há elementos que diferenciam trajetórias juvenis, que são marcados, e assim devem ser percutados, por pertencimentos, como o de classe. Fato que enseja à assunção de determinados hábitos, comportamentos, estilo de vida, outras estéticas ou estéticas específicas.

É neste viés analítico que caminha este estudo. Sendo minha opção, colocar acento no estudo da paternidade juvenil, entre aqueles que pertencem às ditas camadas médias urbanas na cidade de Belém/PA. Assim, feita esta escolha, a primeira dificuldade foi à localização destes atores sociais, dada a opacidade social que o evento engendra e na qual estão imersos. Seria, por assim dizer, mais fácil, localizá-los, por exemplo, em programas sociais de atendimento, caso o público alvo deste estudo fossem homens jovens e pais dos segmentos mais populares da sociedade local.

Percebi de pronto que encontrá-los, de um a um, seria um exercício hercúleo de longa duração para uma atividade acadêmica com tempo marcado. Mesmo porque, dado o objetivo da pesquisa, era necessário um mergulho em suas vidas, em suas práticas, em suas memórias. Era, portanto, necessário entrar em suas casas, compartilhar momentos, que acabaram acontecendo e

---

<sup>231</sup>Cf. BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

oscilaram entre paradas mais formais para entrevistas semi-estruturadas e momentos mais descontraídos onde todos, e por muitas vezes eu, nos envolvíamos em atividades mais comezinhas. Posso dizer que foram nelas que as entrevistas/encontros se realizaram. Bem como, é fruto destes momentos menos formais do trabalho no campo, a maior quantidade de dados que compõem minha caderneta e meu diário de campo. Mesmo porque:

(...) os etnógrafos não criam seus dados pedindo às pessoas que façam alguma coisa especial para eles – preencham um questionário ou participem de uma entrevista ou de discussões em grupo. Em vez disso, ficam em geral à mercê do ‘momento’, têm de esperar que os eventos teoricamente importantes para eles aconteçam enquanto fazem sua pesquisa.<sup>232</sup>

Para alcançar meu intento e na esteira de outros pesquisadores, “(...) foi necessária a constituição de uma rede de indicações que nos permitisse localizá-los em meio à intersticialidade da reserva em que habitam”.<sup>233</sup> Para tanto, servi-me da ajuda de familiares, amigos, colegas de trabalho e, aos poucos, dos meus próprios alunos,<sup>234</sup> com os quais ia comungando a idéia da pesquisa. Desta forma, constitui uma rede através da Universidade (onde colegas de trabalho e alunos foram localizando aqueles que vieram ser meus interlocutores) e outra através de familiares e amigos (que localizaram interlocutores ou foram eles mesmos os informantes). No total, entre as duas redes que se constituíram, contei com 14 interlocutores. Ressalto aqui, apoiado na psicóloga social Ecléa Bosi,<sup>235</sup> que não se trata de uma pesquisa com proposta de amostragem, valendo dizer que por se tratar de uma pesquisa qualitativa, certamente não é estatisticamente representativa do fenômeno da paternidade juvenil, mas pretende-se que seja sociologicamente elucidativa sobre a questão. Mesmo porque, como sugere Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca,<sup>236</sup> os estudos da parentalidade, envolvendo ou focados no sexo masculino, esbarra, quase sempre, em limitações que são dificultadas pela localização destes informantes, sendo necessária a utilização de informantes-chave para a obtenção de dados.

<sup>232</sup>Cf. BECKER, Howard S. **Segredos e truques da pesquisa**. Op. cit. p.263.

<sup>233</sup>Cf. PAIVA, Antonio Crístian Saraiva. **Reservados e Invisíveis: o ethos íntimo das parcerias homoeróticas**. Op. cit. p.115.

<sup>234</sup>Como sou professor de Antropologia, junto uma Universidade privada, pareceu-me possível constituir uma rede de interlocutores a partir de lá, já que meu objetivo era localizar homens jovens e pais pertencentes, as assim chamadas, camadas médias.

<sup>235</sup>Cf. BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.37.

<sup>236</sup>LYRA DA FONSECA, Jorge Luiz Cardoso. *Paternidade Adolescente: da investigação à intervenção*. In ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, Benedito (Orgs.). **Homens e Masculinidades: outras palavras**. Op. Cit.

Meu interesse por este esgarçamento na análise da paternidade juvenil focando, portanto, atores sociais das ditas camadas médias, prende-se ao fato de ter percebido (como já disse), quando da revisão da literatura sobre a temática, que boa parte das pesquisas relacionadas com as questões da paternidade juvenil, são quase que na sua maioria, nas camadas sociais mais populares da sociedade. Ampliando este universo de pesquisa, minha idéia foi fazer uma análise contrastiva entre essas duas realidades. Para quem sabe, “(...) refinar o retrato do todo (...)”<sup>237</sup> e assim, junto com outros possíveis trabalhos nesta mesma linha de pensamento, contribuir para “(...) oferecer, no final, uma representação convincente de sua complexidade e diversidade”.<sup>238</sup>

A literatura consulta, indica que esse evento se modula em função de camada social e gênero, revelando, portanto, percursos e perfis juvenis bastante heterogêneos. Bem como, diferentes repercussões de uma eventual paternidade juvenil. Problematizando, de certa forma, quaisquer veleidades homogeneizadoras<sup>239</sup> que a idéia de paternidade juvenil possa suscitar. Além disso, deve ser ressaltado o caráter heterogêneo e diversificado da juventude, pois são as pertenças de classe e os atributos sociais que modelam e distinguem estes homens jovens uns dos outros, fazendo emergir discursos e práticas diversos de paternidade.

Buscando contornar uma das grandes dificuldades dos estudos com jovens – a autorização de um responsável para a participação na pesquisa – busquei me ater, com interlocutores que não me exigissem tal procedimento. Desta forma, quando da constituição das redes, alguns nomes indicados acabaram ficando de fora. Isso não significando que com eles não mantive/mantenho algum tipo de contato. Por se tratar de uma população muito jovem e por pertencerem a uma geração, digamos assim, mais *hightech*, estes mantiveram e mantêm comigo algum tipo de diálogo, na sua maioria das vezes, virtualizado. Sem contar, é claro, que em alguns momentos sociais e de lazer, como praças, *shoppings* e festinhas de aniversários de seus filhos/as estivemos juntos, já que fazem parte de uma rede de sociabilidade comum a partir da qual se engendrou a feitura desta pesquisa.

Outro procedimento adotado, na escolha dos interlocutores, foram as entrevistas/encontro com homens, hoje mais velhos, que vivenciaram a experiência da paternidade na fase juvenil de suas vidas. Esse recurso, tomado de empréstimo dos procedimentos teóricos e metodológicos das

---

<sup>237</sup>Cf. BECKER, Howard S. **Segredos e truques da pesquisa**. Op. cit. p. 263.

<sup>238</sup>Idem.

<sup>239</sup>Cf. BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Op. cit.

pesquisas GRAVAD, já aludidas neste texto, permitiu e possibilitou a técnica de reconstrução retrospectiva de biografia, a avaliação da história pregressa a avaliação das escolhas feitas diante de determinados acontecimentos e suas conseqüências para o seu trajeto de vida. Já que “[o] deslocamento em direção a uma população com mais idade permite uma percepção de um ponto de vista mais apartado sobre o processo em questão, além de permitir examinar as conseqüências dos eventos experimentados”.<sup>240</sup> Neste sentido:

[a] avaliação retrospectiva reconstrói as imagens da interpretação imediata, desta vez não como uma situação de sujeito exposto a uma experiência limite (portanto, na perspectiva fenomênica do sujeito que percebe que a totalidade de sua vida está em jogo, em tal experiência), mas como sujeito que viveu uma experiência de um modo que não condiz com a maneira como agora percebe que a viveria.<sup>241</sup>

Essa recuperação do passado permite entrever a experiência não só em relação à própria vida, mas também, experiências coletivas que ressaltam questões culturais. É o que se pode perceber neste excerto das entrevistas/encontro que tive com **Ares**.<sup>242</sup>

Quando soube que ia ser pai, vibrei de alegria! Na verdade eu já queria isto pra mim. Como eu vim do interior, para estudar e morava na casa dos meus tios, pensei que com a gravidez eu constituiria a minha família aqui em Belém. No entanto, os pais dela não aceitaram a idéia de casarmos. Nós tínhamos 19 anos, ela e eu estudávamos no mesmo colégio. Na mesma hora que soube da gravidez, larguei os estudos e fui trabalhar no Banco. Meus tios tinham muitos contatos e não foi difícil arrumar o emprego. Eu queria casar, mas mesmo não casando, nunca deixei faltar nada pra o meu filho. Fiquei no Banco 12 anos, não podia deixar faltar nada pra ele e queria mostrar pra os pais dela que eu não era quem eles estavam pensando. Não sei como seria minha vida se tivesse tomado outra decisão. Não estudei, mas juntei uma grana e montei meu negócio próprio. Hoje, olho pra trás e percebo que podia ter continuado os estudos e quem sabe me formado. Como a família dela tinha recursos, ela continuou os estudos e hoje é advogada. Penso que uma das causas de não termos ficado juntos, foram estas diferenças de caminho. Creio que com o tempo, logo depois que nosso filho nasceu, cada um de nós acabou organizando seu futuro de forma diferente. O que ficou de comum entre nós foi só o amor por ele (...) (Registro de campo).

Cabe ressaltar ainda aqui, que assim como alguns homens mais jovens ficaram fora destas redes que se constituíram para a elaboração desta pesquisa, alguns homens que vivenciaram este

<sup>240</sup>Cf. HEILBORN, Maria Luiza et al (Orgs.). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Op cit. p.44.

<sup>241</sup>Cf. PALMA, Irma; QUILODRÁN, Cecília. *Opções Masculinas: Jovens diante da gravidez*. In COSTA, Albertina de Oliveira. (Org.). **Direitos tardios: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina**. São Paulo: Editora 34, 1997. p. 148.

<sup>242</sup>Ressalto aqui, que trabalhamos juntos, por alguns anos, **Ares** e eu, na mesma instituição financeira. Eu já ocupava o que se chamava à época, uma chefia de carteira, quando Ares foi admitido e veio ser subordinado a mim em suas atividades profissionais. Dada à proximidade, posso dizer que de certa forma acompanhei esse itinerário de sua vida.

evento no pretérito, num momento de suas jovialidades, também ficaram. Alguns quando foram por mim contatados e informados do real objetivo da pesquisa, não apostaram na “viagem”, isto é, não se fizeram embarcados. Os motivos alegados, que mesmo que eles não saibam, serviram-me de mapa de viagem, foram os mais diversos, oscilando entre: “não tenho tempo”, “já faz tanto tempo”, “não sei falar sobre estas coisas”, “hoje estou com outra pessoa” e o “eu não quero tocar mais neste assunto”.

Ainda que em um só contato, a fala desses homens que não se dispuseram a falar de si, quando do evento em suas vidas juvenis da paternidade, disse-me muita coisa. O próprio discurso feito para justificar a sua impossibilidade de “embarque” nesta “viagem”, como por exemplo, “eu não querer mais tocar no assunto”, já estava, para mim, por assim dizer, nele tocando. Afinal, estas justificativas passavam pela necessidade do uso da memória. E nesse sentido, a análise da memória a partir da contribuição teórica do historiador Michael Pollak,<sup>243</sup> permite que os significados dos silêncios, dos não ditos sejam interpretados, revelando, por vezes, relações sociais, e por que não dizer, em muitos momentos, de gênero. Para esse autor, os “silêncios e não-ditos”, são moldados “(...) pela angústia de não encontrar escuta, de ser punido pelo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos”. Mesmo porque, como nos fala Ecléa Bosi “(...) a memória não é sonho, é trabalho”<sup>244</sup> ou, como nos ensina a antropóloga Ellen F. Woortmann, a memória pode ser percebida como construção, trabalhando tanto para construir identidades, “(...) como para legitimar relações de gênero”.<sup>245</sup> Ouvi muito, nesses não ditos!

Como a proposta desta pesquisa é fazer a partir da emersão das subjetividades, uma etnografia – atenta a critérios que anteriormente aqui já foram comentados – que apresente conteúdos que transcendam das interpretações dos significados os fatos objetivos, as técnicas só poderiam ser as qualitativas, levando para o caminho da observação participante, do contato próximo, da escuta e, por conseguinte, da entrevista/encontro.

Busquei dar originalidade em minhas análises, facilitada por seu caráter etnográfico, naquilo que diz respeito à observação de contrastes entre discursos e práticas. O que significa dizer, manter-se atento não só ao que se ouve, mas também ao que se vê ao redor. Assim, com aqueles que

<sup>243</sup>Cf. POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. In **Estudos Históricos**. V 2. Nº. 3. Rio de Janeiro, 1989. p. 8.

<sup>244</sup>Cf. BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. Op. cit. p. 55.

<sup>245</sup>Cf. WOORTMANN, Ellen F. *Homens de hoje, mulheres de ontem: gênero e memória no seringal*. In **Anais da II Semana de Antropologia**. Goiânia: UCGO, 1998. p.106

compuseram estas duas redes estreitei laços; entrei em suas casas, em suas vidas e suas memórias; compartilhei momentos de euforia, de dúvidas e de polêmicas.

Nesse sentido, não posso deixar de registrar um dos momentos em que, os assim chamados, “imponderáveis da vida real” (neste caso diria insólito), vieram me visitar em campo. Após o primeiro contato com um de meus interlocutores – **Teseu**, em sua residência, combinamos outro encontro, que por iniciativa dele, seria na companhia de seu filho, que não mora com ele e sim com a mãe. Como ele não “assumiu” a mãe de seu filho como companheira/parceira (hoje inclusive tendo outro relacionamento, dito por ele: “(...) estou ficando com uma outra gata”), e sim a criança como filho, vive com ela uma relação bem tumultuada. Assim, marcamos num sábado à tarde num shopping da cidade. Quando estávamos iniciando nossa conversa (que me daria e deu, elementos para futura entrevista/encontro), chega seu filho na companhia de sua jovem mãe (na época, com 18 anos). Passado o momento das apresentações, o jovem casal, de certa forma me ignorando, resolveu tratar de assuntos mais pessoais. Como se costuma dizer: “lavar a roupa suja”. Sem saber ao certo o que fazer (ir embora ou ficar, falar algo ou calar), resolvi permanecer e observar. Afinal, poderia ser e foi, um momento revelador de dados de campo. A pauta de discussão do jovem casal, girava em torno de cobranças (leio o que vi e ouvi, assim), feitas pela jovem mãe ao jovem pai de seu filho. No entanto, o que pude perceber, naquilo que subjazia em seu reclamo por um “assumir”, da parte desse jovem pai, não dizia respeito ao “assumir” seu filho; dizia respeito sim, em assumi-la como companheira/parceira.

Em encontros posteriores com Teseu, pude saber que logo após o anúncio da gravidez, tanto sua família quanto a da mãe de seu filho descartaram qualquer possibilidade de casamento, alegando a jovialidade do casal; assumindo pra si, os avós/avôs paternos e maternos, a responsabilidade financeira para a criação deste neto, ficando o mesmo, com a mãe, na casa do avó/avô maternos. **Teseu** descreve assim, o evento da gravidez:

Foi toca nossa! Na hora do tesão nem lembrei da camisinha. Mas não esperava que ela ficasse grávida. Nem sabia sobre essas coisas de menstruação, período fértil e tal... A gente achou que ela não ia pegar filho, mas pegou! Eu não estava e não to a fim de casar. O filho pintou, eu gosto dele, curto pra caramba, mas ela... A gente só namorava a oito meses. Eu gosto dela, às vezes, mas não é amor pra casar (Registro de campo).

Esse episódio e aquilo que posso extrair desta fala e de outros discursos, frutos de minhas entrevistas/encontros, ajudam-me a perceber as sutilezas das injunções de gênero que perpassam a

vida destes jovens pais e mães que, no meu caso de análise, situam-se nas, assim chamadas, camadas médias urbanas de Belém/PA. Na tentativa de aproximação desta análise, com outras pesquisas que buscam o entendimento dos fenômenos sociais, calçadas pela dimensão das relações de gênero, aliada a classe social e raça/etnia, pude perceber que estas filigranas estão presentes em outros trabalhos com o mesmo segmento social; bem como, nos discursos de interlocutores daqueles que se ativeram em pesquisas com jovens e ou adolescentes pertencentes a outras camadas sociais.<sup>246</sup>

Nesta tentativa de aproximação e para obter a confiança de meus embarcados, saímos juntos, muitas vezes; afinal dia de domingo, por exemplo, é para muitos destes homens jovens o único dia do exercício do paternar.

Domingo é dia de Pedro. Desde que ele nasceu ele vem pra cá pra casa no domingo. Como ele mora com a mãe dele e os pais dela, e eu aqui em casa com a minha mãe, nós estamos estudando para dar um futuro melhor pra ele. Acharmos melhor ficar juntos, os três o dia inteiro no domingo. Ai! Já viu. Eu grudo nele direto... (Ulisses – Registro de campo).

Dando-lhes voz, ou melhor, possibilitando-lhes a escuta, a proposta, foi explorar o homem jovem e pai por ele mesmo, confrontando-o com o imaginário paterno e vendo-o surgir através dessa opaca névoa que cobre o seu mundo. Assim, de certa forma, neste trabalho, também estou “parturiando”; ou seja, fazendo vir à luz o que, de alguma maneira, pode está escondido.

Fazendo-os falar, para expor seus protagonismos, sentimentos e emoções,<sup>247</sup> o que se espera, entre outras coisas, é romper com aquilo que o terapeuta junguiano Guy Corneau,<sup>248</sup> denomina de “silêncio hereditário dos homens”. Não só procurando enriquecer o estudo da paternidade – mais especificamente da paternidade juvenil – com novas perspectivas, como também, na medida do possível, contribuir para um rompimento do silêncio histórico do homem pai, seja ele jovem ou não.

---

<sup>246</sup>Para ficar só na produção local, vale conferir, entre outros trabalhos: PANTOJA, Ana Lúcia Nauar. *Sendo mãe, sendo pai: sexualidade, reprodução e afetividade entre adolescentes de grupos populares em Belém*. Op. cit. LAGO, Syane Sheila Costa de Paula. *Namora pra casar? Namora pra escolher (com quem casar): idéias e práticas de namoro entre adolescentes em Belém/PA*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia da UFPA, 2004. MALCHER, Leonardo Fabiano Souza. *Mulheres querem amor, homens querem sexo? Amor e masculinidades entre jovens de camadas médias urbanas de Belém*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia da UFPA, 2000. QUINTELA, Rosângela da Silva. *Desabrochando no Jardim Secreto: um estudo sobre o imaginário do corpo, gênero e sexualidade, entre adolescentes, em Belém*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia da UFPA, 2002.

<sup>247</sup>Novamente chamo atenção ao caráter performativo da linguagem, sobre isso, vale conferir: GUBER, Rosana. **La etnografía: método, campo y reflexividad**. Op. cit.

<sup>248</sup>Cf. CORNEAU, Guy. **Pai ausente, filho carente**. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 188.



Afinal, conforme aprendi pela convivência próxima, com meus interlocutores, não existe uma idade marcada para ser pai.

Tentando retratar, aqui, meus embarcados, construo um quadro abaixo, que já desenha algumas pistas de/sobre aqueles que se dispuseram, junto comigo, singrar, esse mar não tão conhecido assim.

<b>REDE A PARTIR DE FAMILIARES E AMIGOS</b>						
<b>Nome /idade atual</b>	<b>Idade dele/a no evento</b>	<b>Atividade no evento</b>	<b>Profissão atual</b>	<b>Filho/a</b>	<b>Situação conjugal com o evento</b>	<b>Situação conjugal atual</b>
<b>Heitor (31)</b>	<b>17/16</b>	<b>Estudante</b>	<b>Informática</b>	<b>1 filha</b>	<b>Casou e foi morar na casa da parceira</b>	<b>Separou. Mora com nova parceira</b>
<b>Ozires (22)</b>	<b>17/27</b>	<b>Estudante</b>	<b>Músico</b>	<b>1 filho</b>	<b>Não casou e nunca morou com a parceira</b>	<b>A mesma</b>
<b>Ares (40)</b>	<b>19/19</b>	<b>Estudante</b>	<b>Empresário</b>	<b>1 filho</b>	<b>Não casou e nunca morou com a parceira</b>	<b>Casado com outra parceira</b>
<b>Teseu (20)</b>	<b>19/18</b>	<b>Estudante</b>	<b>A mesma</b>	<b>1 filho</b>	<b>Não casou e nunca morou com a parceira</b>	<b>A mesma</b>
<b>Páris (35)</b>	<b>20/21</b>	<b>Estudante</b>	<b>Professor</b>	<b>1 filha</b>	<b>Não casou e nunca morou com a parceira</b>	<b>Mora com parceiro e filha</b>
<b>Cadmo (29)</b>	<b>18/17</b>	<b>Estudante</b>	<b>Informática</b>	<b>1 filha</b>	<b>Não casou. Passou morar na casa da família da parceira</b>	<b>Casado morando em casa própria com parceira e filha</b>

<b>REDE A PARTIR DA UNIVERSIDADE</b>						
<b>Nome/idade atual</b>	<b>Idade dele/a no evento</b>	<b>Atividade no evento</b>	<b>Profissão atual</b>	<b>Filho /a</b>	<b>Situação conjugal com o evento</b>	<b>Situação conjugal atual</b>
<b>Adonis (20)</b>	<b>19/19</b>	<b>Funcionário Público</b>	<b>A mesma</b>	<b>1 filha</b>	<b>Não casou. Passou morar na casa da família da parceira</b>	<b>A mesma</b>
<b>Apolo (19)</b>	<b>18/17</b>	<b>Militar</b>	<b>A mesma</b>	<b>1 filha</b>	<b>Casou e foi morar em casa alugada com esposa e filha</b>	<b>A mesma</b>
<b>Aquiles (22)</b>	<b>20/22</b>	<b>Empresa familiar</b>	<b>A mesma</b>	<b>1 filho</b>	<b>Não casou. Já morava com parceira em um apartamento de sua família</b>	<b>A mesma</b>
<b>Narciso (22)</b>	<b>18/17</b>	<b>Comunicação</b>	<b>A mesma</b>	<b>1 filho</b>	<b>Não casou e nunca morou com a parceira</b>	<b>Mora com parceiro</b>
<b>Ulisses (19)</b>	<b>17/16</b>	<b>Estudante</b>	<b>A mesma</b>	<b>1 filho</b>	<b>Não casou e nunca morou com a parceira</b>	<b>A mesma</b>
<b>Hermes (22)</b>	<b>18/18</b>	<b>Estudante</b>	<b>Militar</b>	<b>1 casal</b>	<b>Não casou. Passou morar na casa da família da parceira</b>	<b>Casou na segunda gravidez. Segue na casa da família da esposa</b>
<b>Dionísio (21)</b>	<b>18/18</b>	<b>Estudante</b>	<b>Informática</b>	<b>1 casal</b>	<b>Não casou e nunca morou com a parceira</b>	<b>A mesma</b>
<b>Jasão (36)</b>	<b>18/18</b>	<b>Estudante</b>	<b>Advogado</b>	<b>1 casal</b>	<b>Casou e passou morar na casa da família da esposa</b>	<b>Casado morando em casa própria com esposa e filhos</b>

### III – ÁLBUM DE VIAGEM: PATERNIDADE JUVENIL – UM MAR DE SILÊNCIO

*Os cidadãos no Japão, fazem  
Lá na China um bilhão, fazem  
Façamos, vamos amar!  
Nisseis, nikeis e sanseis, fazem  
Lá em São Francisco muitos gays fazem  
Façamos, vamos amar!  
Os jaburus no Pará, fazem  
Tico-ticos no fubá, fazem  
Façamos, vamos amar  
Namorados, por prazer, fazem  
Façamos, vamos amar!*

*(Façamos – Chico Buarque)*

Procurando entender e, de certa forma, romper com este “mar de silêncio”, alguns questionamentos me vieram de imediato: por que praticamente não se estuda a paternidade juvenil? Que impactos a gestação e a paternidade teriam nas diversas esferas de sua vida? O que já foi escrito sobre tal temática internacionalmente, nacionalmente e localmente? Por que há uma incidência maior de pesquisas sobre o tema da maternidade juvenil? O pai foi esquecido como figura importante para o desenvolvimento da criança? Quais as expectativas, preocupações, sentimentos, percepções e vivências de um pai jovem? Quais os motivos desta indiferença geral em relação ao jovem pai? Por que praticamente eles não existem oficialmente? Sendo pensados como aqueles que fazem sexo de forma irresponsável, “jogando a bomba” no colo (barriga) da parceira e “saltando fora” ou “fugindo da raia”.<sup>249</sup>

#### 3.1 Paternidade juvenil em *close-up*

Aliada a estas dúvidas, a literatura consultada, de certa forma, fez-me perceber a inexistência de conhecimentos mais consistentes sobre o fenômeno da paternidade juvenil. Boa parte do material produzido sobre esta temática revisa pesquisas, políticas sociais e/ou dados de agências prestadoras de serviços ao jovem pai. No entanto, é interessante notar, que todos os resultados mencionam problemas, preocupações e estresses desse pai. Mais ainda, em sua maioria, sugerem áreas para intervenções futuras com estes, demonstrando talvez uma ineficiência dos

---

<sup>249</sup>Ressalte-se que as expressões “saltar fora”, “jogar a bomba” e “fugir da raia” apareceram ressemantizadas em outros descritores, na sua maioria, junto com a justificativa “se fui homem pra fazer tinha que ser homem pra assumir”, em quase todas as falas dos meus interlocutores. Isso corrobora para o entendimento de que, com a assunção do evento da paternidade, para esses seus protagonistas, têm-se um sinal de que não se é mais “menino”. No entanto, suas falas, também, fazem exsurgir a ambigüidade que envolve a sua tentativa de atuar em seu papel de homem jovem e pai. Talvez, o que se espere desse ator, que ainda é muito jovem, seja algo que extrapola sua, ainda curta, experiência de vida.

programas e serviços existentes até o presente momento. Estes fatos me instigam supor que há uma falta de conhecimentos subjetivos sobre o fenômeno da paternidade juvenil em suas mais diversas formas e efeitos.<sup>250</sup>

A falta destes conhecimentos, também me faz pressupor que as intervenções ora realizadas não estejam atingindo estes homens jovens que já são pais ou aqueles que têm a possibilidade de sê-lo. Isso poderia indicar, entre outras coisas, que se está trilando o caminho da paternidade juvenil talvez de forma contrária: antes de conhecer o evento detalhadamente, se quer intervir de qualquer forma, a fim de conter o avanço do que está sendo considerado pela mídia como uma epidemia: a “gravidez precoce”.<sup>251</sup>

Conforme Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca,<sup>252</sup> há um silêncio da sociedade em relação à paternidade juvenil, uma espécie de anulação social, uma vez que esta não oferece estrutura apropriada para o exercício da paternidade pelo jovem, o que dificultaria a ele assumir seu papel de pai. Bem como, existe uma organização social inadequada para apoiar os jovens que se tornaram pais, por estar esse evento fora do tempo e da seqüência de desenvolvimento considerados social e psicologicamente apropriados.

Sem querer questionar a importância ou não de um trabalho preventivo. Parece mais correto pensar a sexualidade juvenil em um contexto mais amplo de transformações, integrado pelo

---

<sup>250</sup>Não existem estatísticas oficiais sobre os números da paternidade juvenil no país. A única estimativa possível é aquela feita pelo número de mães, pensadas pelos órgãos oficiais como “mães adolescentes”. No entanto, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílios (PNAD – 2007), 11,8% das jovens entre 15 e 19 anos já tiveram filhos. Da mesma forma, a pesquisa GRAVAD, já referida acima, revelou que 29% das mulheres e 21% dos homens disseram ter um episódio de gravidez antes dos 20 anos de idade. Outros dados nos são revelados pela pesquisa da UNESCO – *Juventude e juventudes: o que une e o que separa* (realizada no Brasil em 2004, sob a coordenação da socióloga Miriam Abramoway, pesquisadora da RITLA – Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana), mostrando que 80% dos jovens matriculados na rede de ensino já tiveram relações sexuais. Destes, 89% tiveram a primeira relação sexual até a 4ª série do Ensino Fundamental. De acordo com Gilberto Amendola, em seu livro **Meninos Grávidos: o drama de ser pai adolescente**. Op. cit., no Brasil, a cada ano, cerca de 700 mil mulheres na faixa etária de dez a dezenove anos dão à luz, sendo 28% dos partos realizados na rede pública de saúde. Imagina-se, portanto, que um pouco mais da metade dos parceiros também tenha menos de vinte anos. No entanto, instrumentos oficiais de informação, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Sistema Nacional de Registro de Nascidos Vivos (SINASC), não contemplam dados que permitam conhecer as características sociodemográficas dos homens; isto, até certo ponto, dificulta pesquisas que possam caracterizar essa população.

<sup>251</sup>Dentre tantos outros exemplos que revelam esta leitura estereotipada do evento da gravidez entre jovens, vale conferir: DIMENSTEIN, G. *Desinformação provoca riscos sexuais*. In **Folha de São Paulo**. 15 de maio de 1999. Seção Cotidiano. p. 5; SOARES, I. *Gravidez precoce: gestações jovens estão sem controle*. In **Zero Hora**. 21 de novembro de 1999. Seção Geral. pp. 47/49 e AZEVEDO, Eliane. *Estatísticas oficiais ignoram pais-meninos*. In **O Estado de São Paulo**. 15 de junho de 1997. Caderno C. p.8.

<sup>252</sup>Cf. LYRA DA FONSECA, Jorge Luiz. *Paternidade Adolescente: da investigação à intervenção*. In ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, Benedito (Orgs.). **Homens e Masculinidades: outras palavras**. Op.cit.

processo de diversificação das experiências no âmbito da sexualidade e das mudanças no exercício da sexualidade desenvolvidas no mundo ocidental desde o século XIX e, de forma mais acentuada, neste início do século XX. É possível, assim, perceber que as políticas voltadas para o universo juvenil que propõem um modelo de regulação da vida sexual e reprodutiva estão na contra-mão dessa tendência generalizada do mundo ocidental.<sup>253</sup> Contudo, um foco tão forte na prevenção poderia estar indicando um pré-conceito, no sentido de que a paternidade juvenil, por ser apenas indesejável, ou uma experiência de conseqüências totalmente negativas para os envolvidos, deveria ser evitada a qualquer custo. Não parece haver uma preocupação maior em entender e ajudar esses homens jovens e pais a perceberem aspectos positivos nessa transição, a tirarem proveito de sua experiência, enfim, em auxiliá-los a serem pais efetivos.

Como eu tinha 17 anos e era só estudante, foi uma barra pesada. De uma hora para outra tive que aprender a trabalhar e estudar. Como eu casei e fui morar na casa da minha mulher, tive que aprender a conviver com outras pessoas. Minha família me ajudou muito, mesmo porque minha mãe me teve com a mesma idade que eu fui pai. Então ela sabia o que eu estava passando. Assim, como ela foi ajudada, me ajudou muito também. Claro que ninguém queria que isso acontecesse novamente na família, mas aconteceu! Acho que quando se é novo e estas coisas acontecem, mais do que criticar e cair em cima, o que se precisa é de apoio. Eu contei com ajuda sim: da minha mãe – e muito –, e também do pai e mãe da minha ex-mulher. Mas, sabe de uma coisa, que ajudou a acabar com o meu casamento? Todo mundo se preocupava mais com ela do que comigo. Como eu tinha que além de estudar, trabalhar pra não ficar dependendo só dos outros, sentia falta de apoio, de conversa... essas coisas. Apoio financeiro eu tive, não nego. Mas faltou o outro lado. Era só cobrança! Parece até que ser pai é igual a ter que ter dinheiro (**Heitor** – Registro de campo).

Nesse sentido, alargando repertórios, penso que pesquisas de caráter qualitativo, por exemplo, podem ajudar na compreensão da vida destes homens jovens e pais, no que tange ao entendimento de suas angústias, suas dúvidas, suas inquietações e desejos. Mesmo porque, alguns estudos<sup>254</sup> já apontam o desejo destes homens jovens de serem pais efetivos, apesar das barreiras percebidas para o seu envolvimento nos mais diversos aspectos.

(...) o susto foi grande, nós não fizemos de propósito, aconteceu! Não precisei ir trabalhar e sair do colégio, porque minha mãe me ajudou muito. Os dela também

---

<sup>253</sup>Cf. KNAUTH, Daniela et al. *Sexualidade juvenil: aportes para as Políticas Públicas*. In HEILBORN, Maria Luiza et al (Orgs.). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond/Fiocruz, 2006.

<sup>254</sup>Um exemplo do que estou falando pode ser observado na experiência do Instituto Papai, fundado em 1997 em Recife/PE. Coordenado pelo Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca, que junto com sua equipe, desenvolvem estudos, pesquisas e atividades como, por exemplo, programas de esclarecimento e apoio às questões ligadas a paternidade juvenil. [www.papai.org.br](http://www.papai.org.br)

dão a maior força. Não vejo à hora de terminar meus estudos e poder sozinho bancar a vida do meu filho (**Ulisses** – Registro de campo).

Que foi difícil foi. Mas hoje, olhando para trás, percebo o quanto o nascimento da minha filha quando eu só tinha 18 anos, me fez ser o homem que sou hoje. Aprendi cedo coisas como responsabilidade e determinação. Passado todo esse tempo, olho pra minha filha, causa de eu ter casado aos 18 anos, como a melhor coisa que já aconteceu na minha vida. (**Jasão** – Registro de campo).

Estes dados sinalizam uma tendência positiva no que diz respeito ao envolvimento do homem jovem e pai, que iria contra a tendência comumente aceita de que estes pais abandonam suas parceiras e/ou não querem se envolver com elas ou seu bebê devido a pouca idade. Indicam, talvez, uma nova tendência em relação a este evento, que deve ser investigada, pois estas mudanças de atitude deveriam ser acompanhadas por mudanças teóricas e práticas. Além disso, retratam o perigo dos pré-conceitos comumente veiculados em relação aos homens jovens e pais.<sup>255</sup>

O imaginário social está eivado de estereótipos sobre a paternidade juvenil, no geral, e sobre o jovem pai, em particular. Tais estereótipos tendem obscurecer, de modo recorrente, a percepção concreta do homem jovem que é pai.<sup>256</sup> Impondo-lhe o incômodo papel de coadjuvante no evento, e como figurante, sem direito a falas ou um *close* de rosto nesse álbum de viagem.

Como sugere Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca,<sup>257</sup> faz-se necessário pensar se esta visão negativa hegemônica<sup>258</sup> não estaria contribuindo também para minar seu desejo e seu potencial para o envolvimento com o bebê e a parceira. Contribuindo, de alguma forma, para criar ou alargar o oceano entre o jovem pai e o bebê, e até mesmo, entre este e sua parceira.

(...) quando eu fui morar na casa da família da minha mulher, que naquela época tinha um ano a menos que eu dava pra perceber que todos me olhavam como se eu tivesse criado um problema que eu tinha que resolver. Como eu não tinha muito

<sup>255</sup>Esta visão estigmatizadora e generalizante do evento da parentalidade entre jovens (homens e mulheres), nem sempre corresponde a realidade. Nesse sentido, vale conferir, entre outros trabalhos: CARPES, Nívea Silveira. *Filho cedo não é a pior coisa que pode acontecer na vida*. Op. cit. DIAS, Acácia Batista. *Parentalidade juvenil e relações familiares em Salvador (BA)*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, apresentada à UERJ, 2005. CABRAL, Cristiane da Silva. *Vicissitudes da gravidez na adolescência entre jovens das camadas populares do Rio de Janeiro*. Op. cit. MACHADO, Paula Sandrine. *Muitos pesos e muitas medidas: um estudo antropológico sobre as representações masculinas na esfera das decisões sexuais e reprodutivas*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, apresentada à UFRGS, 2003.

<sup>256</sup>Vale conferir o repertório de estereótipos sistematizados pelo pesquisador norte americano Bryan E. Robinson, que embora tenham sido construídos nos EUA, povoam, também o imaginário brasileiro. Cf. LYRA DA FONSECA, Jorge Luiz. *Paternidade Adolescente: da investigação à intervenção*. In ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, Benedito (Orgs.). **Homens e Masculinidades: outras palavras**. Op.cit. p. 197.

<sup>257</sup>Idem.

<sup>258</sup>Poderia estar ocorrendo uma “desnaturalização” de uma “idéia permanente”, ou de uma espécie de visão do social como sendo naturalmente dada. Como já foi dito, alguns estudos sinalizam uma vontade de envolvimento do jovem pai com o bebê e com sua parceira.

tempo pra curtir a minha filha, já que fui trabalhar e continuei estudando, parecia até que eu não gostava dela. Como minha mulher parou de estudar, por um tempo, e ficou tomando conta só da nossa filha, ela conseguia ser mãe; mas eu não conseguia ser pai. Pelo menos não como eu pensava que deveria ser, já que meu pai deixou a minha mãe antes de eu nascer (...) (**Heitor** – Registro de campo).

Desta forma, vejo a importância de englobar nos estudos da paternidade juvenil, questões sociais e culturais, uma vez que estas enriquecem o entendimento do evento. Investigar, por exemplo, a ocorrência ou não, no ambiente familiar de origem destes homens jovens e pais, a recorrência do evento da parentalidade juvenil, casos de violência doméstica, maus tratos, abandono paterno/materno, etc., a fim de verificar seu potencial de influência como causa e como determinante do tipo de parentalidade exercida.

Esse enfoque amplia a pesquisa, pois na verdade fatores isolados não podem ser considerados apenas nas causas da paternidade juvenil, já que também produzem certas consequências. Por vezes, a repetição de eventos. Assim, maus tratos ou desproteção na infância, por exemplo, podem estar relacionados à paternidade juvenil e, ao mesmo tempo, o pai jovem pode maltratar seus filhos. Sobre tal questão, o psicólogo argentino Alejandro Marcelo Villa, em estudo realizado com homens de setores urbanos pobres de Buenos Aires, para explorar os significados atribuídos por estes à reprodução na construção e organização de suas famílias, pode perceber, numa primeira evidência que:

(...) os homens estudados haviam sofrido experiências marcantes de desproteção afetiva no grupo familiar de origem (violência familiar, maus tratos e/ou abandono paterno e/ou materno). Tal situação pode ter determinado um distanciamento precoce do ambiente doméstico de origem, uma necessidade de sair. Nesse sentido, são insistentes em seus discursos os termos que aludem a serem *largados* ou a se tornarem errantes e ficarem *zoando por aí*.<sup>259</sup>

Ainda tentando expandir o entendimento do evento da paternidade juvenil, estudos realizados na França e Portugal objetivando compreender o significado de ter um filho, na vida de rapazes, fazem alusão à representação do evento da paternidade como possibilidade de uma “ancoragem social” ou um “antídoto à anomia”.<sup>260</sup>

<sup>259</sup>Cf. VILLA, Alejandro Marcelo. *Significado da reprodução na constituição da identidade masculina em setores populares urbanos*. In COSTA, Albertina de Oliveira. (Org.). **Direitos tardios: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina**. São Paulo: Editora 34, 1997. p. 118.

<sup>260</sup>Cf. VILAR, Duarte; GASPAR, A. M. *Traços redondos: gravidez em mães adolescentes*. In PAIS, J. M. (Org.). **Traços e riscos de vida: uma abordagem qualitativa dos modos de vida juvenis**. Porto: Ambar, 1999. LE VAN, Charlotte. **Les grossesses à l'adolescence: normes sociales, réalités vécues**. Paris: L'Harmattan, 1998.



Meus pais são fazendeiros no sul do Pará. Vim pra Belém pra estudar ainda moleque. Nós temos um apartamento aqui. Ai! Sabe como é... amigos, galera, mulherada, festa... rolou até essas paradas de droga. Meus pais estavam pra me fazer voltar pra casa, eu não queria nada com estudar, era só farra. Nessa, pintou da minha namorada ficar grávida. Quando as nossas famílias souberam, só sobrou pro nosso. Bem! Ela já estava na universidade, e os pais dela são super amigos dos meus e como sabiam que nós já estávamos mesmo morando juntos aqui em casa, não deu muita bronca. Só sei te dizer que todo mundo fala que eu mudei geral com o nascimento dele. Hoje estou na universidade e trabalho no escritório da nossa empresa aqui em Belém. Minha vida tomou outro rumo, hoje tenho projetos para o futuro com a minha mulher e o meu filho. Minha mãe diz que foi melhor ter um neto cedo do que vê o filho dela perdido (**Aquiles** – Registro de campo).

Outra questão, “boa para se pensar”, é buscar identificar as marcas das injunções de gênero na vida destes homens jovens e pais. Ou seja, buscar saber em que medida e de que forma, as questões relacionadas à paternidade juvenil podem ser informadas pelo gênero. Sabemos que a gravidez nesta fase da vida produz um grande impacto na vida de jovens de ambos os sexos. Percebe-se um “prejuízo” para o jovem pai, que “assume”, ou que consegue “assumir” sua paternidade, no sentido da escolarização e da responsabilidade financeira. Isso não correspondendo, muitas das vezes, à idéia socialmente veiculada que as jovens mães seriam as maiores “vítimas” deste evento. Nesse sentido, as falas já referidas de **Ares**, **Heitor** e **Jasão**, nos ajudam a relativizar possíveis responsabilidades. Se considerarmos assim, o que significa dizer, acionando o gênero numa perspectiva relacional,<sup>261</sup> ambos “sofreriam” com a (assim considerada) “gravidez precoce”, apenas de forma diferenciada. Ainda numa perspectiva de comparação entre gêneros, poderiam ser ressaltadas necessidades específicas de pais e de mães jovens. Como já disse, os homens jovens e pais parecem ainda se encontrar em estado de desvantagem quando comparados às jovens mães no que diz respeito ao atendimento de suas necessidades.

O peso da gravidez, pensada como “precoce”, não atinge somente a jovem mãe. No entanto, o que se percebe, inclusive a partir da literatura acadêmica consultada e aqui referida, é todo um cuidado – que acaba se transformando em estudos, alguns até com propostas intervencionistas – direcionados para a jovem mãe. A questão aqui é: por que não existe uma lógica de acolhimento ou aceitabilidade para o jovem pai? Quais os motivos dessa indiferença? Por que não pensamos no jovem pai? O que impediria o homem jovem de cumprir esse papel? Que papel/função se espera do homem jovem e pai?

---

<sup>261</sup>Nessa dimensão relacional são articuladas as atribuições e expectativas culturais e sociais de desempenho de papéis de gênero. Valendo conferir, para ampliar este debate: KIMMEL, Michael Scott. **Changing men: new directions in research on men and masculinity**. California: Sage, 1987 e SCOTT, Joan Wallace. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. In **Revista Educação e Realidade**. V 20. Nº. 2. Porto Alegre, jul/dez 1995.

Tradicionalmente, os estudos sobre reprodução e contracepção limitavam-se à população feminina. Entretanto, analisar questões relacionadas à sexualidade e reprodução, contemplando não apenas mulheres, mas também homens, possibilita deslindar um universo multifacetado em uma diversidade de situações. Tal perspectiva implica discutir os constrangimentos culturais imbricados no manejo contraceptivo de moças e rapazes.<sup>262</sup>

A busca pelo entendimento das questões diversas que permeiam a paternidade juvenil, aliada a literatura consultada, conseguiram me revelar certa opacidade nos debates sobre a paternidade juvenil. Ora lhes despindo ou destituindo de direitos, ora lhes cobrindo com o manto da invisibilidade; já que é evento eclipsado, até mesmo como objeto de pesquisa no meio acadêmico. Há uma escassez de estudos, como já fora mencionado anteriormente, que investiguem, principalmente, aspectos subjetivos da paternidade juvenil. Conhecimentos, quem sabe, até mais consistente e até menos preconceituoso a esse respeito.

Os contextos e os significados de cada gravidez para a trajetória dos rapazes permitem o delineamento de algumas tendências e evidenciam uma heterogeneidade de situações, se contrapostas ao que é comumente veiculado pela literatura sobre gravidez na adolescência. Falar em gravidez *desejada* na adolescência significa, em muitos casos, um expressivo avanço em relação à boa parte da literatura, que utiliza como argumento os danos indeléveis causados aos jovens (às jovens, mais precisamente) em decorrência de uma gravidez e/ou parentalidade, quase sempre qualificada de *precoce* ou *indesejada*.<sup>263</sup>

### 3.2 Eu também vou aparecer na foto? Subjetividades da paternidade juvenil

Sabe-se que a, assim considerada, “gravidez na adolescência” – e não somente nela – ocasiona mudanças físicas e emocionais na mulher. Mas a gravidez também pode ocasionar transformações na vida do homem. No entanto, as aflições da jovem mãe são conhecidas e estudadas, mas quando o assunto são os sentimentos do jovem pai existe um grande vazio. É como se nada acontecesse com ele durante a gestação e com o a iminência da paternidade, digamos assim, antecipada. Tudo isso acontece, talvez, porque a gravidez continua sendo tratada como um fenômeno exclusivamente físico. Portanto, apenas a mãe estaria passando por isso. Parafraseando Gilberto Amendola,<sup>264</sup> homens também ficam grávidos. Acredito não ser razoável pensar que, do

<sup>262</sup>Cf. CABRAL, Cristiane da Silva. *Paternidade na trajetória juvenil: uma contribuição ao debate sobre “gravidez na adolescência”*. In HEILBORN, Maria Luiza et al. (Orgs.). **Sexualidade, reprodução e saúde**. Op cit. p. 145.

<sup>263</sup>Ibidem. p. 158.

<sup>264</sup>Cf. AMENDOLA, Gilberto. **Meninos Grávidos – O drama de ser pai adolescente**. Op. cit.

ponto de vista emocional, os homens (de qualquer idade, inclusive)<sup>265</sup> fiquem isentos de profundas transformações interiores durante a gravidez e com a paternidade.<sup>266</sup>

Os homens também ficam grávidos! Isso pode soar estrídulo. Poucas pessoas admitem isso, poucos livros mencionam esse fato. Portanto, não estou aqui utilizando a expressão “homens grávidos” com intuito de ser engraçadinho nem para dar a entender que a gravidez da mulher não é só dela, ou que é o pai quem deve receber a maior parte das atenções durante a gravidez, ou que a mulher deve se concentrar em primeiro lugar no parceiro para que ele não se sinta excluído do processo. Escolhi a expressão “homens grávidos” para enfatizar uma verdade oculta de que muita gente, incluindo eu mesmo, não têm consciência – a de que, ao iniciar a paternidade, os homens, embora não engravidem fisiologicamente, passam por mudanças psicológicas significativas. Embora, muito frequentemente, nem percebam o quanto. Por isso, o evento deve aqui ser entendido com a devida relativização necessária. Mesmo porque, nossas cidades, grandes ou pequenas, são assoladas por uma praga debilitante: “a epidemia do pai desaparecido”.<sup>267</sup>

---

<sup>265</sup>Há um belo relato de João Carlos Pecci (irmão do cantor e compositor Toquinho, que vítima de um acidente automobilístico, tornou-se paraplégico em 1973), na abertura do livro **O novo pai**, de Malcolm Montgomery, falando de sua experiência de paraplégico grávido. “Após 23 anos de minha paraplegia e cinco de casados, passamos a incorporar a vontade soberana de fazer um filho. Para isso, eu teria de voltar a ejacular. (...) Após várias tentativas, chegou o dia em que misturamos lágrimas e risos, alegria e esperança: eu voltara a ejacular! (...) O fato é que, por meio da auto-inseminação com seringa, no dia 22 de dezembro de 1995 tivemos a confirmação de que Márcia estava grávida. Poder respirar o imponderável e manter as mãos aferradas no inexplicável. Vivemos para atingir essa proeza. Juntava minhas mãos às de Márcia nas caricias ao corpo dela. E olhava, ao lado, o meu corpo imóvel. Imóvel por fora, intensamente vivo por dentro. Evoluía em Márcia um elo inquebrantável com a vida, emanado do meu corpo. Eu me completava como ser humano e prosseguia paralítico: continuava sem andar, mas ia ser pai! Era 14 de agosto de 1996. Não sei se aquele centro cirúrgico recebera antes uma cadeira de rodas carregando um paraplégico grávido. Estava a alguns segundos de conhecer minha filha, deixando-me engolir por emoções que nem mesmo a paraplegia conseguiria impedir. Emoções tão antagônicas. A barriga de Márcia aberta, o médico transpirando, afundando a mão dentro dela. A placenta, as águas jorrando. Chegou um instante em que eu não discernia, só enxergava. A cabecinha, os bracinhos, o corpinho, as perninhas... ela inteirinha nas mãos do médico. Nem Jobim conseguiria criar um som mais agradável aos meus ouvidos para aquele momento do que o choro de Marina. Colocada junto de Márcia, eu olhava as duas e a cena materializa minha convicção. Conseguira fazer de Márcia uma mulher feliz, e eu sentia o que preconizara: vibrava mais com a maternidade dela do que com a minha própria euforia pela surpreendente realidade de ser pai. (...) Marina existe. É delirante perceber o futuro escorrer pelos dedos e cuidar para que não se perca nenhum grão de seu conteúdo. Eu posso segurar esse futuro em minhas mãos, lapidá-lo de amor e independência. Tocar na maciez de seus cabelos, sentir o cheiro de sua pele, provar o gosto de sua boca. Ouvir a suave música de sua voz chamando: Papaiê. Aperto esse futuro contra meu peito, dou-lhe um beijo de deixar marcas e certifico-me definitivamente: esse futuro já é meu intenso presente, e a paraplegia foi uma quimera, uma ilusão. Foi um boato em minha vida”. Cf. MONTGOMERY, Malcolm. **O novo pai**. 12 ed. São Paulo: Ediouro, 2005. pp.19/21.

<sup>266</sup>Sobre esta questão, a expressão casal grávido (CG), elaborada sobre a forma de projeto, condensaria a proposta de alguns casais (das ditas camadas médias, mas não só) de viverem a gestação e o parto, bem como a maternidade e a paternidade de forma distinta da tradicional. Este debate é realizado com argúcia em: SALEM, Tânia. **O casal grávido: disposições e dilemas da parceria igualitária**. Rio de Janeiro: FGV, 2007. Valendo conferir também: SALEM, Tânia. *A trajetória do “casal grávido”*: de sua constituição à revisão de seu projeto. In FIGUEIRA, Sérulo A. **Cultura da psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

<sup>267</sup>Cf. HEINOWITZ, Jack. **Pais grávidos: a experiência da gravidez do ponto de vista dos maridos**. São Paulo: Cultrix, 2005. p. 10.

Mas, meu interesse em estudar e compreender esses aspectos, digamos assim, eclipsados da experiência masculina frente à paternidade foram ganhando forma a partir de mergulhos teóricos mais consistentes na temática da sexualidade masculina. Esses mergulhos levaram-me ao encontro de uma literatura que, buscando fazer um giro epistemológico, tem procurado construir novas formulações teórico-conceituais abandonando a aproximação técnico-científica dos homens como indivíduos dotados de corpos de sexo masculino para abordá-los como “sujeitos em exercício de masculinidades”.<sup>268</sup> Trata-se de um outro olhar ao objeto “homem”, o que enseja outras ou novas perspectivas para os debates de gênero. De uma forma geral, esses estudos têm em comum, de um lado a recusa ao

(...) princípio essencializador que faz equivaler indivíduos de sexo masculino e masculinidade, o que nos conduziria a uma naturalização dos comportamentos e das atitudes. De outro, recusa também a determinação mecânica estrutural dos comportamentos individuais diante das normas socioculturais, explorando exatamente a riqueza dos exercícios plurais de identidade masculina.<sup>269</sup>

Esse aporte teórico ajuda-nos a perceber que

(...) em situações particulares e concretas de classe, etnia, diferença geracional, entre outros qualificantes de valores e crenças nos subgrupos sociais, inscreve-se um leque de masculinidades no interior da mesma referência cultural, isto é, do modelo hegemônico de masculinidade.<sup>270</sup>

Numa perspectiva contrastiva, portanto, entre a geração masculina que antecedeu esses jovens pais, a literatura consultada e os dados de campo coletados nesta pesquisa, é possível sugerir, com a devida relativização necessária, que ao contrário das gerações passadas, “(...) o número de garotos que assumem e se posicionam contra o aborto<sup>271</sup> é maior (...). Hoje em dia, essa questão da paternidade começa a ser encarada com mais naturalidade”.<sup>272</sup> São os homens jovens e pais,

<sup>268</sup>Cf. SCHRAIBER, Lilia Blima; GOMES, Romeu; COUTO, Márcia Thereza. *Homens na pauta da saúde coletiva*. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**. V 10. Nº. 1. Rio de Janeiro, jan/mar 2005. pp. 7/17.

<sup>269</sup>Cf. SCHRAIBER, Lilia Blima. *Saúde de homens e mulheres: questões de gênero na saúde coletiva*. In GOMES, Romeu. **Sexualidade masculina, gênero e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008. p. 10.

<sup>270</sup> Idem.

<sup>271</sup>A prática do aborto, embora ilegal, é uma realidade mundial. E não raro esta decisão é colocada como única solução, pelos mais velhos (pais dele ou dela). Por mais que estejam no centro do “furacão”, os jovens de ambos os sexos, envolvidos no evento da gravidez, na sua grande maioria, ainda costumam ficar calados, ou melhor, não são consultados; considerados como incapazes de decidir sobre suas vidas e fazer suas escolhas. Sem querer? Querendo? O jovem acaba virando espectador de sua própria vida. Com quinze, dezesseis anos (ou até um pouco mais), por exemplo, o jovem nem sequer tem uma opinião formada sobre o assunto. Não teve tempo de decidir se o aborto é um crime ou um direito. Observe-se que nas camadas mais populares, quase sempre, o aborto é uma hipótese remota. Primeiro pelo custo, segundo por questões morais, religiosas dentre outras. Nas ditas camadas médias, dada a realidade financeira ser outra, há uma idéia, de certa forma hegemônica, que se trilharia o caminho inverso. No entanto isto também deve ser questionado por dados empíricos.

<sup>272</sup>Cf. AMENDOLA, Gilberto. **Meninos Grávidos – O drama de ser pai adolescente**. Op. cit. p.31.

querendo surpreender a “platéia”. Conforme já mencionei, declarações como, “fui homem para fazer, vou ser homem para assumir”, estão se tornando cada vez mais comuns entre jovens pais.<sup>273</sup>

A gente nem pensou em fazer alguma coisa. Não foi algo que nós tivéssemos planejado, mas se aconteceu tínhamos que dá um jeito. Nem imagino como eu estaria hoje se tivéssemos feito algo assim (**Hermes** – Registro de campo).

Ela sempre soube que esse papo de casar não é a minha praia, to muito novo pra isso... sei lá... quem sabe um dia. Na casa dela sempre foi tudo liberado, ela sempre se cuidou com remédio e eu nem usava camisinha sempre. Até que um dia pintou a dúvida e falamos logo pra mãe dela, que é super gente boa. Ela esperava que não, mas quando confirmou, ela conversou com a gente e aconselhou que não era pra fazer nada... sabe? Essas coisas que fazem pra tentar tirar. Ainda bem! Porque eu não ia fazer mesmo. E foi assim a segunda vez também (...) (**Dionísio** – Registro de campo).

Como ela é bem mais velha que eu, quando ela desconfiou veio me avisar, e disse logo que já tinha decidido que não ia fazer nada pra tirar. Se fosse verdade, ela ia ter o filho e só estava me avisando. Eu pensei que ela ia mudar de idéia, até porque foi um lance entre a gente, nada muito sério, mas quando ela disse que era verdade eu fiquei super feliz de saber que ia ser pai e mais aliviado quando ela confirmou que não ia fazer nada pra tirar (**Ozires** – Registro de campo).

Naquela época eu não sabia nem o que pensar quanto mais o que fazer. Deu medo de dá a notícia pra os nossos pais. Tínhamos medo que eles mandassem fazer alguma coisa. Levamos muito bronca, fui trabalhar e nem gosto de imaginar se alguma coisa tivesse acontecido ali. Hoje eu não teria a minha princesa (**Cadmo** – Registro de campo).

Chama atenção nestes excertos, que a indução ao aborto é nuançada por “fazer alguma coisa” quando da confirmação da gravidez. Da mesma forma, revelam “[a]inda que a autonomia financeira e material seja relativa, na prática, os discursos dos rapazes estão eivados de uma obrigação moral que impele o homem a assumir e a exercer a função de provedor”.<sup>274</sup> Some-se a isso “(...) que o ‘assumir’, categoria sintética para o ‘responsabilizar-se pelo que fez’, condensa o comportamento valorizado pelo jovem, por seus familiares e pelo grupo de pares, além de ser signo de uma vida adulta e viril”<sup>275</sup>. Esse velho chavão, não tão velho assim, visto que “assumir”, de uma forma ou de outra, se faz presente em todos os discursos de meus interlocutores. Faz entrever, à primeira vista, que cada jovem pai acaba encontrando seu jeito de preencher seu espaço na vida do seu filho/a. Ressalte-se, no entanto que nem sempre estas decisões são tomadas de forma madura. Vale lembrar que bebês podem nascer de românticas noites de amor ou de atos “inconseqüentes”

<sup>273</sup>Ibidem. p.34.

<sup>274</sup>Cf. CABRAL, Cristiane da Silva. *Paternidade na trajetória juvenil: uma contribuição ao debate sobre “gravidez na adolescência”*. In HEILBORN, Maria Luiza et al. (Orgs.). **Sexualidade, reprodução e saúde**. Op cit. p. 168.

<sup>275</sup>Idem.

(como era mesmo o nome dela?), e que “assumir a paternidade” tem pouco a ver com casamento.

Mesmo por que:

[p]or diferentes caminhos , a criança vai sendo incorporada nas redes de trocas desses jovens e as famílias constituem um elemento fundamental, com seus distintos graus de apoio , para que os jovens ‘assumam’ a paternidade. Essa assunção também é heterogênea, podendo, ou não, elidir a parceira. Contudo, o esforço do ‘assumir’ ilumina características dos processos de construção de identidade masculina.<sup>276</sup>

Nesse sentido, o exercício da sexualidade juvenil revela como esses atores sociais conferem significações às suas práticas, que são parte integrante de seus comportamentos. Assim, as mudanças ocorridas na modernidade, como: no tipo de relacionamento entre os pares, no tipo de parceria, num relacionamento mais compartilhado, com projetos a dois, com investimento numa relação mais simétrica, gerando mudanças na concepção da gravidez e dos papéis, “(...) contribuem para quebrar a *dóxa* e ampliar o espaço das possibilidades em matéria de sexualidade”.<sup>277</sup>

Da mesma forma, a quebra do vínculo entre relação sexual e procriação, que privilegiava o casamento como espaço da reprodução biológica e social, promove novas atitudes e posicionamentos dos indivíduos nas suas práticas sexuais. Embora as relações sexuais ainda traduzam situações de “dominação masculina” e tendam a legitimar a sexualidade heterossexual, evidenciando certa inércia dos *habitus*,<sup>278</sup> está em curso, pode-se dizer, um processo de mudança nas relações entre os gêneros e na expressão da sexualidade no Brasil, como sugere Maria Luiza Heilborn.<sup>279</sup> Nesse sentido, é perceptível que os sujeitos sociais, no caso desta pesquisa, estes homens jovens e pais, revelem novas posições de ser e estar sexualmente inseridos e interagindo na sociedade, como leciona Antony Giddens.<sup>280</sup>

O início da vida afetivo-sexual dos sujeitos evidencia as diferentes posições e atuações sociais sobre a composição de si e o relacionamento com o outro, particularmente a partir do processo de “socialização do gênero”.<sup>281</sup> Segundo a assistente social Elaine Reis Brandão, para

<sup>276</sup>Ibidem. p.164.

<sup>277</sup>Cf. BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Op. cit. p.108.

<sup>278</sup>Cf. BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Op.cit.

<sup>279</sup>Cf. HEILBORN, Maria Luiza. *Gravidez na adolescência: considerações preliminares sobre as dimensões culturais de um problema social*. In: VIEIRA, Elisabeth et al (Orgs.). **Seminário Gravidez na Adolescência**. Rio de Janeiro: CEPIA/IPEA. 1998. pp.23/32.

<sup>280</sup>Cf. GIDDENS, Anthony. **Conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2000 e **Mundo em descontrolado: o que a globalização está fazendo de nós**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

<sup>281</sup> Cf. HEILBORN, Maria Luiza. *A primeira vez nunca se esquece*. In **Estudos Feministas**. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, V.6. Nº. 2, 1998. pp.370/374.

os/as jovens, esse é um processo lento e gradativo, novas sensações são descobertas e a aproximação entre os parceiros/as é “(...) permeada por carícias íntimas, desvelamento gradativo do próprio corpo e do corpo do parceiro/a, conversas, dúvidas e medos”.<sup>282</sup> Nesse sentido, de acordo com o médico e antropólogo Richard G. Parker, as narrativas juvenis sobre as suas primeiras experiências afetivo-sexuais revelam comportamentos moldados por uma cultura sexual brasileira, na qual homens e mulheres expressam as formas como vivenciam a sexualidade.<sup>283</sup>

De acordo com o sociólogo Michael Bozon, o momento atual revela que a autonomia sexual antecede a autonomia social dos jovens, os pais tornam-se testemunhas e cúmplices desse processo e intensificam suas orientações para os projetos escolares e profissionais, mas continuam sem promover um diálogo mais intimista sobre o comportamento sexual dos filhos.<sup>284</sup> Os dados de campo indicam que meus interlocutores reconhecem que suas práticas sexuais os tornam vulneráveis à experiência de parentalidade. Assim, revelam que o filho/a poderia ter sido postergado, mas positivam a existência dele/a, especialmente pela legitimidade adquirida, sobretudo na família, a partir da condição de paternidade. Esses são indícios que podem nos ajudar a pensar em possíveis mudanças no comportamento dos homens.

Mudança que também vem ocorrendo com uma atitude, até então, muito comum, o homem abandonar<sup>285</sup> suas parceiras; como se dizia num passado recente, “saltar fora” ou “abandonar o barco”. Ressemantizadas, estas expressões me chegaram: “parou com a mina”, “vazo”, “deletou”. Como se a paternidade fosse um objeto que se esquece em algum lugar distante e nunca mais se encontra, ou se deleta.

---

<sup>282</sup>Cf. BRANDÃO, Elaine Reis. *Individualização e vínculo familiar em camadas médias: um olhar através da gravidez na adolescência*. Tese de Doutorado, apresentada ao Instituto de Medicina Social da UERJ, 2003.p.87.

<sup>283</sup>Cf. PARKER, Richard G. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991.

<sup>284</sup>Cf. BOZON, Michael. **Sociologia da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

<sup>285</sup>Há quem relacione esse abandono ao crescente número de bebês deixados pelas mães nas portas de hospitais, vias públicas, parques, cestos de lixo etc. Vale ressaltar, no entanto, que não foram somente jovens pais que abandonaram essas mulheres e seus filhos; em boa parte dos casos, foram homens adultos que fugiram (se é que isso pode acontecer) da paternidade. Analisando conseqüências (não só jurídicas) do abandono e do não reconhecimento filial, por parte do genitor masculino, a advogada e diretora para a região sudeste do Brasil, do Instituto Brasileiro de Direito de Família – IBDFAM, Giselda Maria Fernandes Novaes Hironaka, propõem pensar de modo muito mais elástico o direito personalíssimo, que juridicamente se tem procurado chamar de “direito ao pai”. Texto que vale conferir: HIRONAKA, Giselda Maria Fernandes Novaes. *Se eu soubesse que ele era meu pai*. In **Revista Imes de Direito**. São Caetano do Sul. Ano II Nº. 4. jan/jun 2002. pp.9/16. Da mesma forma, as questões das disputas jurídicas em torno da identidade paterna são objeto de análise em artigo que coloca os “(...) novos desafios para uma antropologia do conhecimento, voltada para a análise das crenças (inclusive científicas) ocidentais”. Valendo conferir: FONSECA, Cláudia. *A certeza que pariu a dúvida: paternidade e DNA*. In **Estudos Feministas**. Florianópolis, V 12. Nº. 2. agosto/2004. pp. 13/34.

Ela sabia que eu não ia vazar. Nós nos amávamos muito e foi por isso que acabou acontecendo (**Hermes** – Registro de campo).

Conheço uma garotada que hoje nem esquentava com estas coisas. Sabe rapinho como se faz pra deletar (**Cadmo** – Registro de campo).

Eu levo muita zoeira dos meus amigos que param com a mina só por que ela ficou grávida. No meu caso eles dizem que foi diferente, por ela ser mais velha e ter o emprego dela e tal... eu não tive tantos problemas assim. Mas não é verdade, embora eu não tenha grana, meus pais acabaram dando a maior força e, por não ter estas cobranças de ter que assumir as coisas, acho que acabei sendo um pai legal pra o meu filho (**Ozires** – Registro de campo).

Ainda que o número de abandonos, digamos assim, pareça alto, segundo Gilberto Amendola,<sup>286</sup> pode-se perceber que na realidade ele vem caindo. No entanto, segundo o professor Ailton Amélio da Silva,<sup>287</sup> do Departamento de Psicologia Experimental da Universidade de São Paulo (USP) um dos autores o livro *Para viver um grande amor*, a paternidade “precoce” tende a desencadear uma relação estável, mas de pouca duração. Quando o filho/a precede o casamento, as chances de uma separação aumentam. O filho/a foi à razão dessa união, mas não há genuína compatibilidade entre eles. Seria um relacionamento que nasce da culpa de terem gerado uma criança. Portanto, difícil de “ir para frente”,<sup>288</sup> como se costuma dizer. Mesmo porque, homens e mulheres ainda tão jovens, certamente vão mudar seus critérios de atração. Vão se apaixonar por outras características, vão gostar de outras coisas. Seria de certa forma, injusto pedir para que ele/ela “se acomodasse” aos quinze ou dezesseis anos, por exemplo. Mas, relativizando: “o amor sempre pode dar certo”, até entre mais jovens.

### 3.3 Fotografias embaçadas: a figura do pai ficou fora do foco

Conforme Maria Luiza Heilborn,<sup>289</sup> a assim considerada, “gravidez na adolescência”, não se constitui um fenômeno novo no cenário brasileiro. Acompanhando uma tendência internacional, ela assume, entre nós, sobretudo nas últimas décadas, o estatuto de “problema social”, para o qual convergem à atenção dos poderes públicos, de organismos internacionais e da sociedade civil. Analisá-lo importa, em primeiro lugar, identificar as condições sociais e históricas que proporcionaram a emergência da “gravidez na adolescência” como um “problema social”, os atores

<sup>286</sup>Cf. AMENDOLA, Gilberto. **Meninos Grávidos – O drama de ser pai adolescente**. Op. cit.

<sup>287</sup>Cf. SILVA, Ailton Amélio; MARTIRES, Mônica. **Para viver um grande amor**. São Paulo: Gente, 2005.

<sup>288</sup>A estimativa (não oficial) é que mais de 60% dos casais formados por jovens, nos quais o filho precedeu o relacionamento, se separam depois de um ano. Segundo o senso norte-americano, todos os anos, mais de 1 milhão de crianças são envolvidos em casos de divórcio nos EUA. No Brasil, as estatísticas falam de 120 mil filhos atingidos pela separação dos casais jovens. Contando os casos não oficializados, estima-se que sejam 400 mil crianças por ano.

<sup>289</sup>Cf. HEILBORN, Maria Luiza. *Gênero e hierarquia: a costela de Adão revisitada*. Op. cit.



que se mobilizam em torno dele e sua representação atual. Nesse sentido, entender a construção social do “problema” significa empreender sua relativização.

Em segundo lugar, implica responder às insatisfações com o paradigma analítico dominante e fundar o exame em uma perspectiva sociológica. Tratando o fenômeno inserindo-o em um campo analítico mais amplo, já que a parentalidade envolve questões ligadas à maternidade e a paternidade, embora esta última fique, quase sempre, embaçada. Fazendo pensar, que esta ausência de estudos sobre a paternidade juvenil acompanha a tradição dos estudos de gênero, cuja produção está em larga medida voltada para o gênero feminino.

Exemplo disto é o texto *Adolescentes de hoje, pais do amanhã*, da especialista em estudos populacionais Maria Helena Henríquez et al,<sup>290</sup> que apesar do título sugestivo, trata exclusivamente, da gravidez sob a ótica das mulheres jovens, deixando o homem jovem na obscuridade, não levando em consideração, portanto, o pai da criança. Este tipo de situação, acaba reforçando a idéia de que a parentalidade e as questões que a envolvem, sejam mais um “negócio de mulher” ou “para mulheres”, deixando excluídos os homens .<sup>291</sup> Todavia, a abordagem do ponto de vista masculino possibilita ter acesso a outros níveis de uma teia de significados e relações. O que remeteria à necessidade de se prestar atenção às atitudes, práticas e representações masculinas sobre a gravidez e a participação dos homens – jovens neste caso – nesse evento. Com efeito, algumas pesquisas destacam, com ênfase, a ausência de informações sobre a paternidade juvenil, e até mesmo, sobre a paternidade em si; bem como, sobre o exercício da paternidade em diferentes momentos históricos.<sup>292</sup>

---

<sup>290</sup>Cf. HENRIQUEZ, Maria Helena et al. **Adolescentes de hoje, pais de amanhã**. Brasil/New York: The Guttmacher Institute, 1989.

<sup>291</sup>Cf. GARCIA, S. M. *Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero*. In ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, Benedito (Orgs.). **Homens e Masculinidades: outras palavras**. São Paulo: ECOS/Editora 34, 1998.

<sup>292</sup>Cf. LYRA DA FONSECA, Jorge Luiz Cardoso. *Paternidade Adolescente: uma proposta de intervenção*. Op. Cit. CORRÊA, Áurea Christina de Paula. *Paternidade na adolescência: vivências e significados no olhar de homens que a experimentaram*. Op. cit. HEILBORN, Maria Luiza et al (Orgs.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Op. cit. TRINDADE, Erika; BRUNS, Maria A T. *Era isso que eu queria?* Um estudo da maternidade e da paternidade na adolescência. In **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**. V 7. Nº. 2. São Paulo: Iglu, 1996. BEMFAM. *Pesquisa sobre saúde reprodutiva e sexualidade*. CDC/US: 1992. BEMFAM. *Adolescentes, jovens e a Pesquisa Nacional sobre demografia e Saúde. Um estudo sobre fecundidade comportamento sexual e saúde reprodutiva*. Rio de Janeiro, 1999. ACOSTA, Ana Rojas; VITALER, Maria Amália Faller (Orgs.). **Família: redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: PUC/SP, 2005. RAMIRES, Vera Regina. **O exercício da paternidade hoje**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. CABRAL, João de Pina. **O homem na família: cinco ensaios de Antropologia**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2003.

Nesse sentido, a antropóloga francesa Martine Segalen, em seu referencial trabalho, sobre a sociologia da família, nos adverte da possibilidade do desenvolvimento de idéias sobre a família e seus membros, estar ligado à vontade política de atuar sobre a família. Um exemplo disto, segundo ela, estaria na presença de discursos sobre a constituição da família que ainda tomam como base as teses evolucionistas do século XIX, com sua perspectiva de linearidade e referencial europeu. “A influência destas idéias foi considerável e encontrou um último fôlego na época das lutas feministas, já que Engles estimava que, na família monogâmica, um sexo estava submetido ao outro”.<sup>293</sup>

Nessa linha de pensamento, pode-se dizer, caminham os argumentos, por exemplo, da psicóloga Vera Regina Ramires<sup>294</sup> ao ressaltar a importância da influência dos meios de subsistência na estruturação da família e, conseqüentemente, no arranjo dos micros e macropoderes, bem como dos papéis intra e extrafamiliares nas relações entre os gêneros. Com as modificações ambientais, segundo essa autora, a atividade de coleta se tornou insuficiente; era preciso, então, caçar animais de grande porte e lutar por territórios e alimentos. As divisões de trabalho ganharam mais contorno e ficaram mais delimitadas. A força física era agora fundamental para a subsistência, inaugurando-se, assim, a supremacia masculina. Esse homem caçador, segundo podemos inferir pela configuração desta estrutura familiar, e que nesse momento não tinha consciência da sua condição de pai, era um sujeito que se ausentava para as caçadas e as lutas a fim de garantir o necessário à sobrevivência. No entanto, era uma pessoa visivelmente envolvida na instrução das crianças, nos ritos, na caça e nas lutas. Mesmo assim, teríamos ainda nesse momento o modelo matrilinear<sup>295</sup> de família.

Da mesma forma, conforme a escritora Rose Marie Muraro,<sup>296</sup> num primeiro momento da história da humanidade a participação do homem na reprodução da espécie era desconhecida. Os seres humanos viviam da coleta de vegetais e da caça de pequenos animais. A estrutura social e familiar se confundiria; não existia público e privado; o grupo formava uma espécie de unidade, era regido pela lógica da partilha e da solidariedade; e a criação das crianças era mais compartilhada pelo grupo. Nesse momento, os papéis das mulheres e dos homens não eram hierarquizados. Sendo

<sup>293</sup>Cf. SEGALEM, Martine. **Sociologia da família**. Lisboa: Terramar, 1999. p.32.

<sup>294</sup>Cf. RAMIRES, Vera Regina. **O exercício da paternidade hoje**. Op. cit.

<sup>295</sup>A descendência é uma regra que filia o indivíduo, pelo nascimento, a um grupo parental. Esta descendência pode ocorrer de forma bilateral (o parentesco é estabelecido através do vínculo de descendência dos dois progenitores) ou de forma unilateral (os indivíduos recebem sua identidade através do vínculo de descendência de um dos progenitores). A unilateralidade pode ser patrilinear (onde os laços de parentesco são traçados através do sexo masculino) ou matrilinear (onde os laços de parentesco são traçados através da linha feminina).

<sup>296</sup>Cf. MURARO, Rose Marie. **Homem/Mulher: início de uma nova era**. Rio de Janeiro: Artes e Contos, 1994.

a procriação a questão central da permanência do grupo, a mulher era socialmente valorizada graças à geração da vida. Desta forma, as famílias seguiam uma estrutura profamiliar centrada na mãe. Com as técnicas de fundição de metais e a possibilidade da agricultura, os seres humanos deixaram de viver como nômades, tornando-se sedentários, o que causou uma grande mudança na estrutura social. Assim começaram a surgir as primeiras cidades, os governantes e os servos, como também o comércio e a propriedade. As lutas continuam e o poder é conquistado pela força e medido pela posse, sendo então mais valorizado o poder masculino.

Assim, como assevera Martine Segalen, logo na primeira frase da Introdução de *Sociologia da família*, “[q]uando o presente vai mal, reinventa-se o passado”.<sup>297</sup> Tanto que, na obra em referência, seu esforço é o de desmistificar o modelo ocidental de família. Da mesma forma, no que tange a figura do pai, busca mostrar que desde os primórdios da humanidade, quando sequer se sabia que o pai desempenhava um papel na procriação até o momento atual, o papel do pai tem uma longa história, que vem se transformando e da qual podemos pinçar alguns momentos na tentativa de que eles iluminem a questão, tal qual ela se coloca hoje. Ou, quem sabe, tentando enquadrá-lo nessa fotografia.

Antes do período neolítico, por exemplo, a humanidade não conhecia o papel do pai na procriação, conforme o psicólogo Jacques Dupuis,<sup>298</sup> concomitantemente, os egípcios e indo-europeus, há cerca de sete mil anos, passam a conhecer a função reprodutiva do homem. Acreditava-se que este conhecimento tenha advindo da domesticação dos animais, quando se observou que para que se reproduzissem era necessário um macho e uma fêmea: dá-se, então, a descoberta da paternidade. Mas, desde tempos imemoriais, algumas culturas, por exemplo, desenvolveram dramas, lendas e ritos capazes de identificar o homem à gravidez.

Sobre tal questão, o psicólogo americano e terapeuta de família Jack Heinowitz,<sup>299</sup> comenta que o relato babilônico da criação, por exemplo, descreve a rebelião dos deuses masculinos contra A Grande Mãe, Tiamar, que rege o universo. A história se inicia com os deuses masculinos reunidos para decidir quem vai liderá-los na batalha contra ela. Cada candidato deve provar sua capacidade de derrotar a Grande Mãe cumprindo uma tarefa hercúlea: destruir, por um ato de vontade, um traje cerimonial e depois fazê-lo reaparecer. Marduk consegue executar esse ato de

---

<sup>297</sup>Cf. SEGALEM, Martine. *Sociologia da família*. Op. cit. p.9.

<sup>298</sup>Cf. DUPUIS, Jacques. *Em nome do pai: uma história da paternidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

<sup>299</sup>Cf. HEINOWITZ, Jack. *Pais grávidos: a experiência da gravidez do ponto de vista dos maridos*. Op. cit.

recriação e é proclamado deus supremo. Em seguida ele vence a Grande Mãe, mata-a e de seu corpo faz o céu e o inferno. Obcecados em estabelecer sua superioridade, os deuses masculinos não vêem alternativa senão subjugar a Grande Mãe. Ao fazê-lo, destroem metaforicamente a ligação com sua natureza feminina – suas capacidades de receber, amamentar e criar.

Da mesma forma, este autor mostra como o relato da criação no Velho Testamento inverte as leis da natureza. Não é a mulher quem dá à luz. É Deus (“Ele”), que, em vez disso, cria o mundo “pelo verbo”; em seguida, Eva nasce de uma costela de Adão. Sendo também possível, ainda segundo esse autor, perceber uma inversão parecida na mitologia grega, onde Zeus devora a mulher grávida, e com isso dá à luz Atena e Dionísio.

Assim, comenta ainda este autor, que no mundo inteiro as culturas tradicionais desenvolveram práticas que ajudam os homens na iminência da paternidade a aprofundar sua identificação com a gravidez. Essas práticas são conhecidas, em seu conjunto, como “rituais da *couvade*”. A palavra *couvade* deriva do francês *couver* – incubar, chocar – e significa o envolvimento do homem com sua cria que está para nascer. Alguns rituais da *couvade* são aparentemente simbólicos, conferindo certos privilégios ao pai gestante. Durante a gravidez, por exemplo, os homens são proibidos de cortar, matar, comer determinados alimentos, caçar, levantar objetos pesados ou tocar utensílios pontiagudos. À medida que se aproxima o nascimento, o costume exige que os homens entrem em isolamento, ou que imitem os sons e movimentos do trabalho de parto. Há outros rituais da *couvade*, no entanto, que envolvem mais diretamente os homens na gestação. Entre os Arapesh da Nova Guiné, o homem na iminência de se tornar pai se dedica a uma atividade sexual freqüente e extenuante para estimular o desenvolvimento saudável da criança que vai nascer. Depois do nascimento, ele se mantém próximo da mãe e da criança – tão próximo que é comum dizer-se que ele está “na cama tendo um filho”. Entre os Sirionas da Bolívia, o futuro pai sai para caçar quando começa o trabalho de parto. Seu retorno é esperado ansiosamente, porque só a ele se permite cortar o cordão umbilical. Entre os Zinacantecos do México, o homem amarra um cinturão em torno da mulher, durante o parto, para ajudá-la a dar à luz a criança. Em diversas culturas, as mulheres em trabalho de parto se reclinam em seus parceiros para facilitar a passagem da criança.

As explicações para os rituais da *couvade* são variadas, mas qualquer que seja seu objetivo, os costumes da *couvade* dão ao homem, na iminência da paternidade, de certas partes do mundo,

uma oportunidade de se aproximar do processo criativo e de participar ativamente da gravidez e do nascimento de sua prole.

Esses rituais podem também confirmar a situação especial deste futuro pai em momentos em que ele pode estar se sentindo perdido, confuso e isolado (ou não estar nem uma coisa nem outra); como um cidadão de segunda classe ou como alguém que aparece na fotografia – quando aparece – de forma embaçada. Talvez, em nossa sociedade não seja proporcionada aos homens, na iminência da paternidade, ritos de passagem ou mesmo um contexto cultural em que eles possam expressar seus anseios (ou não) quanto à aceitação de uma vida familiar de sua própria criação.

Também nesse conjunto dos rituais da *couvade*, há relatos sobre o resguardo do parto, feito pelo homem, em vez da mulher. Sendo estas também, práticas largamente difundidas em épocas e culturas diversas. Conforme o médico e ensaísta Antonio da Silva Mello,<sup>300</sup> o mercador e viajante italiano Marco Pólo, viajando em 1300, pelo sul da China, encontrou um povo que tinha um hábito surpreendente: quando uma mulher tinha um/a filho/a, depois de lavá-lo/a e embrulhá-lo/a, saía da cama para a qual ia o homem, pai desta criança, que aí ficava durante quarenta dias, tratando da criança. Os parentes vinham visitá-lo e cumprimentá-lo, enquanto a mulher se ocupava dos afazeres da casa, trazendo comida e bebida para o marido na cama e amamentando ao seu lado a criança.

Da mesma forma, ainda segundo este autor, da Índia vem notícias semelhantes, encontradas também em escritores gregos e romanos da antigüidade, que observaram o hábito da *couvade* em povos do Mar Negro, em algumas regiões da Itália, da Córsega, na ilhas Baleares, no sul da França e na Irlanda. Citando Apolônio, que viveu 290 anos antes de Cristo, em Rodes, informa que os Tibetanos, lastimando-se e chorando alto e tendo a cabeça amarrada, punham-se na cama depois do parto da mulher, deixando-se por ela tratar e tomando banhos apropriados às parturientes.

Ainda segundo Antonio da Silva Mello, autores mais modernos, dos séculos XVII e XVIII, inclusive o naturalista alemão Friedrich Heinrich Alexander, o barão de Humboldt, referem que em povos da América do Sul e Central era o homem que fazia o resguardo do parto, em geral de maneira bastante desagradável, pois precisava jejuar, passando meses recolhido na rede e comendo somente bolos de mandioca, pois qualquer excesso de alimento podia prejudicar a criança.

---

<sup>300</sup>Cf. MELLO, Antonio da Silva. **Assim nasce o homem**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1967.

Segundo o historiador Philippe Ariès<sup>301</sup> e a filósofa Elizabeth Badinter,<sup>302</sup> na sociedade ocidental cristã, o amor pelos filhos, tanto por parte da mãe, quanto do pai, é um sentimento relativamente novo, surgido no século XVIII, com o capitalismo nascente e com a filosofia da Luzes.<sup>303</sup> É neste século que a criança adquire um valor mercantil e começam os discursos sobre a necessidade econômica e política de conservar as crianças. A filosofia das Luzes traz os valores de igualdade e felicidade individual, contrapondo-se aos valores vigentes de salvação da alma e felicidade após a morte. Entrou em consideração o valor dado à liberdade de escolha do cônjuge, tanto para o homem quanto para a mulher. O novo casamento, fundado na liberdade será o lugar da felicidade e do amor. Constitui-se a família nuclear, com lugar privilegiado para a criança, sendo o pai e a mãe responsáveis pela sua felicidade, mas com papéis bem distintos. O pai será o provedor material, que ganhará, fora do lar, o sustento da família. À mãe caberão os cuidados cotidianos com a prole, zelando pela sua saúde física e mental e pela sua educação.

No entanto, essas são representações valorativas de uma época, o que significa dizer que não necessariamente os relacionamentos eram vividos desse modo, ou mesmo que faziam parte do ideal de diversos sujeitos e segmentos sociais da época. Sobre tal questão, o historiador francês André Burguière, com sua análise sobre o desenvolvimento da família nuclear e do casamento moderno, quebra a noção linear que muitos autores atribuem a esses acontecimentos na modernidade.<sup>304</sup>

Somado a isso, havia uma rede de significados e práticas que foram associando mulheres a práticas de cuidado relativo à criança. Philippe Ariès,<sup>305</sup> mostra como as crianças foram ganhando importância social e, conseqüentemente, adquirindo status de sujeito, o que permitiu que a maternidade se tornasse necessária. Esse autor aponta que a explicação plausível para essa ausência do sentimento de infância advinha dos altos índices de mortalidade infantil acarretada por pragas e pestes tão comuns na Idade Média. No intuito de esperar que, dos tantos, alguns não morressem, gerar filhos/as era algo comum. Uma nova procriação era importante, não somente porque a morte da criança gerava dor e sofrimento – daí a necessidade de ter outro/a filho/a –, mas também porque era preciso novas forças de trabalho para o sustento da família. Assim, muitas crianças mal

<sup>301</sup>Cf. ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Op. cit.

<sup>302</sup>Cf. BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

<sup>303</sup>Alguns críticos considerem exagero dizer que na Idade Média inexistia o sentimento de infância. Sugerindo que nesse período da história, o conceito de infância era tão distinto do que conhecemos atualmente que não conseguimos reconhecê-lo. Sobre essas críticas, vale conferir entre outros textos: HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

<sup>304</sup>Cf. BURGUIÈRE, André. **História da Família. Tempos Medievais: Ocidente, Oriente**. Lisboa: Terramar, 1997.

<sup>305</sup>Cf. ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Op. cit.

chegavam aos dois anos de vida, morriam e logo eram substituídas por outras, esperando-se que essas “vingassem” para o trabalho.

Talvez aqui tenhamos herdado o preconceito que os homens das Luzes tinham em relação à Idade Média: sobreviver sem viver, sem prazer, sem ideais pessoais, humanos, sem sentimentos etc. Acredito que temos que relativizar essa imagem de ter filho/a apenas como estratégia de sobrevivência para aumentar a mão de obra camponesa. Estes mesmo preconceitos temos em relação aos camponeses atuais e aos pobres em geral. É possível que o aumento dos cuidados com a higiene, o maior domínio das pragas e as formas de controle da natalidade levaram a uma menor mortalidade infantil e tenham contribuído para a valorização desse sentimento de infância.

Deste modo, com o prolongamento do tempo de vida da criança, esta passou a ocupar um lugar na estrutura familiar, modificando todo seu corpo de funcionamento, fortalecendo a figura feminina nessa função. Em contrapartida a essa construção social da infância ocorrida durante a história, mesmo após a descoberta da paternidade, a função do cuidado e da criação dos/as filhos/as permaneceram com as mulheres, pois os homens foram cada vez mais se afastando do universo infantil. Coube ao homem a não-participação em qualquer situação de cuidado e criação dos/as filhos/as; ao contrário das mulheres, o âmbito de atuação masculina deu-se no público, exigindo destes uma postura de enfrentamento de riscos e obstáculos. Seu papel seria de produzir e administrar riquezas, garantindo o sustento da família, além de garantir segurança e valores morais para a família. Assim, surge o modelo que contrapõe o espaço da casa e o espaço da rua, tido como um dos ordenadores das relações de gênero, que já foi largamente estudado na sociedade brasileira.<sup>306</sup>

Os poderes e deveres do pai e da mãe foram ao longo do século XIX, sendo divididos com o Estado, através da escola, da justiça, da assistência social e da medicina.<sup>307</sup> Assim, passa-se a esperar que o papel do pai, junto dos filhos, seja apenas, além de provê-los materialmente, de dar-lhes o exemplo de homem trabalhador e honrado, e exercer a autoridade como representante do Estado, dentro do lar.

---

<sup>306</sup>Cf. DaMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

<sup>307</sup>A política de higienização via medicina social, pode ser aprofundada em referencial trabalho, que vale conferir: COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. 5 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

E assim, chegamos ao meado do século XX que, quando da 2ª Guerra Mundial, entre outras coisas, tira a mulher de casa para o trabalho extra-lar. Pode-se dizer que neste momento, retira as mulheres das camadas mais abastadas (algumas até com formação educacional), visto que era mais comum do que se imagina, já nesta época, encontrar mulheres brancas, negras e índias vivendo de seus próprios negócios. Muitas destas mulheres já trabalhavam para garantir o seu sustendo, regendo lares.<sup>308</sup> Já na década de 60, temos à eclosão do movimento feminista nos Estados Unidos e depois, nos anos 70, no Brasil. Estes fatos trazem um rearranjo nas relações homens/mulheres e na família.

As mulheres, pressionadas pela dupla jornada de trabalho, passam a reivindicar a participação dos homens nos cuidados cotidianos com a prole e a casa, sua participação na gravidez, no parto e pós-parto. Inicia-se a construção de um novo modelo, que como todo novo modelo, tem que lutar com o antigo que ainda está profundamente introjetado nos comportamentos de homens e mulheres. Por isso, a construção do modelo de pai, que não é apenas representação da autoridade e o provedor material, mas sim um pai afetivo, participante dos cuidados cotidianos com os filhos, ainda é difícil.

Os sentimentos dos homens, durante a gestação de um/a filho/a podem ser os mais diversos. Orgulho, pois a paternidade é símbolo de sua virilidade e "macheza".<sup>309</sup> Deslocamento, pois, como vimos acima, quase sempre é excluído (ou se exclui) da gravidez e do parto. Ciúme, muitas vezes, da atenção que a mulher dedica ao feto e posteriormente ao bebê. Tendo sempre sido cuidado por mulheres, na figura da mãe, da babá, da madrinha, das tias, sente muita dificuldade em ver que os cuidados que recebia da companheira irãõ, em grande parte, para o bebê, e que, mais ainda, ele é solicitado a cuidar tanto da mulher, quanto do bebê. A sociedade lhe exige um novo papel, mas quase sempre não lhe dá as condições concretas de assumi-lo. A licença paternidade, por exemplo, resume-se a uma semana.<sup>310</sup>

---

<sup>308</sup>Sobre tal questão, vale conferir: Cf. DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. Vistas como transgressoras da ordem burguesa, essas mulheres trabalhadoras também são objeto de análise em: PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. A condição feminina de mulheres pobres dessa época é objeto de estudo de: SOIHET, Rachel. **Condição Feminina e Formas de Violência. Mulheres Pobres e Ordem Urbana. 1890-1920**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989. Nesta mesma linha de análise, vale conferir: SAMARA, Eni de Mesquita. **As mulheres, o poder e a família**. São Paulo: Marco Zero, 1989.

<sup>309</sup>Cf. NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p. 160.

<sup>310</sup>Este assunto será focado mais a frente.



Por outro lado, as mulheres, muitas vezes, ao mesmo tempo em que demandam por sua participação, no cotidiano, os excluem, pois o modelo antigo, fortemente introjetado, confere-lhes valor e poder pelo exercício dos cuidados com os/as filhos/as, não lhes sendo fácil partilhar este poder com os homens. Esta dificuldade é expressa em atitudes, que pude registrar com certa recorrência, no convívio com meus interlocutores, principalmente entre aqueles que vivem em conjugalidade com suas companheiras/parceiras, tais como: "Deixa que eu faço, você é tão sem jeito para trocar fraldas!" (Parceira de **Apolo**), "Deixa que eu faço! Você demora demais!" (Parceira de **Adonis**) ou "É melhor eu fazer logo...você faz tudo errado mesmo. Homem não aprende a trocar uma fralda" (Parceira de **Hermes**).

É possível perceber nestes discursos, entre outras coisas, aquilo de que nos fala a antropóloga Mirian Goldenberg, sobre a demonstração da superioridade feminina em domínios considerados pouco elaborados na vida dos homens, já que pensados como mais pragmáticos e menos afeitos a atividades comezinhas, revelando "(...) que as mulheres podem exercer dominação exatamente nos domínios em que constroem e hierarquizam diferenças de gênero. Domínios em que os homens são esmagados pela superioridade feminina". Ou seja, "(...) pode ser parte de um discurso de dominação, que legitima o poder feminino em tudo que se relaciona ao mundo do privado, ao mundo das emoções, dos sentimentos e das relações entre os gêneros".<sup>311</sup>

E aí, em nada ajuda um casal, em meio a estas vivências tão contraditórias, a imposição de um modelo de participação que não leve em conta a realidade social e pessoal de cada par, a história de vida de cada um. Cada pessoa está profundamente marcada pelo modelo de relação de filho/a que viveu. Por isto, nem sempre adianta a imposição de um modelo de participação do homem na gravidez, parto e pós-parto, etc. O que, talvez, possa ajudar um casal é rever o modelo que tiveram, e ver, deste modelo o que querem conservar e o que querem transformar.

Assim, por exemplo, se o companheiro/parceiro irá ou não às consultas pré-natais, participará ou não de um grupo de preparação para parto, estará ou não presente ao parto, são decisões a serem tomadas pelo par/casal (ou deveriam ser), levando em conta as possibilidades concretas (Há situação econômica favorável? Trabalha? É liberado para sair no horário das consultas? A maternidade permite a presença do pai? etc.) e as possibilidades subjetivas de ambos – neste caso de pesquisa, por tratar-se de uma população jovem, temos que lidar com a presença da

---

<sup>311</sup>Cf. GOLDENBERG, Mirian. **Intimidade**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2010. pp. 16/17.

parentela – (Há interesse do homem em participar? A mulher deseja a presença do companheiro/parceiro ou prefere – o que às vezes lhe é imposto – um familiar mais próximo? É permitida institucionalmente a sua presença? etc.).

Minha proximidade com **Ulisses**, sua parceira e o pequeno Pedro, foi e é para mim um aprendizado, sobre tais questões, na vida daqueles que denominei de “sujeitos em exercício de parentalidade”. De certa forma, acabei me transformando, na vida deste casal e eles na minha, naquilo que alguns chamam de tio-avô. Da mesma forma que os conquistei, ou fui conquistado pelo casal e seu filho, também pude ter uma aproximação maior com a mãe de Ulisses e o pai e a mãe de sua parceira. Ambas as famílias com um estilo de vida típico das ditas camadas médias, conforme aludimos acima. Assim, não raro foram os momentos de encontros familiares, quer em Belém, em suas residências, ou na ilha do Mosqueiro,<sup>312</sup> onde ambas têm residências de veraneio. Sendo assim, não só Ulisses foi meu interlocutor, soube dele por ele mesmo, mas também soube dele pelo que dele falam esta parentela mais estendida.

Apoiado, digamos assim, por esta parentela, **Ulisses**, do seu jeito e de seu modo (ou, como ele refere: “temos uma relação diferente”), vive sua paternidade desde o dia que recebeu a notícia de que sua parceira estava grávida:

A notícia foi direta e sem enrolação. Assim, pá pum! Desde então, tenho TPN (tensão pós-notícia e tensão pós-nascimento)<sup>313</sup>. Muita tensão! Não foi fácil encarar minha mãe e os pais dela e dá a notícia, eu com 17 anos e ela com 16. Pensa! Mas, o apoio da minha mãe me deu menos medo de falar com os pais dela. De cara eles falaram logo que não precisava esse negócio de casar, falaram que isso se resolveria com o tempo. Eles sabiam que eu só estudava e me deram todo apoio para que eu pudesse acompanhar tudo, desde o primeiro tu-tum tu-tum tu-tum lá do coração, lá no videoclipe<sup>314</sup> do bebê, até o parto que eu não assisti. A clínica era particular, mas mesmo pagando a taxa, eu não pude assistir por ter menos de 18 anos e ela também<sup>315</sup>. Mas, mesmo com essa força que os velhos nos

<sup>312</sup>A ilha do Mosqueiro, local de veraneio de muitas famílias belenenses, é um distrito administrativo do município de Belém. É uma ilha fluvial localizada na costa oriental do rio Pará, no braço sul do rio Amazonas, em frente à baía do Guajará. Possui uma área de aproximadamente 212 km<sup>2</sup> e está localizada a 70 km de distância do centro da capital Belém. Possui 17 km de praias de água doce com movimento de maré. O nome "Mosqueiro" é originário da antiga prática do "moqueio" do peixe pelos indígenas tupinambás que habitavam a ilha.

<sup>313</sup>Encontrei uma referência sobre a TPN, aludida por Ulisses (referência que me deixou bem intrigado), em um livro recém lançado em tom bem humorístico. Nele são abordadas as emoções e os percalços da gravidez do ponto de vista masculino. Seu autor vai desde o pânico da primeira notícia até alguns dias após o nascimento do bebê. Passando pelo primeiro ultrassom, pelo sumiço do obstetra, pela intrigante placenta, pelas outras grávidas e os outros “homens grávidos”, pelos hormônios ensandecidos etc... Cf. KAUFMANN, Renato. **Diário de um grávido**. São Paulo: Summus/Mescla, 2010.

<sup>314</sup>Uma metáfora bem jovial para ultra-sonografia.

<sup>315</sup>Embora bastante desconhecida, a Lei Nº. 11.108 de 07 de abril de 2005, também conhecida como Lei do Acompanhante, altera a Lei Nº 8.080 de 19 de setembro de 1990, para garantir às parturientes o direito à presença de acompanhante escolhido pela parturiente, durante o trabalho de parto, parto e puerpério, no âmbito da rede pública ou

dão, vivo numa tensão, desde que o Pedro nasceu, de não fazer merda... sabe como é? Sou novo, mas já sou pai (**Ulisses** – Registro de campo).

Como sugere a psicóloga Cibele Cunha Lima da Motta, o acompanhamento da gestante durante o pré-natal, assim como um conjunto de atitudes diante da gravidez, faz parte do comportamento atualmente vislumbrado pelos homens, principalmente os mais jovens, diante da paternidade. Isso porque o homem tem apresentado maior interesse na participação cotidiana, demonstrada através do companheirismo e cuidados com a gestante, assim como com a criança, exercitando de forma positiva e plena a paternidade.<sup>316</sup> Além disto, estudos têm demonstrado que a presença do companheiro/parceiro influencia favoravelmente na evolução da gravidez e diminui riscos e efeitos desfavoráveis à saúde da criança, pois a insegurança e a solidão podem causar riscos físicos e psicológicos, principalmente quando a mulher é ainda muito jovem.<sup>317</sup> A exclusão do pai da arena da saúde reprodutiva (embora saibamos que muitas vezes ele se exclui) permanece acontecendo como me fora narrado, à semelhança de inúmeros casos descritos pela literatura, a perguntar: onde está o pai?<sup>318</sup> Repensar esta situação parece urgente no sentido da construção da equidade de gênero neste campo, bem como no da garantia dos direitos sexuais e reprodutivos na, assim considerada, adolescência.

Evidentemente que do ponto de vista social devemos lutar para que a todos os homens sejam assegurados direitos de participação maiores que os atuais: uma licença paternidade significativa, e não os atuais cinco dias, licença para acompanhar a mulher ao pré-natal, presença no pré-parto e sala de parto, em todas as maternidades, públicas e privadas. Com os direitos assegurados, caberá a cada casal construir seu próprio modelo de participação.

Sabemos que os sentimentos tanto do futuro pai, quanto da futura mãe são contraditórios durante a gestação: alegria, satisfação, orgulho, por um lado; por outro, momentos de insegurança, dúvidas, angústias com a exigência do novo papel, papel sempre novo, mesmo quando se trate de

conveniada ao Sistema Único de Saúde – SUS. A escolha do pai da criança durante estes eventos faz parte da proposta de humanização da assistência médica à mulher gestante. No entanto, no âmbito da rede particular de assistência médica, esse procedimento ficou livre para a cobrança ou não, de taxas àqueles que desejarem tal acompanhamento. Mas, de uma forma geral, há desconhecimento e descumprimento dessa norma. Isso foi possível perceber na literatura consultada e na fala de meus interlocutores quando questionados sobre tal dispositivo legal.

<sup>316</sup>Cf. MOTTA, Cibele Cunha Lima da. *Quem acolhe esta mulher? Caracterização do apoio emocional à parturientes*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, apresentada à UFSC, 2003.

<sup>317</sup>Cf. LIMA, Indira Campos. *Gravidez na adolescência: perfil, atitudes e responsabilidade paterna*. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva, apresentada à Universidade Estadual de Feira de Santana, 2002.

<sup>318</sup>Cf. SIQUEIRA, Maria Juracy Toneli et al. *Profissionais e usuárias(os) adolescentes de quatro programas públicos de atendimento pré-natal da região da grande Florianópolis: onde está o pai?* In **Estudos de Psicologia**. Ano 7. Nº. 1. 2002. pp. 65/72.

uma segunda, terceira ou demais gestação, pois há sempre a sensação de: "Darei conta de mais um?" Foi a reação de **Jasão** quando soube da segunda gravidez da esposa. "Já estávamos casados, desde o nascimento da minha mais velha, já estava trabalhando e tinha acaba de me formar e arrumado um novo emprego, agora como advogado, mas a coisa ainda não estava tão boa assim. Deu medo!" (**Jasão** – Registro de campo).

A presença de um pai afetivo e companheiro, no processo de desenvolvimento de uma criança em um adulto feliz, cooperador e criativo é muito importante. Sem dúvida, uma participação positiva do companheiro na gravidez, parto e pós-parto formará uma boa base para a construção de uma boa relação pai/filho/a. Por uma participação positiva, quero dizer que seja satisfatória tanto para a mulher, quanto para o homem, pois é preciso que ambos estejam bem, que a relação do casal seja boa. Isso não significando dizer que obrigatoriamente a existência de filhos/as motive a conjugalidade de homens e mulheres, especialmente entre a população juvenil. Há, em alguns casos, uma tendência no sentido da coabitação imediata, que pode ser entendida como uma forma de compromisso, de resposta à ordem social.<sup>319</sup> Nestes casos, ainda que a separação sobrevenha, fica registrado o reconhecimento e o comprometimento do jovem com sua parceira e a criança. Logo, neste álbum, com direito de fazer parte da fotografia.

### 3.4 Se eu também existo, dá pra aparecer na fotografia?

Retomando a questão da naturalização dos papéis masculinos e femininos relacionados à afetividade no momento da parentalidade. O fato de um menino brincar de boneca, bem raramente, é interpretado como um menino brincando de ser pai. Com as meninas é justamente isto que acontece: a tarefa de colocar um bebê de brinquedo para dormir, ou banhá-lo, é observada como uma preparação para o seu futuro papel de mãe. A sociedade sustenta o senso comum de que as mulheres possuem um "instinto materno"<sup>320</sup> a seu favor.

Sobre estas questões, pude conversar com **Hermes**, numa manhã de domingo, que era para ele, dia de folga do quartel e, como sempre faz, quando isso acontece, reserva estes momentos para seu filho e sua filha. Marcamos nosso encontro em uma das praças da cidade, que já tem certa referência de abrigar, nas manhãs de domingo, vários casais com seus pequenos filhos/as e seus

---

<sup>319</sup>Entre meus interlocutores, vivenciaram essa experiência: **Adonis**, **Aquiles**, **Hermes** e **Cadmo**. Os dois primeiros seguem na mesma situação de coabitação com suas parceiras; já os dois últimos, oficializaram suas relações, pelo casamento, com suas parceiras.

<sup>320</sup>Cf. BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Op. cit.

carinhos de bebê. Para quem nunca viu um congestionamento de carrinhos de bebê, fica aqui a referência.<sup>321</sup>

Ressalto que durante o trabalho de campo, esse foi um de meus cenários de inspiração. De longe ou de mais próximo, nesses espaços foi possível perceber, ou melhor, fotografar o invisível (exercício possível para um olhar que busca recuperar zonas de visibilidades recobertas), o universo subjetivo de homens jovens, em “exercício de paternagem”. Esses cenários fizeram de mim, algo próximo daquilo que os filósofos franceses Gilles Deleuze e Pierre-Félix Guattari chamam de “cientista ambulante”<sup>322</sup> e, da mesma forma, o historiador francês Michel de Certeau, chama de “pesquisador andarilho”.<sup>323</sup> Nesse sentido, comungo da idéia de Antonio Crístian Saraiva Paiva, sobre a riqueza “(...) que constitui para a pesquisa, de praticar, um pouco que seja, um pensamento nômade, uma sociologia nômade, de ‘intermezzo’(...)”.<sup>324</sup> Certamente, muitos dos meus melhores registros do diário de campo, são frutos destes momentos de deambulação, onde recolhi muitos dos fragmentos para compor o “artesanato intelectual”<sup>325</sup> inerente à produção acadêmica. Artesanato pensado aqui como *petit métier*<sup>326</sup> que,

(...) a meu ver está bastante próximo do trabalho de pesquisa em ciências sociais. Afinal, feito artesãos, trabalhamos com bricolagem de materiais miúdos: livros, papéis íntimos, entrevistas, fotos, jornais, arquivos, observações, festas, filmes, teatro, músicas, documentários, novelas, shows, cadernos de receitas, quadros, crônicas e poesias – que compõem a riqueza de nosso trabalho de ‘artesãos do pensamento’.<sup>327</sup>

Mas, voltando para questão da naturalização dos papéis masculinos e femininos, expressos inclusive nas brincadeiras infantis, objeto de minha conversa com **Hermes**, nesta manhã de domingo com as crianças na praça. Ele me surpreendeu com sua fala: “(...) acho que os pais nascem meio que na porrada. Sabe aquele aparelho que tira o bebê lá de dentro da mãe quando ele não quer nascer? Pois é! Pai, nasce meio assim... assustado, não sei! Já as mães... essas nascem antes: durante

<sup>321</sup>A referência é à Praça Batista Campos. Localizada em bairro nobre de Belém/PA, com um certo “charme europeu” é uma das praças mais bonitas da cidade. Seu nome presta homenagem ao Cônego Batista Campos, um dos principais personagens da revolução popular conhecida historicamente como Cabanagem.

<sup>322</sup>Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Pierre-Félix. **Mil Platôs**. Volume 5. São Paulo: Editora 34, 1997.

<sup>323</sup>Cf. CERTEAU, Michel de. *A operação histórica*. In LE GOFFE, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

<sup>324</sup>Cf. PAIVA. Antonio Crístian Saraiva. **Reservados e Invisíveis: o ethos íntimo das parcerias homoeróticas**. Op cit. p. 97.

<sup>325</sup>Cf. WRIGHT MILL, Charles. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

<sup>326</sup>Cf. PARC. Martha le. *Homenagem às mãos silenciosas*. **Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. (Memorial da Cultura Cearense)**. Fortaleza: Pinacoteca, 2001.

<sup>327</sup>Cf. PAIVA. Antonio Crístian Saraiva. **Reservados e Invisíveis: o ethos íntimo das parcerias homoeróticas**. Op cit. p. 105.

a gravidez, não sei! Talvez seja quando ela ganha a primeira boneca, ou talvez mulher já nasça meio mãe”.

Pensando nisto, é possível imaginar como, para alguns homens, o ato de demonstrar seus sentimentos – os paternos, por exemplo – pode ser difícil. Afinal, se eles foram repreendidos severamente, até mesmo com punições físicas, por terem tentado expressar tais sentimentos na sua infância, como haveria de ser diferente no momento da paternidade. Desta forma, quando nasce um bebê, e como consequência surge um pai, este se vê em dificuldades para demonstrar seus reais sentimentos. Quando este pai é ainda “quase um menino, mas que já faz menino”: as coisas ficam bem mais complexas. Como fala **Hermes**: “Cara! Ser pai, pra mim, é todo um processo, é um negócio diferente do que acontece com a mulher. Com a gente, tudo começa do lado de fora e ai vai tomando conta da gente. Acho que a gente vai aprendendo aos pouquinhos. Ai, fera, quando isso acontece, sai quebrando tudo lá dentro da gente. Tudo muda geral. Não tem essa de perder a juventude e a liberdade. Minha vida são os dois e me divirto pacas com eles (...)”.

Estes, “quase meninos, mas que já fazem menino”, aqui pensados como jovens, estão virando pais, quase imediatamente depois de começarem – “precocemente?” Não sei dizer – a vida sexual. Encerrando uma fase em que ainda “quase meninos”, acreditavam ter pela frente muitos anos de diversão e liberdade.

Neste sentido, como já foi discutido anteriormente, a assim considerada, adolescência, não é exatamente uma fase natural de nosso ciclo biológico. Muito embora seu início coincida com a puberdade, na Modernidade ela é artificialmente prolongada de acordo com certas condições culturais; até bem pouco tempo atrás, essas condições eram o adiamento da entrada no mercado de trabalho – isto é, o prolongamento da dependência infantil em relação aos pais –, que coincidia com o adiamento da experiência sexual, imposta pelo tabu da virgindade, do qual as meninas eram as principais (mas não as únicas) vítimas. Hoje, uma das condições que prolongavam muito além do natural, a dita adolescência, caiu. Meninos e meninas desfrutam da liberdade sexual de maneira mais fluída, enquanto nos planos legais e profissionais são mantidos na condição de crianças.<sup>328</sup>

---

<sup>328</sup>Este debate pode ser ampliado em: SALES, Mione Apolinário. (In) **Visibilidade Perversa: adolescentes infratores como metáfora da violência**. Op. Cit.

De acordo com o médico e psicanalista José Outeiral,<sup>329</sup> membro da International Psychoanalytical Association, revendo os conceitos, situa a puberdade correspondendo aos processos biológicos e a adolescência a fenômenos psicossociais. Para ele:

Nos anos 70, a criança se tornava púber e depois adolescia; nos anos 80, a puberdade e a adolescência ocorriam concomitantemente, e na última década observo uma conduta adolescente (namoro, contestação, etc.) em indivíduos ainda não púberes, antes dos dez anos, com sete ou oito. Acho inclusive, que o conceito infância como momento evolutivo e com necessidades específicas, estabelecido com o Iluminismo, sofre o risco de sofrer profundas transformações.

Desta forma, ainda segundo este autor, existem outros diferenciais, como o ambiente socioeconômico e cultural em que este sujeito, considerado/a adolescente se desenvolve. Nas camadas sociais menos favorecidas, pode-se, de certa forma, perceber que o processo da dita adolescência começa e termina mais cedo, enquanto nas mais favorecidas acontece também mais cedo, mas, via de regra, termina bem mais tarde. No entanto, se considerarmos o exemplo de algumas sociedades primitivas, a criança após rituais de iniciação, se tornava um adulto.

Hoje, a chamada adolescência, se alonga cada vez mais, entre nós, ocorrendo inclusive a *adulescência* – termo que designa o ideal de ser adolescente para sempre –, em que adultos têm condutas adolescentes e faltam padrões adultos para os “verdadeiros” adolescentes se identificarem.

Nesse sentido a família pode ser considerada como uma síntese desse universo simbólico e das instituições nas quais se constroem as subjetividades, onde se reproduz a ordem sociocultural em que estão inseridos e são atualizadas as relações de gênero em todas as suas dimensões, no trabalho, no exercício da sexualidade e nas relações de afeto. Contudo, o gênero se constrói numa multiplicidade de instituições e não apenas na família ou nas relações de parentesco: “(...) ele é construído igualmente na economia e na organização política, que, pelo menos em nossa sociedade, operam atualmente de maneira amplamente independente do parentesco”.<sup>330</sup>

Percebendo a hierarquização dos papéis masculinos e femininos como uma construção social, cultural e histórica, pode-se supor que pela análise das relações de gênero – mas não só por ela – é possível compreender as desigualdades sociais no exercício da paternidade, em nosso caso,

<sup>329</sup>Cf. OUTEIRAL, José. Adolescência: modernidade e pós-modernidade. In WEINBERG, Cybelle. **Geração Delivery: adolecer no mundo atual**. São Paulo: Sá, 2001. p.23.

<sup>330</sup>Cf. SCOTT, Joan Wallace. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Op. cit. p.87.

da paternidade juvenil. Interesse que não está aqui “de graça”, como se costuma dizer. Ele se releva do fato de sabermos que somos marcadamente encaminhados em nosso aprendizado cultural e em nossa atualização dele, pelas diferenciações de gênero que nossa sociedade considera.

A força do movimento feminista nos anos 60, do último século, impulsionou a construção de novos paradigmas nas áreas das ciências sociais e das humanidades. Um desses novos paradigmas – sem dúvida um dos mais frutíferos e populares – foi a idéia de gênero ou a cisão do conceito de sexo em níveis distintos. O conceito gênero surge em consequência das grandes transformações e deslocamentos tanto no nível político e das relações entre homens e mulheres, cujas novas dinâmicas são incontestáveis, como no pensamento e na elaboração teórica sobre o social. A partir da formulação e da utilização do conceito gênero, a Antropologia e as ciências sociais passaram a conquistar e explorar novos temas e objetos, imprimindo às análises novas interpretações sobre as diferenças entre homens e mulheres, sobre o corpo, o sexo e as relações sociais. Simultaneamente ao desenvolvimento do conceito gênero, sua noção passou a ser elaborada por várias disciplinas, em muitas destas áreas vem substituir ou se sobrepor a estudos de papéis sexuais. Mas é, especialmente, a partir dos anos 80 do século passado, que a noção de gênero assume uso mais generalizado.

A questão central dos debates na década e 70 do recém findo século, foi a universalidade da opressão feminina em estudos que tomaram os papéis sexuais como base para a explicação da divisão sexual do trabalho. De certo modo, os primeiros estudos neste campo, tomam como ponto principal a busca de modelos analíticos que dessem conta da questão da opressão/submissão feminina. A efervescência desse debate nasce com estudos feitos por mulheres, sobre mulheres.<sup>331</sup> Em uma ordem cronológica, se podemos assim dizer, eles começam com estudos “da mulher”, de mulheres e por fim os de gênero.<sup>332</sup>

Com essa mudança de olhar, o tema gênero é bem evidente na produção acadêmica entre as décadas de 80 e 90 do século XX, ainda que as abordagens principais sejam na perspectiva da mulher. É bom lembrar que no Brasil, os estudos e discussões sobre o tema também acompanharam

---

<sup>331</sup>Um referencial sobre esta questão pode ser conferido em: ORTNER, Sherry B. *Está a Mulher para o Homem, assim como a Natureza está para a Cultura?* In ROSALDO, Michelle Z.; LAMPHIRE, Louise. **A Mulher, a Cultura, a Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

<sup>332</sup>Algumas leituras podem auxiliar no entendimento dessa trajetória: HEILBORN, Maria Luiza. *Fazendo Gênero? A antropologia da mulher no Brasil*. In COSTA, Albertina O.; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. KOFES, Suely. *Categorias analítica e empírica: gênero e mulher: disjunções, conjunções e mediações*. In **Cadernos Pagu**. Nº. 1. São Paulo: UNICAMP, 1993.



essa mudança de enfoque. Segundo a antropóloga Lia Zanotta Machado,<sup>333</sup> a abordagem de gênero no Brasil, tem como referência inicial o ano de 1987.

A noção de gênero enquanto construção cultural é uma reação a “naturalização” e a uma espécie de visão do social como sendo “naturalmente” dado. Os estudos atuais de gênero têm procurado resgatar o uso desta categoria procurando desnaturalizá-la, desnaturalizando também, assim, as categorias de homem e mulher. Na perspectiva antropológica a categoria passa a se referir às identidades socialmente construídas permitindo se pensar o gênero enquanto elemento distintivo dos atributos culturais impostos a cada um dos sexos.

No entanto, a desnaturalização questionada pela categoria gênero não implicou numa desconsideração da sociedade de algumas características sempre atribuídas ao homem e à mulher, assim, no singular e distintamente. Neste sentido, pensar o masculino remete ao forte, a mudança, ao exterior, ao público. O feminino, por outro lado, remete quase sempre a idéia de fragilidade, de repetição daquilo que está dentro, do privado.<sup>334</sup>

Como propõe a socióloga catalã Maria Jesús Izquierdo: “[a] sociedade se acha estruturada em dois gêneros, o que produz e reproduz a vida humana, e o que produz e administra riquezas mediante a utilização da força vital dos seres humanos”.<sup>335</sup>

Através da abordagem de gênero percebe-se como a idéia da demonstração do afeto está diretamente associado à noção de feminino, a ponto de constituir-se cerne de uma ética feminina, e como o homem foi – e, na maioria das vezes, continua sendo – excluído (ou se exclui) dessa demonstração da afetividade.

Nesse sentido, a interpretação do senso comum se apóia em uma diferença de comportamento e de papéis. Acima de tudo, mulheres são possíveis mães – após serem fecundadas, nutrem, carregam e dão à luz a um novo indivíduo, que deverá receber atenção por boa parte de sua vida. Poesia e literatura descrevem esse ser com adoração e reserva, visto que transita entre a

---

<sup>333</sup>Cf. MACHADO, Lia Zanotta. *Feminismo, academia e interdisciplinaridade*. In COSTA, Albertina O.; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

<sup>334</sup>Cf. ROSALDO, Michelle. *O Uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural*. In **Horizontes Antropológicos – Gênero**. Ano 1. Nº. 1. Porto Alegre: UFRGS, [1980]1995.

<sup>335</sup>Cf. IZQUIERDO, Maria Jesús. *Uso y abuso del concepto de género*. In VILANOVA, Mercedes (Org.). **Pensar las diferencias**. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitaria S.A., 1994. p.49.

sensualidade e a maternidade. Já os homens, historicamente também tiveram o seu papel: fecundar, e prover o sustento para a mulher e seus descendentes.

Mas, é bem verdade, que as funções para os dois sexos mudaram e, na verdade, seguem mudando ao longo da história. Atualmente, por exemplo, principalmente na sociedade ocidental, boa parte das mulheres integra o mercado de trabalho extra-lar, e muitos dos homens realizam funções domésticas e participam mais ativamente da criação dos filhos/as. Mesmo assim, algumas expectativas parecem manter-se fixas. Por exemplo, em nossa sociedade, mulheres que abrem mão da maternidade ainda são vistas com certo estranhamento. Da mesma forma, um homem sustentado por sua parceira dificilmente não causará constrangimento. Bem como, a expressão pai solteiro, ainda soa como muita estranheza.

Dada a aceitação pela ciência e pelo senso comum de que homens e mulheres são essencialmente diferentes, parece algo absurdo, em um primeiro momento, tentar negar essa idéia. Entretanto, a abordagem antropológica sugere uma nova interpretação a partir de trabalhos que estudaram a fundo outras sociedades – as ditas sociedades primitivas, especialmente – e as variadas maneiras como essas culturas enxergaram a realidade.

Estudando aspectos culturais da sociedade dos índios Guaiáquis do Paraguai, o antropólogo francês Pierre Clastres, entre outras coisas, observou que assim como na nossa sociedade; nesta, também as tarefas eram divididas entre homens e mulheres, atendendo demandas do caráter nômade que os singulariza. Em suas análises sobre as interdições ligadas ao sexo e às famílias, o autor nos apresenta um exemplo de sociedade em que impera a poliandria, ou seja, a união de uma mulher com mais de um marido. Característica pensada pelo autor como uma vantagem estrutural para as mulheres em relação aos homens, visto que, mesmo casadas podiam ter relacionamentos com homens solteiros e transformá-los em maridos secundários. Essa condição, uma vez imposta pela mulher, teria que ser aceita pelo marido principal, pois se abandonassem suas esposas, seriam condenados automaticamente ao celibato, visto que a tribo carecia de mulheres disponíveis. Já as mulheres, logo encontrariam outro marido, pois havia o dobro de homens em relação às mulheres. Analisando a desproporção numérica entre os sexos, o autor nos mostra como ela poderia ter sido solucionada de outras formas: elasticidade nas regras quanto o interdito ao casamento, incentivo social ao celibato masculino, ou até mesmo, a admissão do assassinato de recém-nascidos homens. Mas, para efeito de nossa análise, o importante é poder verificar que o modelo matrimonial verificado nessa tribo evidencia que dentre as infinitas possibilidades das culturas que já passaram

pelo globo terrestre, os Guaiiaquis são uma mostra de que o arranjo tecido pela nossa própria sociedade ao que diz respeito às relações entre homens e mulheres está longe de ser o único possível.<sup>336</sup>

Nesta mesma linha de raciocínio, e de forma ainda mais sugestiva para a idéia que está sendo aqui desenvolvida, a antropóloga norte-americana Margaret Mead, em seu clássico e referencial trabalho *Sexo e Temperamento*,<sup>337</sup> questiona as noções mais comuns dos papéis sexuais ao apresentar três sociedades na Nova Guiné. Tomando como base o que considerou serem os padrões norte-americanos: o comportamento feminino seria caracterizado por ser “dócil, maternal, cooperativo, não agressivo e suscetível às necessidades e exigências alheias”, já o comportamento masculino seria relativamente oposto a essa caracterização. Tendo como referência esses padrões de comportamento, percebe-se que cada uma das três tribos apresenta comportamentos diferentes para homens e mulheres. Dentre os Arapesh, por exemplo, tanto os homens como as mulheres exibiam uma personalidade que seria considerada feminina na sociedade norte-americana. Já os integrantes da tribo Mundugumor eram homens e mulheres “implacáveis, agressivos e positivamente sexuados, com um mínimo de aspectos carinhosos e maternais em sua personalidade”, apresentado um tipo de comportamento que seria facilmente encontrado em um homem norte-americano “indisciplinado e extremamente violento”. Os Tchambulli, por sua vez, se caracterizam por uma diferenciação entre os sexos e uma clara inversão das expectativas de temperamento de nossa sociedade: a mulher é “o parceiro dirigente, dominador e impessoal, e o homem a pessoa menos responsável e economicamente dependente”.

---

<sup>336</sup>Essa discussão sobre papéis sexuais, entre os Guaiiaquis do Paraguai, é feita por esse autor no instigante texto *O arco e o cesto* – 5º capítulo, de obra que vale conferir: CLASTRES, Pierre. **A Sociedade contra o Estado**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. Neste texto, o autor explica a importância sagrada de tais artefatos para a cultura guaiiaqui, onde o arco representa masculinidade e o cesto feminilidade. Sendo assim, ao nascer, meninos recebem de seus pais o arco e meninas o cesto; simbolizando com isso, dois estilos de existência: homens caçam e mulheres carregam. Em decorrência disso, há um sistema de proibições com relação a estes artefatos sagrados, ou seja, homens não podem tocar em cestos e mulheres em arcos. No entanto, essas situações existem. Assim, dois exemplos de homens que carregavam o cesto são apresentados pelo autor. Problematizando esse esgarçamento da norma entre os Guaiiaquis, os antropólogos Peter Fry e Edward MacRae comentam que “(...) nesta sociedade uma forte distinção entre masculinidade e feminilidade é acompanhada por uma igualmente forte distinção entre ‘atividade’ e ‘passividade’ sexual. (...) Supõe-se, então, que aos homens guaiiaqui eram permitidas relações heterossexuais e homossexuais, contanto que eles mantivessem em ambas um papel ‘ativo’. Supõe-se, também, que o homem que desejasse manter relações homossexuais ‘passivas’ sofreria realmente um rebaixamento de *status* (...). Esse rebaixamento poderia ser bastante amenizado através do simples expediente de trocar de papel sexual: ‘virar mulher’. Supõe-se também que os homens que desejassem manter relações homossexuais ‘passivas’, mas que não queriam enfrentar estas conseqüências quase que inexoráveis, teriam que reprimir seus desejos totalmente, pois numa sociedade deste tipo, onde não há nenhuma privacidade, era impossível praticar uma atividade desse gênero sem que a notícia se espalhasse imediatamente.” Cf. FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985. Coleção Primeiros Passos Nº. 26. pp. 35/36.

<sup>337</sup>Cf. MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. Op. cit.

Sendo assim, a análise feita por esta autora chama atenção para duas questões. Primeiro, o fato de ser possível encontrar invertidos os comportamentos que nós estamos acostumados para os sexos na nossa sociedade. Segundo, mostra a possibilidade de que as culturas não reconheçam uma diferença de comportamento entre homens e mulheres. Concluindo em sua análise que “não nos resta mais a menor base para considerar tais aspectos de comportamento como ligados ao sexo”, uma vez que “a natureza humana é quase incrivelmente maleável, respondendo acurada e diferentemente a condições culturais contrastantes”.

Esta visão que nega a essencialização das diferenças entre os sexos, também pode ser percebida em outro clássico e referencial estudo *As técnicas do corpo*, trabalho realizado por Marcel Mauss,<sup>338</sup> para quem a cultura treina o corpo em seus mínimos detalhes, desde movimentos, posturas e trejeitos corporais. Sua idéia evidencia que muito daquilo que aparece como inerente à natureza biológica seria, na verdade, um treino corporal a partir de uma orientação cultural vigente. Dentre estas técnicas corporais estariam atos corriqueiros como sentar, dormir, falar, ficar de pé, agachar-se, respirar, etc. Portanto, via esse argumento, aquilo que diz respeito a diferentes características corporais que distinguiriam os sexos seriam construídas a partir de um treino social do corpo. Assim, a delicadeza feminina e a postura imponente dos homens, seriam exemplos das técnicas do corpo de que nos fala esse autor.

Desta forma, estes entre tantos outros autores, inspiraram na tradição antropológica a idéia de que os papéis destinados a homens e mulheres não são explicados por uma diferença essencial inscrita na natureza de seus corpos. Sem negar diferenças anatômicas, reiteram que estas não explicariam inúmeras diferenciações sociais entre os sexos. O argumento aqui é o de que a natureza dos corpos é interpretada pela cultura e esta, por sua vez, cria inúmeros significados que transcendem as diferenças corporais. Fruto dessa rejeição, a explicação naturalizante da diferenciação entre homens e mulheres nas sociedades, desenvolveu-se a teoria de gênero.

Na falta de uma genealogia precisa, estudos atuais têm colocado a antropóloga norte-americana Gayle Rubin como uma das precursoras no uso do conceito, com seu referencial trabalho *O tráfico de mulheres: notas sobre a economia política do sexo* (1975).<sup>339</sup> No entanto, críticas são

---

<sup>338</sup>Cf. MAUSS, Marcel. *As técnicas do corpo*. In **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: CosacNaify, 2007.

<sup>339</sup>Cf. RUBIN, Gayle. *The Traffic in women: Notes on the 'political economy' of sex*. In REITER, Rayna (Org.). **Toward an Anthropology of Women**. New York: Monthly Review Press, 1975. pp. 157/210. [Traduzido para o português e publicado por SOS Corpo e Cidadania – Recife, 1993]. Podendo ser conferido também: RUBIN, Gayle. *O*

feitas ao seu foco de análise, que como tantas outras nesse momento, ainda estão centradas no dualismo sexo/gênero. Esta dicotomia é a marca das primeiras teorizações do conceito gênero. Até então, a preocupação era construir explicações das causas universais ou das origens da opressão feminina. Hoje, fazendo uma crítica, é possível se entender que procurar causas universais e/ou origens é incorrer no essencialismo. No sistema sexo/gênero as relações de gênero aparecem como resultante da existência de dois sexos: macho/fêmea, onde cada qual seria portador de uma sexualidade natural, associal e não variável.

Em 1984 é lançado, por esta mesma autora, um novo ensaio complementar e autocrítico ao primeiro, acima mencionado, intitulado *Pensando o sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade*.<sup>340</sup> O primeiro texto é, sobretudo, lembrado e “(...) a partir de finais da década de 1980, também criticado”,<sup>341</sup> “(...) por ter esquematizado a diferença entre sexo e gênero, proporcionando veios para a preparação da noção de gênero”.<sup>342</sup> O segundo ensaio, faz uma crítica e amplia o texto anterior, através de uma belíssima e importante análise sobre a história social da sexualidade e das relações de sexo e poder na América do Norte, sobretudo nos Estados Unidos.

Nele, trabalha o conceito de ‘pânico sexual’ como um conceito chave para entender as formas de domínio e de lutas pela hegemonia política e de invisibilização, ou mesmo busca de extermínio, dos grupos sexuais não condizentes com a ordem moral e os costumes vigentes e impostos como únicos na sociedade ocidental e particularmente, na sociedade americana. Sua análise trabalha o pânico sexual por meio de uma construção, envolvendo o Estado, a ordem médica, as instituições jurídicas e polícias, – a através de uma admirável análise sobre a legislação e sua constituição cotidiana – e a mídia popular.<sup>343</sup>

Um referencial balanço sobre os estudos de Antropologia e sexualidade, pode ser percebido em *A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico*, de autoria da antropóloga americana Carole Vance.<sup>344</sup> Nele faz uma crítica à produção antropológica que considerou, por muito tempo, aspectos importantes da sexualidade humana como universais e transculturais. Da mesma forma,

---

*tráfico de mulheres. Notas sobre a ‘Economia Política’ do sexo. In Cadernos Pagu. N.º. 21, 2003. pp. 1/64. [não editado].*

<sup>340</sup>Cf. RUBIN, Gayle. *Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality*. In VANCE, Carole. (Ed.) **Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality**, Paul: Routledge & Kegan, 1984. pp. 267/319. Disponível também em: RUBIN, Gayle. *Pensando sobre sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade*. In **Cadernos Pagu**, N.º. 21, 2003. pp. 1/88. [não editado].

<sup>341</sup>Cf. PISCITELLI, Adriana. *Comentários*. In **Cadernos Pagu**. N.º. 21, 2003. p. 211

<sup>342</sup>Cf. KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Michel Foucault e Gayle S. Rubin: Resenha sobre a construção social do gênero e da sexualidade nos dois autores e dos diálogos possíveis entre eles*. Disponível em <www.cchla.ufpb.br> pp.125/135. [não editado].

<sup>343</sup> Ibidem. p.131.

<sup>344</sup>Cf. VANCE, Carole. *A Antropologia Redescobre A Sexualidade: Um Comentário Teórico*. In **Physis – Revista De Saúde Coletiva**, V 5. N.º. 1. 1995.

mostra que um novo aporte teórico, a partir da década de 1970, fez explodir trabalhos inovadores sobre a sexualidade humana.<sup>345</sup>

Nesse combate ao determinismo biológico, alguns antropólogos radicalizaram seus argumentos negando a biologia. De forma quase intuitiva, pode-se dizer, trabalhos como o de Bronislaw Malinowisk<sup>346</sup> realizados nas Ilhas Trobiands, já sinalizavam aspectos dessa desconstrução. Exemplo disso é a exótica interpretação, por ele mostrada, que os trobiandeses faziam da gravidez e do intercuro sexual. Ou seja, para esta tribo, o homem pela relação sexual que mantinha com a mulher não era responsável pela geração de crianças. Sua função seria o de “abrir caminhos”, já que a implementação desta criança no corpo da mulher seria feita por espíritos exclusivamente do lado materno. Portanto, este homem é excluído da ascendência sobre essa criança. No entanto, os homens trobiandeses são responsáveis pelo crescimento e pela fisionomia das crianças, que seriam formadas a partir dos intercursos sexuais que mantivessem com mulheres grávidas.

Sem dúvida, essa referencial explicação da reprodução humana, inicia na antropologia uma possibilidade de se pensar que a partir dos mesmos fatos (intercuro sexual, gestação e nascimento), inúmeras explicações e relações entre causa e efeito podem ser desenvolvidas pela cultura.

Essas idéias são ainda mais radicalizadas, na Antropologia, quando a elas são acrescentadas as colocações de Michel Foucault,<sup>347</sup> que soma nesse debate a idéia de que o próprio corpo e construído politicamente.<sup>348</sup> Para este autor, a realidade concreta só é concebida pelo “saber”; este, é por ele entendido como uma relação de “poder”, sendo ela quem designa, nomeia e confere sentido a todas as coisas.<sup>349</sup> É somente quando existe o reconhecimento na sociedade de que certa coisa tenha um determinado sentido, que isso passa a estruturar a vida social e fazer parte da interpretação comum. Esse reconhecimento do sentido das coisas, no entanto, se realiza por meio de uma relação de poder. Como sugere o autor, a realidade que nos aparece como objetiva é, na verdade, construída por um saber inundado de poder.

---

<sup>345</sup>A reputação que esta autora atribui aos antropólogos de romperem os tabus intelectuais sexofóbicos é relativizada por quem pensa que “[t]al reputação, contudo, não corresponde perfeitamente à realidade, pois nossa disciplina compartilha ainda a opinião geral na academia, de que sexualidade não é área inteiramente legítima, lançando dúvidas sobre a própria pesquisa, seus motivos e até sobre o caráter e idoneidade de quem pesquisa temas sexuais”. Cf. MOTT, Luiz. *Teoria antropológica e sexualidade humana*. Disponível em <www.antropologia.ufba.br/artigos>. p.6.

<sup>346</sup>Cf. MALINOWISK, Bronislaw **Argonautas do pacífico ocidental**. Op. cit. e **A vida sexual dos selvagens**. Op. cit.

<sup>347</sup>Cf. FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Op. cit.

<sup>348</sup>Cf. SILVEIRA, F. A. *Michel Foucault e a constituição do corpo e da alma do sujeito moderno*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP), 2001.

<sup>349</sup>Cf. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Op. cit.

Dando forma ao argumento do filósofo acima mencionado, o historiador Thomas Walter Laqueur,<sup>350</sup> para quem o sexo biológico é um dado do comportamento humano tão “construído” quanto o gênero, a partir de um levantamento de manuais de medicina e de outros escritos, afirma que até meados do século XVIII havia uma concepção de sexo único, ou seja, homens e mulheres seriam classificados pelo seu grau de perfeição metafísica, seu calor vital ao longo de um eixo cuja causa final era masculina. Neste sentido, homens e mulheres não seriam considerados fisicamente diferentes. Suas diferenciações estariam apenas em grau – homens teriam mais calor vital e maior perfeição. Manuais de medicina deste momento não sinalizam qualquer distinção anatômica para entre os sexos. Tanto que a mesma nomenclatura é utilizada para os órgãos genitais masculinos e femininos. A diferença entre elas estaria no fato da genitália masculina ser externa e a feminina encontrar-se dentro do corpo da mulher. É válido ressaltar que conceber como iguais os corpos masculinos e femininos, nesse momento da história, ante mesmo a prática da dessecação, não se trata da impossibilidade de olhar a diferença dos órgãos, mas sim de uma forma de olhar e de interpretar o corpo completamente diferente da que impera em nossos dias.

Deste modelo de sexo único, onde a diferenciação entre homens e mulheres é marcada apenas pelo grau e não pela natureza, pode-se perceber que não é a simples visão dos corpos que condiciona a teorização que se fará posteriormente sobre eles. É o modelo corrente na sociedade que determinará a imagem que nossos olhos farão do que está em nossa frente.

Dessa forma, a filósofa americana Judith Butler, problematizando a categoria gênero, agrega aspectos do pensamento dos dois autores acima citados para afirmar que gênero é um ato performativo, que se constitui apenas nas ações e a partir dos símbolos criados para o feminino e o masculino.<sup>351</sup> Sendo assim, travestis e *drag queens*, por exemplo, evidenciarão a natureza performática do feminino e sua artificialidade, inclusive nas próprias mulheres. Segundo essa autora, por ser performance, o gênero, longe de se desenvolver livremente é regulado por uma matriz que pressupõem coerência entre o sexo biológico, as atuações de gênero, o desejo e a prática sexual. Dessa forma, pessoas com a genitália masculina devem ser homens que têm desejo por mulheres e que devem manter relações sexuais e afetivas exclusivamente com o sexo oposto. Da

---

<sup>350</sup>Cf. LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

<sup>351</sup>Cf. BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

mesma maneira, pessoas com a genitália feminina devem ser mulheres que têm desejo por homens e que devem manter relações sexuais e afetivas exclusivamente com o sexo oposto.

Indo mais além, esta autora sugere que em nossa sociedade ocidental, não seria possível a inexistência de qualquer performance de gênero pelos indivíduos, visto que nosso pensamento, além de incapaz de aceitar as descontinuidades e incoerências provenientes das subjetividades que não se adéquam à norma, também seria inábil em parar de localizar os sujeitos em relação às opressoras categorias de masculino e feminino. Portanto, mesmo que os indivíduos subvertem alguns aspectos dessas regras, ainda assim estariam se posicionando em relação a elas.

A dificuldade apontada por esta autora parece ser em nos desvencilharmos das categorias de gênero, que seriam ordenadoras de nosso pensamento. Esta persistência é confirmada em um mundo que, ao mesmo tempo em que muda, continua reiterando as barreiras entre homens e mulheres.

Esta crítica, que hoje é feita por alguns teóricos de nossa disciplina, ainda que não implique em uma verdadeira libertação das amarras mais profundas em relação aos papéis de gênero – tão pouco no fim da opressão das subjetividades humanas dissidentes e na aceitação das múltiplas formas de sexualidade –, certamente tem fornecido um intenso estímulo ao nosso pensamento e à nossa capacidade de conceber um mundo diferente daquele que se apresenta aos nossos olhos, especialmente a partir do contato com outras realidades culturais que nos maravilham com vastas possibilidades.

Aproximando essas possibilidades de vislumbrar o “novo” no que tange ao tema central de meu estudo, é possível dizer que no Brasil, há aproximadamente 30 anos, a temática da assim considerada, “gravidez na adolescência” tem preocupado os mais diferentes segmentos sociais, entretanto – como já foi dito anteriormente – a maior parte dos estudos aborda as questões relacionadas ao sexo feminino, possivelmente, resultado da influência sociocultural, na qual a mulher é considerada a principal responsável pela gestação e cuidado com a criança.

Mas, conforme os cientistas sociais Margareth Martha Arilha, Sandra Unbehaum e Benedito Medrado,<sup>352</sup> na década de 70 do último século, nos Estados Unidos da América, surgiram os

---

<sup>352</sup>Cf. ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, Benedito (Orgs.). **Homens e Masculinidades: outras palavras**. São Paulo: ECOS/Editora 34, 1998.



primeiros estudos sobre a reformulação do papel social do homem, discussão esta que tomou maior dimensão através de alguns movimentos sociais, entretanto, foi somente durante a década de 90 do mesmo século, que os estudos sobre masculinidade e relações de gênero, mais se desenvolveram.

No caso da parentalidade, o que se percebe ainda é uma invisibilidade do pai. Como se o/a filho/a fosse só da mãe, e que o “(...) pai esteve presente em sua vida somente no momento de sua concepção”.<sup>353</sup> Mas, as coisas parecem estar mudando. Felizmente, para uma perspectiva ética que valoriza a flexibilidade e uma abertura ao novo, as pessoas não internalizam os atributos de gênero e os modelos hegemônicos como uma, poder-se-ia dizer, produção em série. O modelo hegemônico tem como principal função ser referencial na construção dessas identidades. As mudanças sociais, tais como o ingresso mais intenso da mulher no mercado de trabalho e as novas tecnologias reprodutivas, têm impacto em termos de renegociar o significado da paternidade. Há paradoxos e tensões em torno dos significados da paternidade, que influenciam a forma como os homens se vêm a si próprios como pais e como praticam a paternidade.

Em tal contexto, segundo Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca,<sup>354</sup> surge o conceito do “novo pai” ou “nova paternidade”, mediante o qual a paternidade é considerada uma oportunidade para expressar sentimentos, participando ativamente no cuidado dos filhos e tendo relação igualitária com a parceira, o que se expressa na divisão de tarefas. Este novo papel se encontra em um processo de redefinição: de um lado, existem as demandas do papel tradicional de pai (provedor da família) e, de outro, novas demandas de maior participação e envolvimento. Para a psicanalista Françoise Hurstel,<sup>355</sup> adotar formas alternativas de convivência familiar torna-se, cada vez mais, prática freqüente em nossa sociedade. Se, de um lado, exigências sociais operam pulverizando a figura do provedor, de outro, as famílias buscam se organizar, formando casais de dupla renda ou de dupla carreira. Emerge então nova figura paterna, não mais ancorada no poder econômico.

No entanto, como sugere a psicanalista Geneviève Delaise Parseval,<sup>356</sup> há pequeno número de estudos que enfocam a escuta masculina nas questões da paternidade, em comparação com

---

<sup>353</sup>Cf. NOLASCO, Sócrates A **O primeiro sexo e outras mentiras sobre o segundo: as questões que mais estão mexendo com a cabeça dos homens**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006. p.15.

<sup>354</sup>Cf. LYRA DA FONSECA, Jorge Luiz Cardoso. *Paternidade Adolescente: da investigação à intervenção*. In ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, Benedito (Orgs.). **Homens e Masculinidades: outras palavras**. Op. cit.

<sup>355</sup>Cf. HURSTEL, Françoise. **As novas fronteiras da paternidade**. Campinas: Papyrus, 1999.

<sup>356</sup>Cf. PARSEVAL, Geneviève Delaise. **A parte do pai**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986.

aqueles dedicados a maternidade. Isso é ainda mais evidente, no que tange a paternidade juvenil, revelando-se como uma área na qual há ainda uma grande escassez de pesquisas.

O contexto brasileiro, hoje, oferece importantes aportes para pensar formas de incluir, como informantes/interlocutores, os homens no estudo da parentalidade; reexaminando papéis sexuais, incorporando, também, sentimentos, vivências e preocupações masculinas, inclusive de jovens. Isso, de certa forma, atenderia à demanda de conhecimento sobre a realidade de pais e, de pais jovens.

Da mesma forma como aconteceu com as mulheres, num passado, não tão longínquo; os homens, de hoje, sentem um certo “estranhamento”, pois cada indivíduo assume a masculinidade de uma maneira singular dentro desse universo, existindo masculinidades que se constroem ao redor do modelo hegemônico, que podem ou não desenvolver relações harmoniosas entre si. O poder social dado aos homens possui então uma dupla face, pois, ainda que seja fonte de privilégios e poderes individuais, é também fonte de sofrimento, dor e aflição – alienação de seus sentimentos, de seus afetos, de um potencial para estabelecer relacionamentos humanos e vínculos de sentimento com seus filhos/as –, visto que essa capacidade está “naturalmente” reservada às mulheres.<sup>357</sup>

Cabe ressaltar ainda, que a intenção deste estudo, não é a de alegar a inexistência de diferenças na parentalidade, mas provocar uma ampliação dos repertórios quanto aos sentidos atribuídos aos sentimentos do pai, mais especificamente, do pai jovem. Afinal, quando se fala de “gravidez na adolescência” (e não somente nela), não se deve fazer referência apenas ao processo físico e emocional da mulher (conforme já fora mencionado), esquecendo aquilo que perpassa a paternidade, incluindo aqui a paternidade juvenil. Eu também existo! Parecem dizer invisíveis, os homens jovens e pais. Aqui, querendo ser um pouco mais evidentes. Ou, querendo fazer parte da fotografia.

### **3.5 Masculinidades e feminilidades em *flash*: existem mais gêneros do que sexos**

Este se poderia dizer, é o novo contexto que baliza a emergência de diferentes maneiras de ser e de viver de homens e mulheres. Neste terreno, é possível constatar uma “modernidade

---

<sup>357</sup>Cf. ALMEIDA, Miguel Vale de. *Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal*. In **Anuário Antropológico/95**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. pp. 161/189.

liquida”,<sup>358</sup> para tomar emprestada a expressão cunhada pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman. Para este autor, a fixidez das identidades coletivas e individuais cede lugar a uma fluidez que se aloja dentro dos indivíduos e se espalha pela sociedade.

Para chegarmos ao estado atual, já se passaram alguns anos desde a chamada “revolução sexual” ocorrida no Ocidente na década de 60 do século passado, quando as idéias de diversidade e individualidade ganham literalmente os corpos e passam a guiar novas visões e práticas em relação ao que percebemos, avaliamos e julgamos como sendo masculino e feminino ou neutro em termos de sexualidade e gênero.

Comportamentos antes tidos como sólidos ou, em outras palavras, rigidamente designados como comportamentos esperados de homens e mulheres, vão pouco a pouco se desfazendo, borrando, esgarçando, abrindo rachaduras na divisão sexual da produção e reprodução das estruturas sociais. Neste sentido, dá-se a assunção daquilo que tem sido rubricado entre nós como o “novo pai”.<sup>359</sup>

No que concerne à diversidade sexual, o emergente movimento *gay* é herdeiro direto das lutas feministas que, ao propugnarem a igualdade de direitos entre os sexos, buscaram desconstruir as desigualdades entre homens e mulheres supostamente baseadas em diferenças físicas, isto é, biológicas. Surge assim o conceito de gênero como sendo um conjunto de maneiras de perceber, designar e classificar as distinções sexuais, atribuindo-lhes um lugar e um *status* social.<sup>360</sup> A situação injusta que opõe homens e mulheres no mundo inteiro não é obra da natureza, mas o resultado de séculos de história humana.

Há, portanto, diversas formas de abordar relações de dominação, de igualdade ou de desigualdade entre os homens e as mulheres. Se nos situarmos no ponto de vista do corpo, o homem e a mulher são seres biológicos, e de sua diferença anatômica, depende sua posição social. O gênero, ou a identificação social de gênero, como sugerem alguns teóricos, seria então determinado em função desta diferença.

---

<sup>358</sup>Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

<sup>359</sup>Cf. MONTGOMERY, Malcolm. **O novo pai**. Op. cit.

<sup>360</sup>Derivado do latim *genus*, o termo “gênero” é habitualmente utilizado para designar uma categoria qualquer – classe, grupo ou família – apresentando os mesmo sinais de pertencimento. Em numerosos trabalhos acadêmicos contemporâneos, designa-se por “sexo” o que deriva do corpo sexuado (masculino ou feminino) e por “gênero” o que se reporta à significação sexual do corpo na sociedade (masculinidade ou feminilidade). Dentre outros textos, vale conferir: Cf. SCOTT, Joan Wallace. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Op. cit..

No entanto, se privilegiarmos o gênero em detrimento da diferença biológica, relativizaremos esta última e valorizaremos uma outra diferença dita cultural ou identitária, determinada pelo lugar que ocupam na sociedade. No primeiro caso, divide-se a humanidade em dois pólos sexuais – os homens de um lado, as mulheres de outro – e, no segundo, multiplicam-se ao infinito as diferenças sociais e identitárias, sustentando que os homens e as mulheres entram, do ponto de vista biológico, na categoria de um gênero sexual, uma vez que, se ambos têm um sexo, a diferença sexual contaria menos, para a sociedade, que outras diferenças, como a cor da pele, o pertencimento de classe, os costumes, a idade, a origem dita “étnica” ou ainda o papel escolhido para representar junto a seus semelhantes.

Segundo Thomas Laqueur,<sup>361</sup> para quem o sexo biológico é um dado do comportamento humano tão “construído” quanto o gênero, como mencionado antes, as noções de sexo e gênero nunca se recobriram completamente, nem tão pouco se sucederam segundo uma história linear. Entretanto, o modelo da unidade foi predominante até o século XVIII. Homens e mulheres eram então classificados segundo seu grau de perfeição metafísica, a posição soberana sendo sempre ocupada por um modelo masculino assimilado a uma ordem simbólica neutra, unissexual e de origem divina. O gênero parecia então imutável, à imagem da hierarquia do cosmo.

Ainda para este autor, em seguida e em contrapartida, o modelo da diferença sexual foi valorizado, com suas diversas representações, à medida que se sucediam as descobertas da biologia. A posição ocupada pelo gênero e o sexo tornou-se então motivo de um conflito incessante, não apenas entre os homens e as mulheres, mas entre os pesquisadores que tentavam explicar suas relações.

Do ponto de vista antropológico, seria possível classificar as sociedades humanas em duas categorias em função da maneira como pensam as relações entre o sexo social (gênero) e o sexo biológico (sexo). A cada categoria corresponde uma representação, conforme um e outro se emaranhem e se superponham, ou o gênero prevaleça sobre o sexo.<sup>362</sup>

---

<sup>361</sup>Cf. LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Op. cit.

<sup>362</sup>Um exemplo do que estamos comentando pode ser observado entre os Nuer, do Sudão, onde a esterilidade feminina de uma mulher casada soluciona-se com o seu retorno a família de origem, considerando-a desta feita como “homem”, podendo obter uma esposa da qual se torna o marido, sendo a reprodução biológica assegurada por um criado, mas todas as crianças segundo o que determina a lei social da filiação serão do marido. Cf. EVANS-PRITCHARD Edward. **Os Nuer**. Op. cit.

As hierarquias baseadas em distinções sexuais naturalizantes, vêm sendo contestadas, fazendo tropeçar as convicções daqueles que acreditam que a identidade dos seres humanos – como membros de uma espécie que se reproduz sexualmente – seja decorrência inevitável do corpo físico com o qual se vêm ao mundo. Tal concepção é abalada quando se constata que não é a presença do pênis ou da vagina, determinada pelos pares de cromossomos  $xx$  e  $xy$ , que faz com que uma pessoa seja homem ou mulher. A identidade de gênero, portanto, está muito mais ligada a um sentir-se homem e/ou mulher (ou nem um nem outro, como travestis, transexuais e homossexuais) do que ao fato biológico supostamente natural que advém da seqüência genética herdada do pai e da mãe. A identidade de gênero não é um dado, mas sim o resultado de uma construção que, embora realizada pelo indivíduo, lança mão dos “tijolos”, ou seja, dos elementos culturalmente disponíveis para tal.

É uma via de mão dupla, que tem um “dentro” e um “fora”. Na interioridade estão modos de perceber, de sentir, de pensar, de julgar e de decidir, ao passo que, no âmbito da exterioridade, estão condutas que operam como meios de expressão que vão além das palavras e que, em decorrência, abrangem também gestos e postura corporal, vestuário e adereços, enfim, uma exterioridade que se apreende e se compreende à medida que se manifesta para os outros.

Tais maneiras de ser não estão prontas e acabadas no ser humano, não são dadas nem muito menos inatas: são construídas. São adquiridas, lenta e gradualmente, por meio da observação e da interação com o meio social. O ato de ver-se e portar-se como homem ou mulher – em sua gama de possibilidades – é parte crucial dessa construção, remetendo à formação de identidades e à modelagem de comportamentos. O que alguém é ou o que acredita ser na dimensão de gênero e, dentro dela, na esfera da sexualidade, depende sempre de um movimento dialético: a percepção de si e a interação com outros e outras. Pode-se dizer, assim, que esta dimensão da vida não está nem dentro nem fora dos seres humanos. Está no meio, na relação.

Independente de saber que sou homossexual: sei também que sou homem e sei também que sou pai. Só espero que meu filho venha saber e entender que isto também é possível... (Narciso – Registro de campo).

Privilegiando a noção de que a própria sexualidade seria uma expressão de um poder inconsciente de tipo identitário, surge nos anos 90 do último século a *queer theory*,<sup>363</sup> ou seja, uma concepção da sexualidade que rejeita ao mesmo tempo o sexo biológico e o sexo social, onde cada

---

<sup>363</sup>Queer significa bizarro. O termo foi inicialmente utilizado como injúria contra os homossexuais, antes de ser recuperado pelos pesquisadores nominando uma teoria.

indivíduo pode adotar a qualquer momento a posição de um ou do outro sexo, suas roupas, seus comportamentos, suas fantasias e seus delírios.

Destacam-se nesta discussão, os trabalhos da já citada filósofa norte-americana Judith Butler,<sup>364</sup> para quem a noção de gênero deve ser compreendida como um ato, um “ato performativo”. Ou seja, uma ação pública que encena significações já estabelecidas socialmente e desse modo funda e consolida o sujeito. São palavras ou gestos que, ao serem expressos criam uma realidade. Produzem uma ilusão de que existem seres homens e seres mulheres. Esta ilusão justifica a autora, prende-se ao fato de não existir um “ser”, um “fazedor”, um “agente” por trás do ato. Para ela, performamos variados atos cotidianamente e, ao repeti-los, ajudamos a manter a divisão binária dos gêneros. Fazemos, então, coisas que são ditas como sendo “coisas de homem” ou “coisas de mulher”.

Uma das conseqüências de o gênero ser performativamente estabelecido é o fato de que homens e mulheres heterossexuais serem tão construídos quanto as categoriais ditas suas “cópias”. Para esta autora, não haveria gêneros originais, portanto, não haveria homens e mulheres mais “verdadeiros” do que suas supostas “cópias” – travestis, gays, lésbicas e transexuais. Neste sentido, a aparente “cópia” já não se sustenta com referência numa origem, no “verdadeiro”. A origem perde o sentido porque “homens e mulheres de verdade” têm de assumir o gênero da mesma forma: por intermédio da repetição de atos, todos os dias.

Desta forma, aquilo que acreditamos ser “homens e mulheres de verdade” encontra um explicação na repetição e sedimentação de normas de gênero que, ao longo do tempo, terminaram por criar a ilusão de uma substância “homem” e de uma substância “mulher”, numa aparente a-historicidade. Roupas, gestos, olhares e falas definiram um conjunto de estilos corporais que aparecem como formação natural dos corpos. E, por imposição das normas de gênero, se dividem em dois sexos relacionados um ao outro.

Mas, se são apenas normas e imposições, de onde viria a suposição de um binarismo de gênero? Da existência de dois órgãos genitais distintos?

---

<sup>364</sup>Cf. BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Op. cit.

Nossa autora recusa a idéia de que o corpo expressa uma verdade fundamental sobre a sexualidade; asseverando que a sexualidade tem tanto a ver com nossas crenças, ideologias e imaginações quanto com nosso corpo físico. Portanto, os corpos não têm nenhum sentido intrínseco. Ou seja, o “corpo-homem” e o “corpo-mulher” (sem desconsiderar que há casos de intersexo) nada revelariam de verdade absoluta. Mais ainda, a não ser que consideremos a questão da reprodução, que necessita de um corpo-macho e de um corpo-fêmea para acontecer, não existe nenhuma exigência de limitar o número de gênero a dois.

Nesse sentido, é possível supor que a estas distintas morfias se poderia aplicar a terminologia “gêneros”, o que permitiria dizer que existem mais gêneros que sexos. Indo mais além, até mesmo a reprodução, tal como a conhecemos hoje, talvez em breve seja posta à prova com os avanços tecnológicos. O que, de certa forma, já o é.

O olhar de Judith Butler se desloca para estas manifestações, não como práticas de seres abjetos, não como doenças e anomalias, mas como identidades de gênero como outras quaisquer, com possibilidade legítima de existência. Reformulando o conceito de gênero para refletir sobre o que é masculino e o que é feminino, toma como paradigma justamente os seres considerados pela sociedade como abjetos: transexuais, hermafroditas (ou intersexos) e transgêneros de modo geral.

Suas idéias trazem à cena novos instrumentos para compreendermos a sociedade hodierna com outros/novos olhos. Os gêneros, já nossos conhecidos e aqueles que chamamos de transgêneros, ou ainda, aqueles que são menos compreensíveis porque não possuem uma coerência esperada entre sexo anatômico, identidade de gênero, desejo e prática sexual, todos se encontrariam no mesmo patamar, graças à noção de gênero como “ato performativo”, portanto.

A autora desfaz, assim, a classificação dessas identidades segundo graus de normalidade e de patologia. Considerando o “masculino” e o “feminino” não mais como substâncias originais, nem mais como essências universais; e percebendo os atributos de gênero como sendo regulados por diretrizes culturais que estabelecem uma suposta coerência entre eles, desloca o transexualismo (considerado como patologia), por exemplo, para a transexualidade,<sup>365</sup> ou seja, uma identidade de gênero como outra qualquer, com uma possibilidade legítima de existência.

---

<sup>365</sup>Militantes de grupos *gays* acreditam que vocábulos terminados como o sufixo “ismo” como transexualismo e homossexualismo, tragam consigo um ranço cultural pejorativo, associando esses vocábulos à patologias. Dessa feita,

A cultura ocidental pode-se dizer, tende a encarar a constituição do gênero e, dentro dele, a vivência e expressão da sexualidade, pelo prisma das particularidades individuais. Fazendo com isso, conforme Norbert Elias,<sup>366</sup> emergir um velho problema sociológico: a crença na existência de um abismo intransponível separando o individual do coletivo, como se fossem duas coisas completamente distintas.

Para este autor, essa visão é fruto de nossa dificuldade em reconstruir no pensamento o que vivenciamos no cotidiano. Recorrendo à imagem proposta por Aristóteles, muitos séculos atrás, em sua tentativa de entender esta ligação: “as pedras e a casa”. Ou seja, uma casa não pode ser explicada pelo mero acúmulo ou junção das pedras que a compõem. Ela possui uma estrutura que não pode ser apreendida pela observação isolada de cada pedra. O todo é qualitativamente diferente do somatório de suas partes. Para decifrar a casa, é preciso investigar as relações das pedras entre si e delas com a totalidade. O mesmo raciocínio ou método se aplica, segundo este autor, às pessoas e às coletividades humanas.

Localizando o problema, embora não resolvendo, este autor oferece uma solução para esse impasse, permitindo-nos fugir da tentação de, alternativamente, atribuir realidade ao indivíduo num momento e, mais tarde, tomar como concreto à sociedade. Para ele, é preciso refazer nossa própria auto-imagem deixando de insistir em entender a vida social pelo exame detalhado de seus membros. É preciso, ao contrário, romper com tal antinomia, desarticulando o que sociólogos chamam de “antítese cristalizada”. Pois, se não existe sociedade sem indivíduos, também é verdade que não é possível entender os seres humanos sem levar em conta os vínculos que os ligam ao social.

Considerando especificamente as masculinidades e feminilidades, urge enxergá-las como parte de um conjunto mais complexo, ou seja, as já aludidas relações de gênero. O estudo destas implica buscar a lógica coletiva que, transcendendo os indivíduos, os caracteriza e os aloca como membros de um sexo, isto é, como homens e mulheres, sem nenhum – ou quase nenhum – espaço para a ambivalência.

Como veremos mais adiante, **Paris** e seu parceiro, entre outras coisas, por performarem um certo estilo de homossexualidade e por coabitarem tendo como companhia a presença da filha do

---

pensados como identidades de gênero e não como anomalias, foram gradativamente sendo adotados os vocábulos transexualidade e homossexualidade.

<sup>366</sup>Cf. ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.



primeiro, de certa forma, borram esta ambivalência, principalmente entre o grupo social de convivência próxima.

Assim, no atual momento, pedras pontiagudas parecem desencaixar-se da edificação: as alteridades de gênero (que tendem a ser vistas como apenas sexuais). São incomodas e altamente reveladoras de tensões e contradições que permeiam a sociedade, marcadas fortemente pelo conflito e pelo rigor como são tratadas. São, por assim dizer, simultaneamente, indícios e reflexões de resistência em uma das dimensões fundamentais a estruturar a vida social, funcionando segundo uma lógica própria e relativamente autônoma: a do gênero e, dentro dele, a sexualidade. Nesta esfera, ora em consonância com ela ora desafiando-a, os indivíduos parecem não ter como escapar de se localizarem e serem localizados pela rígida demarcação que separa e opõe o masculino e o feminino como terrenos estanques, eternos e imutáveis. Faz parte desse processo, com sua lógica inexorável, buscar apagar seus vestígios espaciais e temporais. Ocorre que nos tempos atuais, por serem plurais, fragmentados e dispersos os lugares e os momentos em que se desenrolam as relações sociais, sendo estas também múltiplas e intrincadas, torna-se extremamente complexa a inserção individual de seus membros. Nesta construção social, o gênero é um dos pilares.

De acordo com as teorias feministas, as relações de gênero sofreram ao longo da história um processo contínuo de significação e ressignificação que as naturalizou e, conseqüentemente, as cristalizou. Entretanto, a sociedade não é um todo monolítico e imutável. O gênero constitui uma “camada” do social, é parte de uma totalidade que é sempre incompleta e que, permanecendo aberta no tempo e no espaço, está sujeita a transformações. Dessa maneira, podemos ver as definições do que é ser homem ou mulher como um fluxo e não como algo imóvel.

Embora mudanças e transformações sejam inerentes à condição humana, nem sempre as aprovamos ou as adotamos, muitas vezes preferimos nos manter em um espaço sem ameaças e menos expostos a aspectos imponderáveis. O que se percebera, mais a frente, nas opções feitas por **Paris** e seu parceiro. Visto que, arriscar possibilidades exige uma disposição que, além de certas condições intrapsíquicas, requer boa dose de iniciativa para fazer escolhas e se responsabilizar pelas conseqüências. Em contrapartida à possível vulnerabilidade, a recriação de si permite posturas mais flexíveis e a abertura necessária à compreensão do que é diferente e possível.

No que concerne as diferentes formas que homens e mulheres buscam para vivenciar suas masculinidades e feminilidades, o desafio é ampliar e intensificar debates como forma de destituir

ou romper o silêncio que nega e dissimula situações vigentes. É necessário um enfrentamento criterioso e denso das teorias que precisam de vastas e profundas revisões para que se possa olhar além das frestas da resistência e do preconceito e, assim, dar conta das grandes transformações que vêm sendo processadas, sobretudo, em enredamentos familiares.

A emergência destas novas possibilidades de ser família pode ser mais facilmente compreendida, levando-se em conta algumas marcas do mundo atual que lhe servem de pano de fundo: a fragmentação, a dispersão e a disparidade de valores, crenças e referências que povoam o imaginário social em termos de gênero.

#### IV – COMENTANDO A VIAGEM: NEM HERÓI, NEM VÍTIMA, NEM VILÃO – APENAS PAI!

*Quem um dia irá dizer que existe razão  
 Nas coisas feitas pelo coração?  
 Eduardo e Mônica um dia se encontraram sem querer  
 E conversaram muito mesmo pra tentar se conhecer...  
 E também brigaram juntos, muitas vezes depois  
 E todo mundo diz que ele completa ela e vice-versa  
 Que nem feijão com arroz  
 Construíram uma casa uns dois anos atrás  
 Mais ou menos quando os gêmeos vieram  
 Batalharam grana e seguraram legal  
 A barra mais pesada que tiveram  
 E a nossa amizade dá saudade no verão*

*(Eduardo e Mônica – Legião Urbana)*

Como o trabalho de campo foi realizado em diversos momentos e em diversos lugares e, da mesma forma, em diversos contextos, abriu-se um leque de possibilidades para escrutínio etnográfico.

Houve momentos em que foi possível estar a sós com meus interlocutores, algumas vezes em suas casas, outras em locais públicos, porém reservados. Estes encontros facilitaram as entrevistas em profundidade, ou fizeram acontecer as entrevistas/encontro, conforme referi anteriormente. Outros momentos (alguns já mostrados aqui), tão ricos quanto os primeiros, também aconteceram em suas casas ou locais públicos, porém, na companhia de suas parceiras/esposas e filho/as. Em alguns casos, inclusive tendo por perto outros familiares. Os encontros em suas residências permitiram observar suas práticas como pai na convivência com seus/suas filhos/as, da mesma forma, suas práticas como parceiro/esposo na convivência com suas parceiras/esposas. Sem deixar de perceber, quando era o caso, suas relações com os outros membros da família.

Não raro foram, também, as oportunidades de estar com estes jovens pais em seus outros momentos de paternagem, digo melhor: levando seus filhos/as à escola, à praia e/ou clubes, nos passeios pelas áreas de lazer de alguns condomínios e, até mesmo ao médico/hospital. Da mesma forma, estivemos juntos, muitas vezes em festinhas de aniversários de seus/as filhos/as. Como

desenvolvi o trabalho de campo a partir de duas redes de relacionamento social, foram muito comuns esses encontros.

Algumas datas também foram significativas para o desenvolvimento da pesquisa. Como realizei o campo entre agosto de 2008 e agosto de 2010, estive presente em duas datas que guardam significados bem especiais. O dia dos Pais e o dia de Natal. Estes foram momentos de festa, alegria e presentes. Mas, foram também momentos de reflexão e até mesmo de alguma tristeza.

Assim, já comentando a viagem, os homens jovens e pais existiram e existem. É verdade que alguns ignoram sua prole; mas outros procuram ou querem assumi-la, não raro, enfrentando dificuldades, já que as instituições sociais assumem posturas diversas, e por vezes contraditórias frente à paternidade juvenil. Como sugere Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca,<sup>367</sup> esse evento se constitui em nossa sociedade como “um não lugar”, fato reforçado pela noção presente em nosso cotidiano de que o, assim considerado, adolescente (e não somente ele, ela também), é percebido/a apenas como filho/a.

O contexto social no qual ocorre a maternidade/paternidade juvenil e os principais desdobramentos na vida desses jovens, advindos do nascimento da criança, são questões fundamentais na análise da experiência da parentalidade nesta fase da vida. É instigante saber, quando se deseja alargar repertórios, o que muda e o que permanece na biografia desses sujeitos, o que há de específico na condição de pai quando se ainda é muito jovem. Responder indagações como estas possibilitam, em especial, a visibilidade do homem nesse processo, haja vista, como tenho procurado mostrar aqui, a centralidade de referências que identificam a esfera doméstica e familiar como domínio do feminino.

#### **4.1 Outras imagens, outras paisagens: novas funções, novos papéis (outros enredamentos)**

Para Maria Luiza Heilborn,<sup>368</sup> o nascimento de um/a filho/a nesta fase da vida representa uma etapa de transição para a vida adulta. Nesse sentido:

---

<sup>367</sup>Cf. LYRA DA FONSECA, Jorge Luiz Cardoso. *Paternidade Adolescente: da investigação à intervenção*. In ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, Benedito (Orgs.). **Homens e Masculinidades: outras palavras**. Op. cit.

<sup>368</sup>Cf. HEILBORN, Maria Luiza *et al.* *Aproximações socioantropológicas sobre gravidez na adolescência*. In **Horizontes Antropológicos**. Nº. 8. 2002.

[A]o conceber a juventude como processo biográfico, no qual são adquiridos progressivamente os predicativos característicos da vida adulta (autonomia material e residencial), torna-se possível indagar em que medida um episódio de ‘gravidez na adolescência’, acirra essa transição (...).<sup>369</sup>

Essa passagem, que possui marcas diferenciadas pela posição social dos indivíduos (e não só), revela significados próprios para os protagonistas desse evento, demarcados por relações de gênero e expressos nos desdobramentos ocasionados pela existência de um filho/a numa etapa de vida determinada, como esta. Ainda para Maria Luiza Heilborn,<sup>370</sup> a discussão de como esse fenômeno se modula em função de classe social e gênero, revela percursos e perfis juvenis bastante heterogêneos, bem como diferentes repercussões de uma eventual parentalidade.

Nesse sentido, há que se vislumbrar em nossa sociedade, no que tange as estruturas parentais e familiares, outras paisagens e nelas, novas funções, novos papéis, outros enredamentos. No entanto, excetuando-se os tradicionais estudos de parentesco, na Antropologia, pode-se dizer, que pesquisas sobre as práticas e comportamentos familiares nem sempre foram um objeto caro aos seus pesquisadores. E, dentro deste cenário, naquilo que diz respeito à parentalidade, como sugere Vera Regina Ramires,<sup>371</sup> cai-se num vazio ao pesquisar sobre o modo como foi e é o papel do pai nas diferentes formas de família. Isto é comentado por esta autora, apoiando-se no que diz Thomas Walter Laqueur, sobre esta escassez, quando ele comenta:

Me incomoda que careçamos de uma história da paternidade, silêncio que interpreto como signo de uma patologia mais sistêmica de nosso conhecimento acerca do que implica ser um homem e ser um pai. Desafortunadamente não houve um movimento comparável ao feminismo moderno que estimulasse o estudo dos varões.<sup>372</sup>

Dessa feita, estudos mais consistentes sobre a percepção dos fatos familiares (no Brasil e fora dele), dentro de uma perspectiva antropológica (e não somente dentro dela), irão surgir a partir das décadas 50/60 do século passado, fazendo questionamentos ao modelo clássico de análise da família.<sup>373</sup>

<sup>369</sup>Cf. CABRAL, Cristiane da Silva. *Paternidade na trajetória juvenil: uma contribuição ao debate sobre “gravidez na adolescência”*. Op cit. p. 169.

<sup>370</sup>Cf. HEILBORN, Maria Luiza et al. *Aproximações socioantropológicas sobre gravidez na adolescência*. Op. cit.

<sup>371</sup>Cf. RAMIRES, Vera Regina. **O exercício da paternidade hoje**. Op. cit. p. 25.

<sup>372</sup>Cf. LAQUER, Thomas Walter. *Los hechos de la paternidade*. In **Debate Feminista**. V 6. p. 119.

<sup>373</sup>É possível encontrar uma síntese da evolução da família no Ocidente, dentre outros, nos trabalhos de: SINGLY, François de. **Sociologia da família contemporânea**. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007 e SEGALLEN, Martine. **Sociologia da família**. Op. cit.

Com estes estudos a família vai passar a ser vista como uma instituição fundamental, a partir da qual se pode estudar a estrutura política e social, bem como o desenvolvimento econômico e cultural.

De lá pra cá, o que de fato observamos, não foi exatamente o enfraquecimento da instituição família, mas o surgimento de novos modelos familiares, derivados de vários fenômenos sociais e, sobretudo, das transformações nas relações de gênero. Nesse contexto, as relações entre família e sexualidade vêm sendo modificadas significativamente nas últimas décadas.

Assim, a instituição família, longe de estar sendo destruída como se tem apregoadado, está passando por inúmeras transformações e modificações que têm exigido, por exemplo, que as pessoas (dentro dela) desenvolvam habilidades para exercer funções e papéis cada vez mais diferenciados. Não há mais como tentar esconder ou recusar a existência de novas configurações da parentalidade. O próprio termo já evidencia que existem muito mais questões envolvidas nas relações familiares do que os gêneros biológicos homem e mulher. Nesse sentido, estigmas precisam ser combatidos e posturas mais coerentes e atuais necessitam ser adotadas. Recusar a percepção desta realidade seria ficar à margem das mudanças sociais. A família nuclear, heterossexual e monogâmica, identificada numa rápida retrospectiva histórica, por exemplo, não é mais (e na verdade, nunca foi) a única.

Poder-se-ia tentar definir a instituição família, atualmente, como o lugar onde se tecem os vínculos que ligam indivíduos entre si. Portanto, permeada por novas configurações e novo comportamento. Ou, com o sugere a magistrada Maria Berenice Dias, a família nada mais é do que um núcleo de afetividade.<sup>374</sup> Como resultado, estas novas configurações e este novo comportamento transformaram/ressemantizaram a família fazendo surgir outros laços de parentesco e, com eles, novas funções e novos papéis. Homem, mulher, pai e mãe, ex-marido e ex-mulher, atual marido e atual esposa, ex-genro e ex-nora, tio “emprestado” e tia “emprestada”, ex da irmã e ex do irmão etc.<sup>375</sup>

---

<sup>374</sup>Sobre tal questão conferir: DIAS, Maria Berenice. **União homoafetiva: o preconceito & a justiça**. 4 ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2009.

<sup>375</sup>Em um de meus momentos de entrevista/encontro com **Narciso**, na companhia de seu filho e na presença de seu companheiro; o casal acabou, de certa forma provocando, fazer com que a criança me explicasse quem era para ele o companheiro de seu pai, cuja resposta foi: “esse é meu tio emprestado”.

Esta nova construção/elaboração da árvore genealógica, que se tornou uma colagem, faz surgir, de dentro dela, a família contemporânea.<sup>376</sup> E nesse contexto, para vivenciar suas escolhas, homens e mulheres, jovens o não, têm inventado novos jeitos de desempenhar velhas funções e velhos papéis.

(...) acho que nós vivemos uma relação diferente, sabe como é? Não é aquela coisa de pai, mãe e filho morando juntos na mesma casa. Eu vou lá todo dia pra vê eles. Quando a mamãe tem folga ele vem pra cá e fica com a gente. Sei que é meio diferente, mas nós somos o pai e a mãe dele, mesmo sendo os nossos pais que nos ajudem a bancar as coisas pra ele. Eu acho que estou fazendo aquilo que posso pra ele saber que eu sou o pai dele (...) (**Ulisses** – Registro de Campo).

É neste cenário, que surge a parentalidade coletiva, ou seja, uma relação onde o cuidado com a prole é exercido por diversas pessoas não necessariamente ligadas a ela por vínculos biológicos. No caso de **Ulisses**, como vimos acima, é a mãe dele quem o auxilia no “exercício de paternagem” quando o pequeno Pedro vem para a casa deles. Mas, este auxílio também pode vir por intermédio de outras pessoas de fora da parentela.

Nesse sentido, e já que estou comentando a viagem, a percepção do pai como “ajudante” da mãe, no exercício da maternagem, quando do nascimento de um/a filho/a, tem sido o argumento defendido por alguns/as daqueles/as que entusiasticamente comemoram a aprovação do Projeto de Lei 281/2005 de autoria da Senadora Patrícia Saboya (PDT/CE), que alterou a Lei de Nº. 8.212 de 24 de julho de 1991, aumentando de quatro para seis meses o período da licença-maternidade, pela Lei Nº. 11.770 de 09 de setembro de 2008. Assim, tramitam no Congresso Nacional, aproximadamente dez Projetos de Lei, discutindo a ampliação dos atuais cinco dias da licença-paternidade.<sup>377</sup> Há propostas que aumentam o direito<sup>378</sup> para até trinta dias, mas o Projeto mais avançado e com maior consenso prevê licença remunerada de quinze dias após o nascimento do filho/a. O que chama atenção, no entanto, é a alegação de ser este o tempo necessário para que o pai possa “ajudar” a mãe nos primeiros dias de vida do bebê.

---

<sup>376</sup>Poder-se-ia aqui usar a imagem do *bricoleur* acionada por Claude Lévi-Strauss, para quem as criações da bricolagem se reduzem sempre a um rearranjo de elementos, já que novos universos nascem de seus fragmentos. Cf. LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. 5 ed. Campinas: Papirus, 2005.

<sup>377</sup>A licença-paternidade que atualmente é de cinco dias era menor antes da promulgação da Constituição de 1988. A Consolidação das Leis Trabalhistas, de 1943, previa ao pai um dia de afastamento remunerado no decorrer da primeira semana após o nascimento do filho.

<sup>378</sup>A licença para os pais é um direito previsto na Constituição de 1988. O texto deixa claro que se trata de um prazo provisório até que uma lei específica regulamente o direito. Vinte e três anos depois, o Congresso Nacional ainda não aprovou uma lei sobre o assunto.

Ora, como pensar numa equidade entre os sexos se a mulher detém, quase exclusivamente, o direito e o dever de cuidar de dos/as filhos/as? Nada contra a aprovação do Projeto de Lei e o reconhecimento e a valorização da maternidade. Mas instiga o questionamento: e o reconhecimento e a valorização da paternidade? Cinco, quinze ou trinta dias são suficientes para que o pai participe da formação emocional e social da criança e exercite a sua paternagem, enquanto que a mãe deve dedicar seis meses exclusivamente a essa tarefa? Não seria hora de pensar que esse cuidado inicial pode e deve ser igualmente compartilhado por homens e mulheres? Afinal,

[t]odos sabem que os meses iniciais são fundamentais para assegurar a adaptação do bebê ao mundo, o que significa que cuidar de um recém-nascido é muito mais do que apenas garantir aleitamento materno. Esse tempo é necessário para estabelecer o vínculo afetivo com a criança, indispensável para o seu desenvolvimento emocional e social.<sup>379</sup>

Esse pensamento machista de que o cuidado infantil é tarefa para mulher necessita ser modificado. Nesse sentido, a ampliação da licença-paternidade para quinze ou trinta dias, já configuraria um avanço; no entanto, não é a situação ideal. Já é hora de se pensar, na esteira de outras realidades, a licença-parental.<sup>380</sup> Ou seja, uma licença independente do sexo, onde se possa compartilhar a licença. Modelo que já é adotado, por exemplo, na Suécia, onde a licença-parental de mais de um ano para cuidar do bebê é para ambos os sexos. O casal é quem decidirá quem ficará sem trabalhar exercendo a função de cuidador. “A proposta visa a estimular os homens a assumir um papel ativo na criação dos filhos e a propiciar uma divisão mais igualitária das tarefas domésticas”.<sup>381</sup> Nesse mesmo sentido, na Islândia, a licença-parental é dividida em três meses para o pai, três meses para a mãe e três meses para o casal dividir como desejar.

Mesmo porque, há homens (jovens inclusive) que não recusam e nem duvidam de suas competências para o “exercício de paternagem”. No entanto, como sinalizam os próprios mecanismos jurídicos discrepantes (que entre outras coisas revelam a enorme desigualdade de gênero em nosso país) aludidos acima, as mulheres são percebidas como as legítimas detentoras do saber/poder nesse âmbito. Cabendo ao pai a função de ajudante, coadjuvante ou até mesmo de figurante, visto que no privado, existe a suposta superioridade feminina.

<sup>379</sup>Cf. GOLDENBERG, Mirian. **Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade**. Rio de Janeiro: Record, 2008.p.204.

<sup>380</sup>Para aprofundar esses descompassos entre as licença-maternidade e licença-paternidade, no cenário brasileiro, vale conferir: PINHEIRO, Luana; GALIZA, Marcelo; FONTOURA, Natália. *Novos arranjos familiares, velhas convenções sociais de gênero: a licença-parental como política pública para lidar com essas tensões*. In **Estudos Feministas**. V 3. Nº. 17. Florianópolis. set/dez, 2009. pp. 851/859.

<sup>381</sup> Idem.



Dizer essas coisas é certamente querer enfrentar forte reação do lado feminino, inclusive daquelas que levantam a bandeira da completa igualdade entre os sexos. “Mas não seria exatamente nesse terreno, completamente dominado pelas mulheres, que se enraíza a mais profunda desigualdade entre os sexos?”<sup>382</sup>

Já tentando responder:

Se as crianças de hoje aprenderem que o pai e a mãe podem ser igualmente disponíveis, atenciosos, responsáveis, protetores, presentes e amorosos, é possível que, em um futuro próximo, tenhamos uma verdadeira igualdade entre homens e mulheres, e a crença de que em nenhum domínio (público ou privado) um é superior ou mais necessário do que o outro.<sup>383</sup>

Assim, exsurtem questões que o Estado, o brasileiro, por exemplo, ainda está longe de encontrar saídas legais adequadas. Este fato, muito presente em famílias recompostas<sup>384</sup> atuais, nas quais as crianças são cuidadas por pais e mães sociais, conseqüência de novas uniões dos seus pais e mães biológicos, diz respeito, resalte-se, a famílias hétero e homoparentais.

(...) ele se dá super bem com a minha mulher. Como nós não tivemos filhos ele acabou sendo “adotado” por ela. Na verdade, ele chama ela de tia, hoje as crianças aprendem isso na escola, e ficou tia até hoje. Mas ela olha pra ele como um filho... (**Ares** – Registro de campo).

Claro que eu não quero que ele chame meu namorado de pai, mas com o tempo ele vai crescer e vai, acho, perceber que ele não é “tio emprestado” dele. Gostaria que ele decidisse como se relacionar com ele e não que fossem colocando idéias na cabeça dele (**Narciso** – Registro de campo).

Ele chama a minha namorada de tia numa boa. Hoje ele só vem pra Belém nas férias. Ai ele fica mais tempo comigo e com ela. Com essa história ele arrumou um monte de tios e tias na família dela... (**Ozires** – Registro de campo).

Hodiernamente, impulsionada pela mídia escrita e televisiva, percebe-se que há uma desmistificação, ou uma “leitura” menos estereotipada das restrições feitas a estes novos arranjos familiares. A questão que se nos coloca hoje, é pensar a família, independente da forma de enredamento, como tendo função e papel, na contribuição fundamental de construir o ser chamado humano.

---

<sup>382</sup> Ibidem. p.205.

<sup>383</sup> Ibidem. p.206.

<sup>384</sup> Pode-se dizer que o termo família recomposta remete a um duplo movimento de dessacralização do casamento e de humanização dos laços de parentesco.

Para tanto, é preciso rechaçar a idealização aprisionadora, a excessiva normatização social, a solidão cultural, o descaso com cada caso; para considerarmos – leia-se respeitarmos – a “família possível” que cada um de nós busca construir, não sem angústias, é claro!

É bem exemplar, para efeito do que estou aqui mostrando, a família possível que **Paris**, sua filha e seu parceiro constroem. Juntos por 17 anos iniciaram esse relacionamento quando o primeiro tinha 18 anos e o segundo 31. Conheci Paris por intermédio de seu parceiro, que por ser amigo de pessoas ligadas a mim, acabamos desenvolvendo uma amizade de longa data. Assim, acompanhei com razoável proximidade o início desse relacionamento. Da euforia inicial do namoro as intermináveis brigas, fruto de muito ciúme entre o casal, lembro de situações constrangedoras a que todos os seus amigos ficávamos sujeitos, quando em locais públicos resolviam, como se costuma dizer, “lavar a roupa suja”. O que estava em jogo, nestes momentos, eram os envolvimento heterossexuais de Paris, que aos 18 anos, tinha namorada e paralelamente estava vivenciando, pela primeira vez, uma relação homoafetiva. Dito por ele mesmo: “(...) não me via como homo. Sempre curti com mulher e nunca tinha pintado lance com homem. Até que nós conhecemos numa boate. Inicialmente, pra mim tinha sido só um lance, mas a coisa foi rolando e olha aonde chegou” (**Paris** – Registro de campo).

Acompanhei por algum tempo a relação, bem tumultuada, dos dois, até que aos 20 anos Paris anunciou a gravidez de sua namorada. Como estava formando e já estava trabalhando, ainda que não casasse com sua parceira, assumiu sua paternidade. O evento acabou resultando, ainda que brevemente, no afastamento de seu parceiro com quem ainda não coabitava. Retomaram a relação um ano mais tarde, já em regime de coabitação, numa perspectiva próxima do universo da conjugalidade – visto que esta referencia é a da heterossexualidade.<sup>385</sup> Estive próximo deles por mais algum tempo, mas por contingências da vida, nos afastamos.

Quando do desenvolvimento do trabalho de campo para esta pesquisa, lembrei deles e imediatamente pensei em lhes procurar. Inicialmente, Paris não se mostrou aberto para tocar no assunto, temeroso de uma exposição, no entanto, extremamente feliz por retomarmos a amizade, abriram-me as portas de seu novo apartamento. E este foi o *insight* para minha “briga de galos”, retomar nossa amizade foi minha via de acesso para alcançar meus objetivos como pesquisador. Afinal, como leciona Clifford Geertz, “[n]a manhã seguinte, a aldeia era um mundo completamente

---

<sup>385</sup>Buscar nomenclatura para codificar o amor de um homem por outro homem e identificar esta relação de união, é manusear um vocabulário de empréstimo, onde “[o] homossexual é visto como um impostor ou um usurpador quando se apropria de um vocabulário que não é o seu para exprimir-se amorosamente.” Cf. COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

diferente para nós (...).”<sup>386</sup> Desta forma, é preciso entender “(...) o etnógrafo não apenas como um cientista em interação com o seu ‘objeto’, mas também como um ser humano em um universo intersubjetivo. É principalmente por meio de relações humanas que o etnógrafo tem acesso ao mundo, ao ponto de vista e à experiência de outros sujeitos, os ‘seus’ nativos”.<sup>387</sup> Daí a importância das relações humanas como constitutivas da possibilidade de pesquisas qualitativas. Com nossa reaproximação, entre outras coisas, descobrir que a filha de Paris (hoje com 15 anos) mora com ele e seu parceiro, formando aquilo que se tem rubricado, entre nós, como uma família homoparental. Essa e outras possibilidades de ser família é o que discutimos a seguir

#### 4.2 Além das frestas: outras fotos ou outras possibilidades de ser família

Pode-se dizer que o eixo central de uma estrutura de família é sempre o mesmo: uma complexa rede de investimentos afetivos tecida entre seus membros, uma vez que esse grupo é o espaço primário de partilha das relações de afeto e de humanização.

Concordando com esta idéia, mas relativizando e tendo consenso no meio acadêmico, o antropólogo Luiz Mello assinala “(...) que as formas históricas da família variam muito quanto à estrutura, exercício de autoridade, funções, extensão do parentesco integrado e autonomia em relação ao meio social”.<sup>388</sup>

Apresentando-se com um caráter universal e sendo aceita como a mais antiga das instituições humanas, mas com variações entre as diversas sociedades e entre as gerações, quanto às suas formas de organização e funcionamento; a família, por ser da ordem do social, não é imune a um conjunto de regras que emanam da sociedade, não sendo correto, portanto, encerrá-la numa única definição conceitual e muito menos considerá-la estática.

Neste sentido, falar de família hoje, ou de forma mais acertada de famílias, exige um esgarçamento das idéias científicas, resultantes de um maior destaque na cena pública da diversidade, que a este propósito tem se convencido chamar de novas formas de ser família.

<sup>386</sup>Cf. GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Op. cit.. p. 186.

<sup>387</sup>Cf. BIZERRIL, José. *O vínculo etnográfico: intersubjetividade e co-autoria na pesquisa qualitativa*. In **Universitas: Ciências da Saúde**. Brasília: Uniceub, 2004. V 2. Nº. 2. p.157.

<sup>388</sup>Cf. MELLO, Luiz. **Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p.25.

As representações sociais relativas à família vêm sofrendo profundas modificações no mundo inteiro. Numa mesma sociedade, como a brasileira, por exemplo, é possível perceber uma plasticidade nos grupos domésticos.<sup>389</sup> Em lugar de ser divinizada ou naturalizada, a família contemporânea ou a família possível se pretendeu frágil, neurótica, consciente de sua desordem, como nos fala a historiadora e psicanalista Elizabeth Roudinesco,<sup>390</sup> mas preocupada em recriar entre os homens e as mulheres um equilíbrio que não podia ser proporcionado pela vida social.

Construída, desconstruída, reconstruída a família recuperou seu vigor na busca dolorosa de uma soberania alquebrada ou incerta. Assim, fez brotar de seu próprio e aparente enfraquecimento um vigor inesperado. A aliança matrimonial, pela qual um homem e uma mulher constituem entre si uma comunidade para a vida toda, organizada por seu caráter natural para o bem dos cônjuges assim como para o bem de seus filhos, foi cada vez mais se assimilando a um rito festivo que acontece não mais como ato fundador de uma célula familiar única e definitiva, mas como um contrato mais ou menos duradouro entre duas pessoas.

Deste novo ideário, surge a noção de famílias recompostas<sup>391</sup> e, desta idéia, homens e mulheres ganharam a liberdade de procriar filhos de diversos leitos e, por vezes, fazendo-os coabitar em famílias monoparentais,<sup>392</sup> pluriparentais,<sup>393</sup> co-parentais,<sup>394</sup> biparentais,<sup>395</sup>

---

<sup>389</sup>Estimulantes reflexões sobre estas novas configurações familiares no cenário brasileiro podem ser encontradas, por exemplo, em: KOFES, Suely. **Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982. KOFES, Suely. **Pensando a família no Brasil: da colônia a modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987. D'INCAO, Maria Ângela (Org.). **Amor e família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989. FIGUEIRA, Sérvulo (Org.). **Uma nova família? o moderno e o arcaico na família de classe média brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004. GROSSI, Mirian; UZIEL, Ana Paula; MELLO, Luiz. **Conjugualidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. HEILBORN, Maria Luiza (Org.). **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro, 2004. LASMAR, Cristiane. **De volta ao lago do leite: gênero e transformação no Alto Rio Negro**. São Paulo/Rio de Janeiro: UNESP/NUTI, 2005. LINS DE BARROS, Myrian (Org.). **Família e Gerações**. Rio de Janeiro. FGV, 2006. SARTI, Cyntia Andersen. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

<sup>390</sup>Cf. ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

<sup>391</sup>Designação que enquadra uma nova constituição familiar, onde um ou os dois parceiros têm filhos de relações anteriores e os trazem quando da composição desse novo arranjo.

<sup>392</sup>São aquelas dirigidas por apenas um dos membros do casal. Criada na França, mas com inspiração nas experiências da família americana, a expressão “família monoparental” serviu para designar, sem, estigmatizar, um modelo de família “irregular”, entretanto julgado menos negativo que o da parentalidade reconstruída.

<sup>393</sup>É a entidade familiar que surge com o desfazimento de anteriores vínculos familiares e criação de novos vínculos. Podendo ser constituída pela convivência entre irmãos, bem como as comunhões afetivas estáveis existentes entre parentes colaterais. Sendo também conhecida como família mosaico.

<sup>394</sup>O terno se impõe no Brasil, desde 16 de junho de 1970, com a Lei N°. 5.582, que dispõe sobre a organização e proteção da família. Tais arranjos consistem em acordos para a procriação e a criação conjunta de filhos/as, que circulam desde o nascimento entre as residências paterna e materna.

<sup>395</sup>Família constituída em torno do pai e da mãe, os quais convivem em família com os filhos.

multiparentais,<sup>396</sup> heteroparentais<sup>397</sup> ou homoparentais.<sup>398</sup> A difusão destas terminologias, derivadas do termo parentalidade, traduzem tanto a inversão daquilo que Pierre Bourdieu<sup>399</sup> denomina de “dominação masculina”, como o modo de conceituação da família. Estes novos enredamentos familiares permitem vê-la não só como uma estrutura do parentesco, mas também como um lugar de poder descentralizado e de múltiplas aparências.<sup>400</sup>

Em lugar da definição de uma essência espiritual, biológica ou antropológica da família, fundada no gênero e no sexo ou nas leis do parentesco, foi instituída outra família, horizontal, múltipla e em “redes”, criada pelo individualismo moderno. No entanto e independente da conceituação ou do arranjo, inexoravelmente, famílias convivem com forças quase sempre produtoras de tensões.

Um modelo de família, oriundo dessa reviravolta, tornou-se possível àqueles que eram, até pouco tempo atrás, pensados como excluídos de uma possível construção familiar: os homossexuais. Entre esses novos arranjos familiares, os compostos por *gays* e lésbicas estão entre os mais controversos. A possível ou não, estabilidade do relacionamento entre pessoas do mesmo sexo, bem como o seu desejo de ter filhos, são fenômenos que despertam curiosidade e desconfiança.

Forjado sobre o mesmo modelo que os outros termos designativos das novas formas de parentalidade, a experiência da homoparentalidade, pela sua própria designação já é a prova de uma prática radicalmente nova da geração e da procriação, traduzindo um duplo movimento, ao mesmo tempo transgressor e normalizador. De um lado, faz cair por terra o princípio da diferença sexual sobre a qual repousava até então a célula da família e, de outro lado esta é reivindicada como uma norma desejável e desejada.

---

<sup>396</sup>A liberdade de constituição familiar, marcada não só pela possibilidade de desconstituição do casamento, mas também pela possibilidade de se constituir ou reconstituir família por meios legais ou informais, tem feito surgir, entre nós, esse novo desenho familiar que se convencionou denominar multiparentalidade. Esse novo fenômeno de fortes implicações jurídicas, tem seu fundamento, também, nas concepções de socioafetividade, novo fator propulsor ao estabelecimento de parentesco.

<sup>397</sup>Termo que designa a família composta por pessoas de sexos opostos e sua prole.

<sup>398</sup>Termo criado na França *homoparentalité* em 1996 pela Associação dos Pais e Futuros Pais *Gays* e Lésbicos (APGL). Nessa configuração estão homens e mulheres, que juntos com seus/as parceiros/as de mesmo sexo, se organizam em núcleos familiares. Ressalte-se que assim como a heteroparentalidade, a homoparentalidade é rica e diversa na forma das pessoas se organizarem em núcleos familiares.

<sup>399</sup>Cf. BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Op. cit.

<sup>400</sup>Sobre esse aspecto, vale conferir, entre outros trabalhos que tratam dessa questão: CAVALCANTI, André Cleófas Uchôa. *Família, dignidade e afeto: possibilidades e limites jurídicos para o estabelecimento de múltiplos laços parentais*. Tese de doutorado em Direito, apresentada à PUC/SP, 2007.

Quando pensamos na possibilidade de *gays* e lésbicas criarem filhos, talvez fosse coerente nos lembrarmos de que homossexualidade se refere ao exercício da sexualidade. Funções parentais não exigem esse exercício, e recorrer a esse critério para avaliar a competência de uma pessoa para assumir funções parentais, portanto, seria como julgar com essa base a capacidade profissional de alguém, sua habilidade para gerenciar conflitos ou seu gosto por comida e gênero musical. Trata-se de esferas distintas, que se cruzam por inevitável contingência. A reprodução, muito atrelada à sexualidade, pode ser um dos fatores que conferem sentido à proximidade dessas duas esferas, bem como a conjugalidade e a afetividade. São aspectos comuns que encontraríamos se buscássemos qualquer outra relação. Mas não determinantes. Exercer a parentalidade requer, entre outras coisas, afeto e disponibilidade.

O que se vislumbra, a esse propósito, quando se vê além das frestas, são outras possibilidades que, diga-se de passagem, não são novas – mesmo que se manifestem de forma inédita – e não impedem que a família seja reivindicada como valor seguro ao qual não se quer renunciar. Ela segue sendo amada, sonhada, desejada por homens e mulheres de todas as orientações sexuais.

No entanto, em relação às famílias homoparentais há um agravante: sua associação à ausência de legitimidade jurídica e social, o que leva muitas vezes o casal a criar estratégias defensivas que dissimulam sua real condição de família. A dificuldade, nesse caso, não está na homoparentalidade em si, mas na forma culpada e constrangida como os membros do grupo lidam com seus desejos, afetos e escolhas.

Estas urdiduras puderam ser percebidas pela forma de conduzir a vida a dois, que **Paris** e seu parceiro externalizam. Buscando distinguir-se daquela representação carnalizada da homossexualidade, que aglutina todos os preconceitos com os quais um dia esta teve que lidar, partilham em sua convivialidade de uma ética da reserva e da discrição, formado um casal *gay* moderno, consumidor, intelectualizado, formador de opinião, com estabilidade familiar e profissional.<sup>401</sup>

---

<sup>401</sup>Essa ética do comedimento e da reserva, do direito a uma certa invisibilidade, que está presente no discurso e na vida prática de **Paris** e seu parceiro, remetem, de certa forma, ao ideal “arcadiano de homossexualidade”. Essas idéias surgem na França, entre as décadas de 1950/1980, através do movimento *A Arcadie*, que tinha entre seus lemas: *ao lado dos outros, com os outros*. Mais informações sobre esse movimento podem ser conferidas em: PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. *Reserva e invisibilidade: a construção da homoconjugalidade numa perspectiva micropolítica*. In GROSSI, Miriam Pilar; UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz (Orgs.). **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. pp.26/46.

Não temos porque levantar uma bandeira, ou mostrar pra todo mundo que somos um casal gay. Temos uma vida financeira relativamente estruturada, trabalhamos, somos independentes e fizemos a opção de morar juntos, como um casal hetero. Portanto, também temos as nossas desavenças e as nossas responsabilidades compartilhadas. Como minha filha mora conosco, e chama um de pai e o outro de tio, as pessoas que nos conhecem acabam achando que somos irmãos. Fica isso por isso mesmo. Só minha família que soube quando eu resolvi mudar e passamos a morar juntos. A mãe da minha filha é cabeça feita, sempre desconfiou e quando me perguntou eu confirmei. Já com a minha filha, esperei pra conversar faz pouco tempo, mas não tive problemas. De certa forma ela já sabia, praticamente já morava conosco e os dois têm uma relação de cumplicidade que ela acaba não tendo comigo (Registro de campo).

Morando em um condomínio recém-construído, com infra-estrutura pensada para atender as demandas contemporâneas das ditas camadas médias urbanas, **Paris** e seu parceiro, integram-se ativamente nas atividades dos espaços coletivos do condomínio. Tanto que, muitas de nossas entrevistas/encontro aconteceram nestes espaços. A grande maioria na companhia de seu parceiro. E, por vezes, na companhia de sua filha também.

Fruto dessa reaproximação que tive com o casal e agora com a filha de Paris, ainda que ela não tenha me revelado com palavras, seus gestos e atitudes para com o pai e seu “tio” (tratamento por ela usado), levaram-me a refletir sobre as similitudes nas histórias de vida dela e de *Naldo* (personagem central na história criada pelo dramaturgo Walcyr Rodrigues Carrasco, no livro infantil *Meus dois Pais*, onde procura mostrar, com leveza e beleza, a esse público, uma visão contemporânea de família), que assim como ela, passa a morar junto com o pai e seu parceiro quando sua mãe precisou mudar de cidade por conta de trabalho. A história de Naldo nos ajuda a perceber como filhos/as, (quando não há a interferência maliciosa de terceiros – digamos assim) acabam administrando essas realidades. Na obra em questão, dada a relação prazenteira que sempre houve entre filho e pai, Naldo percebe seu amor incondicional ao pai e descobre que “(...) ter dois pais pode ser um barato”.<sup>402</sup> Assim, ficção e realidade me fazem entrever que *gay* ou não *gay*: pai é tudo igual!

#### **4.3 Pode até parecer diferente na fotografia: mas pai, é tudo igual**

Vários questionamentos podem ser suscitados por essa naturalização dos papéis masculinos e femininos relacionados à afetividade no momento da parentalidade. Como já disse, a menina é incentivada a brincar com bonecas – o que pode ser entendido como um “treinamento” – enquanto

---

<sup>402</sup>Cf. CARRASCO, Walcyr. **Meus dois pais**. São Paulo: Ática, 2010.

ao menino, isso não é permitido. E, nesse sentido, o efeito substantivo do gênero “(...) é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência de gênero”.<sup>403</sup> Assim, a primeira coisa que vem à cabeça da grande maioria das pessoas quando um menino quer brincar de boneca é o medo dele vir a ser homossexual. Homossexuais também podem ser pais e mães, ou não?<sup>404</sup>

Eu acho que sempre senti atração por homem, mas não prestava atenção nestas coisas. Afinal, junto com meus amigos, sempre tive lance com mulher. Até que um dia a coisa foi ficando mais séria. Percebi que estava ficando afim de um cara. Égua! Fiquei pensando? Que porra é essa? Como eu já tinha uma namorada de algum tempo, comecei a forçar a barra pra vê no que dava, pra saber se gostava ou não da fruta. Não estava muito preocupado com filho. Eu queria saber se eu era homem ou não. Começamos a transar direto. Tínhamos cuidado, sabe come é? ... Gozava fora, outras posições... essas coisas. Até que um dia ela me avisou que estava com medo de tá grávida. Não acreditei! Ela fez o teste e batata: grávida. Os pais dela quiseram a morte comigo, mas disseram logo que não tinha essa de casar. Alegaram que nós éramos muito novos e que isso não ia dá certo. Minha mãe não ficou invocada com a gravidez, acho até que ela gostou. Mesmo porque, penso que ela já sabia que eu gostava de homem. Ai, um filho dava garantia que eu era macho. Sabe como é... né? (...) Depois que ele nasceu eu fiquei mais tranquilo com essa história de ter que provar pra mim que era homem. Afinal, homossexual também faz filho. Até que aconteceu com um cara, amigo meu da academia, ele é mais velho que eu quatro anos, estamos juntos até hoje e já vai fazer três anos. O maior problema do nosso relacionamento, é que isso complicou a minha relação com meu filho. Sabe como é, nós até moramos juntos, e isso chegou no ouvido da mãe dele. Desde então ficou mais complicado pra eu curti meu filhote. Agora não mais, mas ela chegou até me proibir de ficar com ele só por causa do meu namorado... (**Narciso** - Registro de campo).<sup>405</sup>

O exemplo de paternidade juvenil vivenciada por **Narciso** dialoga com um conjunto de questões que a crescente emergência de configurações familiares formadas por homossexuais tem suscitado. Questões que têm chamado à atenção da mídia internacional e nacional e provocado

<sup>403</sup>Cf. BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Op. cit. p. 48.

<sup>404</sup>Alargando repertórios ou esgarçando as idéias homogeneizadoras e essencialistas sobre a parentalidade, alguns estudos têm se direcionado para aqueles/aquelas que se autodefinem homossexuais, nesse sentido, vale conferir, entre outros textos: TARNOVSKI, Flávio Luiz. “*Pai é tudo igual?*”: *significados da paternidade para homens que se autodefinem como homossexuais*. In PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. **Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras**. Rio de Janeiro: GARAMOND, 2004. TARNOVSKI, Flávio Luiz. *Pais assumidos: adoção e paternidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, apresentada à UFSC, 2002. MORIS, Vera Lúcia. *Preciso te contar? – paternidade homoafetiva e a revelação para os filhos*. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica, apresentada à PUC/SP, 2008.

<sup>405</sup>Essa prática um tanto quanto comum de influenciar negativamente a criança contra um dos genitores, foi normatizada pela Lei Nº. 12.318 de 26 de Agosto de 2010, que dispõe sobre a alienação parental e altera o art. 236 da Lei Nº. 8.069 de 13 de julho de 1990, que trata do Estatuto da Criança e do Adolescente. Essencialmente esta Lei proíbe qualquer pessoa que participe ativamente da vida da criança, de induzi-la ou influenciá-la negativamente contra um dos genitores. Isso abrange pai, mãe, avós ou pessoas que tenham a criança ou adolescente sob a sua autoridade, guarda ou vigilância.



interesses acadêmicos na busca de compreender as possíveis especificidades das/nas famílias formadas por *gays* e lésbicas.

Nesse sentido, o antropólogo Flávio Luiz Tarnovski, nos trabalhos citados anteriormente, busca responder questões delineadas nesse debate, procurando compreender os significados associados à paternidade por homens que se autodefinem como homossexuais. Para tanto, direciona a pesquisa, realizada em Florianópolis/SC, ao universo de *gays* com filhos ou desejando tê-los. Seu universo pesquisado compreendeu nove entrevistados, sendo seis com filhos e três desejando tê-los. Um dos critérios de delimitação dos sujeitos participantes, no entanto, foi o da autodefinição como homossexual, buscando com isso “(...) eliminar o universo dos homens, ditos de ‘vida dupla’, que fazem sexo com homens sem se perceberem como homossexuais”.<sup>406</sup> Já que nestes casos é possível perceber uma separação entre a esfera da parentalidade (conjugalidade heterossexual) e a esfera das práticas homoeróticas. Desta forma, o objetivo principal da pesquisa era justamente “(...) compreender como tais esferas poderiam ser conjugadas, fazendo com que o foco se voltasse para os sujeitos que, em se reconhecendo como homossexuais ou *gays*, fossem também pais ou desejassem aceder à paternidade”.<sup>407</sup> Este fenômeno tem resultado na produção de muitos trabalhos acadêmicos dando visibilidade a conjugalidade entre homens homossexuais, temática até então circunscrita ao universo das lésbicas.<sup>408</sup>

Estudos sobre as configurações familiares, formadas por homossexuais, consolidam-se em países da Comunidade Européia e nos Estados Unidos. Na França, um movimento – *Association des Parents e Futurs Parents Gays e Lesbiennes* (APGL) – reverbera as demandas de *gays* e lésbicas no âmbito familiar, incentivando e promovendo debates articulando o saber acadêmico e a área política. Prova disto já está no momento em que, ao rubricarem o neologismo *homoparentalité*, por si mesmo, ele reclama uma especificidade para a paternidade *gay* e a maternidade lésbica. É nessa esteira que juristas, psicanalistas, historiadores, sociólogos e antropólogos transformaram a homoparentalidade em objeto de preocupação acadêmica.

Dada à inquietação particular existente na França em torno das transformações nas relações de parentesco, sociólogos e antropólogos direcionam suas preocupações acadêmicas para

---

<sup>406</sup>Cf. TARNOVSKI, Flávio Luiz. “Pai é tudo igual?”: significados da paternidade para homens que se autodefinem como homossexuais. Op. cit. p. 386.

<sup>407</sup>Ibidem. p.387.

<sup>408</sup>Entre outros textos, um referencial trabalho que desenha a trajetória da construção social da conjugalidade homossexual no Brasil pode ser conferido em: MELLO, Luiz. **Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo**. Op. cit.

compreender “(...) impactos e conseqüências das configurações homoparentais nos modelos de organização familiar e na atualização de regras de filiação”.<sup>409</sup>

No cenário antropológico francês, Anne Cadoret<sup>410</sup> destaca que na maioria dos casos, a constituição das famílias homoparentais é um projeto de casal. Da mesma forma, identifica quatro fórmulas possíveis para caracterizar as famílias formadas por homossexuais: recomposição familiar após uma união heterossexual; co-parentalidade; adoção e novas tecnologias reprodutivas. No entender de Flávio Luiz Tarnovski, “[c]ada modo de acesso traz implicações específicas para o estabelecimento da parentalidade e para o reconhecimento das relações de parentesco”.<sup>411</sup> Ou seja, nas duas primeiras situações há uma preocupação de que a criança tenha pai/mãe identificáveis, no caso da dissociação do casal (conjugal e parental); já na adoção e no uso das tecnologias reprodutivas, o ingresso da criança se dá em uma única célula familiar e doméstica. Ao lado dessas possibilidades, no caso brasileiro, as pesquisas realizadas apontam também a existência do que se convencionou chamar de “adoção a brasileira”.<sup>412</sup>

Tanto na Europa quanto no Brasil, estudos destacam que o sistema parental vigente se estrutura na bilineridade cognática ou indiferenciada (não existe distinção entre as linhas agnática e uterina). No entanto, tal sistema só admite um pai e uma mãe. O que é posto em causa pelas famílias formadas por homossexuais. Desta forma, pesquisas revelam que crianças não tomam como equivalentes o companheiro/parceiro do pai ou a companheira/parceira da mãe, quando estabelecem uma ligação afetiva com estes. As formas de nomenclatura utilizadas mostram que as crianças estabelecem distinções entre o pai, a mãe e os/as respectivos/as companheiros/parceiros/as. O que vale dizer: ainda que ampliada a parentalidade, não se multiplica simetricamente as posições de parentesco definidas pela filiação. Ou seja, a parentalidade estrutura-se de forma inclusiva, ao passo que a filiação é estruturada de forma exclusiva. Este fato, invariavelmente, leva a inexistência, ainda, de um referencial para a posição exercida pelos/as companheiros/parceiros/as.

---

<sup>409</sup>Ibidem. p.388.

<sup>410</sup>Cf. CADORET, Anne. **Des parents comme les autres – homosexualité et parenté**. Paris, Éditions Odile Jacob, 2002.

<sup>411</sup>Cf. TARNOVSKI, Flávio Luiz. “Pai é tudo igual?”: *significados da paternidade para homens que se autodefinem como homossexuais*. Op. cit. p. 388.

<sup>412</sup>Trata-se de mecanismo muito comum, que envolve falsificação ideológica, onde crianças são registradas por pais adotivos como se fossem nascidas deles. Sobre esta prática, em cenário brasileiro, vale conferir entre outros textos: SZNICK, Valdir. **Adoção**. São Paulo: Livraria e Editora Universitária de Direito, 1993. FONSECA, Claudia. **Caminhos da adoção**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

A ausência de um vocabulário próprio e o empréstimo de outro para a nomeação destes atores sociais, pude perceber no convívio com **Narciso**, seu parceiro e seu filho. Da mesma forma, com **Paris**, seu parceiro e sua filha. Em ambos os casos, o referencial é o de “tio”, ainda que, no caso da filha de Paris, esta já saiba da existência de uma relação afetivo/amorosa entre seu pai e seu parceiro. Como em ambos os casos tive a oportunidade de estar em momentos e lugares diferentes com os casais e na companhia do filho de Narciso e da filha de Paris, foi possível perceber a ambigüidade e o deslizamento semântico do referencial “tio” em seus contextos de vida. Ressalte-se também, que este referencial polissêmico (“tio”) foi utilizado para me designar, pelos/as filhos/as de todos os meus interlocutores, com os/as quais mantive contato na feitura da pesquisa.

As problematizações que vêm se constituindo em torno das configurações familiares formadas por *gays* e lésbicas exigem o cruzamento de diferentes perspectivas de análises e referenciais teóricos. No domínio dos estudos de gênero, embora a masculinidade possa ser compreendida como uma construção permanente; de certa forma, tornar-se pai completaria o processo de aquisição da identidade de gênero masculina.<sup>413</sup> Voltando as analisar as falas de **Narciso** e **Paris** acima referidas e, alinhando-as no interior dos estudos de gênero, percebe-se que:

(...) o acesso a paternidade é tido como uma importante etapa na construção social da masculinidade. Em vários contextos da sociedade brasileira, ela é valorizada como signo de virilidade, podendo inclusive atestar a passagem da juventude à vida adulta. Tornar-se pai permite transcender a posição de filho e torna legítimas as reivindicações por autonomia em relação à família de origem.<sup>414</sup>

No caso da paternidade vivenciada por homossexuais (embora dentro de uma parceria homoerótica), uma especificidade com implicações a extrapola: ser pai sem mãe. Vem à cena a dificuldade de um homem tornar-se pai fora de uma relação de aliança (jurídica ou de fato) com a mãe de seu filho. Isto se justifica pela não naturalização da paternidade frente à naturalização da maternidade. “Pai solteiro”, portanto, ainda é uma expressão que soa sem sentido. Mesmo porque, a realização da paternidade surge como necessitando de um aprendizado, já que pensada como uma experiência distante e geradora de compromissos a “assumir”. No entanto, esse padrão assimétrico

---

<sup>413</sup>Sobre tal questão, vale conferir, entre outros textos: VILLA, Alejandro Marcelo. *Significado da reprodução na constituição da identidade masculina em setores populares urbanos*. Op. cit. HEILBORN, Maria Luiza et al (Org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Op. cit. CABRAL, Cristiane da Silva. *Vicissitudes da gravidez na adolescência entre jovens das camadas populares do Rio de Janeiro*. Op. cit. JARDIM, Denise Fagundes. *Performances, reprodução e produção de corpos masculinos*. In LEAL, Ondina Fachel. (Org.). **Corpo e Significado: ensaios de antropologia social**. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

<sup>414</sup>Cf. TARNOVSKI, Flávio Luiz. “Pai é tudo igual?”: significados da paternidade para homens que se autodefinem como homossexuais. Op. cit. p. 391.

vem perdendo força nos atuais contextos em que entra em cena o “novo pai”, valorizando a esfera do cuidado e da proximidade afetiva. Neste salto, a paternidade passa a ser também, um espaço para a afirmação de direitos. E é através desta percepção de direitos, que a paternidade para homossexuais transforma-se em projeto.

De acordo com Flávio Luiz Tarnovski, alguns estudos têm buscado mostrar, que um dos obstáculos à aceitação de si como homossexual é a percepção recorrente de que ser *gay* seria sinônimo de renúncia da paternidade/maternidade. Desta forma, visto que em sua pesquisa, dos nove informantes três manifestaram o desejo de ser pai e, objetivando compreender se tal motivação seria possível traduzir-se num projeto, levando em consideração o momento de suas trajetórias de vida, considerou que a enunciação do desejo de paternidade fosse em si mesma, uma maneira de se posicionar no mundo. Os seis demais informantes, que já são pais, também não revelaram qualquer projeto consciente e refletido de paternidade. Sobre tal questão, num diálogo com a antropóloga britânica Marilyn Strathern<sup>415</sup> e o sociólogo canadense Jacques Godbout,<sup>416</sup> afirma que “(...) nenhum dos sujeitos entrevistados realizou o ideário do indivíduo racional agindo em função de seus interesses e livre de obrigações recíprocas, modelo de ação geralmente associado ao consumo que só encontra um lugar na malha do parentesco por meio de relações de reciprocidade”.<sup>417</sup>

Descrita como um evento não planejado pela maioria dos informantes (assim como também para **Narciso** e **Paris**), este autor ainda comenta, que a realização da paternidade e com ela o ato de “assumir” o/a filho/a atravessa todas as entrevistas de sua pesquisa. No entanto, “(...) o peso simbólico e social de tal atitude apresentou variações consoante ao modo de acesso à paternidade e a seu exercício”.<sup>418</sup> Uns pais exemplares, outros pais corajosos e heróis. Prestígio que pode ser abalado, quando o fator extraordinário associado à paternidade remete à identidade sexual do pai. “Assumir a homossexualidade consiste em, antes de tudo, assumir para si um processo de resolução de conflitos internos também descritos como aceitação”.<sup>419</sup> Para alguns, a homossexualidade estaria associada a determinantes naturais; para outros, a uma orientação pessoal. Uma vez assumida, decorre a administração do segredo em relação à vida afetiva com homens. No caso da pesquisa feita por este autor, “(...) a experiência da paternidade reformula esse cálculo de administração do

<sup>415</sup>Cf. STRATHERN, Marilyn. *Parentesco por iniciativa: a possibilidade de escolha dos consumidores e as novas tecnologias de reprodução*. In **Análise Social**. V. XXVI. Nº. 114. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. 1991.

<sup>416</sup>Cf. GODBOUT, Jacques. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

<sup>417</sup>Cf. TARNOVSKI, Flávio Luiz. “Pai é tudo igual?”: *significados da paternidade para homens que se autodefinem como homossexuais*. Op. cit. p. 394.

<sup>418</sup>Ibidem. p. 395.

<sup>419</sup>Ibidem. p. 398.

segredo, pois não querem ver sua competência parental ser questionada, assim como não querem que a vida social dos filhos seja prejudicada ao serem identificados como homossexuais”.<sup>420</sup> Assumir-se, portanto, não significa sinônimo de visibilidade social das parcerias homossexuais. “Não é porque faço sexo com um homem que tenho que sair por ai dizendo ou demonstrando isso pra todo mundo” (**Paris** – Registro de campo). Desta forma, o momento mais dramático é o da revelação, visto que estereótipos negativos associam homossexualidade à ausência de caráter moral. Este fato foi por mim percebido também, na convivência próxima e nas entrevistas/encontro com **Narciso**.

Eu e meu namorado adoramos ficar com o meu filho, mas são poucos os momentos em que isto é possível. A mãe dele coloca pressão direto. Às vezes, é a minha mãe que inventa que ele vai pra casa dela e ai nós conseguimos ficar juntos. Acho que isso é preço de ter saído do armário. Mas o meu filho só tem quatro anos, ele não tem essa maldade na cabeça e nem quer saber quem é o meu namorado. Pra ele é o tio... Mas eu me preocupo como isso vai ser no futuro, se vão colocar coisas na cabecinha dele... (Registro de campo).

“Sair do armário”<sup>421</sup> não é tarefa fácil ao homossexual. A aceitação social e familiar nem sempre é acompanhada de uma aprovação. Fato que enseja, via de regra, um código de descrição. No caso dos homossexuais pais, entrevistados por Flávio Luiz Tarnovski e, no meu caso nas falas de **Narciso** e **Paris**, pode-se perceber que uma das questões que mais mobilizam preocupação é “(...) saber o momento adequado para falar ao filho que ele, pai, tem namorados em vez de namoradas”. Ou, quem sabe, no longo prazo, responder perguntando: Preciso te contar?<sup>422</sup>

O grau de compreensão que a criança possa vir a ter sobre a vida amorosa do pai será particularmente relevante para determinar o tipo de relação que elas terão com os companheiros e amigos do pai, ao mesmo tempo em que conformará a percepção que os sujeitos em questão terão da articulação entre paternidade e homossexualidade. Nem sempre é fácil precisar a direção da causalidade, se é a revelação para a criança que torna mais fácil vivenciar a homossexualidade sendo pai, ou se é uma percepção positiva da homossexualidade que predispõe ao diálogo com as crianças.<sup>423</sup>

No entanto, para a construção familiar, “(...) não basta que o pai queira integrar o filho e o companheiro num mesmo contorno de família, pois é preciso que existam condições favoráveis para

---

<sup>420</sup>Idem.

<sup>421</sup>A epistemologia do “armário”, pensado como dispositivo de regulação, pode ser conferida em: SEDGWICK, Eva Kosofsky. *A epistemologia do armário*. In **Cadernos Pagu**. Nº. 28. Campinas, jan/jun 2007. pp. 19/54.

<sup>422</sup>Cf. MORIS, Vera Lúcia. *Preciso te contar? – paternidade homoafetiva e a revelação para os filhos*. Op. cit.

<sup>423</sup>Cf. TARNOVSKI, Flávio Luiz. “*Pai é tudo igual?*”: *significados da paternidade para homens que se autodefinem como homossexuais*. Op. cit. p. 404.

que tal definição possa ser sustentada e mantida”.<sup>424</sup> Outros atores sociais podem desempenhar um importante papel na confirmação ou contestação destas definições.<sup>425</sup> Nesse sentido, “(...) se a parceria homossexual não tiver o poder de criar uma relação de aliança, estabelecendo um vínculo de reciprocidade entre famílias, será maior a dificuldade de o companheiro homossexual ser reconhecido numa posição de parentesco”.<sup>426</sup>

Para o universo pesquisado, por Flávio Luiz Tarnovski, Vera Lúcia Moris e por mim, assumir o filho e assumir-se homossexual não implica necessariamente que se reconheçam como exercendo uma ‘paternidade gay’. Dada à especificidade dos percursos de vida dos entrevistados, a categoria “pai solteiro” é preferencialmente acionada. Mais ainda, diferente do que acontecia com a categoria “mãe solteira”, ser “pai solteiro”, ou criar um filho sozinho sendo homem, pode ser motivo de orgulho e fonte de respeito. Pelo que os dados destes pesquisadores sinalizam e pela minha convivência próxima com **Narciso e Paris** no exercício de suas realidades de pai, “(...) não é como homossexuais que eles se afirmam pais diferentes, mas é como pais que se afirmam homossexuais diferentes”.<sup>427</sup> Sendo a paternidade, como qualquer outra experiência humana, heterogênea e variável, os caminhos destes sujeitos sociais, pais ou com intenção de sê-lo, acompanham a heterogeneidade constitutiva das sociedades. Portanto, como já disse, *gay* ou não *gay*, pai é tudo igual.

#### 4.4 Pai que só troca fralda é coisa do passado

Não é mais necessário ou útil continuar trancado em estereótipos antiquados onde a escolha se reduz a uma entre duas opções. Esses estereótipos levam apenas a alienação de si próprio. Ainda há muita coisa de valor no modelo tradicional de masculinidade, mas ele deixou de ser mortalmente limitante. Existem novos ideais de masculinidade. Masculinidade também significa cuidar, alimentar e proteger

As atitudes de um pai, por exemplo, pela sua importância na vida de uma criança, merecem uma reflexão mais atenta, já que se constituem em referências fundamentais. Como um espelho que devolve a imagem, é por meio do eco que essas atitudes têm que muitos filhos/as se vêem e revêem

---

<sup>424</sup>Ibidem. p.405.

<sup>425</sup>Essa questão é aludida por Walcyr Carrasco em obra aqui já referida.

<sup>426</sup>Cf. TARNOVSKI, Flávio Luiz. “*Pai é tudo igual?*”: *significados da paternidade para homens que se autodefinem como homossexuais*. Op. cit. p. 407.

<sup>427</sup>Ibidem. p. 409.

enquanto vão construindo seu protagonismo como pai e como mãe. Às vezes, estimulados pelo exemplo positivo de um pai; outras vezes, magoados por uma ausência paterna, como veremos mais a frente.

Essas imagens de situações que marcaram podem desaparecer, mas deixam rastro. Esses rastros como o de todas as experiências emocionalmente fortes, vão sendo integrados e contribuem para a construção dos modelos de referência futuros. Afinal,

[o] mundo cultural também poderia ser visto como um processo de criação contínua ou recriação, como uma espécie de canteiro de obras onde os andaimes não são retirados porque a reconstrução cultural nunca termina.<sup>428</sup>

Esse “canteiro de obras” pode ser por mim observado, no protagonismo com que exercitam a paternidade os homens jovens e pais com quem convive para a feitura dessa pesquisa. Como protagonistas desse evento, essa geração é a reconstrutora da paternidade, onde **Aquiles** pode ser tomado como é um exemplo disso.

Minha proximidade com ele se deu pela Universidade que, como já disse, foi por intermédio dela que formei uma de minhas redes de informantes/interlocutores para esta pesquisa. Por ser, meu aluno, na época, ficou sabendo de meu interesse em perscrutar questões subjetivas que permeiam a paternidade juvenil. Assim, em um de nossos intervalos de aula, procurou-me para dizer que tinha sido pai aos 20 anos de idade e que, se fosse possível, estaria disposto a conversar sobre o assunto. Desta forma, marcamos um primeiro encontro, na própria Universidade, para que eu pudesse lhe informar mais amiúde sobre a idéia da pesquisa. Os encontros seguintes acabaram acontecendo sempre nos espaços da Universidade. Até que, da parte dele, veio o convite para fosse conhecer sua residência. Na verdade, penso que por ser ele meu aluno, tive reticências em querer marcar nossos encontros em sua residência. Mesmo porque, fruto de nossas primeiras conversas, já sabia que ele vivia em coabitação com sua parceira e seu filho e ansiava por esta proximidade. Mas, parafraseando Clifford Geertz,<sup>429</sup> o antropólogo só se faz no campo, aprendendo com seus erros e acertos a se movimentar numa fina corda bamba, se posso assim dizer. Mais ainda, se o objetivo final desta pesquisa era captar os “imponderáveis da vida cotidiana” destes homens jovens e pais, estar com eles nas mais diversas oportunidades do “exercício de paternagem” era condição.

---

<sup>428</sup>Cf. BURKE, Peter. **O historiador como colonista: ensaios da Folha**. Op. cit. p.158

<sup>429</sup>Cf. GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Op. cit.

Tendo aprendido a lição, posso dizer que com Aquiles, dentre outros que também vieram aqui falar, durante o período do trabalho de campo, mantive uma relação muito próxima. Tanto que, de lá prá cá, tenho com alguns destes, uma relação de amizade que está para além da experiência da pesquisa. Compartilhei com eles muitos momentos do dia-a-dia; de datas comemorativas como aniversários, dia dos Pais e Natal; de passeios de fim de semana em praças, *shoppings*, parques e praças; de idas a médicos etc.

Como fruto dessa proximidade e compartilhamento, que me permitiu entrar em suas casas e em suas vidas, numa das entrevistas/encontro, com **Aquiles** – que por coincidência aconteceu num segundo domingo de agosto, data em que no Brasil se comemora o dia dos Pais –,<sup>430</sup> em que fui convidado para o almoço de família, em sua residência, veio à tona a questão da relação tão afetuosa e perceptível que este tem com seu filho, fato que já me chama atenção desde que dele me falou em nossos primeiros encontros na Universidade.

Nesse dia, por sinal, aprendi na prática a aplicabilidade daquilo que nos ensina William Foote Whyth,<sup>431</sup> quando o buscado numa pesquisa é a densidade (o que já foi comentado no Capítulo II). Assim, após ter sido aceito, foi parado, olhando e sem ter que fazer perguntas que soube respostas às perguntas que talvez nem tivesse feito. Desta maneira, neste domingo de dia dos Pais, foi parado e olhando a forma carinhosa de cuidar do seu filho, que **Aquiles** me respondeu a pergunta que não foi necessária ser feita: “[n]ão faço isso por obrigação, mas porque gosto. Pai que só troca fralda é coisa do passado”. Fruto desse exercício metodológico de parar, olhar e ouvir a resposta do que se deseja saber sem ter sido necessária a pergunta, nasceu um diálogo sobre como se designa um pai.

Nesse sentido, há um texto escrito a duas mãos, onde em forma de diálogo, o filósofo francês Jaques Derrida discute com a historiadora e psicanalista Elisabeth Roudinesco, alguns dos

---

<sup>430</sup>Segundo a Nova Enciclopédia Barsa, há duas versões para a origem do dia dos Pais. Uma delas afirma que a comemoração é muito anterior a nossa era atual, que o dia já era comemorado na antiga Babilônia. Já a versão mais recente, conta que a idéia surgiu em 1909, nos Estados Unidos. A iniciativa teria partido da filha de um veterano da guerra civil que, ao ouvir um sermão dedicado às mães, teve a idéia de celebrar o dia dos Pais. Em 1966, o presidente americano, Lyndon Johnson, assinou uma proclamação presidencial declarando o terceiro domingo de junho como dia dos Pais. No Brasil, a idéia de comemorar esta data partiu de um publicitário, Sylvio Bhering. A data foi festejada pela primeira vez no dia 14 de agosto de 1953, dia de São Joaquim, patriarca da família. Sua data foi alterada para o 2º domingo de agosto por motivos comerciais, ficando diferente da americana e da maioria dos países europeus, que em sua maioria comemoram a data no dia 19 de março, dia de São José. Cf. **Nova Enciclopédia Barsa**. São Paulo: Barsa, 2006. 1 CD.

<sup>431</sup>Cf. WHYTE, William Foote. **Sociedade de Esquina: A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Op. cit.



principais temas deste início de terceiro milênio. Entre os assuntos abordados, neste diálogo caloroso, o filósofo é instigado pela historiadora e psicanalista a discorrer sobre as questões contemporâneas da identificação do pai biológico graças a testes genéticos. Que de pronto dá seu entendimento sobre a identificação de um pai.

Identificar um genitor não é a mesma coisa que designar um pai. O genitor não é o pai! O pai é alguém que reconhece seu filho...E de forma não apenas legal. Toda obscuridade se concentra nessa ‘experiência’ que precipitadamente chamamos ‘reconhecimento’. Para além ou para aquém do direito, suas modalidades podem ser diversas, complexas, torcidas; podem se estender, estabilizar ou desestabilizar no curso de uma história cujo final nunca será determinável. É essa experiência que dará lugar a um tecido bastante complexo de possibilidades simbólicas – e criar um laço (sempre mais ou menos estável e frágil, nunca garantido) entre o ‘momento genitor’ e ‘momento simbólico’.<sup>432</sup>

Esse tecido de possibilidades simbólicas com capacidade de criar laços, entre pai e filho/a, aludido pelo filósofo, é traduzido por **Aquiles** como sentimento de união. Sobre esse sentimento de união, ou melhor, dá falta dele, comentou citando seu pai: “[e]le acreditava que o papel dele como pai, era o de homem provedor. Isso era ótimo, não faltava nada lá em casa. Mas, pra mim, ficou faltando sim, e muito : amor, paciência, sensibilidade, compreensão. Penso que coisas desse tipo fazem o sentimento de união (...)” (Registro de campo).

O que pude perceber nesse acento que Aquiles dá ao sentimento de união, é que ele está para além da quantidade e da qualidade de tempo envolvido numa relação pai e filho/a. O que importa, fazendo uso da idéia de Jaques Derrida, são as “possibilidades simbólicas” criadas para cimentar o sentimento de união pai e filho/a.

Percebi em Aquiles e em outros interlocutores, no “canteiro de obras”, que acima mencionei, uma erosão de antigos papéis masculinos e, da mesma forma, a presença de um novo modelo em construção – o “homem pós-patriarcal” de que nos fala a jornalista americana Gail Sheehy.<sup>433</sup>

Como era dia dos Pais, “os imponderáveis da vida real” vieram nos visitar e foram prenes de significados. Falo aqui de sentimentos em gotas bastante reveladores. E, já que a situação é parte integrante do conhecimento, dito de outra maneira, a produção do sentido se dá em situação –

<sup>432</sup>Cf. DERRIDA, Jaques; ROUDINESCO, Elisabeth. **De que amanhã: diálogo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. p.59.

<sup>433</sup>Cf. SHEEHY, Gail. **As novas passagens masculinas: descobrindo o mapa da vida dos homens atuais**. Rio de Janeiro; Rocco, 2002. Coleção Gênero Plural. p.41.

bastando para isso lembrar de como fugir foi fundamental para Clifford Geertz, no momento da chegada da polícia em Bali –,<sup>434</sup> as lágrimas de emoção como exclusividade da espécie humana, também costumam revelar aquilo que a linguagem verbal não alcançou.

Por morar longe de sua família, que está no sul do Pará, Aquiles ligou para seu pai parabenizando-o pelo dia dos Pais. Ligação rápida e fria. Como ele trabalha na empresa da família em Belém, deu para perceber que o assunto da conversa deslizou quase que instantaneamente das felicitações pela data, para o mundo dos negócios. Novamente, como eu estava lá parado, olhando e ouvindo, mais uma vez obtive respostas às perguntas que não precisei fazer. Terminada a ligação, segurando seu filho no colo, de forma afetuosa como sempre, com a voz embargada e olhos marejados, disse: "[c]rio esse aqui não como herdeiro, mas como filho. Sabe! Dinheiro só chama dinheiro, não chama para um passeio, pra uma brincadeira, pro futebol, pra um cineminha, nem para tomar um sorvete... Eu quero ser promovido de pai a melhor pai do mundo, não quero ser uma figura fria e sem muita importância na vida do meu filho" (**Aquiles** - Registro de campo).

Penso que esses homens jovens e pais que se dispõem a avaliar a falta que sentem de um pai conseguem rapidamente se curar, quando se ligam a um filho/a. E quando isso acontece, eles se tornam os encantados beneficiários de uma recompensa a que as mulheres, na maioria das vezes, já estão acostumadas: ser visto por um filho/a como objeto de amor incondicional. Creio que eles estão conseguindo reformular o modelo que tiveram, e não apenas reproduzindo fielmente.

Assim, vejo em Aquiles um exemplo desses “homens pós-patriarcais”. Homens que não deixam que o trabalho sobre sua mesa tampe a vista da “janela”. Homens que não se esquecem, que as “vírgulas” significam pausas na vida. E essas “janelas” e essas “vírgulas”, são usadas aqui como metáforas para filhos/as e para momentos simbólicos.

Momentos de significação não foram raros nesta pesquisa. Acompanhei muitos destes homens jovens e pais, por exemplo, levando seus/as filhos/as ao colégio no primeiro dia de aula. Ressalto aqui, que assim como eu, existem outros homens, que embora não tendo filhos/as biológicos/as, também já vivenciamos “exercícios de paternagem”. Já fomos, entre outras coisas, à escola, por exemplo, deixar nossos/as “afilhados/as” ou “sobrinhos/as” (legítimos/as ou não).

---

<sup>434</sup>Cf. GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Op. cit.

Como a paternidade não é um dado, paternidade se faz. Na verdade, paternidade é uma função exercida, ou um lugar ocupado por alguém, não necessariamente o pai biológico. Nesse sentido, o lugar do pai pode ser ocupado por outra pessoa (até mesmo uma mulher) como um irmão mais velho, um tio, um avô etc. Assim, um pai, mesmo biológico, se não adotar seu/a filho/a, jamais será o pai. Daí ser possível dizer que a verdadeira paternidade é adotiva e está ligada a função, a escolha, enfim ao desejo.<sup>435</sup>

Esse desejo estava expresso, por exemplo, no rosto de **Adonis**, um destes homens jovens e pais, que logo após entregar sua “princesinha” nas mãos de uma das “tias” do colégio, comentou: “(...) é muita emoção vê minha princesinha, andando sozinha, puxando sua mochila rumo à escola. Parece que foi ontem que ela nasceu” (Registro de campo).

Por falar em tempo, ficar contando-o, e contá-lo em semanas, é bem típico do universo da gravidez. No entanto, contá-lo no pós-nascimento, tem sido cada vez mais comum, pelo menos no universo das camadas médias urbanas. Conforme constatei, cresce o número de pequenas comemorações, feitas mês a mês, para festejar o “mesversário” de nascimento da criança, pelo menos até o primeiro ano, quando este pequeno ritual se encerra com a grande comemoração do primeiro aniversário.

Assim, além de alguns aniversários, estive presente também em comemorações de “mesversário”. Foi o caso do filho caçula de **Hermes** e da filha caçula de **Dionísio**. Mas, de todos os aniversários que participei, gostaria de destacar os 15 anos da filha de **Paris**.

Como disse antes, Paris, seu parceiro e sua filha moram em um condomínio de classe média, recém-construído em Belém/PA. Entre outros serviços, o condomínio oferece um confortável salão de festas. Foi neste espaço que se realizou a comemoração dos 15 anos da filha de Paris. De certa forma, posso dizer que acompanhei não só a tão sonhada festa como também acompanhei os preparativos para a tal. Como estava retomando minha relação de amizade com Paris e seu parceiro, não raras foram, no período do trabalho de campo, as idas ao condomínio para churrascos e piscina. Da mesma forma, na medida do possível, saímos na noite para conversar e rever amigos em comum. Afinal, sabia que não podia perder momentos em que Paris pudesse falar sobre aquilo que na verdade, como pesquisador, eu desejava saber. Ou seja, detalhes mais subjetivos de sua experiência

---

<sup>435</sup>Um referencial texto sobre a desnaturalização da paternidade pode ser conferido em: VILLELA, João Baptista. *A desbiologização da paternidade*. **Revista da Faculdade de Direito**. V 21. Belo Horizonte: UFMG, 1979. pp. 401/419.

paternal. Mesmo porque, como já mencionei, ele não estava tão à vontade para falar sobre o assunto temendo uma possível exposição. Portanto, precisava dispor de tempo para esperar que espontaneamente muitas de minhas perguntas tivessem respostas.

Assim, estive presente em momentos de escolha do convite, da seleção de fotos para composição do *vídeo clip* dos 15 anos, da decisão sobre a decoração, *buffet* etc. Como a ex-parceira de Paris, por motivos de trabalho, não mora em Belém, muitas das sugestões da mãe chegavam via internet e acabavam sendo a pauta de muitas das entrevistas/encontro com Paris, que bem diferente do que se apregoa por ai, esteve presente, como testemunhei, nas principais decisões sobre a tão sonhada festa de 15 anos de sua filha. Na verdade, não só Paris, como seu parceiro, estiveram envolvidos do projeto à execução deste evento.

Chagado o tão almejado dia, decoração impecável, *buffet* de muito bom gosto, DJ e músicas previamente selecionadas, familiares do pai, da mãe e do “tio” da aniversariante, amigos e muitos coleguinhas da dona da festa, que por sinal estava lindíssima.

Junto com seu pai e sua mãe receberam na entrada do salão seus convidados. Fez sua entrada triunfal para a esperada valsa, trazida pelas mãos do “tio”. Na verdade, para o entendimento de todos (ou quase todos), ele é o dono do apartamento onde ela e seu pai moram, com um amigo de longa data. Como me disse **Paris** em uma de nossas entrevistas/encontro: “[é] claro que a minha família e a dele sabem, mas ninguém toca nesse assunto, faz pergunta, ou coisa assim. Quanto aos outros, somos amigos e moramos juntos. O fato da minha filha morar com a gente talvez ajude a não ficarem querendo saber das coisas. Acabam nos vendo como uma família qualquer” (Registro de campo).

Essa possibilidade plural de ser família é comentada pela antropóloga Miriam Pillar Gross, citando a também antropóloga Martine Segalen, para quem:

[f]inalmente, a família tem hoje uma geometria variável, conjugal, “clássica”, monoparental, recomposta, homossexual. Seus contornos são múltiplos e eventualmente se movem por alianças eletivas. O que permanece é a força das relações de parentesco na sociedade moderna.<sup>436</sup>

---

<sup>436</sup>Cf. GROSSI, Miriam Pillar. Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil. In **Cadernos Pagu**. Nº. 21. 2003. p. 280.

## DEITANDO ÂNCORA E PREPARANDO A PRÓXIMA VIAGEM: CONSIDERAÇÕES PARA NÃO CONCLUIR

*Baby!  
 Olha o perdeu  
 A criança cresceu  
 Bem feito pra você  
 Agora eu sou mais eu  
 Isso é só pra você aprender  
 A nunca mais me esnoabar...  
 Baba baby, baba...  
 E pra não dizer que eu sou ruim  
 Vou deixar você me olhar  
 Só olhar, só olhar, baby!*

(Baba – Kelly Key)

Preparando-me para deitar âncora e já pensando na próxima viagem, retomo inspiração nos textos de Homero,<sup>437</sup> onde seus finais não são conclusões. Aliás, o conceito de texto final, como já disse Jorge Luis Borges, pertence à religião ou à exaustão.<sup>438</sup> Mesmo porque, penso que quando você acha que tem todas as respostas, você se fossiliza.

Ainda mais quando sabemos que a vocação essencial da antropologia é colocar a nossa disposição, como nos ensina Clifford Geertz, as respostas que outros deram apascentando outros carneiros em outros vales.<sup>439</sup> Nesse sentido, já no início do século XVI, o poeta espanhol Juan de Mena,<sup>440</sup> comentando sobre seu trabalho como interprete da obra de Homero, dizendo que alguns estudiosos trabalham como os bichos-da-seda, tecem seus textos a partir das entranhas, outros (aqui estou incluindo os etnógrafos) trabalham como as abelhas, tecem seus textos roubando a substância das flores melífluas dos pomares de outros homens. No entanto, este saque não é maléfico, é um dom: o de traduzir e interpretar. Afinal, retomando Clifford Geertz, “(...) o objetivo da antropologia é o alargamento do universo do discurso humano”.<sup>441</sup>

Para seguir ainda com este autor, ou melhor, aplicando seus ensinamentos, o alargamento do discurso sobre o evento da paternidade juvenil, só será possível, entre outras coisas, se sua

<sup>437</sup>Cf. HOMERO. *Íliada*. Op. cit. e HOMERO, *Odisséia*. Op. cit.

<sup>438</sup>Cf. BORGES, Jorge Luis. *Discussão*. São Paulo: Companhia das Letras, [1932]1997.

<sup>439</sup>Cf. GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Op. cit.

<sup>440</sup>Cf. MENA, Juan de. *La Íliada de Homero*. Madri: Ediciones Clásicas, 1996.

<sup>441</sup>Cf. GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Op. cit. p.24.

anamnese for realizada, em contexto, como busco aqui mostrar. Para tanto, o exame das dimensões socioculturais da sexualidade juvenil deve ser evidenciado, quando se coloca em escrutínio o evento da gravidez juvenil, por exemplo: a subjetividade dos atores sociais, as relações de gênero, as redes sociais, etc.

A acepção da gravidez juvenil como problema social e com forte teor normativo, ainda impregna a literatura, acadêmica inclusive. Estudos epidemiológicos e psicossociais têm considerado, no Brasil e fora dele, a gravidez juvenil por um viés patológico. No entanto, outra perspectiva vem sendo erigida, principalmente por estudos que têm valorizado o discurso juvenil sobre o evento da gravidez. É nessa literatura mais recente sobre a gravidez juvenil, que têm surgido, ainda que de forma discreta, estudos dedicados a sexualidade masculina e sobre o evento da paternidade nessa etapa da vida. Dessa forma:

[a]o romper com uma visão unilateral e estreita da questão, centrada exclusivamente na perspectiva feminina da reprodução na adolescência, a inclusão dos rapazes como atores sociais determinantes no contexto da relação efetivo-sexual que engendrou a gravidez amplia a compreensão do tema e contribui para problematizar as questões de gênero no universo adolescente juvenil.<sup>442</sup>

Porém, quer quantitativas ou qualitativas, pesquisas enfocando o evento da gravidez e nela a paternidade juvenil entre os segmentos das camadas médias brasileiras, ainda são em número bastante reduzidos, quando comparadas com as pesquisas realizadas junto aos segmentos das camadas mais populares.

Há especificidades em cada um dos contextos que necessitam ser observadas, sob pena de uma homogeneização das diversas trajetórias sociais juvenis. Talvez, por ser, entre outras coisas, tema acre, a relativização de suas dimensões macrossocietárias seja difícil. Penso que um foco adequado para tratar a questão, seria considerar que “[h]á decerto na atualidade marcas geracionais específicas que modelam as vivências da sexualidade e das relações de gênero, a convivência familiar e com o grupo de pares, que sempre se atualizam de modo particular em cada segmento social”.<sup>443</sup>

Nesse sentido, essa literatura mais recente sobre o tema da gravidez juvenil, que busca trazer à luz a visão subjetiva dos homens jovens sobre o evento, tem procurado romper com alguns

---

<sup>442</sup>Cf. BRANDÃO, Elaine Reis. *Gravidez na adolescência: um balanço bibliográfico*. Op. cit. p.78.

<sup>443</sup>Ibidem. p. 85.

pressupostos que mostram desconhecimento do sistema de representações, crenças, valores e práticas deste homem jovem contemporâneo.

Com essa nova produção acadêmica que aborda a temática de gênero, enfocando especificamente a(s) masculinidade(s), ganhou-se um grande impulso e uma ampliação do tema para diversos focos discursivos, entre eles, como disse, a paternidade juvenil. Ganhou-se com ela também, à medida que os trabalhos sobre masculinidade passaram a ser discutidos sob aspectos que destacam, sobretudo, a reflexão da masculinidade em seu sentido plural, novos estudos de gênero levando em consideração sua dimensão relacional.<sup>444</sup>

Assim, a proposta para os estudos que visem interrogar a gravidez e, dentro dela, a paternidade juvenil, é buscar abstrair do material empírico ajuda para elucidar os valores e crenças que estão informando essas práticas juvenis. Ou seja, “(...) as concepções de mundo, os valores, as trajetórias de vida que lhes dão sentido e o modo como se atualizam e são engendradas em diferentes contextos sociais.”<sup>445</sup>

No entanto, a intenção destes estudos e deste aqui apresentado, não é o de resolver a questão, mesmo porque, como já disse Michel Foucault, “[o] sexo não se julga apenas, administra-se”.<sup>446</sup> A idéia, portanto, é alimentar o debate trazendo dados etnográficos que ajudem a revelar os pontos de vista daqueles atores sociais mais envolvidos na questão ou, como disse na Introdução, daqueles que vieram aqui dizer que eles existem.

Dessa forma, ao mesmo tempo em que seus discursos parecem refletir que as coisas mudaram com o passar dos tempos, há resistências entendidas como morais que impedem certas práticas. No entanto, como sugere a antropóloga Claudia Fonseca, “[c]olocar demasiada ênfase nas invariantes simbólicas de algum universo cultural (...), é seguir pistas pouco promissoras. Propomos, ao invés, sublinhar a ‘mudança’, procurando explorar os meandros (...) dos novos rumos”.<sup>447</sup>

---

<sup>444</sup>Cf. SOUZA, Márcio Ferreira de. *As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a(s) masculinidade(s)*. **Mediações: Revista de Ciências Sociais**. V 14. Nº. 2. Londrina, jul/dez 2009. pp. 123/144.

<sup>445</sup>Cf. BRANDÃO, Elaine Reis. *Gravidez na adolescência: um balanço bibliográfico*. In HEILBORN, Maria Luiza et al (Orgs.). **O aprendizado da sexualidade; reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Op. cit. p.85.

<sup>446</sup>Cf. FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. Volume I. Rio de Janeiro: Graal, [1976]1985. p. 27.

<sup>447</sup>Cf. FONSECA, Claudia. *Homoparentalidade: novas luzes sobre o parentesco*. In **Estudos Feministas**. V 16. Nº. 3. Florianópolis. set/dez 2008. p 776.

No que tange a paternidade, perscrutada nesta pesquisa entre homens jovens pertencentes às camadas médias urbanas em Belém/PA, tomo como referência a idéia de que não existe um momento específico para o evento da paternidade, uma vez que ele acontece de acordo com a biografia de cada homem.

É nesse sentido que penso ser possível supor, pelo que foi visto, ouvido e é aqui analisado, que assim como esses homens jovens e pais são pensados como vivenciando o evento da paternidade fora de seu tempo, o mesmo acontece (ou deve acontecer) com homens mais velhos que se tornam pais. Falo daquilo que se tem rubricado, entre nós, como “pai-avô”. Dessa feita, se para os homens mais jovens a paternidade é concebida como “precoce”, para os homens mais velhos a paternidade, nessa etapa da vida, é concebida como “tardia”.<sup>448</sup>

Eventos deslocados, portanto, seus atores são passíveis de serem vistos como desviantes ou impuros, para voltar a me aproximar das análises de Mary Douglas,<sup>449</sup> ou para usar um termo de Howard Saul Becker, podendo ser pensados como *outsiders*. “Mas o termo contém um segundo significado, cuja análise leva a um outro importante conjunto de problemas sociais: *outsiders*, do ponto de vista da pessoas rotulada de desviante, podem ser aquelas que fazem as regras de cuja violação ela foi considerada culpada”. Isso porque, em sociedades como a nossa, “[r]egras sociais são criação de grupos sociais específicos” e nem todos concordam quanto ao que são as regras e como elas devem ser aplicadas em situações específicas. Ou seja, são “(...) altamente diferenciadas ao longo de linhas de classe social, linhas étnicas, linhas ocupacionais e linhas culturais.” Dessa maneira, “[à] medida que as regras de vários grupos se entrecrocaram e contradizem, haverá desacordo quanto ao tipo de comportamento apropriado em qualquer situação dada.”<sup>450</sup>

A paternidade, portanto, quando emoldurada quer de “precoce” quer de “tardia”, nos permite ir

---

<sup>448</sup>Poderíamos aqui pensar, numa caracterização audaciosa dos heróis de Homero, que muitos desses homens jovens e pais, guardam similitudes com as características do jovem Aquiles, protagonista da *Ilíada*, cuja “ira” ou “cólera” essencial é multifacetada e de definição exata quase impossível. Da mesma maneira, poderíamos aproximar as características desses homens mais velhos que se tornam pais, nessa fase da vida, com as características de Ulisses, protagonista da *Odisséia*, homem maduro cuja psicologia marcadamente nostálgica é retratada pela sua incansável busca do caminho de volta para casa, onde o espera, por longo tempo, sua amada esposa Penélope, nos braços de quem redescobre a alegria prazenteira. Cf. HOMERO. *Ilíada*. Op. cit. e HOMERO, *Odisséia*. Op. cit.

<sup>449</sup>Cf. DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo: ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu**. Op. cit.

<sup>450</sup>Cf. BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos da sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 27



“[a]lém de reconhecer que o desvio é criado pelas reações de pessoas a tipos particulares de comportamento, pela rotulação desse comportamento como desviante, devemos também ter em mente que as regras criadas e mantidas por essa rotulação não são universalmente aceitas. Ao contrário, constituem objeto de conflito e divergência, parte do processo político da sociedade.”<sup>451</sup>

Nesse sentido, na esteira da Escola de Chicago, sociólogos como o austríaco Peter Ludwig Berger e o alemão Thomas Luckmann, vêm trazendo em seus discursos, a importância do sujeito na produção, reprodução e transformação do social.

As sociedades modernas não conseguem mais realizar de maneira igual e relativamente exitosa uma função básica e antropológica que todas as sociedades têm de realizar, ou seja, geração, comunicação e preservação de sentido, como puderam fazê-lo outras ordenações sociais do passado. Apesar de as sociedades modernas terem desenvolvido ou permitido o desenvolvimento de instituições especializadas de produção e comunicação de sentido, não estão mais em condições de comunicar e preservar ordens supra-ordenadas de sentido e valor, obrigatórias em geral.<sup>452</sup>

Para os autores acima referidos, na sociedade contemporânea os sujeitos orientam seu agir e sua conduta conforme valores que imperam naquilo que denominam como “comunidade de vida”: o grupo mais próximo de relação diária dos sujeitos, com o qual partilham, ainda que de maneira parcial, certos pontos de apoio para suas experiências e ações cotidianas. É assim, portanto, que se torna possível entender as diferenças biográficas individuais e a emergência de novos significados partilhados, ainda que por um grupo determinado.<sup>453</sup>

Tanto que hoje, o álbum de família é um divertido jogo de quebra-cabeças. Assim como se vê imagens de meninos, mas que já fazem meninos/as; há senhores grisalhos com bebês no colo, homens maduros jogando bola com moleques que têm energia e disposição de sobra. Ou seja, onde a imagem sugere irmão mais velho e irmãos/as mais novos/as, na verdade, são pai e filho/a. Da mesma forma, onde a imagem sugere avô e netos/as, na verdade, são pai e filhos/as. No último caso, longevidade, qualidade de vida, sexualidade ativa e os casamentos numa etapa mais avançada da vida são fatores que favorecem a assim chama paternidade “tardia”.<sup>454</sup>

---

<sup>451</sup>Ibidem. p.30.

<sup>452</sup>Cf. BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis: Vozes, 2004. p.80.

<sup>453</sup>Cf. BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, [1967]1999.

<sup>454</sup>Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE têm aumentado nos últimos anos o número de homens que se tornam pais após os 40 anos, seja pela primeira vez ou não.

Como me desloquei em minhas *flâneries*, para lá e para cá, fazendo “fotografias” para compor o álbum dessa viagem pelo mar da paternidade juvenil, não raros foram os *closes* de passageiros de outra viagem. Estas “fotografias” feitas, mas ainda não reveladas, ficarão guardadas para composição de outro álbum, fruto de outra viagem que pretende singrar o mar da paternidade dita “tardia”.<sup>455</sup>

De certa forma, creio que me aproximo desta idéia, por ter nascido no mesmo ano em que meu pai completava seus 50 anos de idade. Portanto, tive um “pai-avô”, um “pai tardio”, um “pai temporão”. Tanto que me recordo, de ter por inúmeras vezes respondido, principalmente aos coleguinhas de escola: “[e]le não é meu avô, ele é o meu pai”.

Pode-se dizer que, diferente das mulheres, a idade fértil do homem é mais elástica do que a das mulheres, limitada pelo fim da ovulação e a menopausa, em geral a partir dos 50 anos. Eles, ao contrário, podem ter filhos bem mais tarde, sem que corram muitos riscos quanto à saúde do bebê. Essa “vantagem” fica evidente, muitas vezes, nos casamentos maduros. Com a parceira mais jovem, por exemplo, eles começam tudo de novo, inclusive o “exercício de paternidade”.<sup>456</sup> Nos Estados Unidos, esse fenômeno tem nome e apelido: *Start Over Dads* (SOD), ou “papais de novo”.

Pelo que de longe “fotografei”, e pelo que de perto registrei em minha experiência pessoal – visto que tive um pai 50 anos mais velho do que eu –, penso que ter filhos, nesta etapa da vida, que quando pela idade que se tem a expectativa social atribui a esse homem tarefas e papéis pensados para uma relação avô/netos/as, parece ser quase um elixir da juventude, um sopro de energia e vitalidade. Além disso, pode ser uma chance de rever condutas e experiências de vida em fases anteriores.

---

<sup>455</sup>O que não faltará, para esta nova viagem, serão nomes de embarcados emblemáticos, só para citar alguns, temos no cenário internacional: o ator e cineasta Charles Chaplin foi pai aos 73 anos; o cantor britânico Rod Stewart foi pai aos 66 anos de idade, pela sexta vez; o cantor britânico Paul McCartney foi pai aos 61 anos de idade; o ator americano Michael Douglas foi pai aos 55 anos de idade. No cenário brasileiro, temos como exemplo: o humorista Chico Anísio, quando de seu relacionamento com a ex-ministra Zélia Cardoso de Mello, foi pai de Rodrigo aos 61 anos de idade e de Vitória aos 63 anos de idade; o esportista Edson Arantes do Nascimento (Pelé) foi pai de Joshua e Celeste aos 56 anos de idade; o cantor Caetano Veloso foi pai de Zeca aos 50 anos de idade e de Tom aos 54 anos; o humorista Renato Aragão presenciou o nascimento da filha caçula aos 64 anos; o senador Pedro Simon foi pai de, seu filho caçula, aos 64 anos de idade; o dramaturgo Dias Gomes foi pai de suas filhas caçulas, respectivamente, aos 65 e 69 anos de idade; o atual vice-presidente do Brasil, Michel Temer, com 71 anos de idade é mais velho que sua esposa 42 anos, com quem tem um filho de apenas 2 anos. Dada a quantidade de nomes conhecidos, é de se prever a quantidade de homens anônimos vivenciando a mesma experiência e se perguntar, indo da paternidade “precoce” à paternidade “tardia”: existe idade certa para ser pai?

<sup>456</sup>Tendo ficado viúvo e com duas filhas, meu pai, aos 48 anos de idade, casa-se novamente. Agora com parceira bem mais jovem, minha mãe tinha em suas núpcias 22 anos de idade. Fruto desta união nasceu o primeiro filho, no ano seguinte e logo no outro eu. Quando de suas segundas núpcias, minhas irmãs filhas de seu primeiro casamento, tinham respectivamente 18 anos e 14 anos.

Pais muito jovens, como estes que vieram aqui falar, que não têm tanto tempo nem tanta maturidade para curtir a prole, podem fazê-lo nesta etapa da vida. A chegada do bebê, nessa etapa da vida, também pode desencadear mudanças quanto ao próprio estilo de vida. Isso foi facilmente percebido em meus momentos de deambulação pelos espaços da cidade de Belém/PA, onde ia observar homens jovens pais em “exercício de paternagem” e presenciava ali também, homens mais velhos e pais no mesmo exercício. O que invariavelmente me remetia a um passado de quase 50 anos atrás, vendo homens maduros (como foi o caso do meu pai), muitas vezes, sendo “papais de novo”.

O amadurecimento emocional também poderá ajudar o pai, pensado como “tardio”, nas dúvidas típicas na conduta da educação das crianças, pois deve ser menos aflito com a experiência. Além de estar mais presente, ou não, ele tenderá, ou não, a ter mais paciência e tolerância com o/a filho/a gerado/a na maturidade. Assim, é possível que a distância das gerações possa ser superada, justamente pela experiência e pelo amor, visto que existem inúmeras maneiras de se estar junto.

Sendo assim, penso que o importante é o pai aceitar suas limitações e conversar com o filho/a. Seriam tentativas de criação dos “momentos simbólicos”<sup>457</sup> de que nos falou mais acima Jaques Derrida, ou do estabelecimento do sentimento de união que **Aquiles** tanto reclama não existir, na sua relação com seu genitor.

Ser pai de “segunda ordem” (expressão também utilizada para designar os “papais de novo”) pode ser uma forma de amenizar a culpa, quem sabe, de ter sido ausente num primeiro relacionamento com filhos/as. **Heitor** é um exemplo que ajuda nesse debate. Casado pela segunda vez, hoje tem mais dois filhos, um de 4 anos e o caçula com 3 anos. Estivemos juntos em uma festa de comemoração do dia dos Pais, que aconteceu no colégio de seus filhos. Visivelmente emocionado, nesse dia, comentou: “(...) senti falta dessas coisas quando minha mais velha ainda era criança. Naquela época, meu papel era o de bancar as coisas, tive que trabalhar muito pra não depender dos outros pra sustentar minha filha. Já conversei com ela sobre isso, ela sabe que só não estive mais perto dela naquela época, era porque não queria que faltasse nada pra ela (...)”.

Quando jovem, este homem maduro que agora é pai novamente, muitas vezes não esteve disponível para acompanhar o desenvolvimento dos seus/as filhos/as. Mesmo porque, em um

---

<sup>457</sup>Cf. DERRIDA, Jaques; ROUDINESCO, Elisabeth. **De que amanhã: diálogo**. Op. cit.

pretérito não tão distante, esse não seria seu papel. No mundo contemporâneo, no entanto, homens e mulheres têm se adaptado a uma nova realidade em relação aos seus papéis parentais. O homem não é mais visto como o único e exclusivo provedor da família e tem podido usufruir assim do papel de pai, permanecendo mais tempo com sua prole e assumindo papéis antes delegados exclusivamente às mulheres. Hoje, com este novo cenário, poderá se dá o direito de levá-los/as à escola, participar de reuniões pedagógicas, brincar e estar mais presente no crescimento deles/as. Posso até arriscar dizer que, em relação à paternidade, será talvez a primeira experiência deste pai, embora tenha outros/as filhos/as de casamentos anteriores.

Mais jovens ou mais maduros, não há uma idade certa para ser pai. O importante é que esta criança, fruto de uma gravidez planejada ou não, além de um genitor tenha ao seu lado um pai, naquele sentido que nos falou um pouco mais a frente, Jaques Derrida.<sup>458</sup>

Para tanto, as mudanças decorrentes da modernidade, com o pai participando mais efetivamente na formação da vida afetiva dos/as filhos/as tanto quanto a mãe, têm proporcionado ao homem, jovem ou mais velho, a revisão de seus valores.

O estereótipo de que o homem está novo demais ou velho demais para ser pai, ou mesmo que não terá convivência suficiente com o/a filho/a está se modificando. Assim, como comentei no Capítulo III, se no universo do juvenil a assunção da paternidade pode servir como possibilidade de “ancoragem social” ou como um “antídoto à anomia”; a paternidade vivenciada por homens mais velhos poderá ser uma atraente opção ao prognóstico de uma velhice ranzinza. Mas isto, é outra viagem!

Esse momento curioso que tem levado o homem a repensar seu papel, na tradicional divisão de papéis entre homens e mulheres da nossa sociedade, encontra eco na fala do dramaturgo mineiro Alcione Araujo, proferida quando do Simpósio sobre Identidade Masculina (PUC/Rio/92): “[o] homem que minha mãe preparou não servia mais quando eu virei adulto”.<sup>459</sup> Muito embora, é claro, seja difícil para muitos homens – mais jovens ou mais velhos – (não só os pertencentes às camadas menos privilegiadas, isso é verdade também para aqueles pertencentes às camadas médias e altas, os pós-modernos, pós-graduados, pós-tantas coisas) a extinção do dinossauro que habita a

---

<sup>458</sup> Idem.

<sup>459</sup> Cf. JABLONSKI, Bernardo. *A difícil extinção do boçalossauro*. In NOLASCO, Sócrates (Org.). **A desconstrução do Masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p. 156.

alma masculina, denominado pelo psicólogo Bernardo Jablonski, de *boçalossauro*, que seria uma “(...) espécie de réptil terrestre de dimensões gigantescas que escapou do desaparecimento na era mesozóica, e que habita as profundezas do íntimo masculino. Este monstro terrível nos impele a agir de forma dramaticamente machista”.<sup>460</sup>

Citando o romancista norte-americano Mark Twain, este autor ainda nos alerta para as dificuldades embutidas nessas tentativas de mudança, visto que “[a] gente não se liberta de um hábito atirando-o pela janela: é preciso fazê-lo descer a escada, degrau por degrau.” Concluindo que, freqüentemente, uma excessiva dose de “otimismo ingênuo” nos faz esquecer isso.<sup>461</sup>

Portanto, no que tange a paternidade juvenil, dentro do contexto estudado, percebi mudanças quanto à forma de encarar e vivenciar o evento. Percebi, também, que algumas atitudes já vêm se transformando de fato em comportamentos. Digo algumas mudanças e uso se transformando, porque retomo a idéia de criação contínua ou de recriação do mundo cultural que mais a frente nos falou Peter Burke. Inserida nessa “(...) espécie de canteiro de obras onde os andaimes não são retirados (...)”,<sup>462</sup> a paternagem entre esses homens jovens é vivida, como não poderia deixar de ser, em um exercício cujo resultado encontrado é “(...) atitudes progressistas e igualitárias na frente, movendo-se lentamente, porque o ‘boçalossauro’ que carregamos dentro de nós não só pesa muito, como tenta se deslocar na direção contrária”.<sup>463</sup>

Não querendo deitar âncora, mas isso se faz necessário, resta dizer que não se chega aqui sem dificuldades. Meu consolo, se posso dizer assim, encontra eco nas palavras de Norbert Elias, que em seu texto *Norbert Elias por ele mesmo*, comenta ter sofrido e superado dificuldades para a escrita de sua tese de doutoramento. Diz-nos, que só bem mais tarde compreendeu que um elevado número de jovens encontra dificuldades similares ao ter que redigir seu primeiro trabalho de maior estofa. Isso se repetindo no segundo, no terceiro e assim sucessivamente. Nesse sentido, comenta o quanto teria sido agradecido se alguém o tivesse dito isso a época. E assim, nos alerta que essas dificuldades são absolutamente normais.<sup>464</sup> O que me deixa, certamente, bem mais aliviado.

---

<sup>460</sup>Ibidem. p. 160.

<sup>461</sup>Ibidem. p. 159.

<sup>462</sup>Cf. BURKE, Peter. **O historiador como colonista: ensaios da Folha**. Op. cit. p.158

<sup>463</sup>Cf. JABLONSKI, Bernardo. *Paternidade hoje: uma metanálise*. In SILVEIRA, Paulo. **Exercício da Paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 127.

<sup>464</sup>Cf. ELIAS, Norbert. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

Socorrendo-me ainda em Howard Saul Becker que problematizando os mitos correntes sobre a escrita acadêmica, que tanto apavora os como eu, neófitos, sugere que ninguém escreve à perfeição da primeira vez, mas que a boa escrita resulta do trabalho constante de reelaboração.<sup>465</sup> Mesmo porque, “[d]e onde o drama retira seu material? Da ‘conversa infundável’ que se desenrola no ponto da história em que nascemos”.<sup>466</sup>

Por serem intermináveis e passíveis de reelaboração, não concluímos conversas ou discussões, nós as abandonamos ainda em andamento, como sugere o sociólogo americano John H. Gagnon, citando o também sociólogo americano Kenneth Burke.

Imagine que você entra num salão. Chega atrasado/a. Ao chegar, faz muito tempo que outros o/a precederam, e eles estão em meio a uma discussão acalorada, acalorada demais para que façam uma pausa e lhe digam exatamente a que ela se refere. Na verdade, a discussão já tivera início muito antes de qualquer deles chegar lá, de modo que nenhum dos presentes está apto a percorrer com você todos os passos dados antes. Você escuta um pouco, até decidir que captou o tema da discussão, e então entra com seus palpites. Alguém responde e você retruca; outra pessoa entra em sua defesa, enquanto outra se alinha contra você, para constrangimento ou alegria de sua adversária, dependendo da qualidade da ajuda de seu aliado. Mas a discussão é interminável. Está ficando tarde e você tem de ir embora. E vai, com a discussão ainda vigorosamente em andamento.<sup>467</sup>

Sendo assim, desembarco na certeza que neste “salão” e nesta discussão, que é interminável, “entrei com os meus palpites” e sai com a discussão ainda em vigoroso andamento. Da mesma forma, desembarco na certeza que logo entrarei em outro “salão” onde a discussão, novamente, já se fará acalorada. E, mais uma vez, darei meus “palpites” e terei que ir embora, visto que “a discussão é interminável”.

---

<sup>465</sup>Cf. BECKER, Howard Saul. **Segredos e truques da pesquisa**. Op. cit.

<sup>466</sup> Cf. GAGNON, John H. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. p. 11

<sup>467</sup> Ibidem. pp. 11/12.

**REFERÊNCIAS**

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. Rio de Janeiro/São Paulo: Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

ACOSTA, Ana Rojas; VITALER, Maria Amália Faller (Orgs.). **Família: redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: PUC/SP, 2005.

ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira; ALVARENGA, Augusta Thereza de; VASCONCELOS, Maria da Penha Costa (Orgs.). **Jovens, Trajetórias, Masculinidades e Direitos**. São Paulo: Fapesp/Edusp, 2005.

ALMEIDA, Maria Izabel Mendes de; TRACY, Kátia Maria de Almeida. **Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ALMEIDA, Miguel Vale de. *Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal*. In **Anuário Antropológico/95**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. pp. 161/189.

\_\_\_\_\_ **Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa, Fim do Século, 2000.

ALVES, Virginia Alves. *Práticas de leitura, escrita e educação no século XIX a partir da obra de Machado de Assis (1870-1880)*. Dissertação de Mestrado em Educação, apresentada à UNINCOR, 2007.

AMENDOLA, Gilberto. **Meninos Grávidos – O drama de ser pai adolescente**. São Paulo: Terceiro Nome, 2006.

ANDRADE, Mário. **Amar, verbo intransitivo**. 8 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, [1927]1980.

AQUINO, Estela Maria Leão de. et al. *Gravidez na adolescência: a heterogeneidade revelada*. In HEILBORN, Maria Luiza et al (Orgs.) **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond/Fiocruz, 2006.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ARILHA, Margareth Martha. *Masculinidades e Gênero: discursos sobre responsabilidades na reprodução*. Dissertação de mestrado em Psicologia Social apresentada à PUC/SP, 1999.

ARILHA, Margareth Martha; UNBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, Benedito (Orgs.). **Homens e Masculinidades: outras palavras**. São Paulo: ECOS/Editora 34, 1998.

AZEVEDO, Eliane. *Estatísticas oficiais ignoram pais-meninos*. In **O Estado de São Paulo**. 15 de junho de 1997. Caderno C. p.8.

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BASTIDE, Roger. **Brasil – terra de contrastes**. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, [1959] 1971.

BAUDELAIRE, Charles. **Paraísos Artificiais**. São Paulo: L&PM Editores. 2004

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BECKER, Howard Saul. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

\_\_\_\_\_ **Outsiders: estudos da sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BEMFAM. *Pesquisa sobre saúde reprodutiva e sexualidade*. CDC/US: 1992.

BENFAM. *Adolescentes, jovens e a Pesquisa Nacional sobre demografia e Saúde. Um estudo sobre fecundidade comportamento sexual e saúde reprodutiva*. Rio de Janeiro, 1999.



BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre Literatura, História e Cultura.** Volume 1. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno.** Petrópolis: Vozes, 2004.

BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade.** Petrópolis: Vozes, [1967]1999.

BERNARDO, Teresinha. **Memória em branco e negro: olhares sobre São Paulo.** São Paulo: EDUC/UNESP, 1998.

BIZERRIL, José. *O vínculo etnográfico: intersubjetividade e co-autoria na pesquisa qualitativa.* In **Universitas: Ciências da Saúde.** Brasília: Uniceub, 2004. V 2. Nº. 2. pp. 152/163.

BLALOCK JUNIOR, H. M. **Introdução à pesquisa social.** Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

BORGES, Jorge Luis. **O Aleph.** São Paulo: Companhia das Letras, [1949]1996.

\_\_\_\_\_ **Discussão.** São Paulo: Companhia das Letras, [1932]1997.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_ **A dominação masculina.** 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_ **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 1974.

\_\_\_\_\_ *A ilusão biográfica.* In FERREIRA, Marieta de Moraes.; AMADO, Janaina (Orgs.). **Os usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: FGV, 1996.

\_\_\_\_\_ *Gosto de classe e estilo de vida*. In ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983. pp. 82/121.

\_\_\_\_\_ **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP, 2007.

\_\_\_\_\_ **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

BOZON, Michael. **Sociologia da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRANDÃO, Elaine Reis. *Individualização e vínculo familiar em camadas médias: um olhar através da gravidez na adolescência*. Tese de Doutorado, apresentada ao Instituto de Medicina Social da UERJ, 2003.

\_\_\_\_\_ *Gravidez na adolescência: um balanço bibliográfico*. In HEILBORN, Maria Luiza et al (Orgs.). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond/Fiocruz, 2006.

BRASIL, Ana Zahira. *O curso de vida como perspectiva de análise do envelhecimento na pós-modernidade*. In DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN, Donna M. (Orgs.). **Políticas do corpo e o curso da vida**. São Paulo: Sumaré, 2000.

BRASIL. Lei Federal Nº. 11.108 de 07 de abril de 2005. **Lei do Acompanhante**. Ministério da Saúde.

BRASIL. Lei Federal Nº. 8.080 de 19 de setembro de 1990. **Lei do SUS**. Ministério da Saúde.

BRASIL. Lei Federal Nº. 8.069 de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Ministério da Justiça.

BRASIL. Lei Federal Nº. 8.212 de 24 de julho de 1991. **Lei Orgânica da Seguridade Social**. Ministério da Saúde.

BRASIL. Lei Federal Nº. 11.770 de 09 de setembro de 2008. **Lei da Licença Maternidade**. Ministério da Saúde.

BRASIL. Lei Federal Nº. 12.318 de 26 de agosto de 2010. **Lei da Alienação Parental**. Ministério da Justiça.

BRASIL. Lei Federal Nº. 5.582 de 16 de junho de 1970. **Lei da Organização e Proteção da Família**. Ministério da Justiça.

BRITO, Sulamita (Org.). **Sociologia da Juventude**. Volume I. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

BURGUIÈRE, André. **História da Família. Tempos Medievais: Ocidente, Oriente**. Lisboa: Terramar, 1997.

BURKE, Peter. **O historiador como colunista: ensaios da *Folha***. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CABRAL, Cristiane da Silva. *Vicissitudes da gravidez na adolescência entre jovens das camadas populares do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva, apresentada à UERJ, 2002.

\_\_\_\_\_ *Paternidade na trajetória juvenil: uma contribuição ao debate sobre “gravidez na adolescência”*. In HEILBORN, Maria Luiza et al. **Sexualidade, reprodução e saúde**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

\_\_\_\_\_ *Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro*. In **Cadernos de Saúde Pública**. V 19. Suplemento II. 2003. pp. 283/292.

CABRAL, João de Pina. **O homem na família: cinco ensaios de Antropologia**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2003.

CACCIA-BAVA, Augusto; PÀMPOLS, Carles Feixa; CANGAS, Yanko Gonzáles (Orgs.). **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

CADORET, Anne. **Des parents comme les autres – homosexualité et parenté**. Paris, Éditions Odile Jacob, 2002.

CAILLÉ, Alain. *A dádiva das palavras: o que o dizer pretende dar*. In MARTINS, Paulo Henrique. **A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e regras do social**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia*. In **Novos Estudos Cebrap**. N.º. 21. São Paulo: CEBRAP, 1988. pp. 133/157.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. 2 ed. São Paulo: UNESP, 2006

\_\_\_\_\_ **O pensamento antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

\_\_\_\_\_ *Da comparação: a propósito de Carnavais, malandros e heróis*. In GOMES, Laura Graziela et al. **O Brasil não é para principiantes: Carnavais, malandros e heróis, 20 anos depois**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

CARPES, Nívea Silveira. *Filho cedo não é a pior coisa que pode acontecer na vida*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, apresentada à UFRGS, 2003.

CARRASCO, Walcyr. **Meus dois pais**. São Paulo: Ática, 2010.

CAVALCANTI, André Cleófas Uchôa. *Família, dignidade e afeto: possibilidades e limites jurídicos para o estabelecimento de múltiplos laços parentais*. Tese de doutorado em Direito, apresentada à PUC/SP, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A operação histórica*. In LE GOFFE, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

CLASTRES, Pierre. **A Sociedade contra o Estado**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

CONNELL, Robert. *La organización social de la masculinidad*. In VALDES, Teresa; OLAVARRIA, José (Orgs.). **Masculinidad/es: Poder y Crisis**. Santiago: ISIS/FLACSO/Ediciones de las Mujeres, 1997. pp. 31/48.

\_\_\_\_\_ *Políticas da Masculinidade*. In **Educação & Realidade**. V 2. Nº. 20. pp. 185/206.

CORNEAU, Guy. **Pai ausente, filho carente**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CORRÊA, Aurea Christina de Paula. *Paternidade na adolescência: vivências e significados no olhar de homens que a experimentaram*. Tese de Doutorado em Enfermagem, apresentada à USP/Ribeirão Preto, 2005.

CORRÊA, Ivone Maria Xavier de Amorim. *A obra literária como etnografia: notas reflexivas sobre o livro jogos infantis de Haroldo Maranhão*. In **Revista Asas da Palavra**. Belém: UNAMA, 1999.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. 5 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

\_\_\_\_\_ **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992

DaMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

\_\_\_\_\_ **Carnavais Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

\_\_\_\_\_ **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_ **Conta de Mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1993.

\_\_\_\_\_ **Tocquevilleanas – Notícias da América: crônicas e observações sobre os Estados Unidos.** Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

\_\_\_\_\_ *O Ofício do Etnólogo, ou como ter “Anthorpolological Blues”.* In NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A aventura sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1980. pp 23/35.

DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento.** São Paulo: FAPESP/EDUSP, 1999.

\_\_\_\_\_ *A aposentadoria e a invenção da “Terceira Idade”.* In **Textos Didáticos – Antropologia e Velhice.** Nº. 13. Campinas: Unicamp, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Pierre-Félix. **Mil Platôs.** Volume 5. São Paulo: Editora 34, 1997.

DERRIDA, Jaques; ROUDINESCO, Elisabeth. **De que amanhã: diálogo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

DIAS, Acácia Batista. *Parentalidade juvenil e relações familiares em Salvador (BA).* Tese de Doutorado em Ciências Sociais, apresentada à UERJ, 2005.

DIAS, Acácia Batista; PEIXOTO, Clarice Ehlers. *Jovens Baianos: conjugalidades, separações e relações familiares.* In HEILBORN, Maria Luiza et al. **Sexualidade, reprodução e saúde.** Rio de Janeiro: FGV, 2009.

DIAS, Maria Berenice. **União homoafetiva: o preconceito & a justiça.** 4 ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2009.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX.** 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DICK, Hilário. **Gritos silenciados, mas evidentes: jovens construindo juventude na História.** São Paulo: Vozes, 2003.

DILTHEY, Wilhelm. **Essência da filosofia.** Lisboa: Presença, 1984.

DIMENSTEIN, G. *Desinformação provoca riscos sexuais.* In **Folha de São Paulo.** 15 de maio de 1999. Seção Cotidiano, p. 5.

D'INCAO, Maria Ângela (Org.) **Amor e família no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1989.

DORNELLES, Jonatas. *Antropologia e Internet: quando o “campo” é a cidade e o computador é a “rede”.* In **Horizontes Antropológicos.** V 10. Nº. 21. Porto Alegre, 2004.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo: ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu.** Lisboa: Edições 70, [1966]1991.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. *O império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna.* In HELBORN, Maria Luiza (Org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais.** Rio de Janeiro: Zahar, 1999

\_\_\_\_\_ *A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções.*  
In PISCITELLI, Adriana; Gregori, M. F.; CARRARA, Sergio L. **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

\_\_\_\_\_ **Muita vergonha, pouca vergonha: sexo e moralidade entre as classes trabalhadoras urbanas.** Águas de São Pedro: ABEP, 1984.

DUPUIS, Jacques. **Em nome do pai: uma história da paternidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

EISENSTADT, Shmuel Noah. **De geração a geração.** Coleção Estudos. Nº. 41. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes.** Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

\_\_\_\_\_ **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_ **Norbert Elias por ele mesmo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ELIZALDE, Silvia. *El andocentrismo en los estudios de juventud: efectos ideológicos y aperturas posibles.* **Ultima década.** V 14. Nº. 25. Santiago, 2006, pp. 91/110.

ESQUIVEL, Laura. **Como água para chocolate.** 5 ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1994.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os Nuer.** São Paulo: Perspectiva, 1978.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; ZICA, Matheus da Cruz e. *Masculinidades e experiências masculinas em Bernardo Guimarães.* In **Cadernos Pagu.** Nº. 34. jan/jun 2010. pp. 179/208.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio/Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIGUEIRA, Sérvulo (Org.). **Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira.** Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

FONSECA, Claudia, **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares.** 2 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

\_\_\_\_\_ *A certeza que pariu a dúvida: paternidade e DNA.* In **Estudos Feministas.** V 12. Nº. 2. Florianópolis, agosto/2004. pp. 13/34.

\_\_\_\_\_ **Caminhos da adoção.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_ *Homoparentalidade: novas luzes sobre o parentesco.* In **Estudos Feministas.** V 16. Nº. 3. Florianópolis. set/dez 2008. pp 769/783.

FONSECA, Maria de Fátima. *Jovens urbanos dos povos da amazônia na cidade de Belém/PA.* Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Araraquara/SP, 2006.



FORACCHI, Marialice F. (Org.). **Mannheim**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1982.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, [1976]1995.

\_\_\_\_\_ **História da Sexualidade**. Volume I. Rio de Janeiro: Graal, [1976]1985.

\_\_\_\_\_ **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8 ed. São Paulo : Martins Fontes, [1966]1999.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985. Coleção Primeiros Passos Nº. 26.

GAGNON, John H. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GARCIA. S. M. *Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero*. In ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, Benedito (Orgs.). **Homens e Masculinidades: outras palavras**. São Paulo: ECOS/Editora 34, 1998.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

\_\_\_\_\_ **El antropólogo como autor**. Barcelona: Paidós, 1989.

\_\_\_\_\_ **O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_ **Nova luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_ **Observando o Islã: o desenvolvimento religioso no Marrocos e Indonésia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_ **Obras e Vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

GIDDENS, Anthony. **Conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

\_\_\_\_\_ **Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

\_\_\_\_\_ **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GODBOUT, Jacques. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975.

GOLDENBERG, Mirian. **Intimidade**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2010.

\_\_\_\_\_ **Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GOMES, Romeu. **O Corpo da Rua e o Corpo na Rua: a prostituição infantil feminina em questão**. São Paulo: Unimarco, 1996.

\_\_\_\_\_ **Sexualidade masculina, gênero e saúde**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GROOPO, Luís Antonio. **Juventude: Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

GROSSI, Miriam Pillar. *Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil*. In **Cadernos Pagu**. Nº. 21. 2003. pp. 261/280.

GROSSI, Miriam Pillar; UZIEL, Ana Paula, MELLO, Luiz. **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

GUBER, Rosana. **La etnografia: método, campo y reflexividad**. Bogotá: Grupo Norma, 2001.

GUIMARÃES, Bernardo. **O Garimpeiro**. São Paulo: Ática, [1872]1980.

\_\_\_\_\_ **Maurício**. São Paulo: Ática, [1877]1980.

\_\_\_\_\_ **A escrava Isaura**. São Paulo: Ática, [1875]1980.

\_\_\_\_\_ **O Ermitão de Muquém**. São Paulo: Ática, [1869]1980.

\_\_\_\_\_ **O Seminarista**. São Paulo: Ática, [1872]1980.

\_\_\_\_\_ **Poesia Erótica e Satírica**. Rio de Janeiro: Imago, [1875]1992.

HADDAD, Sérgio (Coord.). **Educação de jovens e adultos no Brasil (1986-1998)**. Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2002. Série Estado do Conhecimento N°. 8.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEILBORN, Maria Luiza. *Gênero e hierarquia: a costela de Adão revisitada*. In **Estudos Feministas**. V 1. N°. 1. Florianópolis. 1993.

\_\_\_\_\_ *Fazendo Gênero? A antropologia da mulher no Brasil*. In COSTA, Albertina O.; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

\_\_\_\_\_ *A primeira vez nunca se esquece*. In **Estudos Feministas**. V 6. N°. 2. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 1998. pp. 370/374.

\_\_\_\_\_ *Gravidez na adolescência: considerações preliminares sobre as dimensões culturais de um problema social*. In VIEIRA, Elisabeth et al (Orgs.). **Seminário Gravidez na Adolescência**. Rio de Janeiro: CEPIA/IPEA. 1998. pp.23/32.

HEILBORN, Maria Luiza. (Org.). **Família e Sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HEILBORN, Maria Luiza *et al.* *Aproximações socioantropológicas sobre gravidez na adolescência.* In **Horizontes Antropológicos**. Nº. 8. 2002.

HEILBORN, Maria Luiza *et al* (Orgs.). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros.** Rio de Janeiro: Garamond/Fiocruz, 2006.

HEILBORN, Maria Luiza et al (Orgs.). **Sexualidade, reprodução e saúde.** Rio de Janeiro: FGV, 2009.

HEILBORN, Maria Luiza et al (Orgs.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais.** Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

HEILBORN, Maria Luiza; CORDEIRO, Fabíola; MENEZES, Rachel Aisengart. *Desafios e vicissitudes da pesquisa social em sexualidade.* In HEILBORN, Maria Luiza et al. (Orgs.). **Sexualidade, reprodução e saúde.** Rio de Janeiro: FGV, 2009.

HEILBORN, Maria Luiza; BRANDÃO, Elaine. *Introdução: Ciências sociais e sexualidade.* In HEILBORN, Maria Luiza (Orgs.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais.** Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

HEINOWITZ, Jack. **Pais grávidos: a experiência da gravidez do ponto de vista dos maridos.** São Paulo: Cultrix, 2005.

HELLMAN, Lílian Florence. **Pentimento. Um livro de retratos.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, [1973]1981.

HENRIQUEZ, Maria Helena. et al. **Adolescentes de hoje, pais de amanhã.** Brasil/New York: The Guttmacher Institute, 1989.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

HIRONAKA, Giselda Maria Fernandes Novaes. *Se eu soubesse que ele era meu pai.* In **Revista Imes de Direito.** São Caetano do Sul. Ano II. Nº. 4. jan/jun 2002. pp. 9/16.

HOMERO. **Ilíada**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

HOMERO, **Odisséia**. 18 ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

HURSTEL, F. **As novas fronteiras da paternidade**. Campinas: Papirus, 1999.

IZQUIERDO, Maria Jesús. *Uso y abuso del concepto de género*. In VILANOVA, Mercedes (Org.). **Pensar las diferencias**. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitaria S.A., 1994.

JABLONSKI, Bernardo. *A difícil extinção do boçalossauro*. In NOLASCO, Sócrates (Org.). **A desconstrução do Masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. pp. 156/165.

\_\_\_\_\_ *Paternidade hoje: uma metanálise*. In SILVEIRA, Paulo. **Exercício da Paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. pp. 121/129.

JARDIM, Denise Fagundes. *Performances, reprodução e produção de corpos masculinos*. In LEAL, Ondina Fachel. (Org.). **Corpo e Significado: ensaios de antropologia social**. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

KAUFMANN, Renato. **Diário de um grávido**. São Paulo: Summus/Mescla, 2010.

KIMMEL, Michael Scott. **Changing men: new directions in research on men and masculinity**. California: Sage, 1987.

\_\_\_\_\_ *La producción teórica sobre La masculinidad: nuevos aportes*. **Isis Internacional** – Ediciones de las Mujeres. N°. 17, 1992. pp. 129/138.

KIMMEL, Michael Scott; MESSNER, Michael Alan. **Men's Lives**. Nova York: MacMillan Publishing, 1989.

KNAUTH, Daniela et al. *Sexualidade juvenil: aportes para as Políticas Públicas*. In HEILBORN, Maria Luiza et al (Orgs.). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond/Fiocruz, 2006.

KOFES, Suely. *Categorias analítica e empírica: gênero e mulher: disjunções, conjunções e mediações*. In **Cadernos Pagu**. Nº. 1. São Paulo: UNICAMP, 1993.

\_\_\_\_\_ **Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

KOFES Suely (Org.) **Colcha de retalhos: estudo sobre a família no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

KORIN, Daniel. *Novas perspectivas de gênero em saúde*. **Adolescência Latinoamericana**. V 2. Nº. 2. Porto Alegre: ASBRA/SASIA/CENESPA, Março de 2001. pp. 67/79.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Michel Foucault e Gayle S. Rubin: Resenha sobre a construção social do gênero e da sexualidade nos dois autores e dos diálogos possíveis entre eles*. Disponível em <[www.cchla.ufpb.br](http://www.cchla.ufpb.br)> pp.125/135. [não editado].

LAGO, Syane Sheila Costa de Paula. *Namora pra casar? Namora pra escolher (com quem casar): idéias e práticas de namoro entre adolescentes em Belém/PA*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia da UFPA, 2004.

LAPLANCHE, Jean. **A tina: a transcendência da transferência**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LAQUER, Thomas Walter. *Los hechos de la paternidade*. In **Debate Feminista**. V 6. pp. 119/141.

\_\_\_\_\_ **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LASMAR, Cristiane. **De volta ao lago do leite: gênero e transformação no alto Rio Negro**. São Paulo/Rio de Janeiro: UNESP/NUTI, 2005.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2009.

LEAL Ondina Fachel; LEWGOY, Bernardo. *Aborto: uma contribuição antropológica à discussão*. In **Revista de Filosofia Política**. Nova Série Nº. 2. 1998. pp.173/195.

LESOURD, Serge. **A construção adolescente no laço social**. Petrópolis: Vozes, 2004.

LE VAN, Charlotte. **Les grossesses à l'adolescence: normes sociales, réalités vécues**. Paris: L'Harmattan, 1998.

LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro. *Paternidade na adolescência: uma breve revisão na literatura internacional*. In **Estudos de Psicologia**. Natal, 2001.

LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude. **História dos Jovens**. Volume 1 – *Da Antiguidade à Era Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

---

**História dos Jovens**. Volume 2 – *Á época contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. 5 ed. Campinas: Papyrus, 2005

LÉVY, Pierre. **O que é virtual**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIENHARD, Martin. *Etnografia e Ficção na América Latina – o horizonte de 1930*. In **Revista de Literatura e Sociedade**. São Paulo: USP, 1999.

LIMA, Indira Campos. *Gravidez na adolescência: perfil, atitudes e responsabilidade paterna*. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva, apresentada à Universidade Estadual de Feira de Santana, 2002.

LINS DE BARROS, Myrian (Org.). **Família e Gerações**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

LYRA DA FONSECA, Jorge Luiz Cardoso. *Paternidade Adolescente: da investigação à intervenção*. In ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, Benedito (Orgs.). **Homens e Masculinidades: outras palavras**. São Paulo: ECOS/Editora 34, 1998.

---

\_\_\_\_\_ *Paternidade na adolescência: percorrendo a bibliografia*. In **Estudos de Psicologia**. Recife, 1999.

---

\_\_\_\_\_ *Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção*. Dissertação de mestrado em Psicologia Social, apresentada à PUC/SP, 1997.

---

\_\_\_\_\_ *Homens, feminismo e direitos reprodutivos no Brasil: uma análise de gênero no campo das políticas públicas (2003-2006)*. Tese de Doutorado em Saúde Pública, apresentada à Fundação Osvaldo Cruz/Recife 2008.

LUTTE, Gerard. **Liberar la adolescencia: la psicologia de los jóvenes de hoy**. Barcelona: Editorial Herder, 1991.

MACHADO, Lia Zanotta. *Feminismo, academia e interdisciplinaridade*. In COSTA, Albertina O.; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

MACHADO, Paula Sandrine. *Muitos pesos e muitas medidas: um estudo antropológico sobre as representações masculinas na esfera das decisões sexuais e reprodutivas*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, apresentada à UFRGS, 2003.

MACIEL, Maria Eunice; LEITÃO, Débora Krischke. *Apresentação*. In **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre: Ano 16. Nº. 33. jan/jun de 2010.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *Mulheres no mundo da casa: imagens femininas nos romances de Machado de Assis e Aluizio Azevedo*. In BRUSCHINI, Cristina; COSTA, Albertina de Oliveira. **Entre a virtude e o pecado**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. pp. 57/88.

MALCHER, Leonardo Fabiano Souza. *Mulheres querem amor, homens querem sexo? Amor e masculinidades entre jovens de camadas médias urbanas de Belém*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia da UFPA, 2000.



MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, [1922]1984.

\_\_\_\_\_ **A vida sexual dos selvagens**. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, [1929]1983.

MANGUEL, Alberto. **Íliada e Odisséia de Homero: uma biografia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MARANHÃO, Haroldo. **Jogos Infantis**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

MARCONDES, Gláucia dos Santos. *Refazendo famílias: trajetórias familiares de homens recasados*. Tese de Doutorado em Demografia, apresentada à UNICAMP, 2008.

MARCUS, George E. *O que vem (logo) depois do pós: o caso da etnografia*. In **Revista de Antropologia**. V 37. São Paulo: FFLCH/USP, 1994. pp.7/31.

MARGULIS, Mário; URRESTI, Marcelo. **La juventud es más que una palabra**. 2 ed. Buenos Aires: Biblos, 2000.

MAUSS, Marcel. **Manual de etnografia**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

\_\_\_\_\_ *As técnicas do corpo*. In **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: COSACNAIFY, 2007.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, [1935]1999.

\_\_\_\_\_ *Coming of age in Samoa: a psychological study of primitive youth for western civilisation*. Nova York: Perennial Classics, 1928.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge; FRANCH, Mônica; BRITO, Maíra (Orgs.). **Homens: tempos, práticas e vozes**. Recife: Instituto PAPAÍ /FAGES/NEPO/PEGAPRACAPA, 2004.

MEINCKE, Sonia Maria Könzgen. *A construção da paternidade na família do pai adolescente: a contribuição para o cuidado de enfermagem*. Tese de doutorado em Enfermagem, apresentada à UFSC, 2007.

MELLO, Antonio da Silva. **Assim nasce o homem**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1967.

MELLO, Luiz. **Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

MENA, Juan de. **La Ilíada de Homero**. Madri: Ediciones Clásicas, 1996.

MILAN, Betty. **A força da palavra**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

MONTGOMERY, Malcolm. **O novo pai**. 12 ed. São Paulo: Ediouro, 2005.

MORIS, Vera Lúcia. *Preciso te contar? – paternidade homoafetiva e a revelação para os filhos*. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica, apresentada à PUC/SP, 2008.

MOTT, Luiz. *Teoria antropológica e sexualidade humana*. Disponível em <[www.antropologia.ufba.br/artigos](http://www.antropologia.ufba.br/artigos)>. p.6.

MOTTA, Cibele Cunha Lima da. *Quem acolhe esta mulher? Caracterização do apoio emocional à parturientes*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, apresentada à UFSC, 2003.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angelica. *Na “casa da mãe” / na “casa do pai”: Anotações (de uma antropóloga e avó) em torno da “circulação” de criança*. In **Revista de Antropologia**. São Paulo: USP, 2004. V 47. Nº. 2. pp. 428/452.

MOUTINHO, Laura. **Razão, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul**. São Paulo: UNESP, 2004.

MURARO, Rose Marie. **Homem/Mulher: início de uma nova era**. Rio de Janeiro: Artes e Contos, 1994.

NEVES, Lecy Consuelo. **A casa do mágico**. Rio de Janeiro: Agir, 1986.

NOGUEIRA, Eliete Jussara; CAPITANINI, Marilim Elizabeth Silva. *Construção social das etapas da vida: reflexões sobre a velhice*. In **Revista de estudos universitários**. V 25. Nº. 1. Sorocaba, 1999 pp. 75/83.

NOLASCO, Sócrates A **O primeiro sexo e outras mentiras sobre o segundo: as questões que mais estão mexendo com a cabaça dos homens**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006.

\_\_\_\_\_ **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

**Nova Enciclopédia Barsa**. São Paulo: Barsa, 2006. 1 CD.

ORTNER, Sherry B. *Está a Mulher para o Homem, assim como a Natureza está para a Cultura?* In ROSALDO, Michelle Z.; LAMPHERE, Louise. **A Mulher, a Cultura, a Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

OUTEIRAL, José. *Adolescência: modernidade e pós-modernidade*. In WIEBERG, Cybelle. **Geração Delivery: adolecer no mundo atual**. São Paulo: Sá 2001.

OZELLA, Sergio (Org.). **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2003.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.

PAIS, J. M. (Org.). **Traços e riscos de vida: uma abordagem qualitativa dos modos de vida juvenis**. Porto: Ambar, 1999.

PAIVA, Antonio Crístian Saraiva. **Reservados e Invisíveis: o ethos íntimo das parcerias homoeróticas**. Fortaleza/Campinas: UFCE/Pontes Editores, 2007.

\_\_\_\_\_ *Reserva e invisibilidade: a construção da homoconjugalidade numa perspectiva micropolítica*. In GROSSI, Miriam Pillar; UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz (Orgs.). **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. pp.26/46.

PALMA, Irma; QUILODRÁN, Cecília. *Opções Masculinas: Jovens diante da gravidez*. In COSTA, Albertina de Oliveira. (Org.). **Direitos tardios: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina**. São Paulo: Editora 34, 1997. pp.143/171.

PANTOJA, Ana Lídia Nauar. *Sendo mãe, sendo pai: sexualidade, reprodução e afetividade entre adolescentes de grupos populares em Belém* Tese de Doutorado em Antropologia, apresentada à UFPA, 2007.

PARC, Martha le. *Homenagem às mãos silenciosas*. **Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. (Memorial da Cultura Cearense)**. Fortaleza: Pinacoteca, 2001.

PARKER, Richard G. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991.

PARSEVAL, Geneviève Delaise. **A parte do pai**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

\_\_\_\_\_ **A teoria vivida: e outros ensaios de antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_ **Uma Antropologia no Plural: Três Experiências Contemporâneas**. Brasília: UnB, 1992.

PERALVA, Angelina. *O jovem como modelo cultural. Juventude e contemporaneidade*. In **Revista Brasileira de Educação**. Nº. 5/6 São Paulo: 1997. pp. 15/24.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PINHEIRO, Luana; GALIZA, Marcelo; FONTOURA, Natália. *Novos arranjos familiares, velhas convenções sociais de gênero: a licença-parental como política pública para lidar com essas tensões*. In **Estudos Feministas**. V 3. Nº. 17. Florianópolis. set/dez, 2009. pp. 851/859.

PISCITELLI, Adriana. *Comentários*. In **Cadernos Pagu**. Nº. 21, 2003. pp. 211/218.

PLATAO. **A República**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. In **Estudos Históricos**. V 2. Nº. 3. Rio de Janeiro, 1989.

PORTELLA, Ana Paula et al. **Homens: Sexualidade, Direitos e Construção da Pessoa**. Recife: SOS CORPO/Gênero e Cidadania/Instituto PAPAI, 2004.

QUINTELA, Rosângela da Silva. *Desabrochando no Jardim Secreto: um estudo sobre o imaginário do corpo, gênero e sexualidade, entre adolescentes, em Belém*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia da UFPA, 2002.

RAMIRES, Vera Regina. **O exercício da paternidade hoje**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

RIBAS, João Baptista Cintra. *O olhar*. In GUERREIRO, Silas. **Antropos e Psique: o outro e sua subjetividade**. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Lisboa: Edições 70, 1976.

RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco (Orgs.). **A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ROCHA, Cristina Tavares da Costa. *Gênero em ação: Rompendo o Teto de Vidro? Novos contextos da Tecnociência*. Tese de doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas apresentada à UFSC, 2006.

---

\_\_\_\_\_ *Relações de gênero nas redes sociotécnicas: desafios atuais no cotidiano*. In LAGO, Mara Coelho de Souza et al (Orgs). **Interdisciplinaridade em diálogos de gênero**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004

RODRIGUEZ, Manuel et al. *Da dívida ao direito de decidir: a emergência de uma norma contraceptiva na Colômbia*. In HEILBORN, Maria Luiza et al. (Orgs.). **Sexualidade, reprodução e saúde**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. pp.97/121.

ROGERS, Paulo. *Os Afectos Mal-Ditos: o indizível das sexualidades camponesas*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, apresentada à UnB, 2006.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão – Veredas**. 20 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1956] 2005.

ROSALDO, Michelle. *O Uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural*. In **Horizontes Antropológicos – Gênero**. Ano 1. Nº. 1. Porto Alegre: UFRGS, 1995[1980].

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **As confissões**. São Paulo: Edipro, 2006

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

RUBIN, Gayle. *The Traffic in women: Notes on the ‘political economy’ of sex*. In REITER, Rayna (Org.). **Toward an Anthropology of Women**. New York: Monthly Review Press, 1975. pp. 157/210. [Traduzido para o português e publicado por SOS Corpo e Cidadania – Recife, 1993].

\_\_\_\_\_ *O tráfico de mulheres. Notas sobre a ‘Economia Política’ do sexo*. In **Cadernos Pagu**. Nº. 21, 2003. pp. 1/64. [não editado].

\_\_\_\_\_ *Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality*. In VANCE, Carole. (Ed.) **Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality**, Paul: Routledge & Kegan, 1984. pp. 267/319.

\_\_\_\_\_ *Pensando sobre sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade.*  
In **Cadernos Pagu**, Nº. 21, 2003. pp. 1/88. [não editado].

SALEM, Tânia. *A trajetória do “casal grávido”*: de sua constituição à revisão de seu projeto. In FIGUEIRA, Sérvulo A. **Cultura da psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_ **O casal grávido: disposições e dilemas da parceria igualitária**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SALES, Mione Apolinário. **(In)Visibilidade Perversa: adolescentes infratores como metáfora da violência**. São Paulo: Cortez, 2007.

SAMARA, Eni de Mesquita. **As mulheres, o poder e a família**. São Paulo: Marco Zero, 1989.

SANTOS, Jorge Luiz Oliveira. *Saudade e memória social entre pessoas velhas em Belém/PA*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia da UFPa, 2004.

SARTI, Cyntia Andersen. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2007

SCHRAIBER, Lilia Blima. *Saúde de homens e mulheres: questões de gênero na saúde coletiva*. In GOMES, Romeu. **Sexualidade masculina, gênero e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

SCHRAIBER, Lilia Blima; GOMES, Romeu; COUTO, Márcia Thereza. *Homens na pauta da saúde coletiva*. In **Revista Ciência e Saúde Coletiva**. V 10. Nº. 1. Rio de Janeiro jan/mar 2005. pp. 7/17.

SCOTT, Joan Wallace. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. In **Revista Educação e Realidade**. V 20. Nº. 2. Porto Alegre, jul/dez 1995.

SCOTT, John. **50 Grandes sociólogos contemporâneos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SEDGWICK, Eva Kosofsky. *A epistemologia do armário*. In **Cadernos Pagu**. Nº. 28. Campinas, jan/jun 2007. pp. 19/54.

SEGALEN, Martine. **Sociologia da família**. Lisboa: Terramar, 1999.

SHEEHY, Gail. **As novas passagens masculinas: descobrindo o mapa da vida dos homens atuais**. Rio de Janeiro; Rocco, 2002. Coleção Gênero Plural.

SILVA, Ailton Amélio; MARTIRES, Mônica. **Para viver um grande amor**. São Paulo: Gente, 2005.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O Antropólogo e sua Magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras**. São Paulo: USP, 2000.

SILVEIRA, F. A. *Michel Foucault e a constituição do corpo e da alma do sujeito moderno*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP), 2001.

SINGLY, François de. **Sociologia da família contemporânea**. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SIQUEIRA, Maria Juracy Toneli et al. *Profissionais e usuárias(os) adolescentes de quatro programas públicos de atendimento pré-natal da região da grande Florianópolis: onde está o pai?* In **Estudos de Psicologia**. Ano 7. Nº. 1. 2002. pp. 65/72.

SOARES, I. *Gravidez precoce: gestações jovens estão sem controle*. In **Zero Hora**. 21 de novembro de 1999. Seção Geral. pp. 47/49.

SOIHET, Rachel. **Condição Feminina e Formas de Violência. Mulheres Pobres e Ordem Urbana. 1890-1920**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SOUZA, Carmem Lúcia Carvalho de; BENETTI, Silvia Pereira da Cruz. *Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007*. In **Revista Paidéia**. V 19. Nº. 42. jan/abr 2009. pp.97/106.

SOUZA, Raquel. *Rapazes negros e socialização de gênero: sentidos e significados de “ser homem”*. In **Cadernos Pagu**. Nº. 34. jan/jun 2010. pp. 107/142.



SOUZA, Márcio Ferreira de. *As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a(s) masculinidade(s)*. In **Mediações: Revista de Ciências Sociais**. V 14. Nº. 2. Londrina, jul/dez 2009. pp. 123/144.

SPOSITO, Marília Pontes (Coord.). **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)**. Volume I e II. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009. Coleção EDVCERE.

STRATHERN, Marilyn. *Parentesco por iniciativa: a possibilidade de escolha dos consumidores e as novas tecnologias de reprodução*. In **Análise Social**. V. XXVI. Nº. 114. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1991.

SZNICK, Valdir. **Adoção**. São Paulo: Livraria e Editora Universitária de Direito, 1993.

TARNOVSKI, Flávio Luiz. *“Pai é tudo igual?”: significados da paternidade para homens que se autodefinem como homossexuais*. In PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. **Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras**. Rio de Janeiro: GARAMOND, 2004.

---

\_\_\_\_\_ *Pais assumidos: adoção e paternidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, apresentada à UFSC, 2002.

TRINDADE, Erika; BRUNS, Maria A T. *Era isso que eu queria? Um estudo da maternidade e da paternidade na adolescência*. In **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**. V 7. Nº. 2. São Paulo: Iglu. 1996.

TORRES, Marieze Rosa. *Sexo, prazer e dor: vivências sexuais na fala de adolescentes pobres de Salvador*. In BARBOSA, Regina Maria et al. **Interfaces – Gênero, sexualidade e saúde reprodutiva**. Campinas: UNICAMP, 2002.

TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

UNBEHAUM, Sandra G. *Experiência Masculina de Paternidade nos Anos 1990: Estudo de relações de gênero com homens de camadas médias*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, apresentada à USP, 2000.

VANCE, Carole. *A Antropologia Redescobre A Sexualidade: Um Comentário Teórico*. In **Physis – Revista De Saúde Coletiva**, V 5. Nº. 1. 1995.

VELHO, Gilberto. *Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea*. In ALMEIDA, Maria Izabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. pp. 192/200.

\_\_\_\_\_ *Sujeito, subjetividade e projeto*. In VELHO, Gilberto; DUARTE, Luiz Fernando Dias (Orgs.). **Gerações, família e sexualidade**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. pp. 09/16.

\_\_\_\_\_ **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

\_\_\_\_\_ **Projeto e Metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994

VELHO, Gilberto (Org.). **Individualismo e juventude**. Comunicações do PPGAS. Nº. 18. Rio de Janeiro, 1990.

VILAR, Duarte; GASPAR, A. M. *Traços redondos: gravidez em mães adolescentes*. In PAIS, J. M. (Org.). **Traços e riscos de vida: uma abordagem qualitativa dos modos de vida juvenis**. Porto: Ambar, 1999.

VILLA, Alejandro Marcelo. *Significado da reprodução na constituição da identidade masculina em setores populares urbanos*. In COSTA, Albertina de Oliveira. (Org.). **Direitos tardios: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina**. São Paulo: Editora 34, 1997. pp. 117/140.

VILLELA, João Baptista. *A desbiologização da paternidade*. In **Revista da Faculdade de Direito**. V 21. Belo Horizonte: UFMG, 1979. pp. 401/419.

WELLER, Wivian. *A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar igual*. In **Revista Estudos Feministas**. V 13. Nº. 1. Florianópolis, 2005. pp. 107/126.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de Esquina: A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

WOORTMANN, Ellen F. *Homens de hoje, mulheres de ontem: gênero e memória no seringal*. In **Anais da II Semana de Antropologia**. Goiânia: UCGO, 1998.

WOORTMANN, Klaas. *Breve contribuição pessoal á discussão sobre a formação de antropólogos*. In **Série Antropologia**. Nº. 182. Brasília: UnB, 1995.

WRIGHT MILL, Charles. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.